

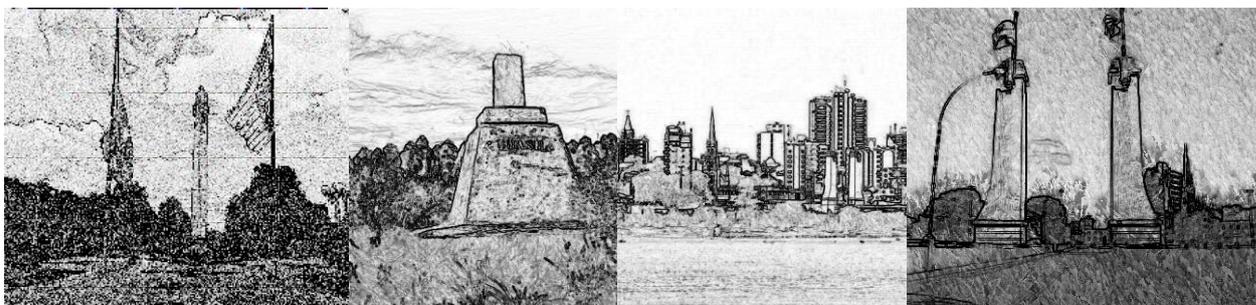
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional- PROPUR

**TRAVESSIAS E PASSAGENS EM ESPAÇOS URBANOS
FRONTEIRIÇOS: BRASIL, URUGUAI E ARGENTINA**

KARLA NUNES DE BARROS COELHO

Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional

Orientador: Prof. Dr. Eber Pires Marzulo



Porto Alegre, 2014.

KARLA NUNES DE BARROS COELHO

**TRAVESSIAS E PASSAGENS EM ESPAÇOS URBANOS
FRONTEIRIÇOS: BRASIL, URUGUAI E ARGENTINA**

Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional apresentada para a obtenção do título de Doutor em Planejamento Urbano e Regional na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Profº. Dr. Eber Pires Marzulo. Porto Alegre, 2014.

Autor: Karla Nunes de Barros Coelho

Título: Manifestações de Fronteira no Espaço Urbano nas Cidades Gêmeas da Fronteira Platina

Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional apresentada para a obtenção do título de Doutor em Planejamento Urbano e Regional na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Profº. Dr. Eber Pires Marzulo. Porto Alegre, 2014.

Para minha família, com amor!

Sigamos com nossos sonhos, pois:

“O mundo da realidade tem seus limites.

O mundo da imaginação não tem fronteiras”.

*Emile – Volume 1, Página 152, **Jean-Jacques Rousseau** – Poinçot,
1791*

Agradecimentos

Neste momento em que dou por finalizada minha tese, tenho muito a agradecer a todos que se fizeram presentes ao longo destes quatro anos. Quatro anos de introspecção, investigação e escrita, sobre um tema que é para mim, muito prazeroso, justamente por ser parte também, da minha história.

Agradeço ao Programa de Planejamento Urbano e Regional- PROPUR- e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS-, onde concluí o mestrado, e agora o doutorado. Aos professores e colegas que fizeram parte desta formação, muito obrigada pela grande oportunidade de fazer parte deste curso! A CAPES, por financiar parte desta formação.

Agradeço profundamente ao meu Orientador Prof. Dr. Eber Marzulo, pela atenção dada a mim, e a esta pesquisa. Ao Professor e amigo Dr. Gilberto Flores Cabral pelo empenho em ajudar sempre. A Prof. Dr^a. Célia Ferraz de Souza, por ser um exemplo. Ao Prof. Dr. Lorenzo López Trigal, da *Universidad de León*- ES, que oportunizou e acompanhou a viagem a fronteira Portugal/ Espanha, a qual não está mencionada na tese, mas que foi uma experiência única e certamente influenciou nas minhas afirmações e percepções atuais sobre a fronteira.

Às minhas amigas e amigos queridos, que tiveram a paciência para escutar, e escutar...

Hoje, escrevendo estes trechos em terras fronteiriças, em Uruguaiana, agradeço muito minha família por estar ao meu lado mesmo que de longe. Mãe, pai, Tita, vó e irmãs, Biba e Gabi, obrigada! Agradeço principalmente, e novamente, ao meu pai Francisco, e minha mãe Mari, por terem me influenciado e incentivado muito neste caminho da pesquisa acadêmica. Obrigada pelo incentivo, exemplo e dedicação.

“Para ser grande, sê inteiro; nada teu exagera ou exclui; sê todo em cada coisa; põe quanto és no mínimo que fazes; assim em cada lago, a lua toda brilha porque alta vive”.

Fernando Pessoa

Resumo

A Fronteira Internacional é uma área de características ambíguas, pois assim como é o ponto que separa, também é a área de contato constante entre duas nações. Mais especificamente a Fronteira Platina que abrange as fronteiras do Brasil e Uruguai, e Brasil e Argentina, nosso foco de estudo, é um espaço que carrega uma história e uma memória de união, onde as ambiguidades tornam-se mais complexas ao investigarmos as peculiaridades locais, nas cidades gêmeas. Temos o objetivo de investigar o espaço urbano das cidades gêmeas onde as manifestações de fronteira são vivenciadas cotidianamente. As cidades escolhidas para representar a Fronteira Platina foram Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY), e Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR), em função da dinamicidade e importância regional. Para o estudo, tomamos as articulações teóricas atuais da fronteira e buscamos interação com a teoria do território, da territorialidade, do cotidiano e da memória. Os relatos e mapas mentais de diferentes gerações de moradores da fronteira, a partir de entrevistas não diretivas e histórias de vida, nos permitiram o entendimento das práticas cotidianas locais, suas dimensões simbólicas e materiais como constituidoras desses espaços. A conclusão da tese é de que as áreas de fronteira são áreas de transição, e que as áreas de transição podem ser ainda mais particulares onde acontecem as interseções, os espaços de integração binacional. Mesmo que os espaços urbanos não se toquem literalmente, os espaços de integração binacional são identificados a partir da territorialidade. Depois de tratar do lócus, podemos dizer que a fronteira possui uma área de interseção, seja ela material, contida no espaço urbano, ou simbólica, em função das memórias de vizinhança e territorialidades. Estes espaços chamamos espaços de integração binacional.

Palavras chave: Fronteira Platina; cidades gêmeas; cotidiano de fronteira.

Abstract

The International Border is an area of ambiguous characteristics because it is the point that separates and also the area of constant contact between two nations. More specifically the Platina Border that comprehends the borders of Brazil and Uruguay, and Brazil and Argentina, our focus of study, is a space that carries a history and a memory of union, where the ambiguities became more clear as we investigated the local peculiarities in the twin cities. We have the objective of investigating the urban space of the twin cities where the manifestations of the border are lived everyday. The cities chosen to represent the Platina Border were Santana do Livramento (BR) and Rivera (UY), and Uruguaiana (BR) and Paso de los Libres (AR), due to the dynamics and regional importance. For the study, we took the present theoretical articulations of the border and we looked for interactions with the theory of the land, of the territoriality, the daily life and the memory. The reports and mind maps from different generations of residents of the border, from non-directive interviews and life stories, allowed us to understand the local daily practices, its symbolic and material dimensions as builders of these spaces. The conclusion of the thesis is that bordering areas are transitions areas, and that transition areas can be even more particular where the intersections take place, the space of binational integration. Even if the urban spaces do not meet literally, the spaces of binational integration are identified from the territoriality. After dealing with the locus, we can say that the border has an area of intersection, being material, within the urban space, or symbolic, due to the neighbouring memories and territoriality. We call the spaces binational integration spaces.

Key words: Platina Border; twin cities; everyday life at the border.

Lista de Figuras, Tabelas e Quadros

Figura 01: Esquema de interações transfronteiriças. Fonte: Grupo Rettis/ UFRJ.....	38
Figura 02: Villa da Uruguayana” 1859. Fonte: Arquivo Municipal.....	70
Figura 03: Villa de Uruguayana em 1865. Fonte: Arquivo Municipal.....	71
Figura 04: Planta da cidade levanta no ano de 1926-Ano da implantação dos quartéis do Exército, a sul. Fonte: Arquivo Municipal.....	72
Figura 05: Paso de los Libres, a poucos anos de sua fundação. Fonte: PELEGRINNI.....	73
Figura 06: Mapa de Paso de los Libres 1864. Fonte: Balbastro,1998. Pág.: 126.....	74
Figura 07:Mapa da cidade de Paso de los Libres em 1922. Fonte: Arquivo Municipal.....	75
Figura 08: Paso de los libres 1937. Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.....	75
Figura 09: Paso de los libres 1917. Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.....	76
Figura 10: Ponte aberta ao tráfego em 1945. Fonte: Arquivo de Paso de los Libres.....	77
Figura 11: Mancha urbana das cidades de Uruguaiiana e Paso de los Libres na década de 1950, pós inauguração da ponte em 1947. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.....	78
Figura 12: Imagem aérea das cidades de Uruguaiiana (BR) e Paso de los Libres (AR) da década de 1970. Fonte: Prefeitura Municipal de Uruguaiiana.....	80
Figura 13: Levantamento planimétrico de Uruguaiiana, 1978. Fonte: Imagem extraída de BARROS COELHO (2008, p. 129).....	81
Figura 14: Mancha urbana atual das cidades de Uruguaiiana e Paso de los Libres. Fonte: Google Earth em 02/03/2014.....	83
Figura 15:Figura 15: Planta da Freguesia de Sant’Anna do Livramento 1851. Fonte: RHODEN, 2005.....	85
Figura 16:Areial entre as duas cidades, provavelmente na década de 1920. Fonte: Memória da Fronteira.....	87
Figura 17:Avenida das Palmeiras, atual Largo Internacional, na fronteira Santana e Rivera. Fonte: Museo sin Fronteras.....	87
Figura 18:Parque Internacional entre as cidades de Santana do Livramento e Rivera, logo após sua inauguração, em 1943. Fonte: Memória da Fronteira.....	88
Figura 19:Santana e Rivera vistas a partir do Parque Internacional. Fonte: Arquivo Municipal.....	89
Figura 20: Imagem de mapa da cidade de Santana do Livramento do ano de 1942. Fonte: Arquivo Municipal.....	90
Figura 21: Imagem de mapa da cidade de Santana do Livramento do ano de 1942. Fonte: Arquivo Municipal.....	91
Figura 22: Desenvolvimento da mancha urbana da cidade de Rivera (UY). Fonte: (SHAFFER, 1993). Manipulada pela autora.....	92

Figura 23: Croqui de mapa atual da área central das cidades. Fonte: Schaffer, 1993.....	94
Figura 24: Imagem de Satélite de demonstra a mancha urbana atual das cidades de Santana do Livramento e Rivera. Fonte: Google Earth, em 02/02/2014.....	96
Figura 25: Imagem de mapa de zoneamento proposta pelo Plano Diretor de Santana do Livramento. Fonte: Prefeitura Municipal de Santana do Livramento (2006).....	98
Figura 26: Planta de zoneamento de Rivera (UY). Fonte: Intendência de Rivera.....	100
Figura 27: Imagem de mapa representando as Estratégias de Ordenamento Territorial da cidade de Rivera (UY). Fonte: Intendência de Rivera.....	101
Figura 28: Mapa de zoneamento PDDU de Uruguaiana. Corredor de centralidade ZCR1 privilegiando o contato com a cidade vizinha. Fonte: Prefeitura Municipal Uruguaiana.....	105
Figura 29: Crescimento da cidade desde 1950 até 2002. Fonte: OTAZÚ, 2002.....	106
Figura 30: Imagem das placas duplas para poder transitar em ambas as cidades. Fonte: Memória na fronteira.....	130
Figura 31: Mapa da informante S.F. Fonte: Desenho de informante.....	145
Figura 32: Mapa da informante L.D.. Fonte: Desenho de informante.....	146
Figura 33: Mapa mental trabalho/ casa de C.O. Fonte: Desenho de informante.....	147
Figura 34: Mapa mental trabalho/ casa de L.O.K. Fonte: Desenho de informante.....	148
Figura 35: Mapa da informante V.E. Fonte: Desenho de informante.....	149
Figura 36: Mapa mental casa/ trabalho A.P.G. Fonte: Desenho de informante.....	150
Figura 37: Mapa mental de S.G. Fonte: Desenho de informante.....	151
Figura 38: Mapa mental de C.A.F. Fonte: Desenho de informante.....	151
Figura 39: Mapa Mental de P.E. Trajeto da Estação Rodoviária de Santana de Livramento até a praça de Rivera. Fonte: Desenho de informante.....	152
Figura 40: Desenho da informante riverense V. Fonte: Desenho de informante.....	153
Figura 41: Antiga Igreja Matriz em frente a praça central, em Uruguaiana, em 1904. Fonte Museu Maximiliano Benitez.....	174
Figura 42: Comércio da rua Collón movimentado, no início do séc. XX. Paso de los Libres. Fonte Museu Maximiliano Benitez.....	175
Figura 43: Selos comemorativos a inauguração da Ponte Internacional. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	176
Figura 44: Selos comemorativos a inauguração da Ponte Internacional. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	176
Figura 45: Construção da Ponte Internacional. Fonte: Arquivo Municipal.....	177
Figura 46: Solenidade inauguração da Ponte Internacional. Fonte: Arquivo Municipal.....	178
Figura 47: Solenidade da inauguração da ponte, desfile militar frente ao antigo Quartel em General, 1947. Rua Santana. Dia 21 de Maio de 1947. Fonte: Arquivo Municipal.....	178

Figura 48: Solenidade da inauguração da ponte. 1947. Pres. Eurico Gaspar Dutra, Pres. Perón e esposa Evita. Fonte: Arquivo Municipal.....	179
Figura 49: Imagem da cabeceira da Ponte Internacional do lado brasileiro. Os prédios de aduana e os monolitos. Fonte: Arquivo Municipal.....	179
Figura 50: Vista de Santana para Rivera (Sarandi) 1900. Fonte: <i>Museo sin fronteras</i>	180
Figura 51: Avenida Sarandi na década de 1950. O “corso”. Fonte: Arquivo Municipal.....	181
Figura 52: Parque Internacional em 1950. Fonte: <i>Museo sin fronteras</i>	182
Figura 53: Cartão de inauguração do Parque Internacional. Fonte: <i>Museo sin fronteras</i>	183
Figura 54: Nota de jornal brasileiro de 1943, enfatizando a amizade entre os dois países: Brasil e Uruguai. Fonte: Memórias da Fronteira.....	183
Figura 55: Jornal La Província de 1928, com uma coluna sobre Uruguaiana em “de Uruguayana”. Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.....	186
Figura 56: Jornal La Província de 1928, com uma coluna sobre Uruguaiana. Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.....	187
Figura 57: Aduana de Uruguaiana por volta de 1960. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	192
Figura 58: Aduana de Paso de los Libres em 1947. Fonte: Arquivo de Uruguaiana.....	192
Figura 59: Aduana construída em Uruguaiana em 1973, tirando o fluxo de caminhões do centro da cidade. Uruguaiana/Museu Estaleiro Martimiano Benites.....	193
Figura 60: Preparação do desfile de Carnaval em Uruguaiana, em 1920. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	195
Figura 61: Porto de Uruguaiana 1920. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	196
Figura 62: Porto de Uruguaiana 1930. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	196
Figura 63: Porto de Uruguaiana 1920- balsas de madeira. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	196
Figura 64: Porto de Uruguaiana 1908. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.....	197
Figura 65: Porto de Paso de los Libres. Transporte pelo Rio. Década de 1900. Fonte: Uruguaiana/Museu Estaleiro Martimiano Benites.....	197
Figura 66: Avenida Sarandi na década de 1940. Rivera. Fonte: Memória da Fronteira.....	199
Figura 67: Café no Largo Internacional em 1931. Santana do Livramento. Fonte: Memória da Fronteira.....	200
Figura 68: Praça central de Uruguaiana- atual Praça Barão do Rio Branco, antiga Praça da Rendição- na década de 1930. Ponte ao fundo. Fonte: Arquivo Municipal.....	207
Figura 69: Praça central na década de 1950. Fonte: Arquivo Municipal.....	207

Figura 70: Avenida Collón em Paso de los Libres, na década de 1949. Fonte: Arquivo Municipal.....	208
Figura 71: Clube Comercial na década de 1910, Uruguiana. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguiana.....	209
Figura 72: Clube Caixeiral na década de 1910, em Uruguiana. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguiana.....	209
Figura 73: Aduana de Paso de los Libres com obras finalizadas em 1945. Fonte: Uruguiana/Museu Estaleiro Martimiano Benites.....	210
Figura 74: Areial entre Livramento e Rivera, onde em 1943 foi inaugurado o Parque Internacional.....	211
Figura 75: Praça João Pessoa 1940. Santana do Livramento.Fonte:Simone Damboriarena....	211
Figura 76: Largo Internacional em 1940. Santana do Livramento. Fonte: Simone Damboriarena.....	212
Figura 77: Av. Sarandi na década de 1920. Rivera. Fonte: Arquivo Municipal de Sa.....	213
Figura 78: Av. Sarandi na década de 1950. Rivera. Fonte: Arquivo Municipal de Santana do Livramento.....	213
Figura 79: Hotel Cassino no Largo Internacional, atual Largo Hugolino Andrade. Fonte: Museo sin fronteras.....	214
Tabela 01: Levantamento da população urbana das cidades gêmeas.....	84
Tabela 02: Levantamento da população urbana das cidades gêmeas.....	95
Quadro 01: Roteiro de entrevistas não diretivas e Histórias de vida.....	111
Mapa 01: Mapa base: Uruguiana e Paso de los Libres.....	114
Mapa 02: Mapa base: Santana do Livramento e Rivera.....	115
Mapa 03: Interpretação dos mapas mentais- Uruguiana/ Paso de los Libres.....	155
Mapa 04: Interpretação dos mapas mentais- Santana do Livramento/ Rivera.....	156
Mapa 05: Interpretação de percursos relatados- Uruguiana/ Paso de los Libres.....	162
Mapa 06: Interpretação de percursos relatados- Santana do Livramento/ Rivera.....	163
Mapa 07: Interpretação conjunta dos mapas e percursos- Uruguiana/ Paso de los Libres.....	170
Mapa 08: Interpretação conjunta dos mapas e percursos- Santana do Livramento/ Rivera.....	171
Mapa 09: Interpretação dos Espaços da Memória- Uruguiana/ Paso de los Libres.....	218
Mapa 10: Interpretação dos Espaços da Memória- Santana do Livramento/ Rivera.....	219
Mapa 11: Identificação dos Espaços de Integração Binacional.....	234
Mapa 12: Identificação dos Espaços de Integração Binacional.....	235

Sumário

1- INTRODUÇÃO	15
1.1- Uma discussão geral do método para a abordagem do local.....	21
PARTE I: Temáticas da fronteira	27
2- Abordagens da fronteira	27
2.1- A fronteira em tese	30
2.2-As cidades- gêmeas.....	35
3- Questões sobre o Território	40
3.1- O território e a região	40
3.2- A fronteira como território	44
3.3- Territorialidades na fronteira	47
4- Cotidiano, memória	51
4.1- As práticas cotidianas e o espaço	51
4.2- A memória como constituidora do território	55
4.3- Intersecções de cotidiano e memória	57
4.4- Cotidiano e memória coletiva na fronteira	59
PARTE II: Desvendando o espaço local	62
5- A Fronteira Platina	62
5.1- Três nacionalidades em uma região.....	64
5.2- O já estabelecido: a história, os dados e os mapas das cidades gêmeas.....	68
5.3- Síntese do discurso de organização de uma estratégia urbana.....	96
6- Das práticas cotidianas	108
6.1-Os Usos, as Táticas e as Influências da vida cotidiana.....	116
6.1.1- Complementaridades, conflitos e vivências: Uruguaiana e Paso de los Libres	116

6.1.2- As Nacionalidades, complementaridades e pequenas rivalidades: Santana do Livramento e Rivera.....	129
6.1.3- Considerações conjuntas e observações de campo	139
6.2- Os percursos estabelecidos	144
6.2.1- A partir dos mapas mentais	144
6.2.2- A partir dos relatos	157
6.2.3- Considerações sobre os percursos.....	164
7- A temporalidade: os tempos vivos na memória.....	172
7.1- Tempos marcantes	173
7.1.1-Chegada à fronteira e relações entre as cidades:Uruguaiiana e Paso de los Libres	173
7.1.2-O início do povoamento e do lazer na Sarandi: Santana do Livramento e Rivera	180
7.1.3- Considerações da memória de tempos marcantes.....	183
7.2- As práticas noutros tempos	185
7.2.1- As Travessias em Uruguaiiana e Paso de los Libres.....	185
7.2.2-As Passagens em Santana do Livramento e Rivera	198
7.2.3- Considerações de campo: as travessias e as passagens.....	201
7.3- Os marcos da memória	206
7.3.1-Das festas, ao comércio e os passeios na praça central: Uruguaiiana (BR) e Paso de los Libres (AR).....	206
7.3.2-Do Areial ao Parque Internacional, e os passeios na Sarandi: Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY)	210
7.3.3- Considerações de campo: Espaços da memória.....	214
PARTE III: O percurso inverso: do espaço urbano local às fronteiras	220
8- Considerações Finais: os Espaços de Integração Binacional.....	220
8.1- Sobre um território Platino: as territorialidades.....	221
8.2- Uma visão geral a partir da tese.....	235
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	240

1. Introdução

Fronteira. Tema que gera uma discussão multidisciplinar. Se tratarmos da fronteira de maneira geral, vemos que elas existem nos mais variados espaços, nas mais variadas ideias e discussões. É a área onde aparecem dualidades, os conflitos, mas também os pontos que se entrelaçam, as ligações, as semelhanças.

Tratamos aqui, das fronteiras internacionais entre países. Estes espaços são resultado de uma intenção política de organização do território. Divisões políticas que se modificam, considerando grandes intervalos de tempo, mas que interferem muito nas populações locais. A partir do tema das fronteiras internacionais, podemos tratar também da globalização, da formação de blocos econômicos, das questões de identidade e alteridade, do território de fronteira como espaço divisor, ou como território uno dependendo do agente que vamos considerar. Todas essas questões se transformam em vivências nas fronteiras internacionais, e se considerarmos as cidades que se localizam nas fronteiras, estas são as mais atingidas com os processos fronteiriços. Principalmente o fenômeno da globalização, e com a formação dos blocos- como a U.E., na Europa, e o MERCOSUL, na América Latina- fizeram com que as discussões do tema fronteira conquistassem relevância. As cidades localizadas nos limites internacionais são, atualmente, mais lembradas e evidenciadas. São estas cidades que administram o contato físico entre os dois países, e mais atingidas pelos muitos impactos das relações fronteiriças.

A relação entre as populações da fronteira existe desde o início destas formações urbanas até os dias atuais. Desde a época da necessidade da demarcação dos territórios, dos diferentes estados nacionais, a fronteira é vista como um espaço de conflitos, um espaço limite, militarizado, onde as revoluções aconteciam em função do poder e posse sobre o território. Esta visão foi modificando, paulatinamente, para a percepção desses espaços como locais estratégicos e de potencialidades nas relações entre dois países, fazendo com que atualmente a fronteira seja tida como central nos processos de integração atuais (DORFMAN; ROSÉS, 2005. PADRÓS, 1994. SHAFFER, 1993).

Entendemos que esta mudança na maneira de ver a fronteira é um avanço para a relação entre países. Porém, é importante salientar que o que ocorre é apenas uma mudança de ênfase que se dá na maneira de pensar sobre fronteira,

em diferentes tempos, em diferentes contextos políticos e sociais. A dualidade é central no conceito, e no cotidiano da fronteira. Os contatos e os conflitos, a união e a separação, a semelhança e a diferença são características peculiares destes espaços.

Devido à interação e à proximidade existentes nessas áreas que unem ou separam diferentes países, as populações vizinhas constroem laços familiares, laços comerciais, laços culturais e identitários existentes desde o início da formação dos grupos sociais, de um lado e do outro da fronteira. Nessas situações de proximidade e vizinhança, o território compartilhado impõe que a interdependência seja uma prática (SANTOS, 2004). Os espaços de fronteira internacional são espaços que permitem a interação constante e complementar, em maior ou menor grau, de populações de diferentes nacionalidades, e diferentes culturas.

A fronteira internacional, política, também pode ser considerada uma fronteira cultural, um espaço que limita duas culturas diferentes, que se chocam constantemente, resultando em conflitos, vínculos e influências recíprocas. Um espaço onde se acredita existir uma cultura fronteiriça que já é parte do imaginário da população. Um sistema que atribui significados ao real e pauta valores e condutas. As fronteiras, portanto, também fazem parte do jogo social das representações (PESAVENTO, 2002). Não estabelece apenas as diferenças de nacionalidade, mas diferenças e similaridades culturais. Populações que convivem, pela proximidade, e ao mesmo tempo, colidem em função das inúmeras diferenças. Populações que acabam de alguma maneira tendo pontos em comum, e laços que se concretizam no cotidiano local.

Além disso, a constante troca, em instâncias locais, regionais e nacionais faz com que a hibridação social e cultural chame atenção. Pensar na fronteira nos induz a pensar na passagem, comunicação e intercâmbio. Acontece não apenas um trânsito de lugar, mas de épocas, situações, recíprocas trocas. Este contato e permeabilidade fazem da fronteira, um espaço híbrido (PESAVENTO, 2002). Com isso, salientamos que o significado simbólico e físico da fronteira, bem como a sua representação nos espaços urbanos limítrofes, é o que realmente nos interessa verificar.

Devemos considerar que a demarcação do território, em alguns momentos, dividiu populações politicamente através dos tratados- muitas vezes mais por

tratados do que pelas armas-, mas não interveio em territórios virgens. Práticas passadas já eram estabelecidas entre as populações que se tocam, e tornam-se o que Jacques Leenhardt chamou de *modus vivendi* que estabelece o contato. Este contato já faz parte do cotidiano do habitante da fronteira então estabelecido (LENHARDT, 2002). A partir daí temos o que chamamos de principal problemática geral da fronteira: O contato cotidiano de populações de diferentes nacionalidades que acabam trazendo para este lugar um terceiro olhar. A identidade da fronteira, a cultura da fronteira, a memória tanto do contato, como do conflito (LENHARDT, 2002; PESAVENTO, 2002; SANTOS, 2004). Dizemos principal problemática geral porque podemos perceber esta característica em qualquer espaço de fronteira internacional, em maior ou menor grau. As práticas cotidianas da fronteira, a identidade própria e comum da fronteira, e o vai e vem cotidiano, influenciando espaços urbanos, principalmente quando temos cidades vizinhas que se tocam e que permitem que a população transite de um lado para o outro, fazendo com que as cidades se tornem complementares com relação ao uso do espaço, dos serviços, do comércio, interferindo nas famílias fronteiriças, na cultura, enfim na identidade local.

As cidades que se localizam uma frente à outra em diferentes países são chamadas cidades gêmeas. Pares de centros urbanos, frente a frente em um limite internacional, conurbados ou não, que apresentam diferentes níveis de interação: fronteira seca ou fluvial, diferentes atividades econômicas no entorno, variável grau de atração para migrantes e distintos processos históricos (DORFMAN; ROSES, 2005). Essas cidades, já eram portais de entrada ou de saída dos seus respectivos países. Atualmente o trânsito de um país para o outro tornou-se muito mais intenso, devido às relações comerciais estabelecidas nos últimos tempos. O vai e vem constante ultrapassou o local, mas a partir da análise do local é que podemos entender como esses espaços funcionam. É principalmente através dos espaços urbanos de fronteira que se dão as relações entre as populações, e que o trânsito fronteiriço acontece.

Com isso, passamos a problematizar as cidades de fronteira, principalmente aquelas localizadas uma frente à outra em diferentes países - as cidades gêmeas - como possuidoras das ambiguidades inerentes ao tema, em maior ou menor grau. Problematizamos também a fronteira a partir do cotidiano e suas práticas, da memória que o cidadão fronteiriço tem do local onde vive, e da teoria do território e

territorialidade, para que possamos entender quais são e como são as manifestações da fronteira no espaço urbano local.

Os cidadãos fronteiriços, a economia e as próprias cidades, ao mesmo tempo em que convivem, colidem. Podem agregar ou separar, ser limite ou projeção, enfim, espaços dúbios e interessantes, onde estudar o território urbano deve remeter também ao estudo de um espaço rico em mesclas e, ao mesmo tempo, individualidades. As singularidades das relações existentes entre as cidades são muitas, sendo necessário verificar caso a caso. Estas singularidades e especificidades nos remetem a um estudo de cunho local. O que chamamos de singularidades são os diferentes tipos de relação que podem se estabelecer entre uma cidade e outra, os diferentes graus de relação entre uma cidade e outra, as diferentes culturas que se envolvem na mescla que estamos evidenciando, as diferentes tipologias de fronteira que estamos tratando: fronteira seca ou separada por elementos naturais, ou as próprias barreiras criadas pelo homem.

Este trabalho toma as articulações teóricas atuais da fronteira, interage com a teoria do território e territorialidades, com a teoria do cotidiano e da memória coletiva de uma população buscando demonstrar, na escala local, o funcionamento do cotidiano das cidades gêmeas, e em uma escala regional, o funcionamento destes espaços como território uno, considerando áreas dos diferentes países em questão. Temos portanto, o cotidiano, as territorialidades e a memória, como unidades de análise no espaço das cidades gêmeas de fronteira. Levando em conta estes fatores, trataremos a hipótese de que nas fronteiras internacionais, onde localizam-se as cidades-gêmeas, temos uma área de transição, onde as peculiaridades prevalecem. A fronteira, porosa e de inúmeras interações, pode ter o limite como marco, mas a convivência com o binacional faz com que se tenham espaços urbanos também binacionais, mesmo que isto não esteja oficialmente dito, e que o Estado-nação não reconheça o fato.

Na tentativa de responder as questões que remetem aos espaços urbanos de fronteira, de reconhecer as práticas cotidianas locais, e seus efeitos nas cidades gêmeas, trataremos da Fronteira entre Brasil-Argentina e Brasil- Uruguai. A fronteira Platina que no Brasil abrange toda a faixa de fronteira do estado do Rio Grande do Sul. Nesta fronteira, as questões culturais e identitárias, de interação e mescla, estão presentes nas comunidades há muito tempo. Abordando, o território da

fronteira Platina, as características específicas da fronteira são atendidas: relações de complementaridade, mescla cultural e ao mesmo tempo a alteridade, rivalidades, estratégias com relação ao câmbio, relações familiares entre os cidadãos dos diferentes países, vivências binacionais.

Porém, qual seria a relevância de verificarmos o espaço urbano das cidades gêmeas, a partir da abordagem do cotidiano e da memória local? Estamos atualmente em um momento de grandes mudanças. Surgem dúvidas se estamos rumando para um mundo com menos fronteiras, para um mundo com mais fronteiras.

Acreditamos que “Um espaço de divisa entre países e de contatos entre povos diferentes configura-se em peculiar, trazendo consigo especificidades dignas de análise” (MÜLLER, 2002, p. 229). Especificidades culturais, especificidade na forma de apropriação do seu espaço, como sendo seu, ou do outro. Especificidade na maneira complementar em que funcionam duas cidades vizinhas, localizadas em diferentes países.

A partir de uma abordagem de fronteira política e levando em consideração essa tendência a um vínculo e contato social, bem como o atual processo de integração econômica que poderá evoluir, percebe-se que, a integração não é um processo exclusivamente econômico, tornando importante que se conheçam as particularidades, urbanísticas e culturais, de cada uma das formações, para que se alcance a pretendida integração em seus completos objetivos (MARTINS, 2000). As particularidades urbanísticas, geralmente existem aí pelo estabelecimento de situações de complementaridade entre as cidades. Existe nesses espaços uma dinâmica única, e apesar de também apresentarem características comuns de fronteira, devem ser observadas caso a caso.

Muitas pesquisas tratam da cidade de fronteira, do cotidiano da fronteira, das regiões de fronteira considerando a faixa de um respectivo país. Porém, existe uma lacuna no que diz respeito ao espaço urbano de fronteira, abordando a maneira que é apropriado pelo cidadão, e de como as características fronteiriças se manifestam neste espaço, proporcionando um maior entendimento do funcionamento das cidades gêmeas, e proporcionando o entendimento deste espaço (de um lado e do outro da fronteira).

As cidades gêmeas são os espaços mais afetados pelas características da fronteira e pela vivência binacional, apesar disso, a espacialização de usos e apropriação do espaço de fronteira ainda é um assunto pouco abordado no âmbito acadêmico. Esse estudo também adquire relevância na medida em que poderá ser base para as propostas, execução e aplicação de políticas públicas específicas para esses espaços de muitas particularidades. Conforme nos diz Machado:

A preocupação com a segurança nacional, de onde emana a criação de um território especial ao longo do limite internacional continental do país, embora legítima, não tem sido acompanhada de uma política pública sistemática que atenda as especificidades regionais, nem do ponto de vista econômico, nem da cidadania fronteiriça (MACHADO, 2005, p. 87).

Acredita-se estar colaborando para o estabelecimento de novos entendimentos sobre a fronteira, de como acontecem as manifestações no espaço urbano local, e com isso, favorecendo o estabelecimento de novas políticas públicas mais adequadas ao cotidiano fronteiriço. Lia Osório Machado nos diz que os Estados encontram-se diante da necessidade de ajustar suas políticas públicas à permeabilidade das fronteiras (MACHADO, 2005).

Ao analisarmos as cidades-gêmeas de fronteira no contexto atual, e como acontece o uso e apropriação dessas cidades que de maneiras diferentes, se complementam, poderemos trazer novos significados para o que se entende sobre a fronteira. Uma possibilidade da verificação desses novos significados se dá a partir da consideração do cotidiano (SANTOS, 2004). Acreditamos que, nesse contexto, onde a globalização, a integração, e muito atualmente antigos processos de integração se passam por dificuldades, como a União Europeia, a fronteira emerge como espaço relevante para muitos tipos de discussão, que podem envolver diferentes disciplinas. A contribuição da pesquisa se justifica, devido também a atualidade do tema. Com a abordagem das características da fronteira e suas manifestações no espaço urbano pretendemos contribuir para o avanço dos estudos de fronteira, para o fortalecimento dos processos atuais de integração, para uma maior valorização e reconhecimento da cidade-gêmea como espaço urbano complexo, e para uma maior aplicabilidade das políticas públicas desenvolvidas para a cidade-gêmea.

Levando em consideração a problemática geral da fronteira, interferindo e tornando peculiares as questões culturais, o cotidiano local, a memória de conflitos e

de união, bem como tendo como referência as ambiguidades características da fronteira – fronteira barreira e fronteira integração- temos como objetivo verificar as manifestações da condição de fronteira no espaço urbano local, tratando esta como uma área de transição, para que tenhamos o entendimento de como acontece a manifestação da fronteira nestes espaços urbanos dinâmicos.

1.1- Uma discussão geral do método para a abordagem do local

Dizemos discussão geral porque esta é uma primeira apresentação, sendo que os aspectos de método serão mais detalhados no decorrer da pesquisa, no início dos seus respectivos capítulos. No entanto, acreditamos ser importante uma visão geral de qual o método utilizado para a pesquisa. Entendemos que para um estudo da fronteira internacional, um método que abranja uma área de pesquisa tão vasta, não pode ser fechado. Estabelecemos o estudo da fronteira, mais especificamente da fronteira Platina, salientando três unidades de análise: o território, o cotidiano e a memória.

Acreditamos que a abordagem da fronteira a partir destes elementos conceituais torna-se, de certa maneira completa, abrangendo os elementos atuantes nestes espaços.

Primeiramente, escolhemos um lócus. A fronteira Platina, que se localiza nas áreas fronteiriças do sul do Brasil, Uruguai e Argentina. Justificando a escolha da fronteira Platina como foco do estudo, é central que salientemos que esta região é peculiar. Conforme Martins, sobre o estudo das práticas na fronteira Platina (2002):

A região que abrange a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina é peculiar. Nela se mesclam formação histórica e geográfica, constituição social, idiomas, literaturas, costume de três países. Daí a importância do estudo de práticas culturais dessa região, eles para repensar o passado, pontes para o futuro possível, constituintes do aqui e agora de suas populações. Ademais, tem-se nesse contexto excelente oportunidade para analisar meandros da integração cultural que - face às tensões conceituais e concretas entre globalização, multiculturalismo e identidade nacional- assume papel decisivo (MARTINS, 2002, p.15).

Ainda, é nas cidades-gêmeas, cidades uma frente à outra em diferentes estados nacionais, que as peculiaridades fronteiriças se tornam evidentes. Assim como existe um vai e vem constante entre uma cidade e outra, existe uma linha, imaginária ou fisicamente demarcada, que representa o limite. Temos um imbricado

entre o cotidiano de trocas, memória coletiva, identidade que constituem o lugar – a fronteira. Um lugar que carrega uma memória coletiva, que traz para a atualidade a tradição da relação de cooperação e conflito com o outro lado.

Para a abordagem da fronteira Platina, temos como foco dois pares de cidades gêmeas que definimos como representantes desta região. Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR), e Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY). Cidades que possuem importância na faixa de fronteira platina e brasileira em função de suas dinâmicas de intensas trocas e relações, tanto de conflitos como de cooperações, geradas pela situação fronteiriça. São chamadas pelo Ministério da Integração brasileiro, cidades gêmeas prioritárias, em função do número populacional e de dinâmicas sociais e econômicas existentes.

Possuem inúmeras diferenças, a começar por uma estar na fronteira com a Argentina, separadas pelo rio Uruguai, e a outra fronteira com o Uruguai, fronteira seca com uma linha divisória, mas que possuem espaços urbanos nitidamente contínuos. As diferenças entre os dois pares de cidades fronteira são consideradas positivas, pois analisaremos uma fronteira seca e uma fronteira separada por um rio, unida por uma ponte, mas ambas com um histórico comum de cooperação e conflitos, ambas na fronteira platina, onde podemos observar claramente as características e ambiguidades expostas nestas áreas. Em Uruguiana e Paso de los Libres, temos atualmente o maior Porto Seco da América Latina, e em Santana do Livramento e Rivera, temos um espaço urbano em dois diferentes países, sem barreiras, com muitos vínculos.

É importante que se deixe claro que o objetivo não é a comparação entre os dois pares de cidades, pois estes são visivelmente diferentes. O objetivo é tratar a fronteira Platina como um todo, trazendo como lócus do estudo dois pares de cidades considerados importantes para a região, somando características para que se entenda com mais profundidade os espaços de fronteira. Nas cidades de Santana do Livramento e Rivera, e Uruguiana e Paso de los Libres, cidades escolhidas para o estudo, existem dinâmicas peculiares, estabelecendo intercâmbios constantes (MÜLLER, 2005). Além disso, conforme os autores abaixo citados:

Sabemos nitidamente que a fronteira, ao ser abordada separadamente, já é algo específico, por ser um espaço de transição e requerer um grande detalhamento. Essas particularidades se multiplicam, pois a essa condição somam-se o caráter internacional,

o processo de conurbação e o das ligações e relações entre cidades (rede urbana) (SILVA; OLIVEIRA, 2008. p.01).

Escolhidas as cidades foco, como representantes da fronteira Platina, acreditamos que ao propormos o método para o estudo da fronteira, é importante que a temática seja compreendida a partir de sua temporalidade e das transformações resultantes do cotidiano e da ação do homem sobre o espaço. Sem essa combinação, a explicação do sentido histórico da fronteira fica prejudicado (GOLIN, 2002; CORRÊA, 1999). Na pesquisa social, envolvendo cidades e seus habitantes, e a cidade em uma condição de fronteira onde especificidades identitárias, relações de cooperação e ao mesmo tempo conflitos entre dois povos acontecem, nos utilizaremos da análise das práticas cotidianas (CERTEAU, 1994), da memória coletiva e do território, principalmente a partir de relatos dos cidadãos da fronteira. Conforme Certeau (1994):

Os relatos de que se compõe esta obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isto, se precisará igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence aliás às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto (CERTEAU, 1994, p.35).

“Reaprender as operações comuns”, ou seja, as práticas diárias que consomem o dia a dia de um homem em seu território. Com isso, vemos a construção dessa pesquisa como uma união de fatores cotidianos, espaciais e temporais. Tendo o cotidiano fronteiriço como uma das categorias de análise, teremos informações sobre as práticas cotidianas atuais, as práticas passadas, estando assim contemplada a memória coletiva da população da fronteira, e os percursos habituais do cidadão fronteiriço.

Temos uma discussão das práticas cotidianas locais, para chegarmos ao final a uma discussão da fronteira abordando o geral. Transitando do particular-local, para o geral pretende-se interagir com teorias específicas da fronteira tendo como foco o espaço urbano das cidades-gêmeas. O desenvolvimento do tema, tendendo a generalização, nos fará perceber as relações existentes, passadas e presentes, nesses espaços. As características comuns da fronteira, e os discursos teóricos que se transformaram ao longo do tempo.

A partir de uma pesquisa de fundo qualitativo, podemos entender as práticas cotidianas e o entendimento do cidadão sobre a cidade-gêmea. Com isso poderemos analisar as manifestações da fronteira no espaço urbano local.

A abordagem de Certeau (1994), com a análise do cotidiano a partir dos relatos e percursos, e de Kevin Lynch (1997), utilizando deste os mapas mentais, são métodos utilizados para entendermos o cotidiano das cidades-gêmeas estudadas. Conforme Certeau (1994), as maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os usuários, neste caso o cidadão fronteiro, se reapropria do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Além disso, a busca de documentos importantes como os planos diretores locais e jornais locais fornecem base para a análise, pois representam as estratégias do poder perante a situação de fronteira, a qual estamos analisando.

Para a pesquisa, é importante também como dado, além dos relatos dos cidadãos e da análise das estratégias urbanas, a coleta de documentos históricos como imagens, notícias de jornais, e a apresentação do histórico das cidades, fazendo com que tenhamos fatos suficientes para que o entendimento destes espaços seja apresentado. A partir daí, teremos a possibilidade de elaborar mapas que representem os espaços e equipamentos importantes na relação entre as cidades.

É importante salientar que foram utilizados alguns termos, a partir da abordagem de Certeau (1994), sendo eles: Os relatos e os percursos, utilizados como método de coleta de dados. Estratégias, táticas, influências, e as demarcações, utilizados como forma de apresentar e organizar dados. Espaço e lugar, utilizados na maneira de interpretar os espaços urbanos estudados. Todos estes conceitos serão devidamente discutidos, a medida em que forem aparecendo, ao longo da pesquisa.

A pesquisa foi dividida em 3 partes. Temos na 1ª parte da pesquisa uma discussão teórica, esclarecendo afinidades conceituais com o tema e dando base para as discussões empíricas, que se estende do 2º ao 4º capítulo. No capítulo 2 tratamos da fronteira em si. A abordagem do tema de maneira geral na visão de diferentes autores e épocas, as especificidades e peculiaridades aí existentes em função de uma constante troca com o outro. Os conceitos e definições que se transformam ao longo do tempo, chegando na discussão da cidade gêmea.

Ao tratarmos das fronteiras internacionais, tratamos também de questões sobre nação e chegamos na discussão de território. A discussão de território é central no capítulo 3. O território da fronteira muitas vezes visto como território uno pelo usuário da fronteira, normalmente por aquele que não enfatiza a nacionalidade. A territorialidade se insere na discussão na medida em que os territórios de fronteira se tornam complementares e as convivências e necessidades de ir e vir tornam-se constantes, fazendo com que o poder também sobre o espaço do outro acabe acontecendo, em função das práticas cotidianas.

No capítulo 4 temos a discussão do cotidiano e da memória. Primeiramente apresentamos a discussão das práticas cotidianas e do espaço, principalmente a partir das teorizações de Certeau (1994), buscando esclarecer questões importantes desta abordagem, assim como conflitos conceituais na abordagem do cotidiano, e na abordagem de lugar e espaço. Trataremos também a memória como constituidora do território, como questão chave para avaliarmos individualidades, particularidades em diferentes territórios, em diferentes tipos de relação territorial. As interferências entre o cotidiano e a memória também serão tratados, justificando a importância para a pesquisa a utilização dos dois temas e suas intersecções no estudo da fronteira, como parte integrante do discurso sobre a população fronteiriça e seus hábitos, vocabulário, relações familiares e comerciais. A memória das disputas territoriais, das possibilidades de exílio e proteção do outro lado, de uma unidade territorial política que um dia foi transformada, dos laços de amizade, das rivalidades, das práticas cotidianas, e de um vai e vem fronteiriço que passa de geração para geração.

Passado o embasamento teórico, a segunda parte trata da apresentação da empiria, e da pesquisa de campo, bem como dos métodos utilizados para a realização da mesma. Esta parte 2 divide-se em três capítulos. O primeiro (capítulo 5) trata de apresentar a região estudada, a fronteira Platina. Tratamos esta fronteira com o título três nacionalidades em uma região, dando ênfase as questões da história, da memória dos conflitos e constante convívio das populações desta região. Também, trataremos especificamente das cidades que representam a fronteira Platina no presente estudo, apresentando o que chamamos de: o já estabelecido. A história urbana e documentos pertinentes à relação das duplas de cidades.

Apresentaremos também os planos diretores como uma síntese do discurso de organização de uma estratégia urbana.

No capítulo 6 inicia com a abordagem do método utilizado para a coleta de dados. A partir daí segue a apresentação dos relatos obtidos com a pesquisa de campo feita nas cidades gêmeas que representam a fronteira platina na presente pesquisa: Uruguaiana (BR)/ Paso de los Libres, e Santana do Livramento/ Rivera. Temos como central neste capítulo as práticas cotidianas do cidadão da fronteira, sendo a apresentação dos relatos dividida em três itens: os usos e as táticas da vida cotidiana, as influências, e os percursos estabelecidos. Todos estes aportes conceituais surgem da abordagem das práticas cotidianas de Certeau (1994).

O capítulo 7 ainda está na parte 2, e portanto, ainda tem por objetivo a apresentação da pesquisa de campo. Traz novamente a abordagem do método utilizado para a coleta de dados desta etapa e suas justificativas, e tem como tema-foco a apresentação da memória coletiva que permanece nestas populações, influenciando nas práticas diárias, na maneira de utilizar e tratar este espaço, este território de fronteira. Temos com isso a exposição dos Tempos Marcantes nestas áreas, salientando as relações fronteiriças, as Práticas noutros Tempos, abordadas nos relatos, e os Espaços da Memória.

Depois da apresentação da pesquisa de campo, a parte 3 encaminha o leitor para as conclusões obtidas. Une o estado da arte dos estudos sobre a fronteira, a memória, o cotidiano, o território e a empiria. Chega às conclusões sobre as manifestações da fronteira no espaço urbano e confirma a tese de que as cidades gêmeas são espaços de transição, onde o binacional faz parte das práticas cotidianas desta população, exercidas nestes espaços.

PARTE I: Temáticas da fronteira

2- Abordagens de Fronteira

As fronteiras passaram por muitas transformações ao longo do tempo. Na medida em que o mundo passou por fatos históricos marcantes, acontecem as ressonâncias, e os espaços de fronteira também são atingidos por essas ressonâncias. Os espaços de fronteira são influenciados por fatores culturais, históricos, políticos, nacionais e transnacionais. As funções e características da fronteira também passam por dinâmicas. A fronteira, ao mesmo tempo que é produto de um ato jurídico de delimitação, onde se produz a diferença cultural, é também produto desta delimitação, desta diferença (BOURDIEU, 2000; OLIVEIRA, 2000; GOLIN, 2002).

Na antiguidade, as áreas de fronteira existiram entre diferentes povos ou grupos sociais, mesmo que fronteiras- zonas, ainda sem uma demarcação rígida, estabelecidas no período medieval. Com a instalação do Estado moderno, as fronteiras passaram a ser delimitadas, demarcadas. O Estado moderno adquire então o poder absoluto sobre o território, e assim a fronteira passou a ser considerada o limite sagrado. Com o Estado moderno, surgiu um novo instrumento de representação que ajudou a passar a fronteira de uma área vaga, para uma delimitação exata: o mapa (RAFESTIN, 1993).

Se tratarmos da origem do termo fronteira, segundo Zientara (1989), tal como os substantivos correspondentes nas línguas espanhola (*frontera*), francesa (*frontière*) e inglesa (*frontier*), derivam do *frons/ frontis*, que indicava a parte do território situada *in fronte*, ou seja, nas margens de um território. Parte da literatura nos diz que é entre os séculos XIII e XV que a palavra fronteira surge na Europa. Era considerada uma área e não uma linha, e cumpria o papel de separação e não de contato (STEIMAN; MACHADO, 2002). O poder de posse sobre certo território passou a ser valorizado e as disputas pelos territórios passaram a acontecer. As áreas de fronteira simbolizavam áreas de proteção, espaços militarizados, onde os conflitos eram recorrentes. “Ir até a fronteira significava chegar onde o inimigo devia estar” (FOUCHER, 2009). A fronteira tinha a função principal de proteção.

Ratzel, ao final do século XIX, dizia que “as fronteiras são o órgão periférico do Estado, o suporte e a fortificação de seu crescimento, e participam de todas as

transformações do organismo do Estado” (RATZEL, 1990, p. 184). Segundo o autor estes territórios periféricos deveriam ser fortificados e colonizados, à medida que os territórios nacionais eram conquistados. E a fronteira assim, estabelecia sua função primeira de proteção. Consideramos que as fronteiras tinham como função, portanto: função legal, de demarcar os Estados, os territórios de poder, função de controle, e função fiscal (RAFFESTIN, 1993).

Porém, da mesma maneira que esses espaços foram criados para separar e delimitar, simbolizando uma barreira, eles também proporcionam o contato, a interação. Esses extremos, apesar de co- existirem, sendo a característica ambígua e contraditória da fronteira, são enfatizados, vezes um, vezes outro, em diferentes fronteiras, em diferentes situações políticas e em diferentes espaços de tempo. Raffestin nos diz que desde que o homem surgiu, as noções de limites e de fronteiras evoluíram, porém, sem nunca desaparecerem (RAFFESTIN, 1993).

Assim, a fronteira, este território à margem, foi se constituindo com caráter de ambiguidade, inerente ao seu significado, além de separar, também aproxima. Ao mesmo tempo que existem conflitos de todas as ordens (estatais, culturais) e escalas (nacional ou local), as populações de dois diferentes países convivem, cooperam e trocam umas com as outras no nível local. A necessidade de proteção se origina das muitas possibilidades de interação e penetração que esses territórios apresentam. Se antes enfatizávamos a fronteira como espaço barreira, hoje enfatizamos a fronteira como espaço de integração. Se antes dizíamos que a fronteira é o fim do país, hoje podemos dizer que é o início (SHAFFER, 1993).

Esta mudança de ênfase no pensar a fronteira, acontece de acordo com as transformações políticas e sociais mundiais. A partir dos anos 60, quando se iniciaram os processos de integração e formação de blocos econômicos entre países, e principalmente atualmente, na era da globalização e da velocidade da informação, as fronteiras passaram a ser considerados pontos estratégicos que possibilitam o contato, e maior permeabilidade (FARRET, 1997, SHAFFER, 1993), mesmo que as barreiras ainda existam. Referimo-nos à mudança de ênfase porque a fronteira não deixa de ser uma barreira nestes períodos de maiores possibilidades de integração. Também, a fronteira permitia a interação mesmo no período em que era enfatizada a fronteira como área de proteção territorial. A fronteira, portanto, não perde a ambiguidade. Ganha novos olhares, assume novas funções.

Para falarmos das diferentes maneiras de pensar a fronteira, a partir dos acontecimentos de uma época, trazemos o conceito de dois autores, em dois tempos, sobre o termo fronteiras vivas. Em 1972, Soares dizia que para termos fronteiras vivas, elas precisam ser fortes, estáveis e protegidas. Zonas de alta sensibilidade política, pois segundo ele, serão sempre a afirmação de um espírito forte de nacionalidade. As fronteiras vivas são fronteiras protegidas e povoadas que enaltecem o espírito de previdência e organização de um povo (SOARES, 1972). Já Padrós, na década de 1990 trata de fronteiras vivas no sentido das dinâmicas e trocas que aí acontecem, enfatizando assim o contato e a dinâmica social que a vizinhança entre países proporciona (PADRÓS, 1995). O exemplo na abordagem do tema por dois autores em diferentes momentos é dado para que se faça entender as diferenças no pensar a fronteira em diferentes épocas. Nesse sentido, a visão de fronteira pode ser condicionada a três perspectivas de análise segundo Padrós (1994), sendo elas:

- 1) A tradicional, trazendo com ela o caráter contraditório inerente a sua própria essência, pois ao mesmo tempo em que separa estados, e adquire o caráter de proteção nacional, também os coloca em contato.
- 2) A geopolítica, que traz, além dos aspectos da percepção tradicional, o caráter estratégico e as possibilidades de projeção desses locais, podendo demonstrar força ou fragilidade de um estado.
- 3) A terceira é a integracionista, que se impõe de forma geral, nos últimos anos, pois se apoia em dois importantes fatores: nas transformações político-econômicas que caracterizaram o quadro das relações internacionais do pós Segunda Guerra, e a vocação das cidades fronteiriças em desenvolverem processos informais de convivência, colaboração e solidariedade.

Assim, considerando a percepção geopolítica, já como um início de um pensamento estratégico para integração, podemos dizer que existem duas visões que se estabelecem a partir das possibilidades da fronteira. A fronteira vista como barreira, e espaço de proteção e possíveis conflitos, e as fronteiras a partir de uma visão que unifica lugares, onde a mescla cultural, a hibridização e as trocas são enfatizadas. Se tratarmos do nível local a interação é e sempre foi constante, em maior ou menor grau. Conforme nos diz Certeau sobre a fronteira: “Paradoxo da fronteira: criados por contatos, os pontos de diferenciação entre dois corpos são

também pontos comuns. A junção e a disjunção são aí indissociáveis” (CERTEAU, 1994, p. 195). Pois, assim como Certeau trata de pontos “criados por contatos”, poderíamos dizer criados pela separação. E este é o paradoxo, fazendo com que pareça confuso falar sobre a fronteira ou conceituar a fronteira. O conflito e a cooperação coexistem, gerando variadas formas de ambiguidades nas relações e interações.

A fronteira é uma característica de qualquer objeto ou fenômeno, cuja existência possua extensão e fim. O fim, ou fronteira, representará também contato, caso haja um objeto ou fenômeno de igual natureza adjacente ao primeiro (DORFMAN, ROSÉS, 2005, p.196).

Considerando as questões colocadas acima, neste primeiro capítulo discutiremos a fronteira em tese. A percepção da fronteira que acreditamos estar de acordo com o momento atual, quando as fronteiras passam por um momento de transição, sendo discutidas e valorizadas em função do mundo globalizado, da comunicação rápida, dos processos de integração econômica e por muitas vezes, novas barreiras. Discutiremos também sobre as cidades que se localizam na fronteira, uma frente a outra em diferentes países, as chamadas cidades-gêmeas. É a partir das cidades gêmeas que teremos a possibilidade de entender o cotidiano e o espaço urbano local da fronteira.

2.1- A fronteira em tese

Estamos tratando das fronteiras territoriais, e neste caso, das demarcações entre diferentes países que acontecem em função do estabelecimento do poder sobre um território. Ao que sabemos, as demarcações também têm a função de fundar e articular espaços (CERTEAU, 1994), e estas demarcações podem ser tidas aqui como simbólicas, ou físicas. Certeau trata das demarcações como fundadoras e articuladoras de espaços, que no nosso caso, são os espaços de fronteira internacional.

Foucher (2009) nos diz que as fronteiras devem ser consideradas instituições territoriais, que operam com três escalas distintas e nem sempre complementares. Fala primeiramente na escala estatal ou multinacional que possui um controle arbitrário, exclusivo e legal sobre um território. Segundo o autor “a fronteira é para o Estado um teatro, onde a legitimidade do seu poder é observada com atenção” (FOUCHER, 2009, p. 25). Fala sobre a escala interestatal, sendo as relações que se

estabelecem entre Estados, territórios Nacionais. Segundo ele é nesta escala que se impõe o fundamento da ordem internacional, o fundamento da inviolabilidade, a soberania. Por fim, trata das escalas regional e local, onde acontecem as práticas sociais que variam segundo o grau de abertura das fronteiras, seja uma barreira, seja um recurso, e de acordo com a liberdade que o poder central lhe confere (FOUCHER, 2009). Dentre as escalas em que o tema fronteira transita, estamos tratando a fronteira a partir das escalas regional e local. Ao tratarmos o local, temos aí inúmeras peculiaridades que tornam-se importantes na medida em que possibilita individualizar e diferenciar as fronteiras (DORFMAN, 2009). Além disso, vemos estes espaços fronteiros a partir do território, e a partir daí, da territorialidade que se estabelece entre a população e este território, ou territórios, pois considerando a territorialidade, poderemos ter um ou dois territórios em questão. Consideramos também a memória coletiva da população da fronteira em discussão, dando ênfase assim, para a escala local, neste caso, para as cidades gêmeas de fronteira.

O Estado-nação transformou-se em função do mundo globalizado. A soberania é relativa considerando muitos fatores, tendo como exemplo os blocos econômicos na União Europeia e como temos na América Latina. O Estado-nação transformou-se, e suas fronteiras já encontram, ou encontrarão novos significados (MURATORI, 2007).

A ambiguidade e paradoxos das fronteiras ficam evidentes nas dinâmicas econômicas, políticas e também sociais. Se nos dias atuais, em tempos que o fenômeno da globalização se faz presente nos mais diversos setores da vida humana, em tempos de União Europeia, MERCOSUL, e outros acordos econômicos de cooperação entre países tratarmos a fronteira enfatizando a separação, estaremos indo no contra-fluxo. A fronteira, apesar de todo seu sentido ambíguo de união e separação, e apesar de ser sim um espaço limítrofe, onde depois dela acontece outra coisa, e ter por função política principal separar, também estabelece com o outro, inúmeras relações que a condição de vizinhança permite, e neste momento, estamos enfatizando estas muitas possibilidades de interação que estes espaços permitem.

A fronteira hospeda alternadamente discursos de aproximação e de afastamento, dependendo do momento histórico em que se encontram as nações, as economias, os blocos econômicos etc. Aos picos de nacionalidade correspondem versões que apresentam a fronteira como muralha intransponível e a população como

genuinamente nacional. Nos momentos de integração dá-se destaque aos porta-vozes das raízes comuns, da semelhança no presente, do futuro compartilhado (DORFMAN, 2009, p. 28).

Com isso, acredita-se que não existe uma fronteira política internacional onde somente existem conflitos, barreiras e separação, assim como não existe uma fronteira política internacional onde existe somente a cooperação, a mescla e a união. O que temos são essas ambiguidades e quantidades de fatores que subsistem nesses espaços, reforçando ora um aspecto, ora outro, e por isso, tidos aqui como espaços complexos.

Além disso, o poder simbólico existente nesses territórios fronteiriços, faz com que a condição de fronteira seja também formadora da identidade de um grupo. O conflito, a diferença, o contraste e ao mesmo tempo a semelhança, a troca e a interação formam a identidade do ser da fronteira. O cotidiano do vai e vem, onde está entranhada a memória coletiva da população fronteiriça, a convivência de diferentes culturas que com o tempo vão se familiarizando, hibridizando, os costumes e tradições, as famílias binacionais, são construções específicas da fronteira, fazendo com que essa população tenha uma identidade própria (PESAVENTO, 2002; LEENHARDT, 2002; MÜLLER, 2002; CANCLINI, 2006).

A problemática da fronteira, tanto em uma escala macro, nacional, quanto na escala local, está baseada na questão dúbia que ela estabelece. O mundo com barreiras e o mundo sem barreiras. O espaço de passagem, e o espaço onde está o limite. E isto não é simplesmente, porque nestes espaços está imersa a memória coletiva de uma população que vai e vem, que trabalha em um lado, e reside no outro, que utiliza o espaço de fronteira como um espaço único. No caso da fronteira, o estudo da escala local faz com que tenhamos grandes diferenças entre estes espaços. Uma condição de fronteira nunca é igual a outra, apesar de sim, estabelecerem características gerais. Acabar com uma fronteira, ou criar uma nova fronteira nacional pode ter questões e interesses políticos e econômicos fortes, mas estes espaços são necessários para o estabelecimento da ordem, em muitos sentidos. Tratando da fronteira com uma abordagem muito atual, considerando os processos de integração, mas também as atuais barreiras econômicas e de proteção territorial, e a memória de conflitos e cooperação entre territórios vizinhos, salientamos que:

As fronteiras são o tempo inscrito no espaço, elas permanecem testemunhas do passado ou de *fronts* vivos, segundo as conjecturas locais, mas sempre lugares de memória e, às vezes, de ressentimento. Embora essas linhas, na representação do mundo, tendam a perder sua importância - não em todos os lugares-, elas parecem ganhar em significação, mesmo que se enunciem de maneira indireta na retórica dominante do "sem fronteira"- discurso tão bem-vindo quando vislumbra uma conexão solidária e responsável entre os seres humanos quanto insignificante quando deseja resumir o mundo a um mercado plano (FOUCHER, 2009, p.27).

Entendemos que o mundo não é este mercado plano e que as fronteiras devem ser tratadas juntamente com todo o seu grau de complexidade, em função da pluralidade e diversidade que estão presentes nestes espaços. As características sociais de cada população se revertem em características específicas nas cidades, dependendo do tipo de relação que os espaços de fronteira estabelecem entre si. Ao tratarmos os espaços de fronteira, devemos estabelecer associações com temas que lhe são adjacentes, mas importantes para o entendimento destes espaços complexos. O território e a territorialidade, para que tenhamos o entendimento da importância do tipo de relação estabelecida entre homem/ espaço. A memória coletiva, a história de lutas, ou de paz, e de diferentes domínios territoriais, sendo assim, o entendimento da relação estabelecida entre o homem, o espaço, o tempo, e as permanências ao longo do tempo. O cotidiano fronteiriço, baseado em um estudo local, dando o entendimento dos hábitos e tipos de relações que são estabelecidos no território de fronteira, ou entre os dois territórios de fronteira. Enfim, um emaranhado de situações e temas que acabam fazendo com que tenhamos a possibilidade de entendê-la, reconhecê-la.

Porém, ainda quando tratamos dos espaços de fronteira, tratamos também do limite, e é importante destacar que fronteira e limite não são sinônimos, e que as diferenças entre os termos são essenciais. Machado (1998) nos diz que o limite jurídico entre países é criado e mantido pelo governo central não tendo vida própria e nem mesmo existência material. Já a fronteira pode ser considerada fonte de perigo, pois possibilita o desenvolvimento de interesses distintos aos do governo central. Os marcos de fronteira são símbolos visíveis do limite, sendo que o limite, não está ligado a presença de gente, e sim, as legislações nacionais e internacionais, sendo que frequentemente, distante das aspirações dos habitantes da fronteira. Por isso a fronteira é alvo de controle estatal. A fronteira assim

entendida pode ser um fator de integração na medida em que é considerada uma zona de interpenetração mútua e manipulação das estruturas sociais, políticas e culturais distintas, já o limite é considerado puramente o fator de separação das diferentes unidades políticas soberanas, e permanece fixo mesmo com a presença de fatores comuns, físicos- geográficos, ou culturais (MACHADO, 1998).

Os conflitos e a convivência criam as peculiaridades e a ambiguidade fronteiriças. Trazemos um trecho do texto de Melo: É importante pois diz que:

As fronteiras apresentam-se no imaginário social como um limite. Há nessa visão uma perspectiva de orientação geopolítica que pensa a fronteira como um limite burocrático-administrativo entre municípios, regiões, unidades da Federação ou mesmo entre Estados nacionais. Mas essas são as fronteiras imediatas, podemos dizer materiais. As fronteiras aparecem, via de regra, no imaginário e nos tratados, como algo naturalizado, como uma categoria auto explicativa, como um dado da História. As fronteiras são mais do que isso. Fronteiras são também elementos simbólicos carregados de ambiguidades, pois, ao mesmo tempo em que impedem, permitem ultrapassar (MÉLO, 1997).

Começamos a perceber o emaranhado de situações existentes na fronteira. Que no espaço de fronteira existe uma memória de conflitos, e também de cooperação. Que as culturas se mesclam, e que esta fronteira não possui um caráter de simples separação do outro, mas de uma dinamicidade entre um e outro, o que gera a cultura peculiar da fronteira.

Se continuarmos a tratar da ambiguidade que a fronteira estabelece, enquanto objeto empírico de estudo, quanto maior é a unificação técnica do mundo, maior é sua compartimentação, com a relevância das fronteiras internacionais. As fronteiras, quanto mais unidas, mais permitem que os sentimentos de alteridade apareçam entre as populações. As compartimentações do espaço encontram sua explicação em variáveis culturais, sociais, econômicas e espaciais, e, da fertilização cruzada destas variáveis, o que torna o tema bastante complexo (CATAIA, 2007).

Trazemos assim, para discussão e problematização, a questão dúbia da fronteira, cristalizada nos espaços urbanos de fronteira, mais especificamente das cidades gêmeas. A fronteira como barreira/ militarizada/ conflitante, e a fronteira porosa/ integrada/ híbrida, com espaços urbanos complexos que normalmente funcionam como espaços complementares. Estamos atualmente em um período transitório, de muitas mudanças econômicas na escala mundial, conflitos entre maior integração ou maiores barreiras entre os estados nação. Ficam, com isso, as questões de quais as mudanças que ocorrerão nas fronteiras? Esses espaços

urbanos precisam ser evidenciados e estudados a partir de suas dinâmicas locais para que as características da fronteira e suas interferências no espaço urbano sejam reconhecidas.

2.2- As cidades gêmeas

O urbano, na definição de Lefebvre, é “cumulativo de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura aí compreendidas, maneiras de viver, situações, modulações ou rupturas do cotidiano” (LEFEBVRE 1970, p. 112). A cidade, portanto, é um território já complexo por natureza, pois contempla estas tantas dinâmicas estabelecidas entre o homem e o território onde vive.

Conforme Certeau (1994), a cidade, desde o século XVI, inaugura a transformação do fato urbano em conceito de cidade. Este fato urbano, mesmo antes do conceito de cidade ser considerado, sempre dependeu de uma racionalidade urbanística. A cidade em si é plural, e para o autor planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real, e dar efetividade ao plural. É o saber articular (CERTEAU, 1994).

Se a cidade em si, é plural, as cidades gêmeas de fronteira podem ser consideradas ainda mais complexas. Se as cidades em si são espaços urbanos onde existem inúmeros tipos de relações, as cidades localizadas na fronteira internacional possuem estas características, e ainda toda a complexidade do caráter de estar na fronteira. Cidades limítrofes, mas espaços que viabilizam a troca também com o outro. Cidades que se tocam e que sem dúvida interferem uma na outra, com diferentes culturas, diferentes regimes políticos, diferentes dinâmicas nacionais. Portanto, as cidades gêmeas fronteiriças são especialmente importantes para as zonas ou regiões de fronteira, pondo às claras os processos e contradições vividos nas fronteiras: as cidades “... apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações ‘condensadas’ dos problemas característicos da fronteira” (MACHADO, 2004). Nas cidades gêmeas a condição de fronteira é vivida ao extremo em todas as suas situações. Podemos considerar que ao mesmo tempo que existe uma individualidade, e uma alteridade que se exalta com o contato, assim como as diferenças, temos também, uma sociedade híbrida (CANCLINI, 2006).

O termo cidades-gêmeas já está, de certa maneira, bastante difundido ao tratarmos das cidades de fronteira no Brasil. Mesmo assim, merece ser debatido, devido à importância de sua utilização nesta pesquisa. Consideramos cidades gêmeas os pares de cidades que ficam próximas à linha limite, fazendo vizinhança com outra cidade, em outro país. Não se trata de simetria, mas de vizinhança e estabelecimento de relações, ocasionando na complementaridade entre uma e outra cidade, em maior ou menor grau. Na faixa de fronteira, é normal termos a cidade brasileira maior do que a vizinha, localizada no outro país, salientando as diferenças no grau de desenvolvimento, no tipo de regime econômico, e nas dinâmicas distintas de povoamento fronteiro (BRASIL, 2005). Segundo nos diz Dorfman sobre as cidades gêmeas:

Dois centros povoados frente a frente em um limite internacional não constituem em si uma excepcionalidade, seja internacionalmente ou no nível latino-americano. De uma função estratégica de obstáculo ao avanço, tornam-se áreas privilegiadas de contato e entrelaçamento político” (DORFMAN; ROSÉS, 2005. p. 201).

Vemos na expressão cidades gêmeas, uma visão simples, resumida, do que simboliza a fronteira hoje. A cidade em si é um espaço de trocas, em vários níveis. Araújo nos diz que atualmente existem novos conceitos de cidade dada à permeabilidade e diluição das fronteiras em função da difusão tecnológica das últimas décadas (ARAUJO, 2011). O termo cidades gêmeas, portanto, não faria sentido sessenta anos atrás quando a ênfase era dada a fronteira barreira. Ainda, segundo Araujo,

Entendemos que o conceito de cidade, como qualquer conceito, é um produto historicamente construído. É uma ferramenta conceitual que sofre pressões de reformulação a cada momento em que grandes transformações estruturam uma nova época (ARAUJO, 2011, p. 23).

Assim como o conceito de cidade, a visão sobre a fronteira também se transforma conforme a época em que se vive, sendo que o que entendemos por cidades gêmeas de fronteira faz sentido, em uma época que pensamos a fronteira enfatizando a integração e a interação.

Dorfman (2009) afirma que a expressão cidades gêmeas, cidades integradas que pontilham a “raia”- a faixa de fronteira em espanhol- foram descritas por Raymond Pébayle, já em 1978, como pontos de soldadura da fronteira, sendo chamadas *villes-doublets*, com administrações diferentes, porém complementares do

ponto de vista econômico. Na década de 1980, o termo cidades gêmeas já se fazia em uso nos textos estruturadores do MERCOSUL. Nas fronteiras entre países, entre diferentes nações, a expressão é dada a trios ou pares de cidades que tenham uma relação intensa. Porém, antes disso, nos Estados Unidos já se falava nas *Twin cities*, cidades gêmeas, tratando de cidades conturbadas (DORFMAN, 2009).

No mesmo sentido, o que chamamos no Brasil de cidades gêmeas de fronteira, cidades vizinhas, localizadas uma frente à outra em diferentes países, vizinhas desde a fundação ou por processo de conturbação, possuindo muitas similaridades, mas também muitas diferenças, e possuindo uma dinamicidade intensa entre uma e outra, na Europa estão sendo chamadas Eurocidades. As Eurocidades estão sendo entendidas na Europa como verdadeiros laboratórios de construção de cidadania, de viver compartilhando entre iguais (CASTRO, 2008). No projeto das Eurocidades, existente oficialmente desde 2007, a primeira dupla de cidades fronteira da União Européia a fazer parte foi na fronteira Espanha e Portugal, na região da Galícia, as cidades de Chaves (PT) e Verín (ES). Este processo favorece a cooperação entre as duas cidades, maiores possibilidades de integração, e é financiado também pela União Européia.

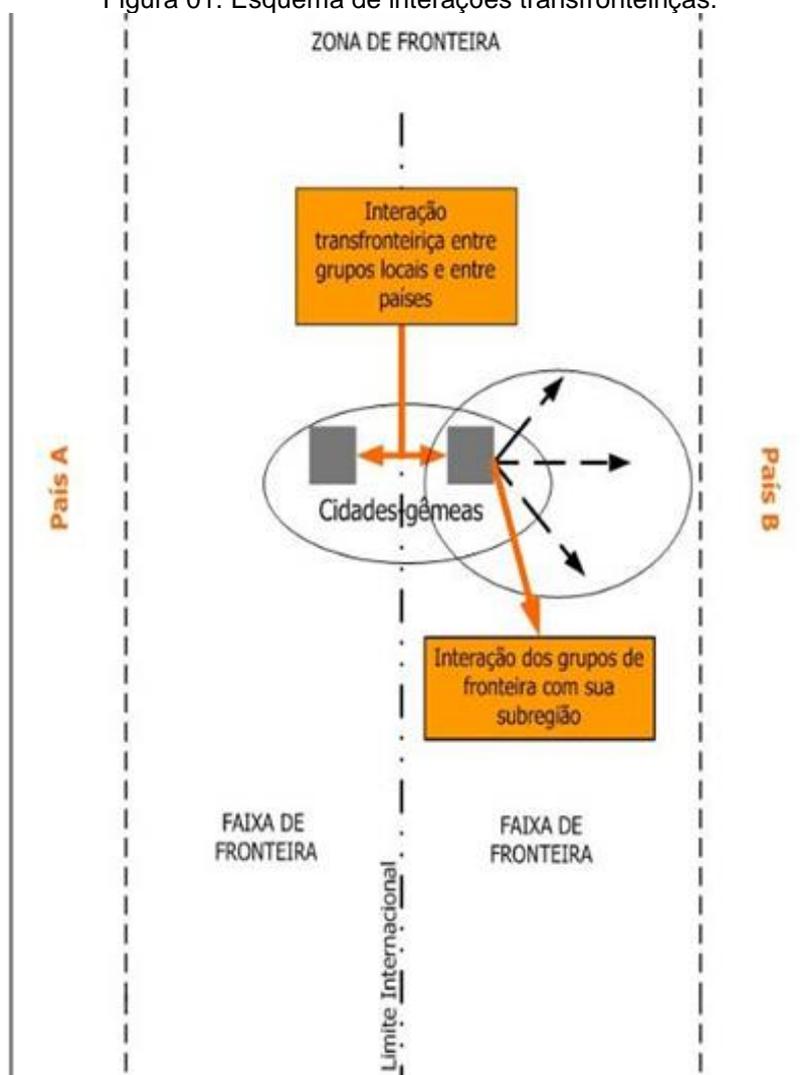
Com esta difusão de atenções voltadas para as cidades gêmeas, percebemos o quanto estas são importantes no processo de transfronteirização. Utilizamos aqui o termo transfronteirização para enfatizar a troca, o caráter de permeabilidade que possuem estas cidades, em maior ou menor grau, legalmente ou ilegalmente. Nos processos atuais de formação de blocos econômicos, que hora se blindam, e hora se abrem, as chamadas cidades gêmeas, estão em voga. Conforme nos diz a PDFF (Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira):

Na escala local/regional, o meio geográfico que melhor caracteriza a zona de fronteira é aquele formado pelas *cidades-gêmeas*. Estes adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira – seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura – apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações ‘condensadas’ dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. Por esses motivos é que as cidades-gêmeas devem constituir-se em um dos alvos prioritários das políticas públicas para a zona de fronteira”(BRASIL, 200, p. 152).

Temos assim, todos os resultados de ações produzidos sobre as fronteiras representados e vividos na cidade gêmea. Abaixo temos um diagrama (figura 01)

que foi construído pelo Grupo Rettis de Fronteira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este diagrama representa as ações sobre, e as reações provocadas nas cidades gêmeas de fronteira. As interações são constantes e estas cidades, em geral, acabam se tornando centrais com relação a sua região nacional. Os efeitos da fronteira, portanto, segundo o diagrama abaixo, acabam atingindo além das cidades-gêmeas, aquelas que são mais próximas. Os núcleos urbanos se complementam e normalmente possuem importância maior em relação a sua região (SILVA; OLIVEIRA, 2008).

Figura 01. Esquema de interações transfronteiriças.



FONTE: Grupo Rettis/ UFRJ (2005)

A discussão sobre o tema das cidades gêmeas não se encerra, assim como a dinamicidade entre as cidades na situação de fronteira. O termo que hoje acreditamos ser adequado para tratar as cidades que se localizam uma frente a

outra, próximas a linha limite, na zona de fronteira, poderá daqui a alguns anos não ser mais adequado. A dinamicidade que encontramos nas áreas fronteiriças é grande e as representações sobre elas se transformam constantemente.

3- Questões sobre o Território

Neste capítulo 3, abordamos teoricamente o território. Iniciamos por diferentes visões sobre o território discutindo Raffestin, Milton Santos, Haesbaerth. Trataremos o território e os conceitos de região, no que diz respeito ao planejamento urbano e regional. O conceito de região é tratado aqui não para pensar a região somente considerando os limites nacionais, mas para tentarmos entender a região como uma região fronteiriça, considerando a região das cidades gêmeas como sendo uma só.

Chegamos até o território tratado na tese, o território de fronteira. Este território é avaliado aqui dependendo do seu agente. Na fronteira, o agente do território pode ser de uma cidade ou de outra, trazendo discussões sobre a unidade territorial e limites. Chegamos assim até a discussão das territorialidades na fronteira. Discutindo a territorialidade como sendo a relação de pertença que o cidadão estabelece com o seu território e com o território do outro, tentamos dar conta de embasar teoricamente aquilo que acontece nas cidades de fronteira cotidianamente, em função da complementaridade entre as cidades vizinhas.

O Capítulo que se segue, portanto, é o ponto de partida para que se percebam as diferentes vertentes territoriais, demonstrando como entendemos o território que está sendo estudado. Buscamos o embasamento para estudar o território de fronteira, nas suas muitas particularidades.

3.1- O território e a região

O Tema sobre o território atua em diferentes disciplinas. Tratando-se do território, segundo Milton Santos, “[...] é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social” (SANTOS; SOUZA; SILVEIRA, 2002, p.15). Porém, discutir o conceito, chegando ao sentido de território que mais se aproxima daquele que daremos a pesquisa, irá facilitar o entendimento do uso deste território, e de sua constituição.

É sobre o território, um espaço delimitado, que construímos um cotidiano. Esse mesmo território pode ser estabelecido por diferentes grupos, ou em diferentes tempos, de diferentes maneiras. Essa dinamicidade faz com que seu conceito seja sempre discutido e aprofundado. Podemos tratar de ações passadas ou presentes, as quais estão imersas no território. Assim, dizemos que o que o território tem de permanente é ser o nosso quadro de vida. Ele é base para as ações diárias,

relações, contatos (SANTOS; SOUZA; SILVEIRA. 2002). Tendo assim o território como base das ações e relações diárias, podemos discutir a noção de território e espaço. É possível dizer que o território se instala a partir de uma ação sobre um espaço, do domínio, material ou simbólico. Conforme Raffestin:

Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permaneça nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993, p 144).

Porém, para uns, o território viria antes do espaço; para outros, o contrário (SANTOS, 2004). Acredita-se que esse ponto não nos é importante, se simplesmente explicitarmos o que vai se considerar aqui. E assim como Raffestin, consideramos o território formado, delimitado, apropriado, a partir do espaço. O território é um local de relações. Temos aí, o que Milton Santos (1999) chama de território usado. Este leva em consideração o conteúdo social de certo território. “Considera o dinamismo socioterritorial, socioespacial, essas formas- conteúdo que tem a ver com a existência” (SANTOS, 1999, p. 19).

Assim, as relações e ações fazem com que se tenham os limites deste território, sendo estes limites uma informação estruturadora do território: “[...] definir, caracterizar, distinguir, classificar, decidir, agir implicam a noção de limite: é preciso delimitar” (RAFFESTIN, 1993, p. 153).

Ratzel, percussor da geografia política no final do século XIX, relacionava o território ao poder, tratando o território e a sociedade, território e Estado, território e família e território e progresso. Segundo Ratzel:

É fácil convencer-se de que do mesmo modo como não se pode considerar mesmo o Estado mais simples sem o seu território, assim também a sociedade mais simples só pode ser concebida junto com o território que lhe pertence. O fato de estes dois organismos estarem ligados ao seu solo é a consequência natural da ligação evidente que une a criatura humana à Terra (RATZEL, 1990, p. 73).

Ratzel considera central a delimitação de um território, do poder sobre certa área para a organização do ser humano no espaço. Ratzel já considera aí os múltiplos poderes, mas está muito mais focado no poder do Estado sobre o território. Vai ao encontro desta discussão, o que trata Raffestin, quase um século após Ratzel, porém, Raffestin deixa clara a atuação dos múltiplos poderes no território. Na

verdade, a problematização inicial de Ratzel, estava terminantemente ligada ao Estado, enquanto a abordagem de Raffestin (1993) já traz a discussão mais concentrada no poder, ou melhor, nos múltiplos poderes exercidos sobre o território, dando sentido a este. Percebe-se aí uma renovação no que diz respeito ao conceito, mas uma renovação que se refere muito ao contexto em que está inserida esta análise. Ao tratarmos do território, falamos de um espaço delimitado, onde existe um domínio, ou múltiplos domínios - na época não enfatizados por Ratzel, mas já percebidos em suas teorizações. Consideramos, portanto, que existe território sem Estado, mas não existe Estado sem território. Porém, não se pode falar em território sem poder. Os múltiplos poderes que atuam sobre o espaço, fazendo deste, o território (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 1995). O poder estabelecido sobre um território pode ser Estatal, Político, ou simbólico. Poderemos ter territórios diferentes em um mesmo espaço. Territórios sobrepostos, dependendo do agente a ser considerado. Assim, Haesbaerth, nos diz que: “[...] O território, portanto, é construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico” (ARAÚJO; HAESBAERTH, 2007, p. 37). Contudo, com essas múltiplas opções de ênfase conceitual, dependendo da disciplina em que é tratado, dependendo do agente que é considerado, deve-se salientar que esta multiplicidade se resume entre o material e simbólico. O que importa aí é saber que o território possui essas múltiplas dimensões, e que todas elas são, na realidade, expressões de alguma forma de poder e domínio sobre um espaço.

Segundo Araújo e Haesbaerth, o território, portanto:

(...) envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação, e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar [e político-econômico, podemos acrescentar]: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (ARAÚJO; HAESBAERTH, 2007, p. 41)

Podemos falar também das concepções políticas, culturais e econômicas do território. A concepção cultural é o mesmo território que prioriza as dimensões simbólicas, subjetivas. O território político refere-se às relações espaço- poder. Aquelas institucionalizadas, ou não, quase sempre relacionadas ao poder do Estado. A concepção econômica do território enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, e vê o território como fonte de recursos. Estas concepções também

dialogam umas com as outras, se sobrepõem. Se tratarmos de autores mais recentes, mas já consolidados no que se refere à teoria do tema, como Claude Raffestin (1993) e Robert Sack (1986), parece que existe um consenso como sendo a dimensão política a melhor definidora do território, para além de sua perspectiva jurídica e estatal. A concepção política consegue abranger as questões econômicas e as questões simbólicas (HAESBAERT, 2004).

Abordamos agora a etimologia da palavra.

É interessante lembrar que “território” já desde sua origem etimológica, no latim do velho Império Romano, carrega essa ambivalência entre o material e o simbólico, tanto através da raiz *terra- territorium* (domínio territorial concreto) quanto de *térreo-terrere* (amedrontar), a inspiração do temor pelo território como área cujo acesso é privilégio de uns poucos (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007, p. 38).

No termo vemos a relação de domínio e sentimento de pertença sobre este espaço. Com isso, tem-se o território em três vertentes básicas: o território cultural, o território político e do território econômico. O território cultural ou simbólico-cultural está muito relacionado à formação de identidades, como produto da apropriação e valorização simbólica de um grupo sobre certo espaço. Na vertente política o território é visto como um espaço delimitado e controlado, na maior parte das vezes relacionado ao poder político do Estado. Na vertente econômica, enfatiza-se a espacialidade das relações econômicas (HAESBAERT, 2004). Essas vertentes não são isoladas, muitas vezes se entrecruzam. Percebe-se um território híbrido, considerando que esta multiplicidade de significados e materialidades são, portanto, formadores do território.

Verifica-se ainda, e não podemos deixar de citar, a importância da prática social como produtora deste território. A ação do homem sobre um território estabelecido simbolicamente pelas práticas pode gerar a identificação com o mesmo. O poder – simbólico- sobre este lugar. O poder simbólico de apropriação formando um território específico, para um agente específico. O território que Hasbaert chama simbólico ou cultural. Assim, segundo Becker:

No momento em que se retorna à análise das relações de poder, e se focaliza a prática espacial, o território volta a ser importante, não mais apenas como espaço próprio no Estado- Nação, mas sim dos diferentes atores sociais, manifestação do poder de cada um sobre uma área precisa. O território é um produto “produzido” pela prática social, e também um produto “consumido”, vivido e utilizado como meio, sustentando, portanto, a prática social (BECKER; COSTA; SILVEIRA, 1983, p.08).

Em tese, vamos considerar que o território ao mesmo tempo em que é produto das práticas sociais, é também consumido por elas, pois as práticas acontecem neste território, e esta ação é cíclica. O agente produz e consome o território.

Já quanto a fronteira, analisaremos como uma região com características comuns. Como um território simbólico, e dois territórios nacionais, políticos. Este é o território em tese. Mais especificamente, trataremos o território das cidades gêmeas de fronteira, onde as características fronteiriças encontram-se mais evidentes, em constante convivência e conflitos. Assim inicia o reconhecimento da fronteira em tese.

3.2- A fronteira como território

Como já entendemos que as práticas cotidianas são produtoras do território, dizemos que a situação de fronteira produz um território específico, assim como esse território específico é produto da situação de fronteira. As fronteiras são consideradas por Foucher (2009) instituições territoriais. Discutiremos o território que de alguma maneira, por ser fronteira, possui uma plasticidade maior. O vai e vem de um território para o outro é uma característica marcante nas regiões de fronteira. Podemos falar no território uno da fronteira, quando o cidadão das cidades gêmeas constrói o seu cotidiano e não enfatiza a sua nacionalidade, ou é *doble- chapa*, mas também em dois territórios limitados por uma linha onde dois Estados nacionais estabelecem o poder. Temos assim o território físico, político e demarcado, o Estado Nação, e o território simbólico estabelecido a partir das vivências, da história, da memória. Também, o território como formador de territorialidades e dos processos de territorialização.

Tratando do território de fronteira na escala estatal ou multinacional, a presença do Estado, do poder estatal no território fronteiriço é marcante. Em função dessa afirmação, traremos uma das primeiras discussões teóricas sobre o território, do Antropogeógrafo Ratzel, no final do séc. XIX. Para ele, a relação entre território/ Estado era inseparável. Dizia ele que não é possível conceber Estado sem território e sem fronteiras (RATZEL, 1990).

Sendo assim o poder estabelecido do Estado Nação sobre um território é evidente, estabelecendo os limites nacionais. Conforme nos diz Hobsbawm (2002), a questão nacional é um tema notoriamente controverso. No entanto, é importante que

se entenda essas questões controversas, e que se deixe claro a maneira como compreendemos uma nação, para que este conteúdo embase a discussão das fronteiras entre diferentes territórios nacionais. Se a questão nacional é algo controverso, esta mesma característica encontramos nas fronteiras, e acreditamos que os dois temas vão de encontro um ao outro ao tratarmos das questões culturais, de contato, vínculos e diferenças.

Segundo o Dicionário real da Academia Espanhola, antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente “o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino”, ou “um estrangeiro”. Depois disso, foi percebido como um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum, e também: o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo. Na significação mais recente, o elemento de um Estado comum e supremo é central considerando-se as duas definições, pelo menos no mundo ibérico (HOBSBAWM, 2002).

O Estado, portanto, é definido como um conjunto organizado de instituições que mantem o controle social de uma nação, compreendendo o povo estabelecido em determinado território, podendo não ter um mesmo idioma, origem ou religião, mas respeitando as mesmas leis, e o mesmo governo, sendo que é deste objetivo, que surge o Estado-nação. Constitui-se, portanto, de três elementos: o território, o povo e a soberania (MURATORI, 2007).

Consideramos que em um Estado existe sempre uma Nação. Mas em uma nação nem sempre podemos encontrar Estado. E aí está uma das questões controversas quando tratamos do tema. Hobsbawm interpreta essa situação, como mostramos abaixo:

Na verdade, também não é possível reduzir nem mesmo a “nacionalidade” a uma dimensão única, seja política, cultural ou qualquer outra (a menos, é certo, que se seja obrigado a isso pela *force majeure* dos Estados). Há pessoas que podem identificar-se como judeus mesmo que não partilhem da religião, língua, cultura, tradição, herança histórica, padrões grupais de parentesco ou de uma atitude em relação ao Estado judeu. Do mesmo modo, isso não implica uma definição puramente subjetiva na “nação” (HOBSBAWM, 2002, p. 17).

Estas questões de nação e nacionalidade vão mais de encontro com as questões de pertencimento, gerando outro tipo de entendimento sobre uma nação, sem levar em consideração fazer parte ou não de um Estado Nacional, politicamente formado. Nas áreas de fronteira internacional este fato é vivenciado cotidianamente.

Podemos ter um território, delimitado por certa população, que não necessariamente pertence a um único Estado. Podemos ter um território que vai de um país ao outro, pois alguma população pode ter se apropriado deste território, delimitando-o. Portanto, nem sempre é o poder político, ou o poder do Estado, que delimita um território. Existem relações de sentimento e pertencimento sobre certo lugar, delimitado mesmo que simbolicamente por certo grupo, podendo haver ou não, nesse território, poder do Estado, e sim, o poder simbólico que está na identificação com o mesmo- tratamos aí da escala regional- local. O poder sobre o território é de extrema importância e o define, como sendo político, ou simbólico. Por isso falamos neste território plástico da fronteira. Essa plasticidade é estabelecida pela permeabilidade que os territórios de fronteira estabelecem, podendo ser uma permeabilidade legal, ou ilegal, e pelo poder simbólico que o cidadão estabelece com este território, de um e do outro lado dos limites dos territórios nacionais.

Para Jorge e Brenna (2011), a modernidade é o grande período das fronteiras, pois corresponde ao surgimento do Estado moderno. Segundo os autores a máxima consolidação das fronteiras na história do Ocidente foi com o Tratado de Westfalia de 1648. A partir daí se fixam as identidades nacionais e religiosas, o que não significa a consolidação das identidades grupais e individuais. Na modernidade as fronteiras tornam-se espaços geográficos que são referência ao Estado- nação, em função de sua capacidade de definir o espaço de dominação: o território onde se exerce o poder político e simbólico. Os espaços fronteiriços vêm se modificando à medida em que o processo global vem se consolidando. A fronteira como linha de enfrentamento entre duas alteridades está sendo permeada por uma pluralidade de identidades que já não podem mais ser contidas nestas fronteiras cada vez mais porosas. Os outros, os diferentes já não estão atrás da linha, são nossos vizinhos e transcendem a fronteira. Ultrapassam e convivem. A fronteira fica mais rígida na intenção de fechar os poros, como se questões culturais de laços fraternos entre famílias, amigos, ou laços comerciais locais pudessem ser cortados com muros, cercas, leis racistas (JORGE; BRENNAN, 2011).

Com isso, a fronteira é vista aqui como território uno, sem considerar as diferenças nacionais e as outras tantas, mas enfatizando a relação da população com o seu território, considerando assim o agente do território e seu cotidiano de vai e vem, de permeabilidade. Segundo Dorfman e Rosés: “A população fronteiriça

desenvolve práticas que se especializam e apresentam semelhanças em ambos os lados da linha, o que pode ser entendido como a formação de uma região: a região fronteiriça” (DORFMAN, ROSÉS, 2005, p. 197).

Assim, a discussão deste território específico de fronteira entendido ora como território uno, ora como territórios nacionais, coloca em voga algumas das especificidades que devem ser levadas em consideração ao tratarmos as fronteiras. A delimitação territorial desta região fronteiriça é simbólica a partir daquilo que nela é vivenciado. A referência do território ao simbólico- cultural, à familiaridade com este espaço, também pode ser identificada como territorialidade, e é dela que trataremos a seguir, com maior grau de especificidade.

Com esta discussão, direcionamos questões para tratarmos das territorialidades na fronteira para entendermos como o vai e vem constante e a proximidade traz também o sentimento de pertença, de propriedade, ou o sentimento de atrito, de conflito e separação. Isto vai depender dos interesses e necessidades do momento. São as táticas da fronteira.

3.3- Territorialidades na fronteira

É a partir do foco na territorialidade, que poderemos tratar mais claramente da apropriação e sentimento de pertencimento sobre o território. Entende-se que a territorialidade se afirma a partir dessas relações.

O entendimento da territorialidade passou a existir com a observação das atitudes dos animais sobre o seu território, feita pelos naturalistas. A partir de 1920 começou a ser teoricamente explicitada e definida como uma conduta característica adotada por um organismo para se apossar de um território e defendê-lo de sua própria espécie. Percebe-se aí a apropriação, o sentimento de posse e proteção do território. A territorialidade animal seria instintiva. Após a observação das atitudes dos animais, passou-se a estudar a territorialidade humana, sendo que esta adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de um grupo (RAFFESTIN, 1993). É “[...] “a face vivida” da “face agida” do poder” (Idem, p. 162). É, portanto, resultado das ações e relações que se estabelecem nesta área dominada, delimitada e apropriada por certo grupo de pessoas.

O poder é tratado aqui nos seus múltiplos sentidos: político, econômico ou simbólico-cultural, onde se inserem as relações de pertencimento e apropriação do espaço. Habitantes de certo território podem identificar-se com ele, mas não necessariamente possuí-lo. Portanto, a posse de um espaço geográfico independe da territorialização. Esta pode acontecer através do sentimento de pertencimento, ou do apropriar-se, identificar-se. Com isso, pode-se entender a territorialidade como uma das dimensões do território associada aos símbolos, ao sentimento de pertencimento.

Por isso nossa proposta para encarar sempre o território dentro de um *continuum* que se estende da apropriação mais especificamente simbólica (no seu extremo, uma “territorialidade sem território”) até a dominação funcional em sentido mais estrito (no seu extremo, enquanto tipo ideal, um “território estritamente funcional”) (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007, p. 40).

Acredita-se, portanto, que podemos ter territorialidade sem um território físico, demarcado, porém, que não temos a territorialidade sem território. Quando o autor acima citado diz que podemos ter a territorialidade no seu extremo, quer dizer em um território simbólico, imaginado. Assim, no intuito de explicitar melhor esse entendimento, demonstrando também estarmos de acordo com a afirmação, citamos novamente Araújo e Haesbaert:

A territorialidade, no nosso ponto de vista, é “algo abstrato”, como diz Souza, mas não num sentido que a reduza ao caráter de abstração analítica. Ela é uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, efetivamente existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja materialmente manifestado- como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos judeus (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007, p. 41).

Ao tratarmos as fronteiras políticas, e as cidades vizinhas, em diferentes países, a discussão sobre a territorialidade nos faz emergir para as questões de memória, lugar e pertencimento. Faz-nos ter dúvidas se existe uma territorialidade em dois territórios vizinhos, ou em um território, que no seu sentido simbólico, pode também ser uno. Faz-nos perceber que a territorialidade também pode ter um caráter dinâmico.

O território, assim, é o espaço referencial, onde se constrói identificação com o território, e apropriação do território. Esta é a territorialidade. Ao tratarmos da identidade territorial, pode-se dizer que é a partir dela que os habitantes de um território se reconhecem como grupo, como participantes de um espaço e de uma

sociedade comuns. Com isso, o território pode ser visto como gerador de identidade, a qual podemos chamar de identidade territorial. Em se tratando de seu caráter múltiplo, a identidade territorial pode se configurar em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação: sua dimensão histórica. Porém, também pode se configurar em relação ao nosso presente, ao entorno dos espaços de vivências: a dimensão geográfica (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007). Assim, essa identidade territorial faz com que se tenha a territorialidade. Com relação a territorialidade nas regiões de fronteira, podemos dizer que:

Nos dias que correm, ainda que a presença militar na fronteira seja real, ela não passa de uma presença limitada e reduzida, e do ponto de vista “da função”, ineficiente e torpe. Há uma inversão da lógica: da preservação para a expansão. Não há expansão do território (como estava traduzida a lógica da preservação), mas sim, a expansão das relações de troca e, na expansão- daquilo que, no dizer de Santos (2004b), podemos chamar- da territorialidade. Está na irresoluta territorialidade presente, o redesenho dos arranjos sociais (OLIVEIRA, 2005, p. 381).

Se o território é considerado um formador de identidades, e a territorialidade uma formadora de novos arranjos sociais, nesse território também está expressa a memória, a história. Com isso, características de um território passam a se confundir com as características de um grupo. O território agindo sobre o cotidiano deste grupo, e o grupo atuando sobre, e modificando o território. Um atuando constantemente sobre o outro. Assim, a constituição de um território, a territorialidade, e a dimensão do cotidiano, mais discutida a seguir, são indissociáveis do processo de identificação entre homem e o espaço. Conforme fala Haesbaerth:

Nas sociedades agrícolas pré- industriais e nas sociedades “primitivas” de caçadores e coletores, o território não se definia por um princípio material de apropriação, mas por um princípio cultural de identificação, ou, se preferirmos, de pertencimento. Este princípio explica a intensidade da relação ao território. Ele não pode ser percebido como uma posse ou como uma entidade exterior à sociedade que o habita. É uma parcela de identidade fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço (HAESBAERT, 2004, p. 72).

Assim, pode- se dizer que a citação acima está tratando o território a partir da territorialidade. Tenta mostrar o quanto essa percepção simbólica- a territorialidade- é essencial a existência do território. Ao tratarmos a territorialidade, estamos dando ênfase à face simbólica do território.

Sack cita três características da territorialidade, sendo elas: Classificação ou definição de áreas, a comunicação e a forma de coação ou controle (SACK, 1986). Essas três características básicas explicam a territorialidade e a maneira como ela acontece. Essa definição de áreas pode ser tida como a apropriação de um espaço, delimitando-o. A comunicação são as relações que aí se estabelecem, tanto com o território, como no território, deixando marcas neste espaço apropriado. Entendemos o território observando as suas marcas, as intervenções e a sua dinâmica, o controle e domínio do território.

A territorialidade assim caracterizada, também é dinâmica, tanto quanto o território. Ela não está estabelecida, é transformada, e o homem é o agente transformador. Porém, é na territorialidade que estão as significações mais permanentes do território, que são os símbolos.

Ao tratarmos da territorialidade especificamente em territórios de fronteira internacional, temos exemplos de que o território político pode não ser o mesmo território simbólico, o território do cidadão habitante da fronteira. Ao observarmos a fronteira distante do lócus, a condição fronteira é imaginada como espaço de restrições e conflitos. Realmente os cortes, rupturas e fechamentos fazem parte do dia-a-dia da fronteira, mas as diferenças geradas pela justaposição de dois ou três territórios nacionais originam também adaptações e novas oportunidades. Com isso, outra maneira de descrever a fronteira, e a vida fronteira, é de supor que os sujeitos habitantes destes espaços desconsiderem a fronteira, ou esqueçam-na, agindo como se não existisse uma separação, sendo que esta experiência está originada na territorialização do habitante, neste território fronteira (DORFMAN, 2009).

A abordagem que se tem sobre os territórios de fronteira estudados, leva em consideração a territorialidade aí existente. Passamos a dar importância a esta territorialidade e estabelecemos ligações com as questões da memória coletiva que aparecem nas histórias e vivências do cidadão da fronteira, e do cotidiano local que constrói as peculiaridades deste território, tendo assim um enfoque de caráter local.

4- Cotidiano e memória

Neste capítulo, trataremos teoricamente o cotidiano e a memória. Após tratar do território, tendo em vista sempre as fronteiras internacionais, o cotidiano e a memória entrelaçam o tema, na medida em que as práticas cotidianas atuais, e as que permanecem na memória coletiva das populações, constroem um território específico. O entendimento do cotidiano e da memória permite maior entendimento do local.

Antes de tratarmos o cotidiano dos territórios específicos a serem estudados, tentaremos demonstrar como se entende o cotidiano, as práticas cotidianas, bem como a sua relação com o espaço urbano. Nesta discussão do cotidiano, passamos a falar do espaço onde ele acontece. Assim, para falar das práticas cotidianas, teremos que decodificar o espaço de Certeau (1994), o lugar antropológico de Augé (1994), e o lugar do urbanismo de Castello (2007).

Poderemos observar o cotidiano a partir do presente, e também a partir das práticas cotidianas passadas. A memória social, as histórias de vida, os objetos ajudam a desvendar essas práticas passadas. A análise da vida cotidiana envolve concepções na escala da experiência social, tanto passadas quanto presentes. A partir daí, podemos nos apoiar nas memórias, nas histórias de vida. Por isso, nos apoiaremos também da memória coletiva de um grupo, entendida como uma das partes constituintes do território, do lugar, do espaço. A memória coletiva também possui caráter local, regional, sendo um dos fatores formadores de regiões, de territórios. Tentaremos perceber as intersecções nesta discussão de cotidiano e memória.

Em um terceiro momento trataremos as especificidades do cotidiano e da memória nos espaços de fronteira, onde a união e o conflito andaram juntos ao longo do tempo, influenciando e reverberando na atualidade.

4.1- As práticas cotidianas e o espaço

A observação do cotidiano, que Lefebvre trata como “...o real, o empírico, o prático” (LEFEBVRE, 1991, p. 17), auxilia na construção de uma abordagem sobre o que entendemos ser o cotidiano tratado aqui. Podemos entender como o dia a dia do homem habitante de um espaço. As práticas locais, que diariamente acontecem, se repetem, e passam a fazer parte, muitas vezes das histórias de vida de cada um.

O cotidiano, ou melhor, suas práticas, tornam os lugares dinâmicos. O cotidiano, portanto, é transformador do lugar em que é praticado, assim como o lugar pode ser transformador das práticas cotidianas. As práticas cotidianas, portanto, estão na dependência de um grande conjunto difícil de delimitar. São procedimentos, esquemas de operações e manipulações técnicas. Certeau cita a liberdade das artes de fazer, das práticas cotidianas, das pequenas situações do dia a dia que muitas vezes não obedecem normas, mas sim, as necessidades e vontades momentâneas. As práticas comuns, transformadoras do espaço (CERTEAU, 1994).

Com isso, dizemos que, as práticas do cotidiano permitem a averiguação de como os atores manipulam, utilizam, redefinem e reestruturam espaços (MARZULO, 1997). Assim, a observação da vida cotidiana nos permite apreender situações das práticas sociais estabelecidas por uma população, e verificar como o espaço é utilizado, podendo ser também um caminho para a análise de como acontece a identificação e apropriação deste espaço.

Antes de aprofundarmos na discussão do cotidiano, é necessário esclarecer o entendimento sobre onde às práticas cotidianas acontecem. Acontecem necessariamente em um espaço, ou lugar. Estes termos têm abordagens diferentes, dependendo do autor e linha de pensamento do mesmo. É importante que seja esclarecida qual a abordagem está sendo aqui considerada.

Ao abordarmos um espaço urbano específico, onde existem peculiaridades relacionadas à cultura local, ao cotidiano, identidade e memória das populações, faz-se necessária a abordagem de lugar. O lugar visto a partir das questões simbólicas do espaço, que nos remetem à memória local, a cultura local, as identidades e pertencimento, percebidas através das relações estabelecidas entre o lugar, e seus usuários.

Castello (2007) nos fala no lugar da pluralidade, que é o lugar do lazer, do prazer, da mistura, do contraste, das diferenças e das diversidades. Fala também no lugar da memória, trazendo a ideia de que são as pessoas, e o uso destas pessoas do ambiente construído que fazem conferir o status diferenciado de lugares. Diz que devemos considerar que existem imbricados na noção de lugar, como os fenômenos associados a noção de história, de memória, e que são as pessoas e o uso que essas pessoas fazem do ambiente construído o quê, com o tempo, pode conferir o

status diferenciado que os lugares urbanos desfrutam nas cidades (CASTELLO, 2007). Por isso, o autor ainda trata sobre o lugar da urbanidade. Segundo ele:

A urbanidade é uma qualidade típica e única do ambiente construído pelo ser humano. É nosso entendimento que a urbanidade é a qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído este ambiente (CASTELLO, 2007, p. 29).

Até o presente momento estamos discutindo o lugar sendo: “o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico” (AUGÉ, 1994, p. 76), e nessa discussão o lugar estaria inscrito no espaço, um espaço qualquer que passa a ter algum significado para ao seu usuário transformando-se no lugar (AUGÉ, 1994; SANTOS, 2004). O espaço como generalista, e o lugar, com o peso das relações já marcadas e estabelecidas.

Porém, Certeau nos diz ao contrário. Em sua abordagem: “O espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2011, p. 184). Segundo o autor, o espaço é onde “se exercem os poderes dos nossos saberes” (Idem, p. 62). Assim, o que estamos tratando e entendendo como lugar, lugar de identidade e memória, para Certeau, seria o espaço, assim como o que estamos entendendo por espaço, genérico, Certeau fala no espaço vivido, e no lugar próprio que transforma-se em espaço. A lógica é inversa. O lugar de Certeau é imóvel, e o espaço de Certeau pode ser modificado conforme as necessidades, a apropriação, o uso.

“O espaço estaria para o lugar, como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas e proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (CERTEAU, 1994, p. 184).

O espaço, para Certeau, pode ser transformado pelo seu usuário. Com isso, levaremos em consideração as observações de Certeau para tratarmos de lugar e espaço. Ao esclarecermos as questões de lugar e espaço, onde o cotidiano se manifesta, voltemos ao cotidiano.

O cotidiano não possui caráter cumulativo, porém, não tem como fugir das consequências das acumulações. As acumulações são o que podemos chamar de memória social ou coletiva. A memória sim possui esse processo cumulativo, que vai, portanto, afetar a vida e as práticas cotidianas. Podemos dizer, assim, que a memória social afeta as práticas cotidianas, exemplificando que o cotidiano vivido

por certa população depende também das memórias pertencentes ao grupo. Assim, o cotidiano não escapa das consequências das acumulações, o cotidiano recebe da memória, um reflexo (LEFEBVRE, 1991). Percebemos, com isso, a consideração da memória coletiva na observação das práticas cotidianas. A noção da memória social coletiva nos faz perceber muitos porquês do cotidiano de uma sociedade.

A partir da observação do cotidiano, caracterizamos a sociedade: “[...] trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial” (LEFEBVRE, 1991, p. 35). A observação do cotidiano, portanto, pode nos informar sobre como certa população utiliza e se apropria do seu lugar. A vida cotidiana, que muitas vezes nos parece insignificante, pode caracterizar um lócus, ou um grupo. Ainda, “... é na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis” (Idem, p. 38). Essa prática pode transformar o território em que se vive. Vê-se no cotidiano um item importante a ser analisado, ao tratarmos de certa sociedade, espaço e tempo. O cotidiano pode transformar certo espaço, ao longo do tempo.

Além disso, as atividades e práticas estabelecidas por uma sociedade podem provocar estranhamentos à outra. As diferenças das práticas cotidianas entre diferentes grupos com culturas e hábitos estabelecidos, podem ser conflitantes, assim como hábitos antigos, e hábitos atuais praticados em um mesmo lócus. Ainda, sociedades próximas, e culturas próximas, podem ter seus cotidianos influenciados e/ou conflitantes, devido à proximidade. Por isso, as práticas cotidianas devem ser analisadas caso a caso. Percebe-se assim, que a memória afeta o cotidiano, que a cultura local afeta o cotidiano, bem como o lugar e os tipos de relação que se estabelecem, afetam o cotidiano e suas práticas.

Acreditamos que o estudo da vida cotidiana consegue demonstrar o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade em um tempo específico. Determina o lugar em que se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira de viver dos seres humanos (Ibdem, 1991). Ao entendermos o cotidiano de um grupo, entendemos como funciona a relação entre os mesmos com seu espaço. Dentro da esfera da vida cotidiana, temos condições de tratar de todas as práticas do homem em relação ao espaço. O cotidiano pode ser considerado um transformador territorial, assim como o território pode ser considerado transformador da vida cotidiana.

Através da consideração sobre o cotidiano, encontramos novos significados em lugares e espaços do mundo atual. Ainda, o cotidiano presta-se para o tratamento e análise do mundo vivido, e leva em consideração os objetos, as ações, a técnica, o tempo (SANTOS,1999). Objetos podem ter novos significados no cotidiano atual, assim como as atividades e as técnicas. Estes novos significados nos remetem a novos rumos e crenças. O tempo em que fatos acontecem pode ser um elemento transformador. Em um dado momento tem um significado diferente do que se acontecesse em outro. A importância da verificação do cotidiano se encontra também nas muitas possibilidades de análises através do tempo, observando as dinâmicas que ocorrem ao longo do mesmo.

Contudo, através das observações sobre o cotidiano e suas práticas, identificamos como se dá o uso dos espaços nas cidades e como o cidadão se apropria do espaço. “[...] A crítica da vida cotidiana implica, pois, concepções e apreciações em escala de conjunto social. Ela conduz a isso (LEFEBVRE, 1991, p. 34). Acrescentemos ao conjunto social, também as apreciações do território e a maneira que o homem se apropria deste.

4.2- A memória como constituidora do território

A memória social, denominada por Halbwachs (2006) de memória coletiva, existente nos grupos sociais, é peculiar e única em cada um deles, sendo construída e alimentada ao longo do tempo. Faz parte da história de um grupo, da história de um país. Aparece no presente de cada um e na sociedade de diferentes maneiras. É simplesmente narrada e apropriada, ou vivida, e pode dar diferentes significados para questões atuais. Segundo Halbwachs:

No final, tirando-se gravuras e livros, o passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, às vezes visíveis, e que também percebemos na expressão das imagens, no aspecto dos lugares e até nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e em tais ambientes. Em geral, nem prestamos atenção nisso... mas basta que a atenção se volte desse lado para notarmos que os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar (HALBWACHS, 2006, p.87)

Essas camadas antigas são a história social e a memória coletiva, onde muitas vezes, mesmo sem perceber, baseamos nosso conhecimento sobre os fatos. Marcas deixadas no lugar, que fazem parte das histórias de vida de cada um que

habite este lugar. Conforme Bosi, “a memória seria o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas” (BOSI, 2004. p. 11). Quando está presente em um grupo, também faz parte de um conhecimento que já passa de pai para filho, que já faz parte dos aspectos culturais de uma população.

Ainda, a autora trata da memória-hábito, aquela baseada em comportamentos já consolidados. Conforme a autora:

De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado (BOSI, 2004, p. 39).

Acreditamos que a memória-hábito, assim nomeada por Bosi, também acontece de maneira coletiva. Os hábitos que estão na memória de um grupo, e que fazem parte da construção do lugar, do espaço do homem.

Assim como a memória coletiva, e o cotidiano, são constituidores do lugar, existem elementos constituidores da memória: Os acontecimentos vividos pessoalmente, fazendo parte da memória individual e os acontecimentos narrados, ou vividos pelo grupo ao qual a pessoa pertence. Esses acontecimentos podem ser de um tempo passado o qual a pessoa não viveu, mas está no imaginário do lugar a que pertence. Geralmente fatos relevantes na história ou no cotidiano do grupo, uma memória herdada. Além dos acontecimentos, remetem a personagens e a lugares. Esses também podem ser de um tempo presente ou passado, reais ou que fazem parte de um imaginário já absorvido pelo grupo (POLLAK, 1992).

Os elementos constituidores da memória coletiva são dinâmicos. Um lugar, assim como um personagem, tem diferentes significados, em diferentes contextos, diferentes posturas sociais, ou políticas. A memória é construída pela sociedade, e essa construção faz parte de ideologias e interesses de uma época, de uma classe. Assim, existe a memória coletiva, mas existem também muitos fatos importantes esquecidos. Esquecidos porque não havia um interesse maior em perpetuá-los, ou esquecidos por ideologias contrárias, ou preconceitos. Apesar disso, os acontecimentos, os personagens e os lugares como constituidores da memória coletiva, mesmo que construídos ao longo do tempo, mesmo que lendas as quais não se sabe a veracidade, marcam e constituem um elemento importante a ser analisado (POLLAK, 1992; BOSI, 2003).

A memória coletiva faz o enlace entre o tempo passado e o tempo presente. Nas noções, memórias e significados que carregamos estão presentes as marcas do passado. Assim, existe uma identificação com histórias, com os contos, os folclores. A memória coletiva também é constituidora de identidades coletivas.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Além da identidade, a memória coletiva, a qual se está discutindo, permite o enraizamento de um grupo, o sentimento de pertencimento daquele lugar. É importante para a discussão tratarmos da memória coletiva com relação ao nacionalismo. "A memória nacional é organizada e constitui objeto de disputa importante, sendo comuns conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo" (POLLAK, 1992, p. 204). A memória coletiva, portanto, é estimulada. Alguns fatos sem importância podem ser para sempre lembrados, e outros muito importantes para sempre esquecidos. Por isso, não podemos dizer que estão na memória coletiva apenas fatos importantes. Estão na memória coletiva tanto fatos importantes, quanto atitudes corriqueiras, coisas pequenas, lendas, hábitos cotidianos. Assim, fazemos o link entre a memória coletiva e as práticas cotidianas, aprofundando a discussão no item seguinte.

4.3- Intersecções de cotidiano e memória

Conforme nos diz Santos: "A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro" (SANTOS, 2002, p. 329). Tem-se a memória coletiva e o cotidiano como constituidores do espaço. Os acontecimentos, personagens e espaços como constituidores da memória. As práticas sociais estabelecidas e a memória coletiva como constituidoras do cotidiano.

A memória coletiva, portanto, influencia no entendimento de fatos atuais. Influencia nas práticas cotidianas atuais. Acreditamos que acontecimentos importantes, marcados na história e na memória coletiva da sociedade influenciam a maneira dessa sociedade de se relacionar com seu espaço, e certamente está ligada aos valores, conhecimentos e opiniões sobre o lugar. A memória coletiva é transmitida e construída por um grupo. Com isso "... não há memória coletiva que

não aconteça em um contexto espacial” (HALBWACHS, 2006, p.170), e daí a importância de se fazer o link entre o espaço urbano, sua apropriação, as práticas cotidianas e a memória coletiva.

Também, acreditamos que a memória coletiva é composta pelo saber local, aquele saber que é nutrido pelo cotidiano, como se refere Milton Santos (1999). O sábio do local possui o conhecimento presente, e o conhecimento a partir de vivências passadas, de histórias passadas, todas ligadas a um cotidiano. Contudo: “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53).

Ao tratarmos de cidades, podemos perceber a existência da memória coletiva nas atitudes e hábitos, na cultura, na identificação dos seus cidadãos com o espaço. A cidade recebe a marca do grupo que a habita, passado e atual, assim como o grupo que a habita recebe as marcas da sua cidade. Concordamos que:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2006, p.160).

Assim, o sentido das coisas e práticas no lugar são, também, fruto da memória. A memória coletiva construída e transformada cotidianamente em uma sociedade específica, com uma história e acontecimentos comuns. Por isso, muitas vezes, certo acontecimento pode ter significados maiores ou menores em diferentes grupos, e fazer parte da memória do lugar de maneiras mais ou menos intensas, dependendo da força das marcas que foram deixadas nesta coletividade. A memória coletiva faz parte do imaginário urbano. Na Europa, por exemplo, as Guerras mundiais estão presentes na memória coletiva, e muitos hábitos, práticas e questões identitárias dessa população existem atualmente em função desse passado, dessa memória. No Sul do Brasil, se trouxermos o exemplo da fronteira Platina, área a ser estudada, as memórias dos conflitos entre os países em função do território, e também de asilos políticos de um lado e do outro da fronteira, permanecem. A memória dos constantes conflitos e interação se materializa no gaúcho do Rio Grande do Sul, no gaúcho argentino e no gaúcho uruguaio.

Ainda relacionando as práticas sociais à memória coletiva, trazemos a discussão da memória hábito. Aquelas que já estão contaminadas nas práticas

sociais e acontecem quase que automaticamente, e lembranças que ocorrem independentes dos hábitos. Lembranças isoladas que fazem lembrar e reconstituir um passado, e que podem fazer parte, como são um hábito, do cotidiano (BOSI, 2003). O cotidiano e a memória também estão entrelaçados, quando tratamos do saber local. Aquele saber que é nutrido pelo cotidiano (SANTOS, 1999) sendo que neste cotidiano se insere a memória, os conhecimentos antigos, herdados.

4.4- Cotidiano e a memória coletiva na fronteira

Ao tratamos da memória da fronteira, estamos trazendo a fronteira vista no seu sentido simbólico, e conforme nos diz Certeau: “No interior das fronteiras já está o estrangeiro, exotismo ou *sabbat* da memória, inquietante familiaridade. Tudo ocorre como se a própria delimitação fosse a ponte que abre o dentro para o seu outro” (CERTEAU, 1994, p.197). Por isso, tratar a fronteira tem especificidades que somente podem ser explicitadas se abordarmos a escala local, e a memória específica existente nesta coletividade.

Na fronteira, o cotidiano estabelecido tem, em si, um imenso potencial de integração e, da mesma forma, de conflito, capaz de incidir decisivamente nas relações bilaterais e na integração maior (SCHAFFER, 1992, p. 12). Neste cotidiano está imersa a memória coletiva, que tem marcadas as relações que se estabeleceram ao longo dos tempos.

A partir daí, enfatizamos o cotidiano e a memória coletiva local como elementos importantes no estabelecimento das fronteiras. “Assim, a fronteira não é somente um fato geográfico, mas também é um fato social de uma riqueza considerável pelas conotações religiosas nele implícitas” (RAFFESTIN, 2005, p. 10). Além de uma limitação física entre dois Estados, temos características e simbolismos da fronteira que se materializam nos dias atuais, como reflexos das raízes das relações fronteiriças. Mesmo quando parecem apagadas, as fronteiras sobrevivem em diferentes instituições. “Existe alguma coisa mais viva que a fronteira entre o Ocidente e o Oriente, onde vemos que as reminiscências ainda afetam o mundo balcânico dos dias atuais” (RAFFESTIN, 1993)? Raffesttin cita este exemplo, mas podemos citar muitos outros. Atualmente com a união europeia, a passagem pelas fronteiras é considerada livre, e o cidadão considerado europeu. Mas as identidades nacionais continuam fortes, e as diferenças culturais e de nacionalidade

ainda delimitam as fronteiras. Essa situação das fronteiras atuais faz com que aconteçam discussões a respeito de maior união entre os países, sendo que muitas vezes estes espaços são simplificados, e considerados simples limites.

A representação que a cultura ocidental faz atualmente da fronteira é de uma pobreza tão absoluta, que precisa ser alterada, pois ela é a negação de toda uma história. E não somente da história que se deu conta de mudanças através do tempo, que não passam de uma “projeção de preocupações internas, imediatas e precárias”, e sim de uma história mais enraizada nos antigos ritos e práticas (RAFFESTIN, 2005, p. 10).

No trecho acima, Raffestin quer ressaltar a memória, a história existente e marcada nestes espaços, sendo esta a peculiaridade da fronteira, representada pelas vivências de trocas e conflitos nestes espaços que muitas vezes podem ser vistos como binacionais, bilíngues, considerando o simbólico, e não somente a lei que separa e delimita os territórios nacionais. Mazzei nos diz que o imaginário da fronteira, como um imaginário coletivo que é configurado por rasgos alternados pré-modernos, modernos ou globalizados não podem ser reduzidos a ideia de Estado-nação (MAZZEI, 2001). Na verdade não existe ali somente o imaginário do Estado Nação como limite, mas o imaginário do contato deste Estado com o outro.

Ao tratarmos da fronteira como espaço de peculiaridade e ambiguidades; ao escolhermos a Fronteira Platina como foco desse estudo, e ao acreditarmos que uma das peculiaridades está ligada a identidade do cidadão da fronteira, as práticas sociais, aos fatos históricos e vivências binacionais vividos por essas populações, damos ênfase as questões do espaço (o espaço praticado, que trata Certeau), e passamos a salientar a importância de entendermos a memória coletiva, o cotidiano, e o território de fronteira, acreditando na influência nos hábitos, na cultura, nas identidades atuais, e no espaço urbano. Entendemos a memória coletiva como uma das constituidoras do lugar, do espaço praticado de CERTEAU (1994).

Acreditamos que as cidades-gêmeas de fronteira se constituem, mesmo que em diferentes países, um território uno para o cidadão fronteiriço. A discussão e a pesquisa sobre o espaço local, e a pesquisa da fronteira a partir da visão de espaço; irão contribuir para um maior conhecimento sobre a cultura, identidade e relações de pertencimento do cidadão com esse espaço particular que habita.

Para a população local, a fronteira é dinâmica. Mudam os preços, os ciclos comerciais, as ditaduras militares e exílios, as exigências burocráticas para cruzar para o outro lado. Mudam as necessidades de posicionar-se contra ou a favor do

outro, maximizando os benefícios e diminuindo os prejuízos por estar na fronteira. Desta maneira, a historicidade e a memória estão presentes nestes espaços urbanos, de maneiras diferentes, considerando o local (GRIMSON, 2003). Trataremos, portanto, de uma região de fronteira específica, a fronteira Platina, localizada na região do Prata, tendo como países que a conformam a região de fronteira do Brasil/ Uruguia e Brasil/ Argentina. A memória não se apaga, está presente no vocabulário, nos hábitos e costumes que se misturam, nas histórias de família, no grau de parentesco e amizades. Atravessa gerações, e cria naturalmente maiores vínculos de amizade, ou de conflitos. Com isso, até onde vai a fronteira?

PARTE II: Desvendando o espaço local

5- A Fronteira Platina

Até este momento, tratamos dos diferentes modos de entender a fronteira, do território e as possibilidades de territorialização que nele existem, principalmente em territórios vizinhos. Tratamos das práticas cotidianas e suas especificidades nas cidades gêmeas de fronteira e da memória coletiva que é, assim como tudo na fronteira, ao mesmo tempo de conflito e cooperação com o outro.

Neste momento, após trazermos o embasamento teórico sobre os temas que estamos abordando e suas especificidades com relação à fronteira, trataremos da fronteira Platina, a região de fronteira em tese. Para isso, tratamos desta fronteira como: três nacionalidades em uma região. Esta fronteira é considerada uma região (não região de planejamento, mas no sentido de pertença, assim nomeada em função do Rio da Prata) desde o período colonial, desde as lutas pela posse e demarcação territorial entre Espanha e Portugal. Uma região, em função do histórico de conflitos e contatos, onde encontramos uma mescla na formação histórico geográfica, na constituição social, nos idiomas, na literatura e nos costumes de três países: Brasil, Argentina e Uruguai (MARTINS, 2002).

A fronteira da região do Prata, ou a fronteira Platina localiza-se entre as fronteiras Brasil/ Argentina e Brasil/ Uruguai. No Brasil abrange toda a fronteira do Pampa rio-grandense. A escolha da fronteira Platina como região, lócus do estudo, se deu em função de todo o histórico de relações que serão mencionados adiante, que fazem com que este espaço tenha características comuns, hábitos comuns, histórias comuns. Este território já pertenceu ao território espanhol, e nele foram deixadas marcas. Atualmente existe uma dinamicidade ímpar entre as linhas que demarcam os países pertencentes a fronteira platina.

Fronteira de “La Pampa”: No extremo sul do Brasil, e avançando sobre o território uruguaio e argentino se situa o bioma composto pelos campos austrais da América do Sul (estepes) que se desenvolvem em terras baixas e planícies. É uma região *sui generis* que, apesar de inúmeros conflitos entre os países limites ao longo de sua história, guardam uma identidade singular cujo ícone é a figura do gaúcho, independentemente de ser brasileiro, uruguaio ou argentino. A integração fronteiriça se deu pelo *modus vivendi* comum, centrada até pouco tempo na pecuária (MURATORI, 2007, p. 141).

Em um estudo sobre a fronteira do Brasil, toda a faixa de fronteira foi dividida em regiões, sendo esta divisão justificada em função do tipo de relação estabelecida com o outro país. A região da fronteira Platina foi chamada região de sinapse. A sinapse, neste estudo, acontece quando existe alto grau de trocas e relação entre as populações fronteiriças, onde existe dinamicidade e uma boa estrutura para a relação fronteiriça (BRASIL, 2005).

Para estudarmos a fronteira Platina, temos dois pares de cidades gêmeas como estudo de caso, as quais nos abastecerão com os dados. São elas Uruguiana (BR)- Passo de los Libres (AR) e Santana do Livramento (BR)- Rivera (UY), sendo respectivamente uma dupla de cidades na fronteira Brasil e Argentina, e outra Brasil e Uruguai. O método do estudo de caso supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno a partir da exploração intensa de um único caso (BECKER, 1999), e geralmente tem duplo propósito: Tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo, mas também busca desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do fenômeno pesquisado (BECKER, 1999). Com relação aos estudos de fronteira, existem muitas especificidades dependendo da fronteira que se está estudando. Ainda existem as fronteiras bélicas, as fronteiras abertas, umas com muitas possibilidades de relações. Por isso, a importância do estudo de cada caso, verificando as suas especificidades.

Utilizando estas cidades gêmeas como estudo de caso, acredita-se que a fronteira Platina está contemplada na fronteira Brasil/ Argentina e na fronteira Brasil/ Uruguai, com as principais duplas de cidades da região. Segundo a PDFF- Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira- “É de se notar que os centros de Uruguiana e Santana do Livramento representam dois dos principais pontos de entrada e saída de mercadorias (em termos do volume de cargas) da fronteira continental brasileira” (BRASIL, 2005, p. 109). As diferenças entre as duplas de cidades são importantes, pois não temos a intenção de compará-las. Uma é fronteira seca, outra separada pelo Rio Uruguai e unida por uma ponte. Uma é fronteira Brasil/ Uruguai, a outra Brasil/ Argentina. As diferenças fazem com que o estudo se torne mais rico, potencializando o entendimento sobre esses espaços. Além disso, para pensarmos a fronteira precisamos nos abastecer da interdisciplinaridade, pois precisamos pensar as questões que envolvem as práticas sociais em curso, sobretudo nas áreas urbanas em especial nas conurbações. Nelas os fluxos

culturais, comerciais, o câmbio, entre outros, complementa a vida das pessoas sobrepondo os limites da legalidade e dos marcos (e marcas) históricos (MULLER, 2001, p.01).

Para apresentarmos as cidades, trataremos da história destes espaços urbanos. Incluímos aí a apresentação de documentos considerados importantes, e que demonstram os tipos de relações que as cidades estabelecem e estabeleceram ao longo do tempo. Nos utilizamos de jornais antigos, de jornais atuais, dos mapas e dos Planos Diretores locais, pois nos fazem entender as relações urbanas existentes entre as cidades gêmeas estudadas e da evolução dos mapas urbanos.

Teremos, portanto, a demonstração e análise do conteúdo já estabelecido, sendo eles a história, os dados e os mapas, como bases para um maior reconhecimento das cidades, e uma síntese do discurso de organização das estratégias urbanas utilizadas pelo poder local, com a demonstração e análise dos Planos Diretores. Como estratégias, entendemos que são aquelas capazes de produzir, mapear e impor. Seria o cálculo ou manipulação das relações de forças (CERTEAU, 1994). Consideramos que a apresentação dos documentos demonstra as estratégias utilizadas pelo poder local. Os documentos apresentados demonstram os discursos estratégicos do poder local para organizar o espaço. Com isto, temos o objetivo de verificar como se dá relação existente entre estas duplas de cidades, tempos importantes, espaços marcantes para a relação fronteira. Estes dados não serão tudo, mas serão parte do mosaico (BECKER, 1999), formador desta pesquisa.

5.1- Três nacionalidades em uma região

Os laços entre brasileiros, uruguaios e argentinos fronteiriços vêm de longa data. Os intercâmbios vão do comércio às relações familiares, da culinária aos falares. Esta integração se deve à necessidade de sobrevivência das populações, há mais de dois séculos, resultado da superação de conflitos sangrentos. Atualmente configura-se como uma espécie de MERCOSUL vivencial, parecendo perdurar mais pelo convívio natural do que pela consciência de ser essa uma condição propícia para revigorar esta região (MARTINS, 2004).

Nesses locais as culturas se mesclam, os hábitos se confundem. A vizinhança, o contato e o convívio afetam o cidadão da fronteira, bem como o lugar. A proposta aqui é tratar dos antecedentes da fronteira platina, mostrando as raízes

das relações e o contato constante das populações fronteiriças. Esta fronteira assim como todo o Estado do Rio Grande do Sul teve uma integração tardia ao restante do território brasileiro. O Rio Grande do Sul somente teve maior articulação econômica com o restante do Brasil colonial um século depois da descoberta do Brasil. No final do século XVII a economia ganadeira do Rio Grande do Sul começa a ser importante. O povoamento das terras que iam do sul de São Vicente até a Colônia de Sacramento – fundada em 1680- passou a ser de interesse da Coroa Portuguesa. Por isso, inicia-se a distribuição de sesmarias aos tropeiros e militares criando assim, grandes propriedades rurais e uma economia voltada principalmente a pecuária. O Rio Grande do Sul possuía uma função estratégica e de proteção. Além disso, as disputas com relação à Colônia do Sacramento e a delimitação das fronteiras fez com que surgisse uma grande militarização na região das fronteiras, e em 1760 a região foi elevada a Capitania do Rio Grande de São Pedro (PESAVENTO, 1980; Cyro Martins, 2012).

A memória social desta fronteira é um dos aspectos que caracteriza a fronteira platina, em especial. O universo gaúcho, da maneira que foi construído na literatura e na prática, evidenciando a cultura peculiar e familiar entre esses povos, gerou identidade, ao mesmo tempo em que se teve, ao longo da história, uma zona de conflitos entre três soberanias: Brasil, Argentina e Uruguai (LEENHARDT, 2002). Desde o início da colonização, os rios Platinos eram vias de comunicação muito visadas pelas potências europeias, influenciando em conflitos como a Guerra do Paraguai (1865-1870). Este conflito uniu Brasil, Uruguai e Argentina, sendo que um dos marcos dessa Guerra foi a retomada de Uruguaiana (BR), ocorrida em 1865, com auxílio de tropas uruguaias e argentinas (MÜLLER, 2005).

Outro conflito importante que uniu esses países da fronteira platina, e que consideramos importante citar, foi a Revolução Farroupilha. Nos anos iniciais, na década de 1840, as duas regiões – fronteira Brasil e Argentina- estavam passando por situações semelhantes, gerando afinidades entre os povos vizinhos e laços políticos que transcendiam as fronteiras. No Brasil, acontecia a Revolução Farroupilha, mais precisamente os gaúchos contra o Império, e na Argentina as rebeliões da província de Corrientes contra o governo portenho de Rosas. A fronteira do rio Uruguai tornou-se local de fuga, exílio e alianças. Tropas com homens, armas,

cavalos, dinheiro e comida, reforçando desde esses tempos, o emaranhado de relações existentes na fronteira platina (GRIMSON, 2003).

Além disso, quanto a esta memória social existente, a qual está se trabalhando com especial relevância, podemos falar até mesmo nas marcas deixadas pelos colonizadores. A lusitanidade e espanidade aparecem nos respectivos idiomas nos dois lados da fronteira, nas culturas que por vezes se misturam, pela proximidade e pelo Rio Grande do Sul ter sido parte do território Espanhol nos primeiros tratados territoriais. Também, após tantas lutas entre as forças nacionais e regionais, bem como asilos de um lado e do outro da fronteira, criou-se um território diferenciado (GUAZZELLI, 1997; MÜLLER, 2002). Por esses motivos, a memória social local não pode ser esquecida. Ela dá sentido ao presente estudo e a esses espaços, pois está presente ainda hoje, no cotidiano do cidadão da fronteira platina. Assim:

A história da fronteira entre os diferentes atores do Rio da Prata abriga as mesmas questões: não somente “onde está a fronteira?”, surgida nos combates em torno das províncias Unidas do Prata (1825- 1828), que conduziu a transformação da “Banda Oriental” em um verdadeiro Estado: o Uruguai; “onde está a fronteira resultante da Guerra da Tríplice Aliança (1864, 1870)?” Mas sobretudo como modos de vida e culturas se constroem ou sobrevivem apesar dos recortes que os atravessam, e constituem, à sua maneira, um espaço diferente daquele que tentam definir os Estados, um Estado de cultura mais do que dispositivos estatais de proteção (LEENHARDT, 2002, p. 29).

Com isso, podemos perceber a fronteira Platina como uma região de identidade. A Campanha dos atuais territórios sul-rio-grandense, Uruguai, e pampa argentino, constituíam uma unidade no período de sua formação, chamada Região Platina (SCHEIDT, 2011). Essa identidade existe até hoje, e está fortemente presente na memória coletiva da sociedade Platina. As práticas, intercâmbios e influências sempre aconteceram nessas regiões, quando fronteiras mais rígidas, e quando fronteiras mais integradas. Esta é a realidade da fronteira Platina, seus antecedentes e práticas que perduram até a atualidade.

Ainda no século XIX, junto as velhas identificações de portugueses e castelhanos (utilizadas no Rio Grande do Sul), e americanos (utilizada em Corrientes), começavam a consolidar-se modos regionais de identificação como o gaúcho e o *correntino*. Esses modos de identificação regional precederam em várias décadas a consolidação das formas nacionais. Assim, as categorias identitárias mais

importantes desta fronteira eram *correntinos*, gaúchos ou rio-grandenses, paraguaios e orientais. Em segundo plano, iriam aparecendo brasileiros e argentinos. A anormalidade aparente que superpõe categorias nacionais (orientais e paraguaios) com outras provinciais (gaúchos e *correntinos*) torna evidente as características daquela época, a transitoriedade que os cidadãos destes espaços viviam. Era uma época em que haviam mais estados do que nações (GRIMSON, 2003).

Em se tratando dos limites com o Uruguai, eles foram frágeis por algum tempo. As questões territoriais e de limites eram muito presentes, como podemos perceber no trecho abaixo:

Até a fundação de Rivera e Artigas, na fronteira com o Brasil, a nação uruguaia não estava muito certa de seu destino como país livre. A formação do estado, criado artificialmente pelos ingleses e franceses, antecedeu a consciência de povo independente, e houve tentativas de reincorporação à Argentina. A presença brasileira na fronteira e além dela, as constantes invasões e interferências do Brasil na política do Uruguai, fortaleceram o sentimento nacional, e influíram na implementação desses núcleos populacionais (ALBORNOZ, 2000, p.52).

Ainda, na fronteira platina, uma fronteira viva e vivida, os conflitos pela posse territorial, desde a colonização portuguesa e espanhola na América estão na memória coletiva da população. O Estado do Rio Grande do Sul já foi território do reino espanhol. A fundação de cidades no Estado do Rio Grande do Sul tinha como função proteger o território nacional. Os conflitos e a identificação com “o outro lado”, além da figura do homem gaúcho, que se repete na Argentina e no Uruguai, fazem da fronteira platina um lugar de memória. Uma fronteira híbrida (PESAVENTO, 2002), onde atualmente, as questões e intenções de maior integração se sobrepõem as rivalidades.

Talvez o conceito mais abrangente do espaço limítrofe Brasil-Uruguai seja o que classifica a fronteira como uma área compartilhada, moldada por uma história comum. Entretanto, é um compartilhamento onde se inserem as crises, os conflitos e os ódios mútuos. Historicamente, o imaginário do compartilhamento foi construído como totalidade predominante após o alinhamento Brasil-Uruguai no século XX. Sem essa ressalva, tal noção pode antepor uma lente similar para todo o passado. A história seria depurada de seus conflitos transnacionais e hoje vigoraria a corrente do compartilhamento, como representação da formação de um espaço transfronteiriço, decorrente de uma base humana e geográfica semelhante (GOLIN, 2002, p. 15).

Acima, Golin trata da fronteira Brasil/ Uruguai, mas os conceitos tratados podem estender-se também a fronteira Brasil/ Argentina, enfim, a fronteira Platina. Se antes tínhamos espaços militarizados, de proteção, hoje temos espaços de interação, que buscam promover de alguma maneira a cooperação e uma maior integração. Dizemos três nacionalidades em uma região, por considerarmos então a memória, as práticas cotidianas, e todos os acontecimentos ao longo da história, determinantes das situações atuais. A fronteira Platina é um exemplo de região fronteira onde as vivências binacionais, o simbólico, estão constantemente presentes, materializados no homem gaúcho, no hábito do chimarrão, nos vocabulários das regiões de fronteira dos três países, nas relações familiares e de amizade, na vestimenta, nas relações políticas, econômicas. É um exemplo de região onde os limites dos estados-nação foram dinâmicos, foram conquistados, interferindo na formação da cultura local.

5.2- O já estabelecido: a história, os dados e os mapas das cidades gêmeas

Sobre a fronteira Brasil/ Argentina, tratada aqui a partir do foco nas cidades de Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR), faz-se importante, inicialmente, citarmos Ave Lallemand descrevendo uma viagem pelo Rio Grande do Sul em 1858. Diz ele, que:

Em Uruguaiana quase não se reconhece uma cidade brasileira, mas uma hispano- francesa que parece apoiar-se em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevideu do que em Porto Alegre ou Rio Grande” (AVE-LALLEMANT, 1980, p. 298).

Acredita-se que a descrição acima faz-nos perceber a ligação entre as duas povoações da época, localizadas uma frente à outra, uma em território brasileiro e outra em território argentino. O contato fazia com que as comunidades quase não se distinguíssem. As noções mais fortes de nacionalismo chegam na região somente a partir da Guerra do Paraguai, em 1865, quando as cidades são invadidas pelas tropas Paraguaianas. Observando a evolução urbana destes espaços, percebeu-se que a relação de complementaridade existente entre as cidades vizinhas acontece desde os primórdios da fundação até os dias atuais (BARROS COELHO, 2008).

Ambas as cidades, Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR), foram fundadas em 1843, uma frente à outra, demonstrando a necessidade de proteção territorial da época. Neste momento as fronteiras ainda eram enfatizadas como

territórios militarizados, territórios onde a função principal era a segurança do Estado Nacional, mesmo assim, o vai e vem dessa população local, fazendo a travessia do Rio Uruguai, acontecia constantemente. A comunicação com outras cidades dos seus respectivos países era mais difícil, e por isso, uma cidade apoiava-se na outra criando muitas, vezes suas próprias estratégias de sobrevivência. Além disso, a rede ferroviária que ligava Libres à capital argentina chegou dez anos antes da ligação Uruguiana/ Porto Alegre. Por algum tempo, a comunicação e acesso a serviços especializados do cidadão de Uruguiana era mais facilitada com a Argentina do que com o Brasil (BARROS COELHO, 2008).

Após a Guerra do Paraguai que deixou as cidades decadentes em 1865, entre 1890 e 1910, Uruguiana viveu uma época de desenvolvimento econômico, através do crescimento do comércio lícito e principalmente ilícito que acontecia no porto. A produção rural crescia assim como as perspectivas dos moradores da cidade.

Uruguiana, lá pelos anos de 1890-1900 possuía um comércio importante através de Buenos Aires e Montevideu com a Europa (esses produtos viajavam até Caseros em estrada de ferro e depois subiam o Uruguai em barcos de propriedade da própria empresa). Seus agentes comerciais viajavam por todo o nosso Estado e iam até Santa Catarina, fazendo grande concorrência a Praça de Porto Alegre. Era uma época em que o porto de Rio Grande era de difícil acesso, e se chegava assim ao resultado interessante de que os produtos vindos dos portos platinos atingiam Uruguiana por menor preço do que os que vinham pelo Rio Grande (alguns produtos nacionais viajavam, mesmo, através de Buenos Aires e Montevideu (PAIVA, 1944, p. 03).

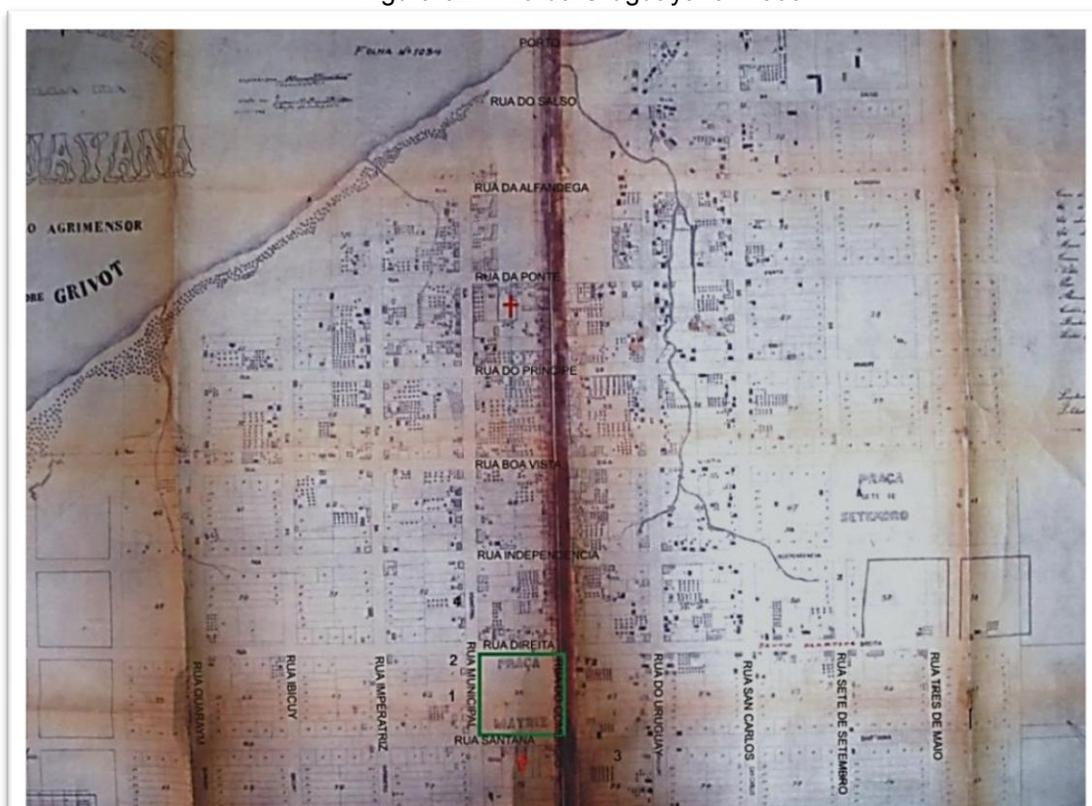
Quanto a Paso de los Libres, até o ano de 1910 a Villa ia se desenvolvendo, principalmente, em função do comércio existente com a cidade vizinha. Ao longo desse período a expansão se deu linearmente em direção ao rio e ao acesso de quem vinha do interior do país. Os melhoramentos urbanos que ocorriam em Uruguiana repercutiam em Paso de los Libres, assim como as notícias em uma cidade eram comentadas na outra (BARROS COELHO, 2008).

Esses povoados fronteiriços apresentavam muitas semelhanças importantes. As datas de fundação, as lutas que inicialmente marcaram essa região, a relação comercial estabelecida, antes mesmo da formação dos povoados, devido ao porto já existente, em ambos os lados do rio e conseqüentemente a relação entre esses habitantes fronteiriços, nos levam a entender que o espaço em questão era fortemente marcado e influenciado pela fronteira (BARROS COELHO, 2008, p. 70).

Abaixo, trazemos mapas que demonstram a estrutura urbana inicial das cidades gêmeas Uruguiana e Paso de los Libres. Primeiramente mostramos os primeiros mapas de Uruguiana, de 1959 (figura 02) e 1865 (figura 03), e 1926 (figura 04), respectivamente. Depois os primeiros mapas de Paso de los Libres, do ano de 1874 (figura 05), interpretados por autores locais, 1922 (figura 06) e 1937 (figura 07), respectivamente.

No primeiro, de 1859 (figura 02), percebemos a cidade de Uruguiana mais ocupada na área que vai da praça central até a beira do Rio Uruguai, evidenciando assim uma relação importante com o rio, bem como com a cidade vizinha. Nesta época, já havia um levantamento das edificações existentes na área urbana. Uma das vias próximas ao rio era chamada rua da Alfândega, e uma das principais que levavam da praça ao Rio, chamava-se Rua do Comércio, como podemos ver abaixo (atualmente rua Duque de Caxias). Percebemos também a sinalização de suas igrejas. A Igreja Matriz frente à praça, e uma primeira capela frente ao Rio Uruguai, construída antes da igreja Matriz. Faz-se esta observação ainda salientando a importância desta área próxima ao rio, próxima ao porto e próxima a praça localizada junto ao porto.

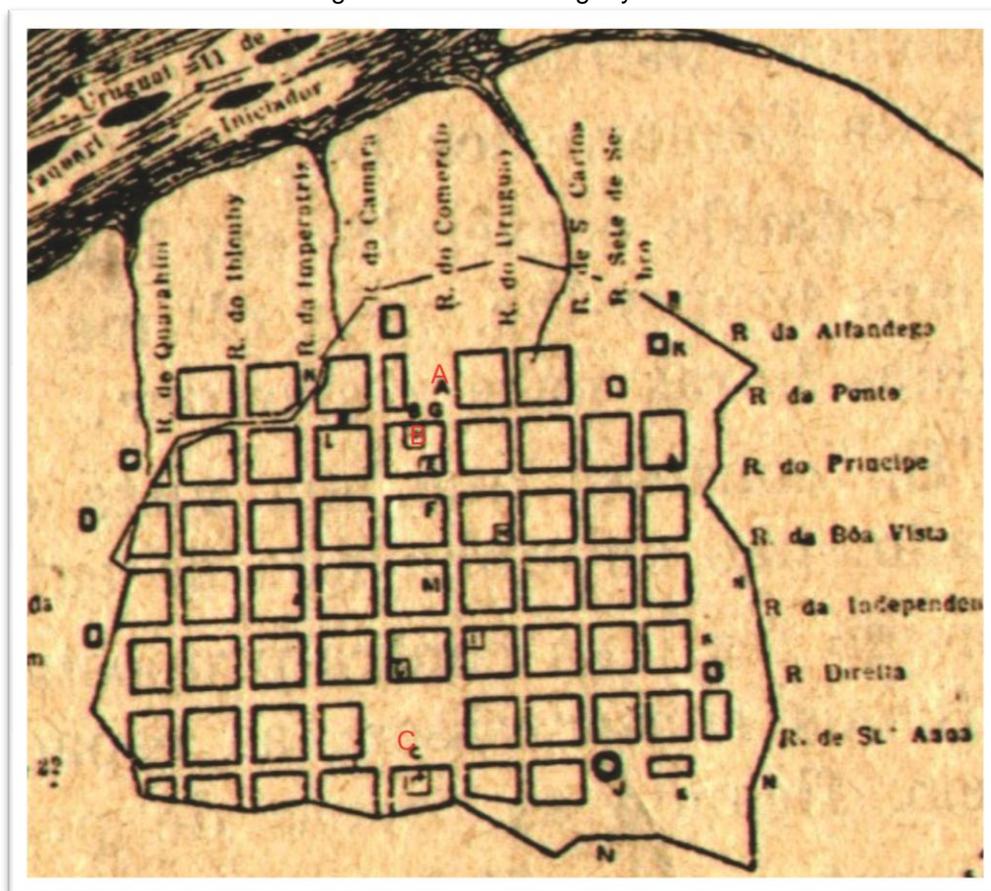
Figura 02: Villa da Uruguayana” 1859.



Fonte: Arquivo Municipal

O próximo mapa de 1865 mostra a cidade e suas trincheiras na Guerra do Paraguai. O mapa também localiza equipamentos importantes da cidade, como a letra 'A' indicada no mapa, próxima ao Rio, onde funcionava a alfândega. Na letra 'B', também no entorno da praça conformada frente ao Rio Uruguai, o mapa indica a Matriz Velha, e a letra 'C' indica a Matriz nova, frente à praça central da cidade, cinco quarteirões distante do Rio. Essa indicação é importante para entendermos que a primeira Igreja Matriz da cidade foi próxima ao rio, evidenciando também os motivos de maior densidade neste local, a importância da área, e a relação forte e necessária entre as duas populações, nos dois diferentes países. Percebemos que as trincheiras vão da praça central até o porto (Figura 03). Neste momento as duas cidades, tanto Uruguaiana, quanto Paso de los Libres foram bastante destruídas. Durante o cerco Paraguaio a maioria da população se retirou da cidade. Esta fronteira teve grande importância como sentinela do território brasileiro, e no pós guerra do Paraguai, a posição de fronteira, a proximidade com a cidade vizinha, ea relação existente com a mesma foi importante para a recuperação destes espaços.

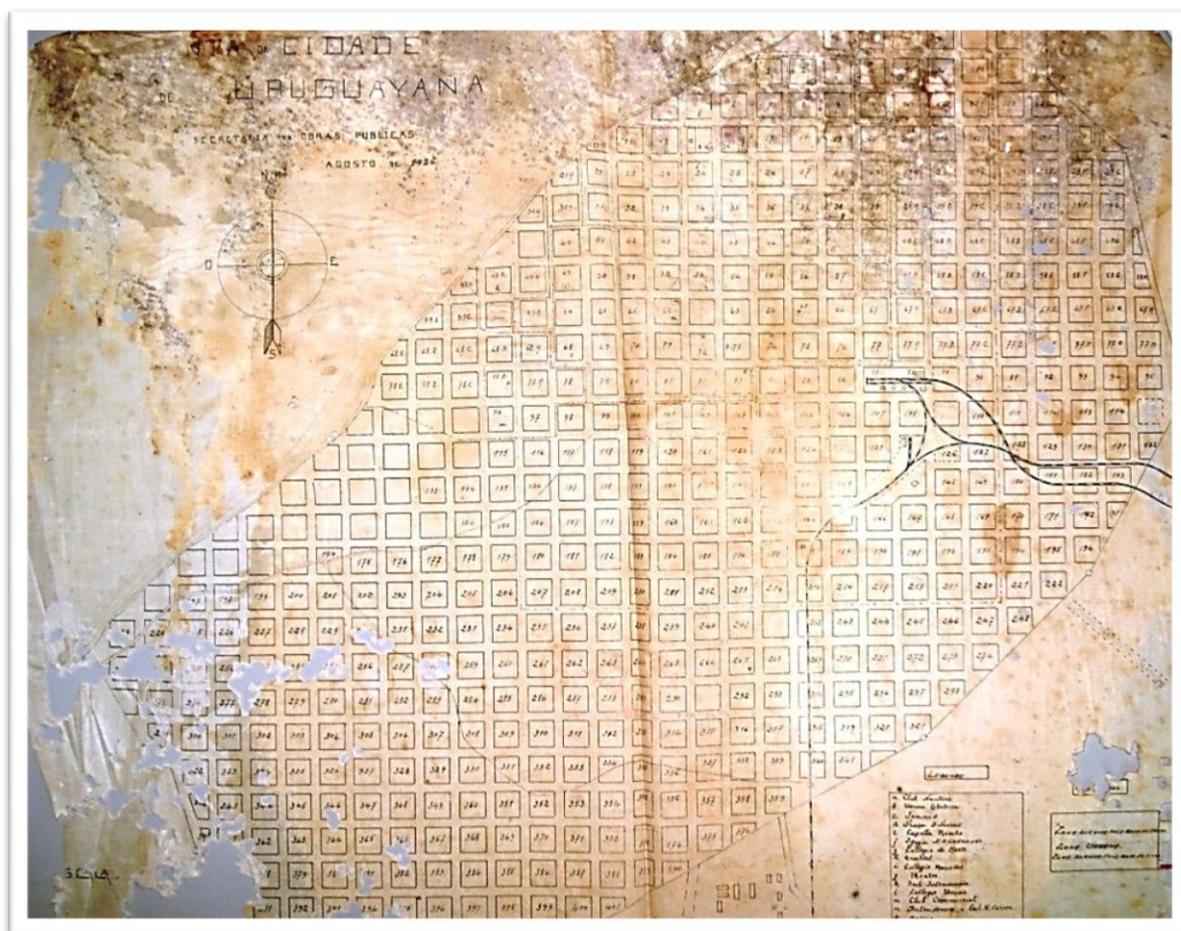
Figura 03: Villa de Uruguayana em 1865.



Fonte: Arquivo Municipal

Já o mapa de 1926 (figura 04) mostra a região onde foi construída a ferroviária e a linha férrea. A área de quarteirões apresenta um crescimento considerável se comparado ao mapa de 1859. Algumas bibliografias destacam que este perímetro urbano já tinha sido traçado desde o início da povoação (PIMENTEL, 1942), porém, os quarteirões demonstrados aí não aparecem no primeiro mapa de levantamento do povoado, de 1859. A linha férrea com contato a Porto Alegre desde 1912 tornou-se outra área importante na cidade, e posteriormente, pós-construção da ponte na década de 1940, os trilhos atravessam a cidade, atravessam a ponte, rumo a Argentina e Chile (BARROS COELHO, 2008).

Figura 04: Planta da cidade levanta no ano de 1926- Ano da implantação dos quartéis do Exército a sul.

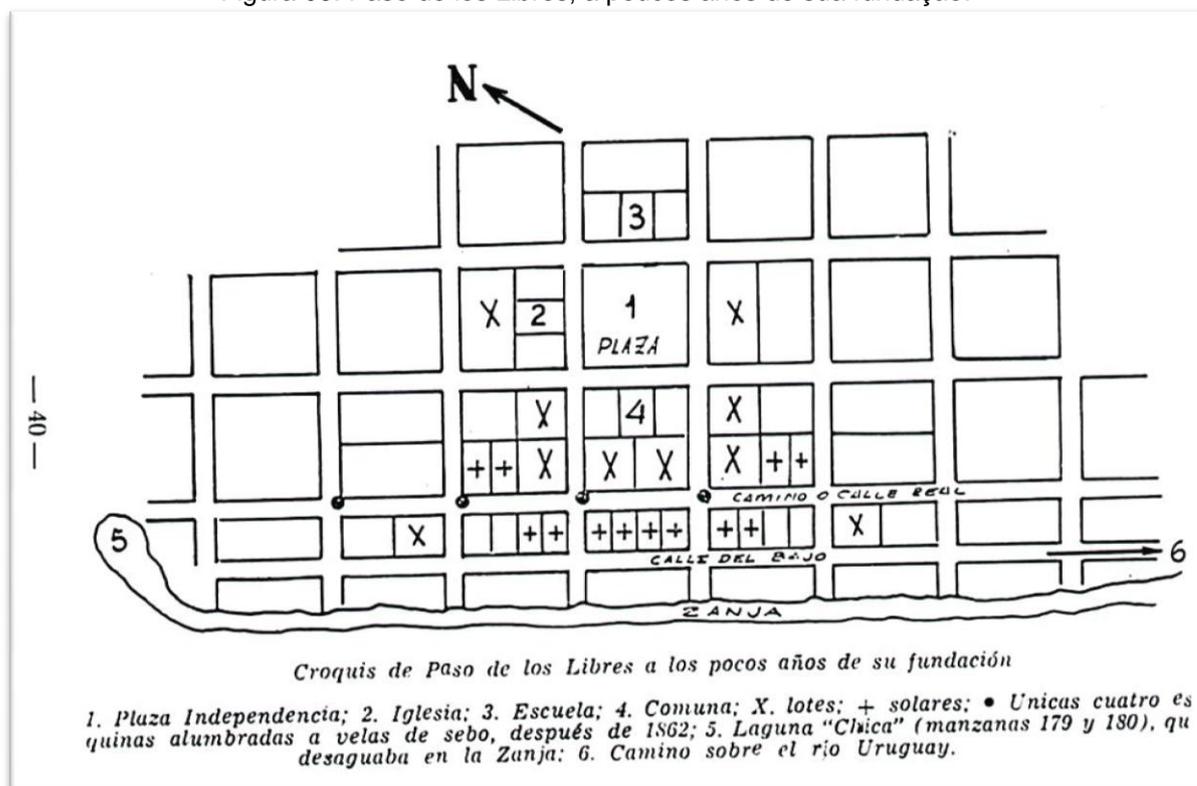


Fonte: Arquivo Municipal

Temos ainda, croquis que representam o traçado inicial da cidade de Paso de los Libres. O primeiro mapa mostra o traçado do povoado aos poucos anos da fundação. Percebemos a marcação de alguns lotes com as edificações mais importantes, a praça e a igreja Matriz, a iluminação com velas de sebo, a *Calle Real*

hoje a via principal do comércio da cidade *Calle Collón*, e uma linha de quarteirões que é menor em função de uma linha d'água que posteriormente foi canalizada (Figura 05, e 06). A *Calle Real* é anterior ao traçado da cidade, como sendo um caminho que levava ao porto clandestino, onde levava e traziam mercadorias para ou do Brasil. Em sendo assim, a cidade de Paso de los Libres é traçada em cima, e obedecendo a direção desta via já existente, que levava até a beira do Rio Uruguai (BARROS COELHO, 2008).

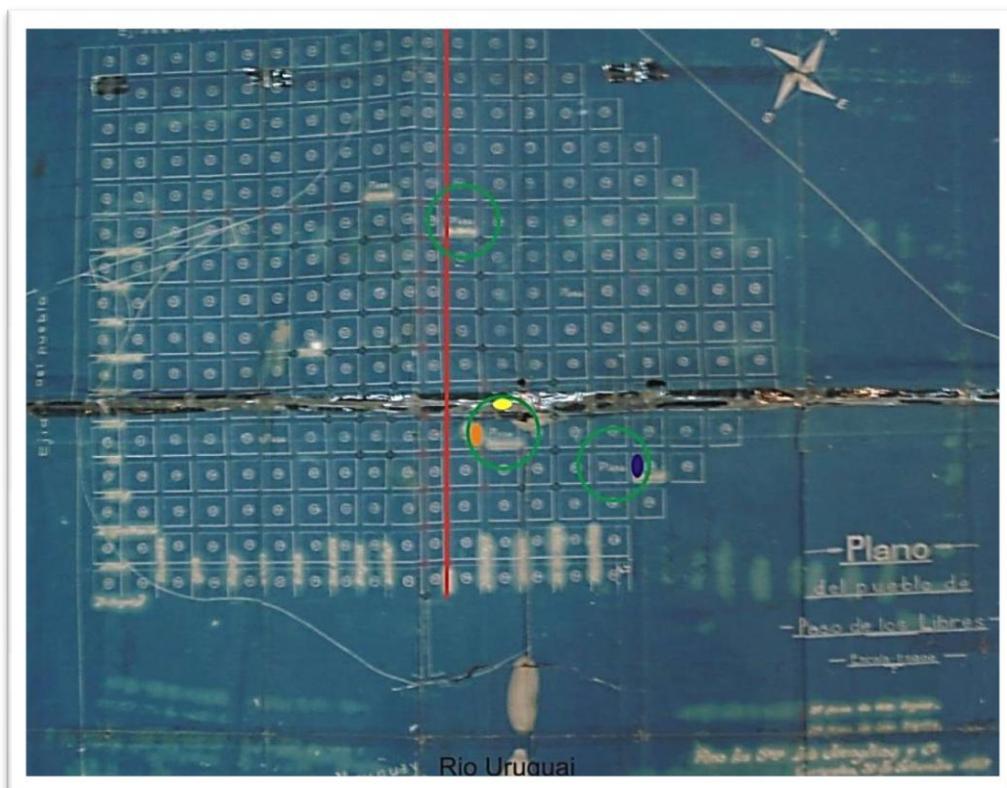
Figura 05: Paso de los Libres, a poucos anos de sua fundação.



Fonte: PELEGRINNI, 1974. Pág.: 40.

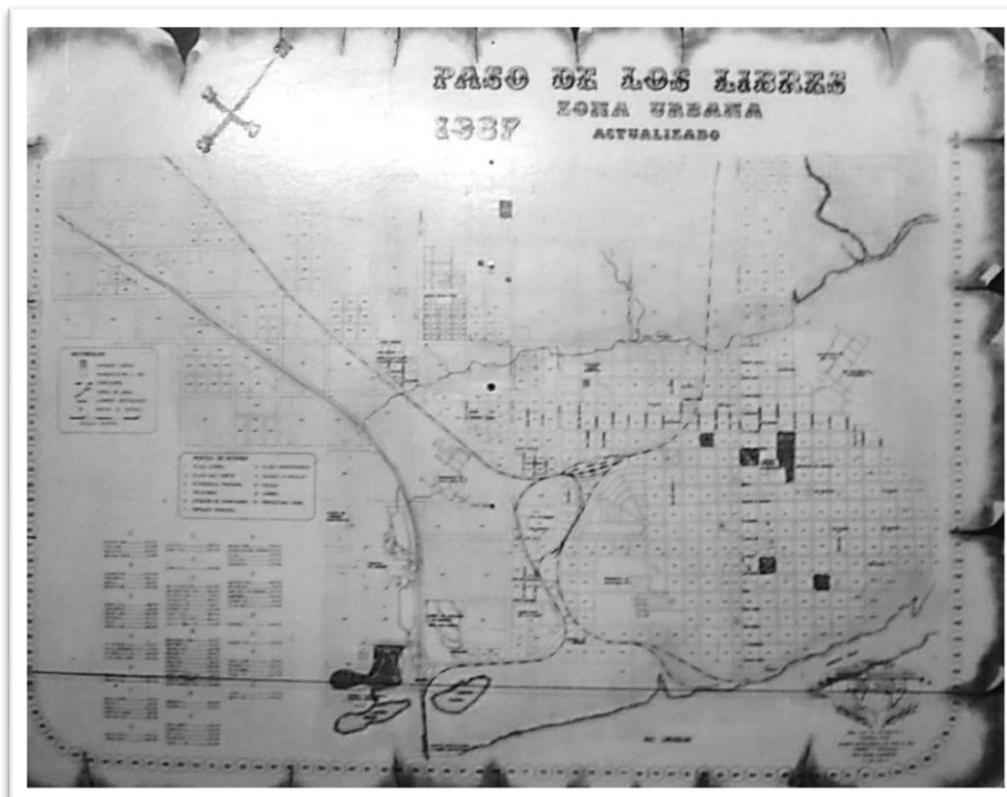
Na figura seguinte (figura 06) já percebemos o aumento da malha urbana, e projeções de novos equipamentos, como outra praça no seguimento da *Calle Colón*. Também, o esquema, em croqui, nos faz perceber a cidade crescendo em quarteirões, em direção ao Rio Uruguai. O mapa, inclusive, já indica o porto, mostrando assim o local de onde saíam e chegavam as barcas e lanchas levando e trazendo habitantes e mercadorias. Neste tempo, a cidade desenvolveu-se linearmente, principalmente na *Calle Real*, atual *Calle Collón*, que fazia o contato entre o acesso da cidade, do interior do país até o porto.

Figura 07- Mapa da cidade de Paso de los Libres em 1922-



Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres

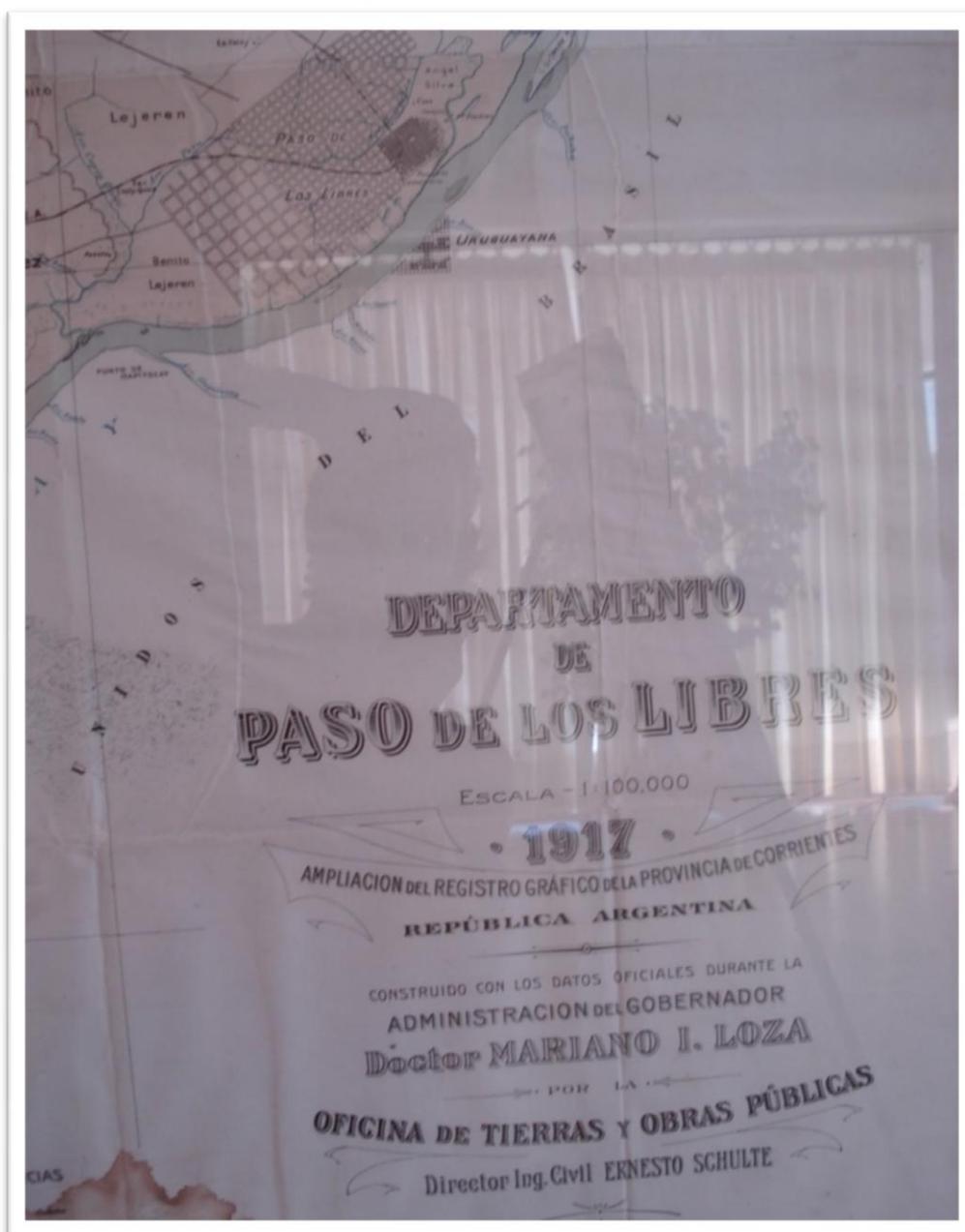
Figura 08- Paso de los libres 1937-



Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.

Um outro mapa de 1917, encontrado em um quadro em um hotel em Paso de los Libres, que mostrava todo o *Departamento* (Município) de Paso de los Libres, sendo na época um documento oficial, já relacionava as duas cidades (figura 09), mesmo sendo muito anterior as manifestações para a construção da ponte que uniria os países. Os portos existentes, as lanchas e as balsas já estabeleciam este contato.

Figura 09- Paso de los libres 1917-



Fonte: Imagem encontrada no Hotel Alejandro em Paso de los Libres. Fotografia da autora.

Com relação à construção da ponte, entre alguns moradores uruguaienses e “libreños”, entre fins da década de 20 e início da década de 1930, passou a ser

muito discutida a possibilidade da construção de uma ponte, que ligasse as duas nações, facilitando esse vai e vem de pessoas, bem como, ou principalmente, o escoamento de mercadorias, sem risco de perda. Os idealizadores diziam que o comércio entre as duas cidades estava sofrendo prejuízos com as mercadorias que ficavam no porto, esperando para serem carregadas nas balsas. A mercadoria estava perdendo a qualidade e valor (BARROS COELHO, 2008).

Um século depois da formação das cidades, foi construída a ponte rodoviária ligando as duas cidades, como estratégia comercial e de maior contato com o país vizinho, trazendo alterações na estrutura urbana das cidades e nas relações interpessoais que aí aconteciam. Não podemos esquecer que neste mesmo momento que os dois países demonstravam interesses de integração, o mundo estava em plena 2ª Guerra Mundial. Abaixo, mostramos a imagem da ponte aberta ao tráfego em 1947. As tratativas para a construção iniciaram-se entre os respectivos governos em 1933, também a partir de manifestos da população local enfatizando a necessidade deste investimento. Claro que os interesses entre os países eram maiores, facilitando o comércio em larga escala, importações e exportações em todo o continente sul americano. A ponte começou a ser construída em 1941, sendo que o início se deu nos dois lados da fronteira até o centro, com materiais, mão de obra e equipes de projeto dos dois países (BARROS COELHO, 2008).

Figura 10: Ponte já aberta ao tráfego em 1947.



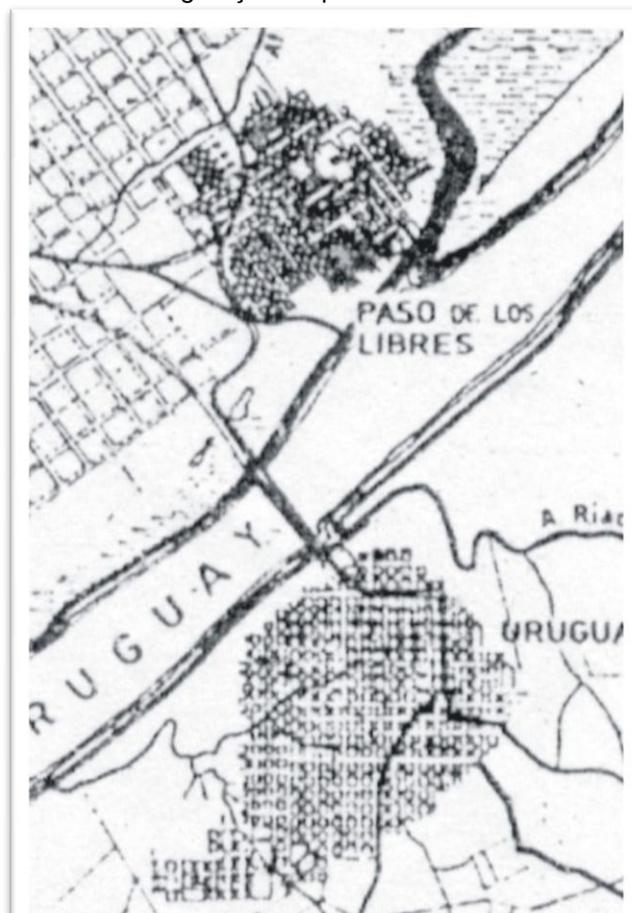
Fonte: Arquivo municipal

Quanto ao contato estabelecido, anterior e posterior a construção da ponte, podemos dizer que entre as comunidades locais, percebemos vínculos culturais,

favorecidos pela região banhada pelo Rio da Prata. Esses vínculos se materializam com o hábito do chimarrão, do churrasco, pelas músicas e danças gauchescas. Também por laços familiares, que, nas idas e vindas dos habitantes dessas cidades, e com o passar dos tempos, intensificaram-se. Movimentos de guerras e disputas por terras também tiveram papel importante no que se refere à interação, pois na medida em que as diferenças eram exaltadas, os grupos que circulavam pelo território fronteiriço forçosamente se relacionavam e interagiam deixando suas marcas no outro (MÜLLER, 2001).

Abaixo, trazemos a figura 11, que mostra a mancha urbana das duas cidades na década de 1950. A localização da ponte se deu em função de estudos topográficos feitos pelas equipes de projeto, estando localizada mais próxima da cidade de Uruguaiana, e mais distante da área central de Paso de los Libres, e do antigo porto desta cidade. A partir daí, notaremos um maior desenvolvimento da cidade de Paso de los Libres na direção da Ponte.

Figura 11: Mancha urbana das cidades de Uruguaiana e Paso de los Libres na década de 1950, pós inauguração da ponte em 1947.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana

A inauguração da Ponte Internacional, foi um passo importante para uma maior integração entre as duas cidades além de demonstrar interesses maiores, interesses nacionais de integração. Podemos dizer que inicia uma nova etapa na história das duas cidades.

Em Paso de los Libres, entre os anos 1960 e 1970 se desenvolveu um comércio de baixo padrão ao longo da via principal que dá acesso ao centro de Paso de los Libres, próximo à Estação Rodoviária, chamado popularmente de “Buraco”, frequentado principalmente pelos brasileiros. Nesse local eram vendidas carnes e variedades de alimentos, além de algum tipo de vestuário e outros artigos nos camelôs que começaram a se posicionar em frente, na rua que leva da ponte ao centro da cidade, a preços muito mais acessíveis que no Brasil. Esse comércio se desenvolveu em função do favorecimento da moeda argentina para os brasileiros.

Na década de 1990, com a mudança de câmbio e a crise argentina, o “Buraco” começou a perder o movimento e muitas lojas fecharam. Atualmente ainda existe, e é utilizado tanto por brasileiros quanto por Argentinos. Esse tipo de reação mostra o quão importante é a troca comercial entre as duas cidades, e como a relação entre as duas cidades interfere no espaço urbano (BARROS COELHO, 2008, p. 146).

Em Uruguaiana, temos um comércio específico que iniciou em função do câmbio fronteiro, e das estratégias de fronteira. Temos uma situação semelhante em Paso de los Libres. No final da década de 1970 começou a surgir em Uruguaiana um comércio irregular, camelôs pelas ruas da cidade. Nesta época a economia argentina estava mais forte do que a brasileira e o câmbio favorável para os argentinos comprarem em Uruguaiana. O comércio regular e irregular em Uruguaiana estava crescendo em grandes proporções. Surgiu então o projeto de uma rua comercial no centro da cidade para organizar os camelôs, chamada de Baixada. As manchas na imagem a seguir (figura 12) mostram as localizações do comércio que se forma no trajeto Uruguaiana/ Paso de los Libres, em ambas as cidades: a Baixada localizada na rua Duque de Caxias, em Uruguaiana, e o Buraco localizado no acesso ao centro da cidade, em Paso de los Libres .

Figura 12: Imagem aérea das cidades de Uruguaiiana (BR) e Paso de los Libres (AR) da década de 1960.



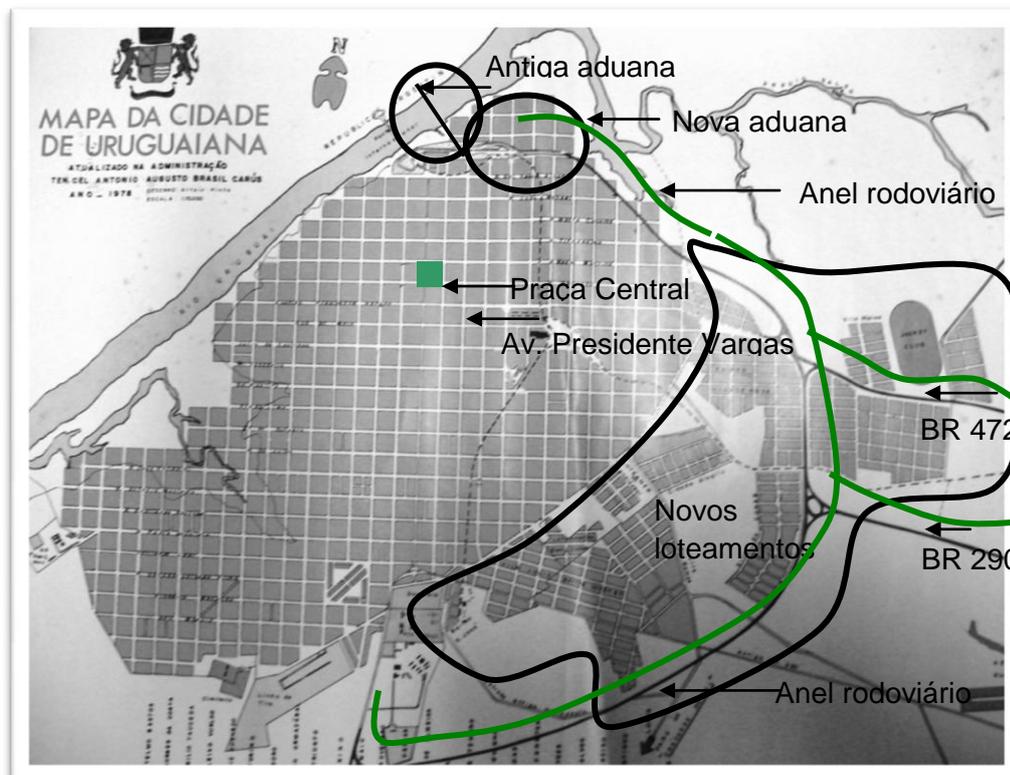
FONTE: Prefeitura Municipal de Uruguaiiana.

A via onde foram instalados os camelôs é a Rua Duque de Caxias, antiga rua Direita nos períodos iniciais da cidade, onde começou a se desenvolver todo o comércio. Acaba na cabeceira da Ponte Internacional, sendo um dos caminhos percorrido pelos argentinos ao entrarem na cidade de Uruguaiiana. Infelizmente com o camelódromo a rua Duque de Caxias que possuía um conjunto de casario eclético importante da cidade está em parte, descaracterizada. Grande parte do patrimônio arquitetônico perdeu-se com a construção deste comércio popular chamado Baixada.

Em Uruguaiiana o crescimento do transporte internacional que passava pela cidade com mercadorias para a Argentina, Chile, etc, na década de 1970, resultou na construção de uma nova estrutura Aduaneira, na periferia da cidade, para evitar que os caminhões de cargas continuassem entrando na área central da cidade e fossem até a cabeceira da ponte onde ficava a primeira aduana brasileira. Com isso,

construiu-se um anel periférico em volta da cidade, conectando as estradas de acesso a cidade a nova aduana (figura 13) (BARROS COELHO, 2008).

Figura 13: Levantamento planimétrico de Uruguaiiana, 1978.



Fonte: Imagem extraída de BARROS COELHO (2008, p. 129).

Nos dias atuais as duas aduanas construídas em Uruguaiiana, a primeira, junto à ponte, e a segunda, para reduzir o tráfego interno estão desativadas. Com as resoluções do MERCOSUL, aconteceu a união aduaneira, sendo que ficou funcionando a do lado argentino, com fiscais brasileiros e argentinos. A ida, de Uruguaiiana para Paso de los Libres continua sendo pela aduana periférica, evitando acesso de caminhões no centro da cidade. Em Paso de los Libres este nunca foi um problema, pois a ponte chega na área central de Uruguaiiana, e na área periférica ao centro de Paso de los Libres.

O vai e vem na ponte internacional que separa, ou une as duas cidades é constante. Não conseguimos ter uma média oficial do tráfego cotidiano. Foi perguntado na aduana Brasil/ Argentina porque não havia uma contagem de veículos que passam, e segundo os fiscais isso seria impossível. Com relação ao transporte de cargas, passam diariamente pela ponte internacional entre Uruguaiiana e Paso de los Libres em média 400 caminhões para importação e exportação, e nos

meses de verão uma média de 800 ônibus de turismo por mês (ABTI, 2013). Existe também, oficialmente, o número de migrações feitas durante o dia. As migrações são feitas para quem vai permanecer no outro país por alguns dias, ou para quem não é nascido nas respectivas cidades.

Para podermos ter uma noção de quantos veículos leves, dos cidadãos, fazem o vai e vem entre as duas cidades, fez-se um trabalho de contagem¹ durante uma hora, em diferentes horas do dia, em diferentes dias da semana. Em um dia de muita chuva, foi feita uma das contagens. Das 10hs às 11hs da manhã, do de uma terça- feira, passaram pela ponte (sem contar com os caminhões) 157 veículos no sentido Paso de los Libres/ Uruguiana, e 132 veículos no sentido Uruguiana/ Libres. Neste número foram contados veículos particulares e táxis. Não foram identificadas as placas, brasileiras ou argentinas. Passaram também dois ônibus, das duas empresas que fazem o transporte público entre as duas cidades². Temos 290 veículos que transitaram de uma cidade para a outra em uma hora. Neste dia estava chovendo muito, o que nos faz pensar que este tráfego poderia ser maior. O vai e vem era de cidadãos que realmente precisam ir à outra cidade naquele momento.

No dia seguinte, quarta-feira, já não mais chuvosa, fez-se a contagem novamente, das 10:50hs. às 11:50hs. Contou-se 176 veículos no sentido Uruguiana/ Paso de los Libres e 183 veículos no sentido Paso de los Libres/ Uruguiana. Um total de 359 veículos nesta uma hora. Na quinta-feira, das 10:40hs às 11:40hs 193 veículos no sentido Uruguiana/ Libres e 177 veículos no sentido Libres/ Uruguiana. Um total de 370 veículos. O fiscal da Receita Federal que fica na Aduana informou que este é um movimento considerado normal, nas diferentes horas do dia. Nos horários comerciais estão os movimentos de pico. Diz que na parte da tarde, até às 17hs o vai e vem entre veículos leves diminui bastante, pois é a hora da *sestea* do argentino, e aos sábados na parte da manhã o tráfego entre as duas cidades aumenta bastante.

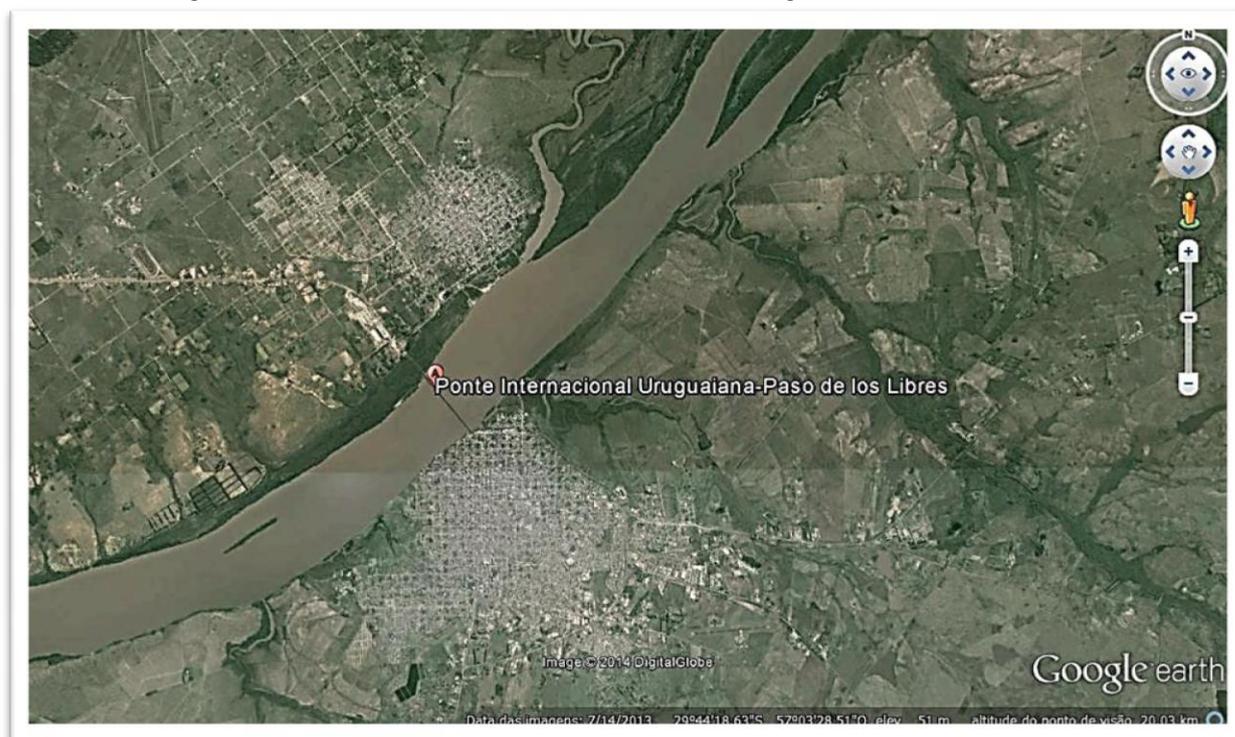
¹ Esta contagem foi feita na aduana argentina, no mês de agosto de 2013.

² Importante destacar que os ônibus passam na aduana de hora em hora. Tanto a empresa argentina quanto a da empresa brasileira, e foram observados sempre lotados. Assim, aqueles que não disponibilizam de veículo particular, ou que não desejam ir com seu veículo, também vão e vêm de uma cidade para a outra no transporte público.

O comércio em Paso de los Libres fica fechado das 12:30hs até as 16hs. Muitas lojas só começam a abrir depois das 16:30hs. Depois da sesteia o comércio em Paso de los Libres fica aberto até às 21hs, tanto no inverno quanto no verão.

O fluxo de veículos em diferentes horários do dia nos exemplifica situações vividas, de vai e vem constante. Na imagem de satélite abaixo (figura 14) podemos perceber as diferenças das manchas urbanas de ambas as cidades. Em Paso de los Libres podemos perceber áreas novas fora da malha urbana inicial, assim como em Uruguaiana. Porém, Paso de los Libres se limita pelas áreas de *Chácras*, as antigas áreas rurais demarcadas desde os primórdios da distribuição de terras na Argentina, e da formação da cidade. Já Uruguaiana tem seu traçado xadrez descaracterizado na área de crescimento.

Figura 14. Mancha urbana atual das cidades de Uruguaiana e Paso de los Libres



Fonte: Google Earth em 02/03/2014

Ainda, na tabela abaixo (tabela 01) agrupou-se os dados de crescimento demográfico das cidades gêmeas de Uruguaiana e Paso de los Libres desde o período de formação até os dias atuais.

Tabela 01: Levantamento da população urbana das cidades gêmeas.

Uruguiana		Paso de los Libres	
Ano	Total de habitantes	Ano	Total de habitantes
1858	2000	1857	3.925
-	-	1869	5.974
1900	23.194	1895	10.640
1940	34.818	1934	22.401
1950	48.773	1947	25.729
1960	62.634	1960	23.593
1970	74.613	1970	24.996
1980	91.497	1980	31.137
1991	117.456	1991	41.129
2000	126.655	2000	46.117
2010	125.435	2010	45.805

Fonte: BARROS COELHO (2008). IBGE (2010). Ministério del interior- Argentina (2010)

Ao analisarmos a tabela demográfica, percebemos que Paso de los Libres apresenta sempre um número de habitantes menor do que Uruguiana, com exceção dos primeiros anos de fundação, e a partir de 1960 esta proporção passa a ser maior.

No caso da fronteira com Brasil e Uruguai, onde vamos tratar das cidades de Santana do Livramento e Rivera, esses espaços possuem uma situação fronteiriça muito peculiar, pois é uma fronteira seca, e a travessia pode ser imperceptível. O início dos povoados deu-se respectivamente nos anos de 1823 e 1862. Segundo Golin “[...] O povoamento do norte uruguaio, em especial a partir de Rivera, mesmo que mantivesse relações econômico- políticas e, de certa forma, até culturais, construiu ideologicamente um bloco populacional que reproduziu a divisória do limite internacional” (GOLIN, 2002, p. 55).

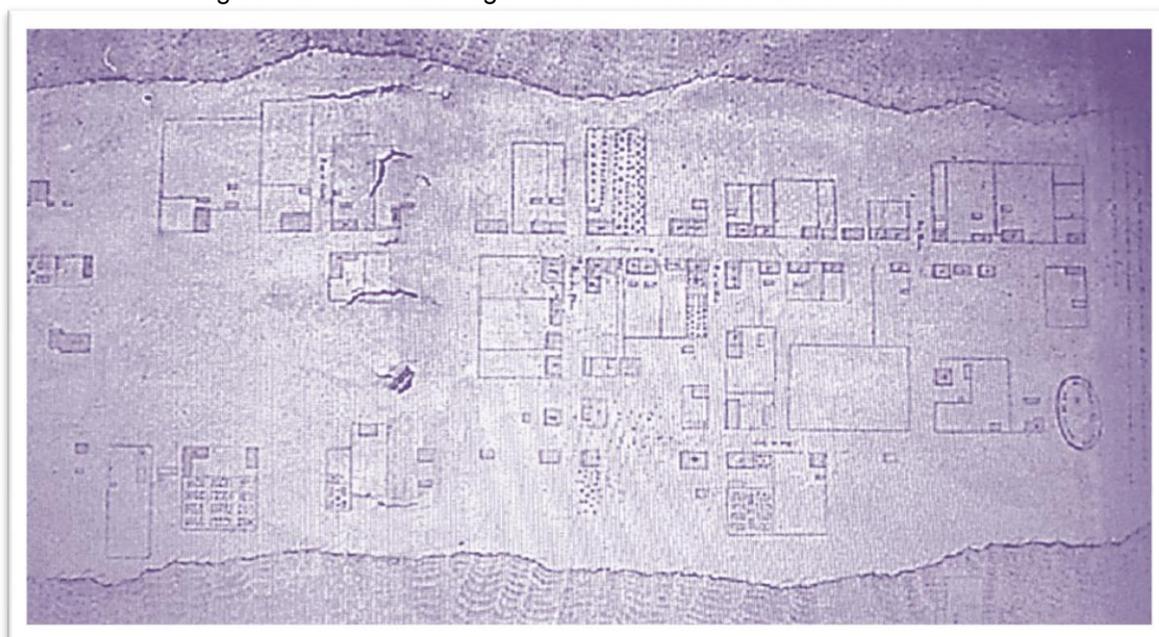
O componente ético desta região, antes mesmo da formação das cidades, antes da distribuição das sesmarias era o gaúcho e o índio. Fala de um extremo individualismo do gaúcho, das poucas famílias formadas de maneira tradicional desta época, e da despreocupação com os limites, com as fronteiras, tendo como

um dos principais meios de vida o contrabando. Menospreza a propriedade e os vínculos sociais. “Esse gaúcho mítico chamado pelos cronistas estrangeiros de pilhador, ladrão e jogador, foi, juntamente com os índios, seus parceiros e amigos, o habitante da Campanha meridional do Rio Grande e do norte do Uruguai” (ALBORNOZ, 2000, p. 27). A ausência de limites fixos, de legislações e de uma nacionalidade e clara, caracterizavam este povo.

Antes do povoado de Rivera existir, as terras eram de posse duvidosa. O Uruguai, território disputado pelo Brasil e pela Argentina, conquistou a Independência em 1828, mas teve seus limites oficialmente acordados com o Brasil somente em 1851, já com a existência do povoado de Santana do Livramento. Em 1862 foi criada a Vila de Ceballos (posteriormente em 1867 Rivera), frente à cidade brasileira, com a finalidade de diminuir a fragilidade territorial uruguaia (ALBORNOZ, 2000). Ainda segundo a autora: “Foi preciso que os ‘vizinhos’ fizessem uma petição as autoridades para que a planta da nova cidade fosse estabelecida em continuidade a Santana do Livramento, e não mais distante, como desejava o governo uruguaio” (ALBORNOZ, 2000, p. 37).

Abaixo temos a planta baixa do povoado de Santana do Livramento no ano de 1851 (figura 15), na época da definição dos limites entre Brasil e Uruguai, mas ainda sem a existência da cidade vizinha. Percebemos um espaço ainda pouco urbanizado, sem quarteirões claros, e com grandes lotes.

Figura 15: Planta da Freguesia de Sant’Anna do Livramento 1851.



Fonte: RHODEN, 2005.

Os marcos que indicavam os limites entre Brasil e Uruguai em Santana do Livramento já existiam desde 1853, antes mesmo da lei de definição do povoado de Rivera frente ao povoado brasileiro em 1862. O conhecimento desta delimitação era necessário em função das novas edificações a serem construídas no novo povoado brasileiro. Ambos os povoados deveriam respeitar a distância de 100m, acordado entre os dois países por razões administrativas. Assim as duas populações se distanciariam 200m. Rivera nasce como barreira, e como centro comercial, sendo que a última característica segue sendo relevante atualmente. As atividades produtivas locais serão fundamentais na organização deste espaço urbano (BETANCOUR, 2009).

Até a chegada do trem em Rivera, em 1892, o contato das duas cidades com as capitais mais próximas era difícil. Com a chegada da linha férrea em Rivera a maior facilidade de acesso aproximou Rivera e conseqüentemente, Santana do Livramento, de Montevideo. Até mesmo a ligação postal da cidade brasileira com o resto do Brasil passou a ser feita através de Montevideu. Não havia pontes nem estradas ligando Santana do Livramento ao resto do Rio Grande do Sul, o que aconteceu somente 18 anos depois, com a chegada do trem na cidade (ALBORNOZ, 2000).

O Uruguai nos anos 1900 era um país dividido e muito influenciado pela vizinhança, pelos brasileiros. A cidade brasileira de Santana do Livramento apoiava-se mais em Rivera em função da nova linha de trem que ligava a Montevideo. O Uruguai estava dividido política e culturalmente, pois o norte uruguaio sofria forte influência brasileira com o portunhol como idioma, as grandes propriedades e a economia baseada na exploração pecuária. Nas cidades vizinhas de Livramento e Rivera iniciou o desenvolvimento de um forte comércio formando quase que uma povoação. Separando as cidades apenas um areial onde a população se reunia em jogos locais, apresentações esportivas e cavalhadas (ALBORNOZ, 2000). Salientamos este fato para demonstrar as interseções aí existentes. A imagem abaixo (Figura 16) nos mostra a área do Areial em 1920 e um marco de concreto que se distribui ao longo da linha imaginária entre as cidades. Os 200m de vazio entre as cidades, acordados pelos países era, na realidade, utilizado pela população fronteiriça.

Figura 16: Areial entre as duas cidades, provavelmente na década de 1920.



Fonte: Memória da Fronteira

Os primeiros Areial entre as duas cidades, provavelmente na década de 1920, povoadores de Rivera foram os comerciantes que se instalaram na linha divisória e alguns agricultores. O Eng. Agrimensor Lupi traçou o novo povoado de Rivera com a via principal concordando com a via principal da vizinha Santana do Livramento, sendo que as cidades se desenvolveram de maneira contínua (BETANCOUR, 2009). Abaixo trazemos a imagem da antiga Rua das Palmeiras, onde é o atual Largo Internacional.

Figura 17: Avenida das Palmeiras, atual Largo Internacional, na fronteira Santana e Rivera.



Fonte: Museo Sin Fronteras

Posteriormente, no século seguinte, no lugar do Aerial existente entre Santana e Rivera foi construído e inaugurado, em 1943, o Parque Internacional, simbolizando a união entre as duas populações, nesta data, mais urbanas e consolidadas. O Parque foi construído pelos dois países em parceria, e é um elemento marcante no espaço urbano, como referência, como uma das únicas áreas onde a passagem de uma cidade para a outra fica muito clara, evidente, mas mesmo assim, simbolizando a união desta fronteira.

Figura 18: Parque Internacional entre as cidades de Santana do Livramento e Rivera, logo após sua inauguração, em 1943.



Fonte: Memória da Fronteira

Neste mesmo ano da inauguração do Parque Internacional, sobre as cidades vizinhas, Pimentel escreve que:

Separada da cidade uruguaia de Rivera apenas por uma ampla avenida e o local onde está o parque Internacional, as duas cidades fronteiriças têm uma vida comum, dando um singular e pitoresco aspecto o entrelaçamento dessas relações, que imprimem a Livramento uma intensidade de movimento só superada pela capital do Estado. O intercâmbio social, cultural e comercial com Rivera, cuja população é quase a mesma de Livramento, dá a ambas as cidades aspectos característicos, que não se observam em nenhuma outra cidade da fronteira do Brasil (PIMENTEL, 1943, p.120).

Ambas as cidades salientavam a fronteira como diferencial, o ir e vir era constante e imperceptível para o cidadão. A população, assim como hoje cruzava a fronteira como em uma só cidade. A inauguração do Parque internacional foi um marco, que simbolizou a união das cidades, que nasceram no século anterior com a função principal de proteção e delimitação do território. Abaixo temos a figura 19 que mostra as cidades a partir do recém fundado Parque Internacional.

Figura 19: Santana e Rivera vistas a partir do Parque Internacional.



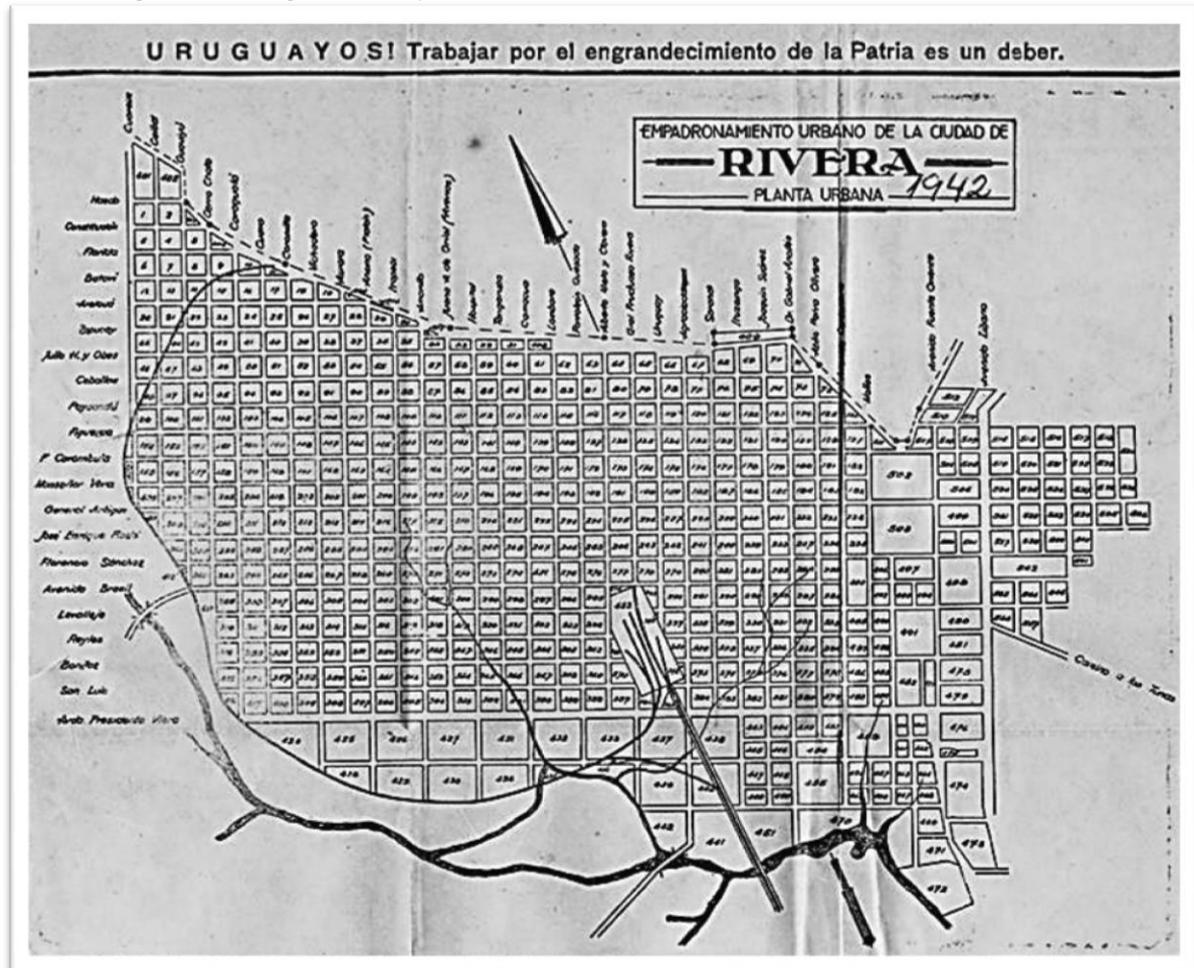
Fonte: Arquivo Municipal

A malha urbana de ambas as cidades se caracteriza pelo traçado xadrez, mesmo nas áreas mais acidentadas. Pimentel dizia que:

A orla da fronteira que separa Livramento do Uruguai, numa sucessão de terrenos dobrados, em subidas e baixadas, será um futuro não remoto o ponto de concentração da edificação urbana mais densa e, conseqüentemente, a melhor e de mais moderna construção. Isso já se nota nas suas dezenas de prédios, nos últimos dez anos (PIMENTEL, 1943, p. 122).

As cidades estavam se desenvolvendo juntas. As plantas urbanas de 1942 (figuras 20 e 21) demonstram uma malha quadriculada, onde apesar de as imagens não estarem contíguas e nem em escala, podemos perceber uma continuidade

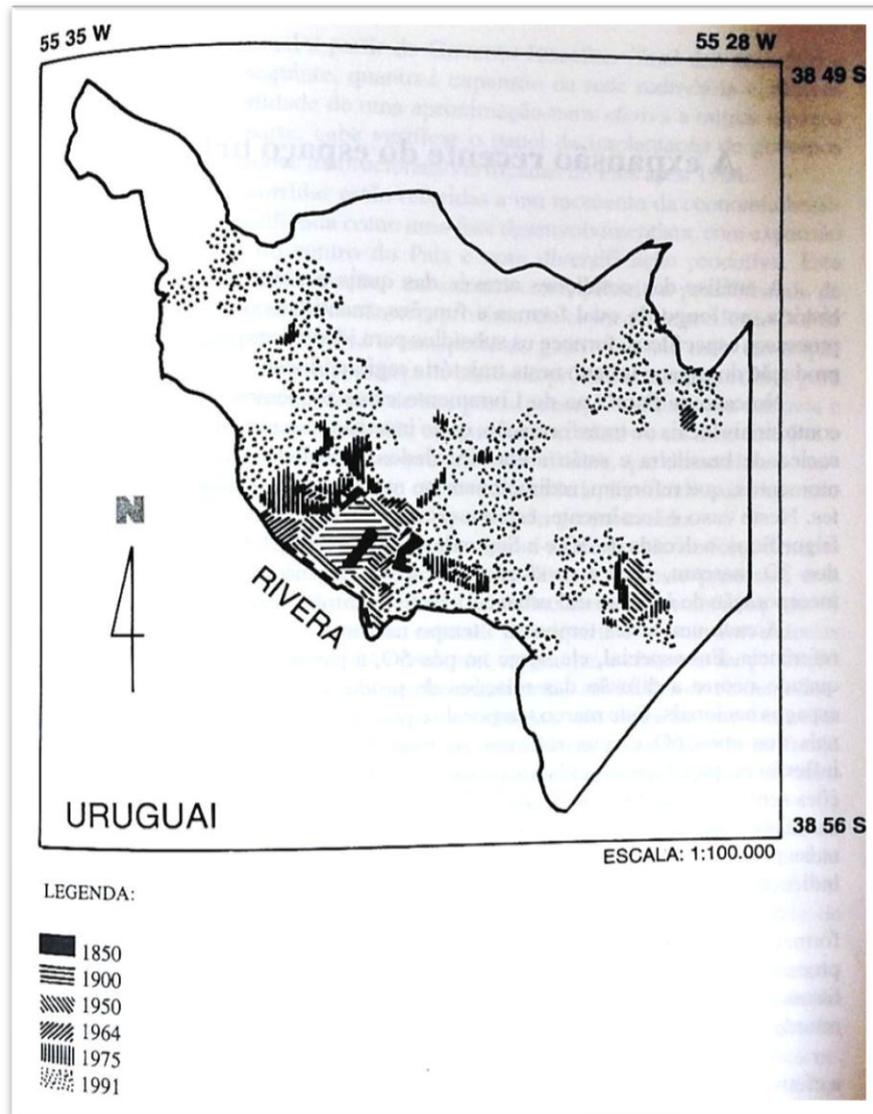
Figura 21. Imagem de mapa da cidade de Santana do Livramento do ano de 1942.



Fonte: Arquivo Municipal.

Logo abaixo (figura 22) trazemos uma interpretação do desenvolvimento espacial da cidade de Santana do Livramento desde 1850 até 1991. Percebemos que é a partir dos anos 1990 que a cidade se espalha no território. Antes disso temos um desenvolvimento sempre próximo à linha, e a área central.

Figura 22. Desenvolvimento da mancha urbana da cidade de Rivera (UY).



Fonte: (SHAFFER, 1993). Manipulada pela autora.

O constante contato e integração espacial gerou um espaço fronteiriço singular. As duas cidades se tocam, literalmente contínuas, formando uma conurbação, com códigos comuns que lhe dão sentido. Esse espaço fronteiriço, de interações de profundidade histórica, de cotidianos que constroem o presente e respondem a uma história, escapa às limitações políticas, em direção a construções próprias. As práticas cotidianas rompem conceitos do Estado, da Nação, da cultura nacional, e fazem ressurgir os sujeitos, os hábitos e a vida diária. A linguagem funciona como símbolo de identidade. O reforço da identidade nacional se concebe

paralelamente, sem perceber aos “outros” como estrangeiros, ainda que existam vários mitos nessa relação entre as duas populações (BETANCOUR, 2008).

Nestes locais existe uma integração indiscutível. Müller nos diz que:

Ao trilhar por ruas, praças, rios e pontes nas fronteiras em questão, passamos a experimentar distintos processos de interação e perceber práticas culturais e intercâmbios estabelecidos pelos moradores locais. As trocas entre lá e cá, as articulações entre o eu e o eles, as influências de ambos os lados e a consciência de um nós, ultrapassam barreiras, cruzam limites, por vezes de modo silencioso e outras de forma gritante, dando concretude ao fenômeno fronteira, tornando-a “viva”, porosa, diluída, borrada e extremamente dinâmica a partir da ação do homem (MÜLLER, 2005, p.03).

Atualmente, as duas cidades juntas possuem uma população média de 145.000 habitantes, sendo 82,464 habitantes em Santana do Livramento (IBGE, 2010) e Rivera com 64.485 habitantes (INE, 2011). A via que separa as duas cidades é indicada como imaginária, mas não se comporta como tal. Mesmo configurando um conjunto urbano, as cidades estão sujeitas a administrações próprias. “A linha não é imaginária, pelos marcos físicos estabelecidos no terreno, mas principalmente porque diferencia e marca duas nacionalidades” (SCHAFFER, 1992, p. 27).

Além disso, Albornoz (2000) chama atenção para a distância entre as duas principais praças das duas cidades cercadas pelas igrejas e sedes dos governos. As praças estão consideravelmente distantes da linha divisória. Para a autora, o interesse de unir as duas cidades nunca foi dos governos e sim das populações. A continuidade do sítio urbano atual é reflexo do século XIX quando os comércios mais prósperos estavam sobre a linha divisória, ou estabelecidos nos dois lados da fronteira (ALBORNOZ, 2000, p. 37).

Figura 23: Croqui de mapa atual da área central das cidades.



Fonte: SCHAFFER, 1993, p. 33.

O constante contato e integração espacial gerou um espaço fronteiriço singular. As duas cidades se tocam, literalmente contínuas, formando uma conurbação, com códigos comuns que lhe dão sentido. Esse espaço fronteiriço, de inter-relações de profundidade histórica, de cotidianos que constroem o presente e respondem a uma história, escapa às limitações políticas, em direção a construções próprias. As práticas cotidianas rompem conceitos do Estado, da Nação, da cultura nacional, e fazem ressurgir os sujeitos, os hábitos e a vida diária. A linguagem funciona como símbolo de identidade. O reforço da identidade nacional se concebe paralelamente, sem perceber aos “outros” como estrangeiros, ainda que existam vários mitos nessa relação entre as duas populações (BETANCOUR, 2008).

Os *free shops* instalados do lado uruguaio desde a década de 1980 incrementaram o turismo em ambas as cidades. “Os *free shops* encaminham um consumo diversificado, entre os quais se destacam os produtos eletro- eletrônicos” (SHAFFER, 1993, p. 30).

A seguir apresentamos a evolução demográfica das duas cidades, considerando a área urbana.

Tabela 02: Levantamento da população urbana das cidades gêmeas.

Santana do Livramento (BR)		Rivera (UY)	
Ano	Total de habitantes	Ano	Total de habitantes
1867	3.000	1867	500
-	-	1900	2.586 brasileiros 2534 orientales 5.120
1940	47.414	1940	35.000
1950	48.411	-	-
1960	55.974	1963	41.266
1970	63.388	1975	-
1980	68.111	1985	66.013
1990	80.213	1996	71.359
2000	84.455	2010	103.493

Fonte: SHAFFER, 1993, p. 71; INE (1980)

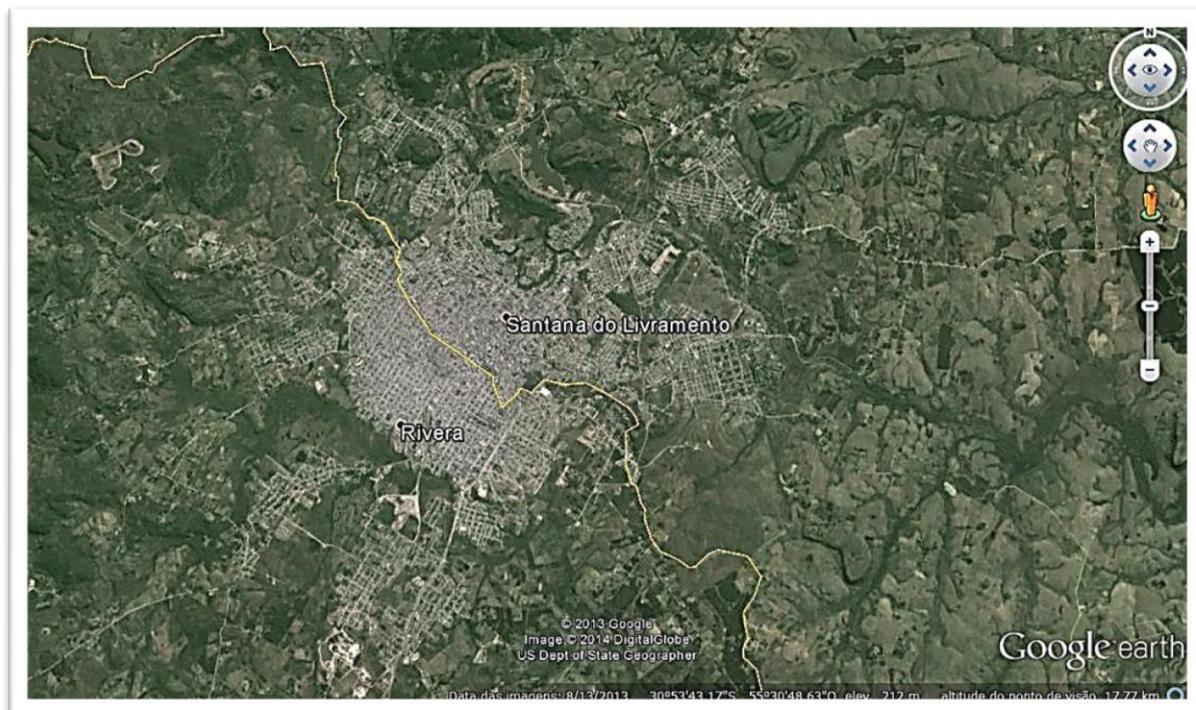
Como podemos verificar acima, Rivera apresenta um crescimento acelerado nos últimos anos, muito provavelmente em função do câmbio e *free shops* que se estabeleceram na cidade uruguaia. Lembramos também que deve ser difícil fazer a contagem oficial desta população conurbada, sendo que os critérios precisam ser muito bem especificados. Percebemos que no ano de 1900, os brasileiros e *orientales* são especificados, e por isso assim foi mantido na tabela aqui demonstrada, salientando esta importância.

As construções teóricas, vezes de integração, vezes exaltando a alteridade de cada povo, são comuns na bibliografia da fronteira. A “Fronteira da Paz”, como é denominada essa fronteira Brasil/ Uruguai, forma uma conurbação, com 140.000 habitantes. Aí existe a união espacial de duas cidades, em diferentes territórios nacionais, que certamente possuem características próprias, resultantes desse contato intenso. Este é “[...] um núcleo com enraizados vínculos sociais e culturais construídos pelas relações locais, econômicas e de parentesco” (MAZZEI, 2001, p. 40, tradução nossa).

Abaixo, inserimos a imagem de satélite (Figura 24) onde podemos perceber as manchas urbanas atuais de ambas as cidades. Com a verificação da imagem de satélite percebemos o espraiamento de ambas as cidades. A contiguidade entre as

duas malhas urbanas, observada no início das povoações no centro e no entorno das vias principais centrais, como Andradas no Brasil e sarandi, no uruguai, se desenvolveu na extensão da Linha.

Figura 24: Imagem de Satélite de demonstra a mancha urbana atual das cidades de Santana do Livramento e Rivera.



Fonte: Google Earth, em 02/02/2014

5.3- Síntese do Discurso de Organização de uma Estratégia Urbana

Entre Santana do Livramento/ Rivera, fronteira Brasil/ Uruguai, ambos os governos centrais tiveram a iniciativa, em 1996, de se fazer um estudo e diagnóstico para desenvolver um Plano Diretor conjunto entre as duas cidades. “O Plano de Desenvolvimento Integrado de Rivera- Livramento fez parte da Ata final assinada pelos Chanceleres do Brasil e do Uruguai, na 3ª Reunião da Comissão Geral de Coordenação Brasileiro- Uruguiaia, em outubro de 1996” (BRASIL; URUGUAI, 1998. P. 06, vol. 1). Foi nomeada uma comissão de profissionais dos dois países para a execução do Plano comum com o objetivo de realizar um diagnóstico e Plano de Desenvolvimento Urbano contemplando aspectos territoriais, um modelo territorial desejável para Santana e Rivera, ambientais e outros elementos que permitissem a criação de melhores condições de vida para ambas as populações. Foi finalizado em 1998. O Plano é composto de cinco volumes: I- Diagnóstico Territorial, informe técnico; II- e III- Diagnóstico sócio econômico e financeiro, IV- Anexos do informe

técnico; V- Conclusões e Propostas. Este plano foi finalizado, mas não oficialmente implantado e legitimado, em função das mudanças governamentais que ocorreram em ambos os países. Apesar de não ter sido legitimado, será utilizado na pesquisa como fonte, em função de sua riqueza de dados e propostas. Além disso, demonstra uma vontade política de maior integração, e um entendimento sobre as cidades-gêmeas que inicia uma transformação. Este é o início de um entendimento, e intenções da necessidade e maior integração política local, unindo forças e proporcionando com isso, maior desenvolvimento.

Ainda com relação a cidade de Santana do Livramento, tratamos neste momento do Plano Diretor que rege as diretrizes urbanas desta cidade nos dias atuais, enfatizando aquelas diretrizes e intenções que tratam das relações fronteiriças. O Plano atual da cidade é a Lei Complementar nº 45, de 10 de outubro de 2006. As relações que este faz com a cidade vizinha são muitas.

Inicialmente, no art. 6º, o Plano diretor de Santana do Livramento já prevê o estabelecimento de cooperação mútua com outros municípios da fronteira oeste, principalmente com a cidade vizinha de Rivera. O art. 8º traz os objetivos das políticas públicas do município, sendo que dentre estes está a consolidação da cidade como polo turístico, enfatizando a situação de fronteira internacional entre Brasil e Uruguai, e a cooperação mútua Livramento- Rivera para o desenvolvimento de uma política binacional. No Plano, o Título II trata exclusivamente da Integração Regional, sendo que o art. 10º a integração fronteiriça constitui-se como função pública e objeto de gestão comum. O título III trata da estruturação do município, tendo a estrutura viária municipal como um dos estruturadores das relações entre Livramento- Rivera, também propondo tratamento diferenciado na extensa linha de fronteira binacional, com uma visão integradora, pensando em futuras intervenções para estreitar as relações entre as nações (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO LIVRAMENTO, 2006).

Do zoneamento ambiental do município de Santana do Livramento, tem-se a Zona Especial de Faixa de Fronteira, dizendo que:

VII. Zona Especial de Faixa de Fronteira - ZEFF É constituída pelas áreas localizadas ao longo da linha de fronteira, na área urbana, que demandam tratamento urbanístico e paisagístico diferenciado por projetos especiais em parceria com a Intendência de Rivera - ROU, e aprovado pelo Conselho de

Planejamento da Cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO LIVRAMENTO, 2006, p.12).

Como estratégia de promoção econômica e social do município, no campo da saúde, o Plano Diretor prevê promover ações integradas com Rivera para a melhoria da saúde ambiental das Cidades, principalmente no âmbito do controle sanitário. Ainda, foram designados setores para agir na cidade, dentre eles, o Departamento do Plano Diretor. Este departamento tem como um dos objetivos as articulações com os órgãos de planejamento do município vizinho, atendendo as necessidades de maior integração entre as cidades de Santana e Rivera (Prefeitura Municipal de Santana do Livramento, 2006). Abaixo (imagem 25), tem-se o zoneamento proposto pelo Plano Diretor, para a cidade de Santana do Livramento.

Figura 25: Imagem de mapa de zoneamento proposta pelo Plano Diretor de Santana do Livramento.



Fonte: Prefeitura Municipal de Santana do Livramento (2006).

Neste zoneamento, vemos a Zona Especial de Faixa de Fronteira em toda a linha que divide as duas cidades, marcada em vermelho. Ao final, nos dois extremos na linha vemos zonas reservadas para o Distrito Industrial. Para esta área especial têm-se projetos de revitalização e fortalecimento de integração. Muito provavelmente as áreas estão ali colocadas estrategicamente. O Parque Internacional entre as duas

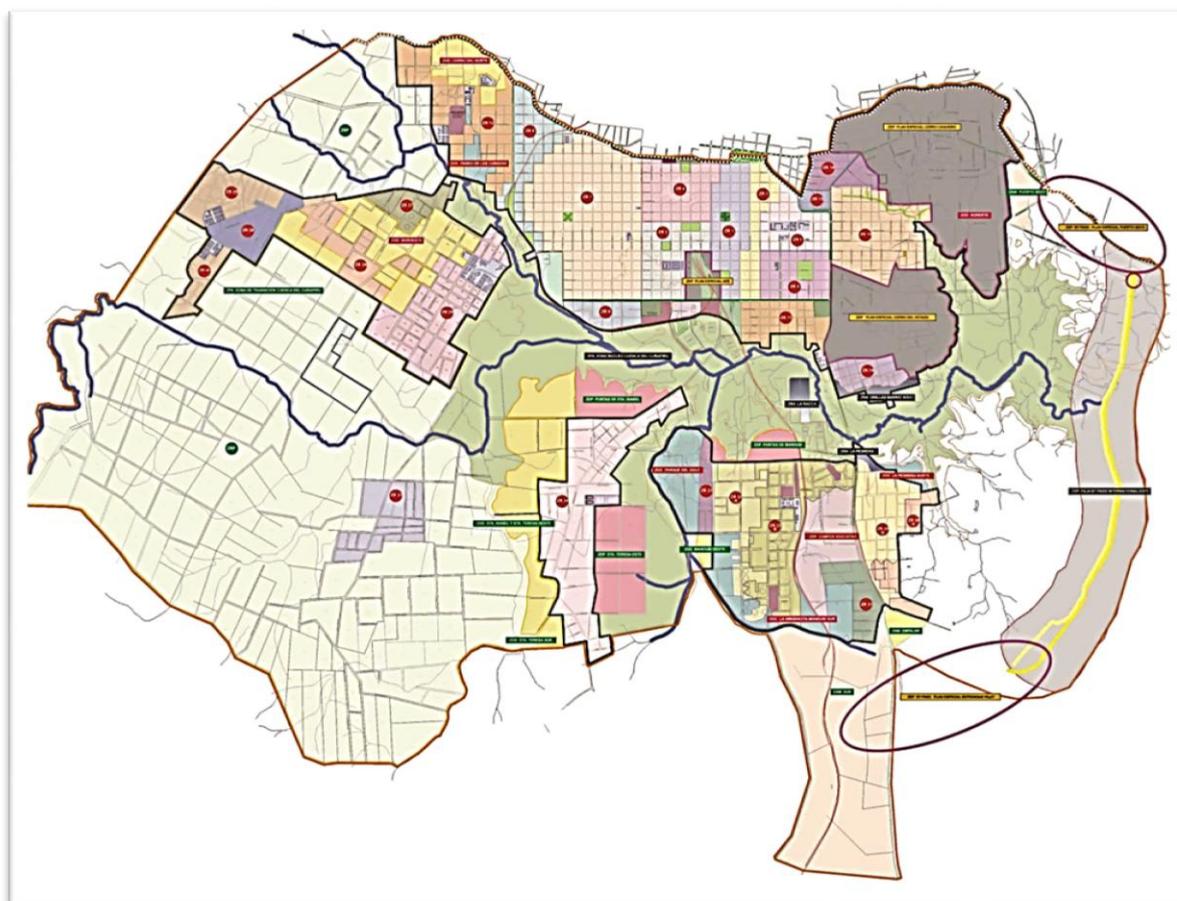
cidades está demarcado até a metade, dentro da linha de interesse, de transição fronteiriça.

Com relação ao Plano Diretor do Departamento de Rivera, chamado PDIDR (*Plan de Desarrollo y Ordenamiento Territorial de Microregión de Rivera*), datado do ano de 2010, temos, no art.7º o objetivo de elaboração de projetos e normas regulamentares para a linha divisória e melhoria nas condições de integração. O art. 12º cita diretrizes estratégicas da cidade de Rivera: “*Rivera sin fronteras*”, propondo uma Rivera integrada ao Uruguai e ao Brasil. O Rivera sem fronteiras propõe que se incrementem os componentes de integração enfatizando as principais redes de comunicação e a coordenação de sistemas funcionais e elementos simbólicos entre as cidades, estabelecendo projetos fronteiriços, especialmente o projeto chamado *La línea*”. Esta estratégia busca também, colocar Rivera em caráter de importância regional, valorizando os potenciais identificados na região, desenvolvendo economicamente e socialmente a microrregião de Rivera: cidade de comércio, cidade do comércio internacional, cidade de cultura e gastronomia, cidade logística, entre outros (INTENDÊNCIA DE RIVERA, 2010).

O Plano propõe o programa/ projeto *La Línea*, sendo um programa para a valorização urbanística da franja fronteiriça. O Plano está focado no trânsito fronteiriço, em viabilizar o transporte público entre as cidades, e na elaboração de uma normatização edilícia dos usos do solo e obras públicas nesta área. O projeto prioritário fica na linha próximo ao Cerro Caqueiro e Cerro del Marco, sendo que o objetivo é subsidiar condições para que estes projetos sejam coordenados de maneira binacional. Além de um projeto de urbanização da linha, prevê-se um projeto de cultura e arte também coordenados de maneira binacional (INTENDÊNCIA DE RIVERA, 2010).

As propostas de ações integradas e de ações que promovem a região, levando em consideração também a cidade de Livramento são muitas. Percebe-se que neste Plano aparece a valorização do potencial da fronteira, e das duas cidades estabelecidas como um território comum. Abaixo, apresentamos o mapa de zoneamento proposto pelo Plano Diretor da cidade de Rivera (figura 26).

Figura 26. Planta de zoneamento da cidade de Rivera (UY).



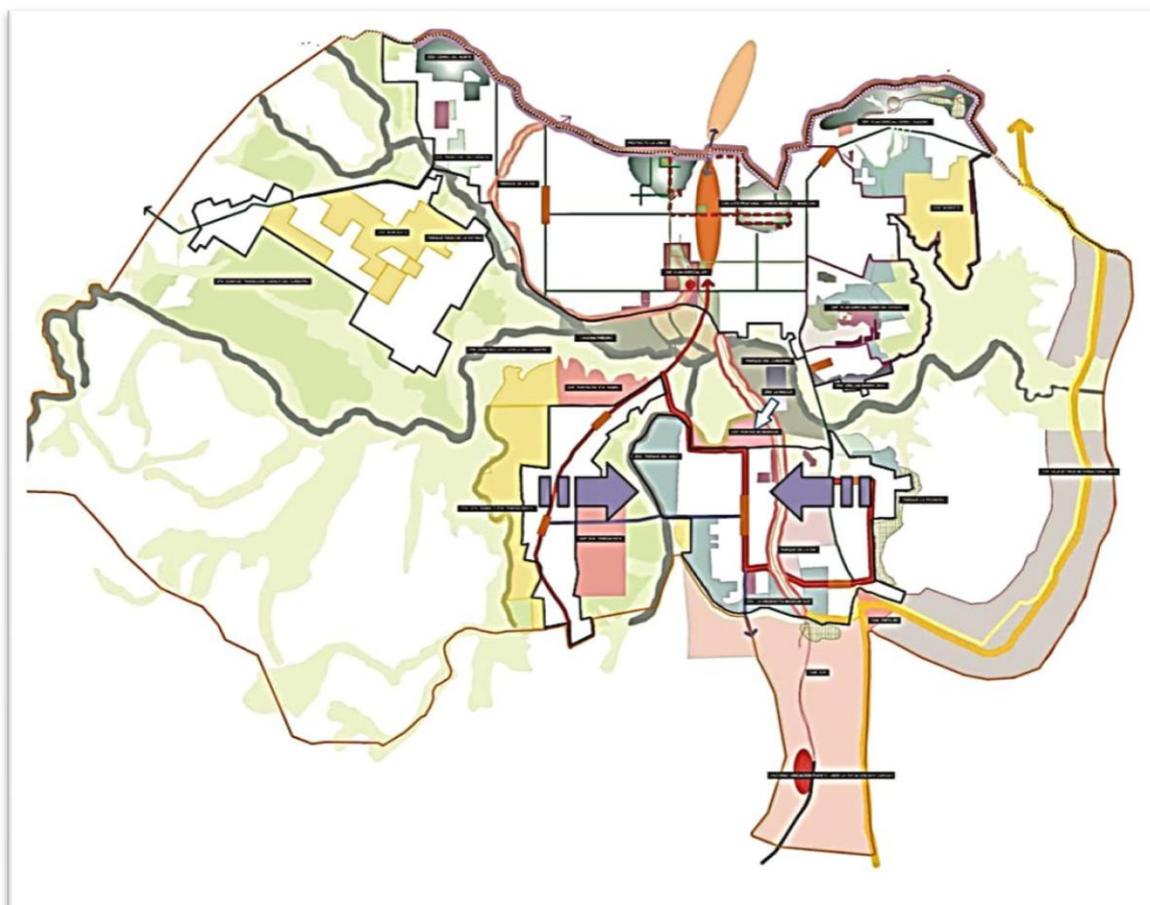
Fonte Intendência de Rivera.

Percebemos pelo zoneamento que o projeto da linha divisória se estende ao longo da faixa entre as duas cidades (*Proyecto la Linea*). Este é um dos mapas onde aparecem as Estratégias Urbanas propostas pelo Plano. Percebemos também, marcado com um círculo (superior direito) a área especial onde funciona o Porto seco. A área do Porto Seco de Rivera está em frente a área Industrial, marcada no Plano de Santana do Livramento.

Além disso, a continuidade na malha proposta deste mapa enfatiza a permeabilidade e a continuidade entre as duas cidades, o que não é verificado no Plano Diretor de Santana do Livramento. A imagem (figura 27) que segue é do mapa de Estratégias de Ordenamento Territorial, onde o *Proyecto la Línea* continua sendo enfatizado, agora com uma linha rosa na faixa de transição de uma cidade para outra. Também percebemos a ênfase dada a Av. Sarandi, no lado de Rivera, circulado em laranja, e a ênfase na intenção de continuidade de uma cidade para a outra, com a marcação da via Andradas, circulado em rosa do lado brasileiro, na

continuação da via Sarandi. A linha amarela que contorna a cidade do lado direito do mapa, com uma seta direcionada para a cidade vizinha brasileira, indica o escoamento das importações e exportações para o Brasil, com passagem pelo Porto seco.

Figura 27: Imagem de mapa representando as Estratégias de Ordenamento Territorial da cidade de Rivera (UY).



Fonte Intendência de Rivera.

Até o momento apresentamos uma análise das estratégias estabelecidas nas cidades gêmeas de Santana do Livramento e Rivera, no que diz respeito à situação de fronteira. Verificaremos agora as estratégias estabelecidas no outro par de cidades gêmeas, na fronteira Brasil/ Argentina, Uruguaiana e Paso de los Libres.

Buscamos questões sobre os interesses de relações com a cidade vizinha. O que nos diz a estratégia atual do poder local. Percebe-se que a condição de fronteira aparece no PDDU (Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 2010) pela primeira vez nas diretrizes de Estruturação da cidade. Assim no Título IV: das estratégias, o PDDU de Uruguaiana de 2010, coloca as seguintes estratégias: I - Estruturação da Cidade; II –

Mobilidade e Transporte de Cargas;III Valorização Ambiental; IV - Desenvolvimento Econômico; V- Consolidação Urbana;VI - Sistema de Planejamento e,VII - Uso do Solo Urbano.Destas, duas contemplam a relação fronteira, sendo a estratégia I- Estruturação da Cidade e IV- Desenvolvimento Econômico.

A Estratégia de estruturação da cidade nos diz que:

CAPÍTULO I

Estruturação da Cidade

Art. 6º A estratégia de estruturação da cidade tem como objetivo geral orientar, ordenar e disciplinar o crescimento da cidade, através dos instrumentos de regulação que definem a distribuição espacial das atividades, a densificação e a configuração da paisagem urbana no que se refere à edificação e ao parcelamento do solo, com as seguintes diretrizes:

I - Aprimorar e complementar a infra-estrutura urbana nas áreas periféricas e zonas de risco;

II- Consolidar a totalidade da estrutura viária, priorizando a sequência do traçado regular tradicional;

III- Valorizar a estrutura da interface da orla do Rio Uruguai, tornando-a zona de uso e ocupação pública;

IV- Identificar e classificar os elementos referenciais do espaço urbano buscando a valorização e a conexão entre os mesmos;

V- Articular a estruturação entre os municípios vizinhos e prioritariamente a relação das cidades gêmeas (Uruguiana /Paso de los Libres) (PREFEITURA MUNICIPAL DE URUGUAIANA, 2010, p. 07).

Esta quinta e última diretriz acima citada demonstra a intenção do município de Uruguiana em aprimorar as relações com o município vizinho, fazendo com que faça parte de um dos objetivos para promover a estruturação urbana. A articulação política entre estes dois municípios ainda é pequena, sendo que muitas das situações cotidianas acontecem sem apoio legal. Além disso, uma maior articulação urbana estaria relacionada aos equipamentos existentes em uma e outra cidade.

Trazemos ainda da estratégia de Estruturação da Cidade o Artigo 7º dizendo que:

Art. 7º Constituem a Estratégia de Estruturação da Cidade:

I- Programa de Integração Espacial, que propõe a implementação de um sistema de espaços referenciais articulados, edificados ou não, de abrangência local, urbana e rural, caracterizados pelo uso coletivo e pela promoção da interação social, potencializando a legibilidade da cidade.

II- Programa de Integração Regional, que visa a articular o PDDU com as ações e as políticas que envolvem o meio rural e os municípios da Região,

com ênfase nas questões de acessibilidade, infra-estrutura e políticas de desenvolvimento – faixa de fronteira - e com os países vizinhos, prioritariamente no que se refere ao transporte e o intercâmbio cultural e comercial (PREFEITURA MUNICIPAL DE URUGUAIANA, 2010, p. 07).

O Programa de Integração Regional acima citado nos parece importante na medida em que trata especificamente da faixa de fronteira, e da relação com os países vizinhos. A política urbana local, que é o PDDU, sendo articulada com políticas de escala nacional é importante e necessária para que as fronteiras se fortaleçam legalmente, e para que as políticas nacionais implantadas tenham efeitos positivos no espaço local.

A próxima estratégia que o PDDU de Uruguaiana apresenta que favorece a relação fronteiriça é a Estratégia de Desenvolvimento econômico que tem como objetivo dinamizar a economia da cidade. Citamos abaixo o Art. 20º e suas diretrizes.

Art. 20º A implementação da Estratégia de Desenvolvimento Econômico dar-se-á através das diretrizes:

- I- Garantir a consolidação do papel de Uruguaiana como polo regional;
- II- Fortalecer a participação no Mercosul, através da ampliação das representações políticas e a qualificação da cadeia de suprimentos para transporte e comércio internacional;
- III- Estimular o crescimento e a diversificação do turismo de lazer e de negócio, visando incrementar os postos de trabalho;
- IV- Promover um ambiente favorável para incrementar o valor agregado das atividades rurais, diversificando a matriz produtiva, observando as novas exigências do mercado quanto aos conceitos de sustentabilidade e preservação ambiental;
- V- Estimular a pesquisa e a inovação, formação e qualificação de recursos humanos, prioritariamente, em nível técnico profissionalizante;
- VI- Estabelecer os mecanismos urbanísticos e programas de incentivo fiscal que promovam a diversificação da produção da cidade, e que fomentem os investimentos na construção civil e nos serviços urbanos;
- VII- Gerenciar e articular os interesses do Município, através de agentes públicos e privados, dentro das políticas de faixa de fronteira, as relações internacionais com o Uruguai, Argentina, e os municípios vizinhos;
- VIII- Estruturar informações sobre instituições financeiras e programas especiais de financiamento para os setores estratégicos e disponibilizá-las ao setor produtivo e, através de mapeamento de alternativas, planejar e estabelecer escalas de prioridades (PREFEITURA MUNICIPAL DE URUGUAIANA, 2010, p. 15).

Destas diretrizes, as que se relacionam com a fronteira, mais precisamente a I, II e VII, demonstram o desejo de maior articulação com as políticas nacionais, já mencionado na estratégia anterior de Estruturação da Cidade. Desenvolver a cidade como um Polo Regional e fortalecer a participação nas questões do MERCOSUL certamente modificará também as práticas locais, e possivelmente, o legal e o ilegal. Além disso, as relações cada vez mais estreitas entre os países vizinhos, Brasil, Argentina e Uruguai tende a fortalecer os espaços urbanos de fronteira, principalmente quando cidades gêmeas.

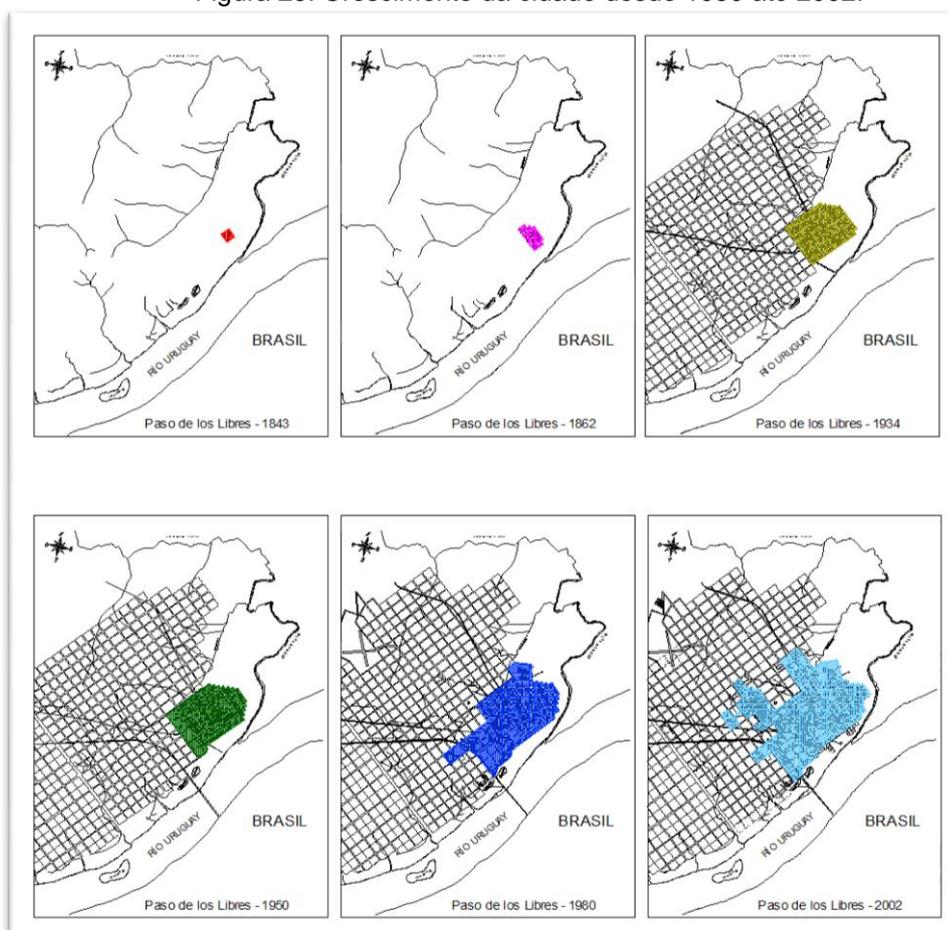
Temos também no PDDU, a proposta do modelo espacial que fica definido a partir das diretrizes propostas. Neste modelo espacial também percebemos a intenção de fortalecer contatos, ou afirmar o contato existente. O modelo espacial propõe estruturar o território da cidade de Uruguaiana em macrozonas, tendo por objetivo impulsionar o desenvolvimento local identificando e utilizando as potencialidades de cada uma delas (PREFEITURA MUNICIPAL DE URUGUAIANA, 2010). O Art. 34 do PDDUA de Uruguaiana diz que:

Art. 34. As Macrozonas visam impulsionar o desenvolvimento através das suas melhores potencialidades, identificando as peculiaridades de seus conflitos e amenizando-os, através das relações que se estabelecem entre elas. Visando este desenvolvimento e suas condições mais favoráveis, será adotado o conceito de Corredores de Centralidade, estruturando a cidade como um todo e relacionando-se com a área rural adjacente. Isto será possível através dos eixos de mobilidade existentes que funcionarão como sistema e aumentarão sua eficácia (PREFEITURA MUNICIPAL DE URUGUAIANA, 2010, p. 24).

Os corredores de centralidade são, segundo o PDDU, aqueles que necessitam de um fluxo de veículos eficiente, trabalhando com sistema viário binário, que possui maior diversidade de usos, sendo influenciada a mescla de residência e comércio, além de buscar consolidar, adequar e interligar os sistemas de espaços públicos abertos. É interessante destacar que os corredores de centralidade se sobrepõem às principais vias de acesso à cidade, e o corredor demarcado na área central da cidade, o maior (vide imagem 28, do zoneamento abaixo) se sobrepõe as linhas de acesso da fronteira.

Com relação à Paso de los Libres, existe na cidade uma Secretaria de desenvolvimento econômico onde nela tem-se o setor de Planejamento Urbano e Meio Ambiente. Porém, na cidade ainda não existe um Plano Diretor que estabeleça as diretrizes urbanas, e sim um código de obras que não apresenta diagnósticos nem intenções gerais com relação à cidade ou sua vizinha. No entanto, existe um estudo diagnóstico, e propostas de diretrizes urbanas realizado por uma Arquiteta da cidade de Corrientes, Maria Otazú, na ocasião de um convênio estabelecido entre UNNE (*Universidad Nacional del Nordeste*) e o Município de Paso de los Libres, no ano de 2003. Este Estudo diagnóstico faz uma análise do crescimento da cidade de Paso de los Libres, como mostra a imagem 29. Percebe-se o desenvolvimento da cidade de Paso de los Libres em direção aos seus acessos, principalmente na direção da cidade vizinha, Uruguaiana (OTAZÚ, 2003).

Figura 29: Crescimento da cidade desde 1950 até 2002.



Fonte: OTAZÚ (2002, p. 32)

A pesquisa de Otazú (2002) ainda chega ao diagnóstico de que Paso de los Libres não aproveita as ótimas oportunidades que ser uma cidade de fronteira permitem. Tem vantagens e poderia ter estratégias para elevar sua condição de sub-

polo regional de fronteira. A pesquisa ainda diz que a cidade deverá gerar políticas que permitam o desenvolvimento e controle das operações fronteiriças, e suas consequências impulsionem o crescimento do centro urbano.

Atualmente, a Intendência Municipal conta com alguns projetos conjuntos com a cidade de Uruguaiana: Na área cultural, tentando integrar eventos realizados em uma ou outra cidade, e atualmente, têm-se maiores intenções políticas no que diz respeito à integração na saúde pública.

Segundo o secretário de Saúde de Passo de los Libres, a intenção é de transformar as instalações do novo hospital de Paso de los Libres, em um hospital regional, com a possibilidade de atendimento dos médicos brasileiros, uruguaienses. Esta não é uma legislação urbana, mas certamente culminará em impactos urbanos em ambas as cidades, integrando sistemas.

Os Planos Diretores analisados, também tratam da questão fronteiriça como uma estratégia econômica. No caso de Livramento e Rivera, salientamos a atenção dada ao projeto Linha, que na realidade, influencia em uma valorização deste espaço que consolida o encontro entre as duas cidades. No caso de Uruguaiana e Libres, evidenciamos o novo corredor de centralidade proposto no Plano Diretor de Uruguaiana em vigor. Verificamos a conformação deste novo corredor proposto pela estratégia urbana, coincidindo com os percursos que levam à cidade vizinha de Paso de los Libres (vide mapa na página 105). Ambos os projetos nas cidades fronteira evidenciam os espaços de comércio e lazer com o vizinho. São exemplos de estratégias urbanas influenciadas pela fronteira e pelas práticas cotidianas espaciais que aí se consolidam.

6- Das práticas cotidianas

Neste capítulo 6, para entendermos o cotidiano praticado nas cidades gêmeas, nos baseamos em relatos feitos por cidadãos da fronteira. Os relatos “... atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços” (CERTEAU, 2004, p. 182). Vemos o percurso como um dos itens que constrói o sentido do relato. É a partir dos relatos que apresentamos o cotidiano de troca das cidades gêmeas estudadas.

Temos, portanto, o método de Certeau posto em prática a partir da coleta de relatos. Dos relatos de que vivencia estes espaços queremos entender como funciona a vida cotidiana a partir da verificação dos usos, táticas e influências do cotidiano, e dos percursos estabelecidos de uma cidade para a outra. Quanto às táticas, Certeau nos diz que muitas das práticas cotidianas são do tipo tático, utilizado como maneira de driblar regras estabelecidas, não obedecendo as leis do lugar, embora sejam possibilidades oferecidas pelas circunstâncias locais (CERTEAU, 1994). Certeau fala ainda que: “Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos” (Idem, 1994, p. 87).

Na fronteira o uso da cidade vizinha e as táticas que o cidadão utiliza são constantes. O cidadão estabelece contato cotidiano com o outro, aproveitando-se das possibilidades existentes do uso da cidade vizinha como complementar. Estabelece as táticas, a partir das possibilidades que se tem de driblar as regras na passagem ou usos da cidade do outro. Já as influências segundo Certeau, aparecem pelos efeitos de alterações que são produzidos no outro (Idem, 1994). Seriam os efeitos e alterações nas cidades, em função do contato e conflitos de fronteira relatados pelos cidadãos.

Quanto aos percursos, Certeau nos diz que: “O traço vem substituir a prática. Manifesta a propriedade (voraz) que o sistema geográfico tem de poder metamorfosear o agir em legibilidade, mas aí ela faz esquecer uma maneira de estar no mundo” (Idem, 1994, p. 164), tratando assim do nível de detalhe muito maior que o relato possui para evidenciar o percurso. Porém, diz também que: “Certamente os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando

por aqui e não por lá) (Idem, 1994, p. 163). Assim, verifica-se que o traço também é importante, e junto com o traço vem o relato. Na medida em que o cidadão vai traçando seu percurso, ele vai também relatando as vias, os marcos de referência. O cidadão então passa para a operação de demarcação, pois os relatos exercem também o papel cotidiano de uma instância móvel em matéria de demarcação (CERTEAU, 1994). Os percursos então se transformam em outra fonte de dados de análise. Neste momento nos reportamos a Kevin Lynch, afirmando que os mapas devem ser bons o suficiente para nos conduzir ao nosso destino. Claro e econômico fazendo com que o leitor tenha menor esforço para lê-lo (LYNCH, 2004).

Dentro destes dois itens que compõem este capítulo 6, o capítulo que foca nas práticas cotidianas locais – usos, táticas e influências, e os percursos- tratados em cada um dos pares de cidades, apresentamos os relatos dos cidadãos obtidos na pesquisa de campo, tratando das mais variadas formas de relações, interferências, influências e táticas por eles percebidos no cotidiano.

Os relatos, os quais nos trazem as possibilidades de análise acima descritas, serão obtidos a partir de algumas técnicas aplicadas em diferentes grupos de cidadãos da fronteira. Os cidadãos colaboradores da pesquisa serão chamados de informantes, e apresentados no decorrer dos relatos a partir das iniciais de seus nomes. As técnicas utilizadas serão: entrevistas não diretivas, uma conversa com um roteiro, mas que se desenvolve mais livremente. As histórias de vida, onde o pesquisador mantém o sujeito orientado para temas de seu interesse, e questiona fatos que acredita serem mais importantes e exigem aprofundamento (BECKER, 1999). Os mapas mentais (LYNCH, 2004) que nos serão úteis juntamente com os relatos, tecendo os percursos.

Tratemos agora dos informantes, os cidadãos da fronteira. Entendemos que o comércio, o lazer, os serviços e a família são as bases de relações locais entre as cidades fronteira vizinhas, entre as cidadesgêmeas. Esse tipo de relação, podemos perceber em qualquer par de cidades de fronteira, em maior ou menor grau, podendo ser lícitas, e por vezes, muitas dessas relações, ilícitas (DORFMAN, 2009; GRIMSON, 2003; MÜLLER, 2002). Como o presente estudo pretende focar no uso do espaço urbano pelos cidadãos da fronteira, e nas manifestações da fronteira no espaço urbano, temos como informantes cidadãos do comércio, e usuários dos espaços públicos de lazer.

Justificando a escolha dos dois tipos de informantes, como tratamos de cidades-gêmeas, fronteira entre duas nações, o comércio é uma das principais bases das relações locais entre os cidadãos da fronteira. As táticas de utilizar-se da fronteira para comprar no câmbio mais barato, para comprar a mercadoria que falta do outro lado, e até mesmo o contrabando são práticas cotidianas do cidadão fronteiriço. As trocas comerciais, legais ou ilegais, no nível local ou internacional, são atividades intrínsecas à fronteira, são práticas legitimadas pelo cotidiano de contato que as populações dos diferentes países estabelecem (DORFMAN, 2012). Ainda, conforme nos diz Shaffer:

É o comércio, sem dúvida, a atividade mais sensível à influência da fronteira. As diferenças de câmbio produzem, tradicional e alternadamente, crescimento e recessão. As compras de fronteira, prática local generalizada e de quase impossível controle fiscal- um “contrabando” cotidiano- promovem uma fonte importante de trabalho. Mesclam-se, estas compras, no consumo diário da população (SHAFFER, 1993, p. 25)

Nas cidades gêmeas, os locais de comércio são muito utilizados pelo cidadão da fronteira, tanto de um lado, quanto do outro. Com relação ao uso dos espaços públicos para lazer, estes também podem ser complementares nas cidades-gêmeas, dependendo do nível de interação existente, e importantes nas cidades de fronteira como espaços de uso comum.

Ao verificarmos como o cidadão fronteiriço utiliza o espaço público para lazer, e como se utiliza dos espaços da outra cidade para lazer, podemos entender relações de uso e apropriação do espaço fronteiriço em ambas as cidades. Acreditamos que estes dois tipos de informantes fornecerão informações do cotidiano nestes espaços urbanos. Não consideramos aqui, como critério para participar da pesquisa, aqueles que possuem algum tipo de relação familiar pois isso certamente aparecerá nos grupos dos comerciantes e usuários dos espaços públicos.

Quanto aos informantes, ainda temos outra questão a destacar: a idade. Além de termos os comerciantes e os usuários dos espaços urbanos, temos o fator idade como item que seleciona. Utilizamos entrevistas não diretivas com os comerciantes e usuários dos espaços urbanos que possuem entre 30 e 50 anos, e as histórias de vida com os comerciantes e usuários dos espaços públicos de lazer acima dos 60 anos. Os mapas mentais foram feitos com todos os informantes. Esse critério se deu

em função de termos maneiras para evidenciar a memória desta população. Além disso, os informantes com mais de 60 anos podem nos contar histórias de seus pais, de seus avós, sobre esta fronteira. No caso de Uruguaiana/ Paso de los Libres, alguns presenciaram a ausência da ponte, a travessia por barcas para o outro lado. Vivenciaram a fronteira com uma visão política militar e de proteção forte. Já os informantes na faixa dos 30 até 50 anos, vivenciaram os processos de integração econômicos que modificaram a maneira de pensar os espaços de fronteira. Ao narrarmos os relatos e percursos obtidos com as entrevistas, histórias de vida e com os mapas mentais, identificaremos os informantes por siglas, e pela idade. Tratamos em separado dos dois pares de cidade, para facilitar o entendimento e organização da pesquisa.

A tabela abaixo mostra o roteiro das entrevistas não diretivas, utilizadas como técnica para a coleta de informações do cotidiano nas cidades, bem como o roteiro utilizado para as histórias de vida, contatas por aqueles informantes acima de 60 anos. A pesquisa de campo foi realizada entre dezembro de 2012 até março de 2013.

Quadro 01: Roteiro de entrevistas não diretivas e Histórias de vida

ENTREVISTAS NÃO DIRETIVAS: Sobre os informantes
Critério para escolha dos informantes: moradores da fronteira entre 30 e 50 anos, comerciantes ou usuários dos espaços de lazer.
Local: As conversas foram realizadas no comércio, nas residências depois de serem agendadas, ou nos espaços de lazer depois de serem agendadas.
ENTREVISTAS NÃO DIRETIVAS: Roteiro
1- Qualidades de morar nesta cidade
2- Quais os limites da rotina diária
3- Tipo de vínculo com a cidade vizinha (família, amigos, compras)
4- Qual a frequência que utiliza a cidade vizinha e por que?
5- Descrição das cidades
6- Diferenças e semelhanças entre as duas cidades
7- Locais de lazer que frequentas
8- Facilidades e dificuldades de se estar na fronteira
9- Problemas ao cruzar a fronteira
HISTÓRIAS DE VIDA: Sobre os informantes
Critério para escolha dos informantes: moradores da fronteira com mais de 60 anos, comerciantes ou usuários dos espaços de lazer.
Local: As conversas foram realizadas no comércio, nas residências depois de serem agendadas, ou nos espaços de lazer depois de serem agendadas.
HISTÓRIAS DE VIDA: Roteiro
1- Chegada da família na fronteira
2- Datas e épocas marcantes da relação entre as duas cidades
3- Tipo de vínculo com a cidade vizinha
4- Mudanças nas duas cidades ao longo do tempo
5- Diferenças e semelhanças com relação ao outro

6- Pontos de referência, lugares marcantes nas duas cidades- antigos e atuais.
7- Rua ou área comercial importante
8- Locais de lazer nas duas cidades
9- Motivos para frequentar a cidade vizinha- antigos e atuais.
10- Acontecimentos marcantes ao cruzar a fronteira
11- Frequência que vais a cidade vizinha
12- Significado da fronteira

Fonte: Construção da autora

Em Uruguaiana foram 10 os informantes que colaboraram para as entrevistas não diretivas, assim como em Paso de los Libres, outros 10, entre comerciantes e usuários dos espaços de lazer. Em Santana do Livramento foram 8 os entrevistados e em Rivera 7. Estes informantes também nos contaram histórias que ouviam do passado. Nas histórias de vida tivemos 4 informantes de Uruguaiana, 3 de Paso de los Libres, 2 em Santana do Livramento, e 2 em Rivera.

Apesar de estarmos trazendo alguns números para explicar como a pesquisa foi feita, é importante que se esclareça que não temos aqui a intenção de tratar dados estatísticos, mas de demonstrar diferentes tipos de situações vividas nas fronteiras estudadas, para que possamos avaliar o espaço urbano local.

Após a demonstração da pesquisa de campo realizada, utilizamos os relatos e os percursos como verdadeiros formadores de uma sintaxe espacial, e construímos mapas que identificam usos, equipamentos importantes citados, e áreas centrais. Nos mapas confeccionados pela autora, trabalha-se com operações de demarcação, fazendo a compilação dos relatos e percursos. Estes são compostos de fragmentos tirados de histórias anteriores e bricolados num todo único (CERTEAU, 1994). Estes mapas estão demonstrados a seguir, como mapas base. Além disso, para a interpretação dos relatos, utilizamos parte da estrutura metodológica aplicada por Kevin Lynch (2011). A partir dos relatos, identificamos percursos, tempos importantes, diferentes tipos de relações, mas também elementos estruturadores destas cidades, como marcos, vias, limites e bairros (LYNCH, 2011). Estes pontos ajudam a interpretar como se consolida o uso das duas cidades para os seus cidadãos. Após a apresentação da pesquisa de campo, os mapas serão apresentados novamente, com aproximação nas áreas mais citadas, e interpretados de acordo com os relatos obtidos.

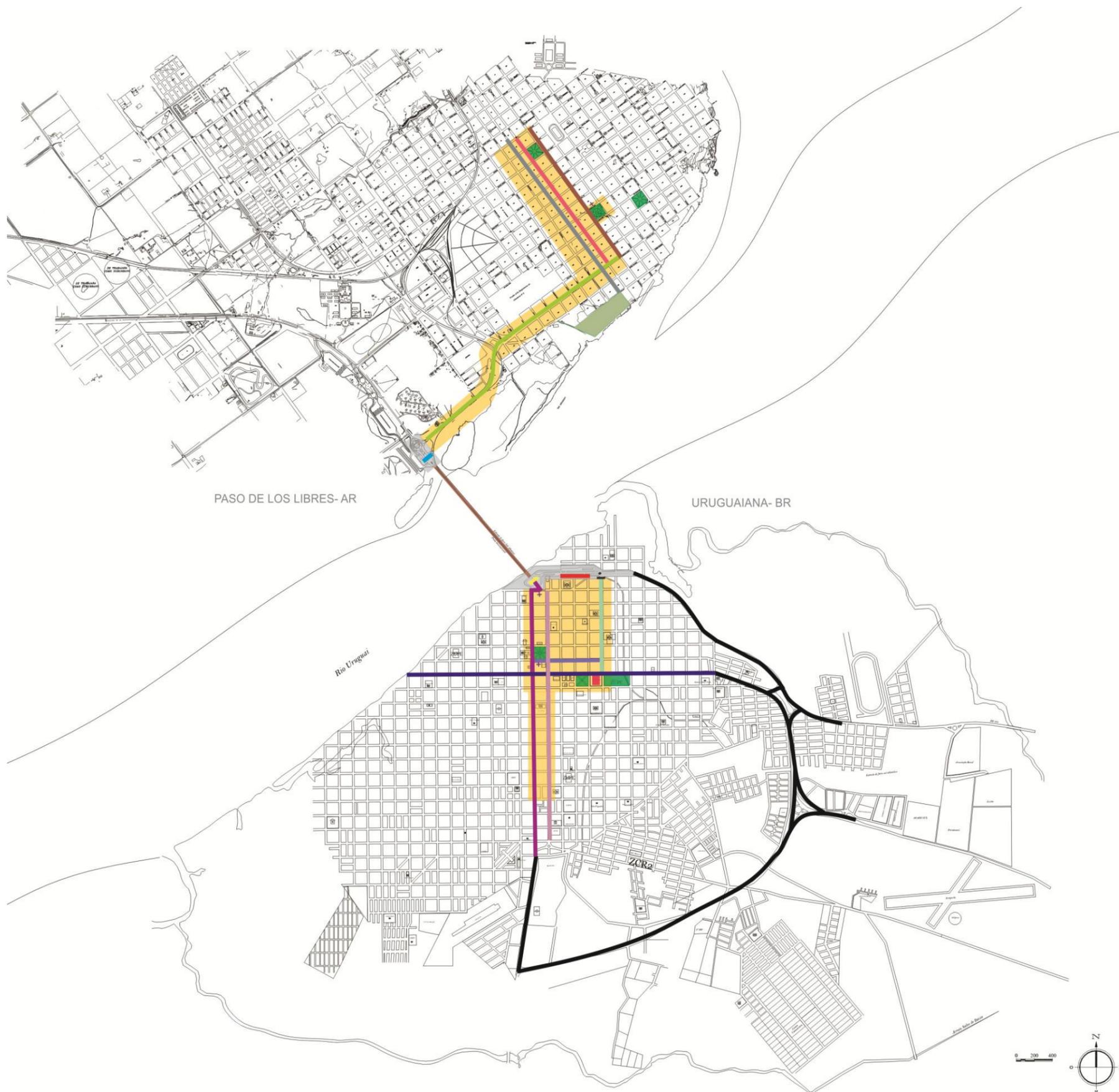
A seguir, apresentamos os mapas os quais chamamos mapas base, de ambas as cidades. Nestes mapas, já aparecem interpretações da autora, marcando nas cidades áreas mais citadas nos relatos, conformando verdadeiros limites

urbanos que coincidem com as áreas centrais, e com os percursos para as cidades vizinhas. Além dos limites, já estão marcados marcos e vias citados pelos cidadãos.

Portanto, nestes mapas base, mostramos toda área urbana das cidades gêmeas, os limites conformados a partir das vias que fazem parte dos percursos para a cidade vizinha, e alguns elementos estruturadores como praças e parques.

O objetivo dos mapas está em compilar as informações da pesquisa de campo e reconhecer espaços importantes, mais utilizados pelos moradores das duas cidades, onde o binacional torne-se forte, e marcante.

Depois dos mapas demonstrados a seguir (mapas base), teremos as análises dos mapas mentais e dos relatos de percursos interpretados em outros mapas a partir do mapa base. Portanto, neste capítulo 6, teremos a seguir os mapas base (mapas 01, na página 114 e 02, na página 115), possibilitando o reconhecimento das cidades. Os mapas 03, na página 155 e 04, na página 156 são mais aproximados, e são a interpretação dos mapas mentais desenhados pelos informantes locais. Nas páginas 162 e 163, temos os mapas 05 e 06, que apresentam a interpretação dos percursos relatados. Nos mapas 07, página 170 e 08, página 171, temos a interpretação conjunta dos percursos mapeados e relatados.



Mapa 01
 Mapa Base
 Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR)

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praça
- Área de aduana
- Estação Rodoviária
- Aduana argentina
- Primeira aduana brasileira(desativada)
- Segunda aduana brasileira (desativada)
- Costanera- Paso de los Libres

Legenda 02 (vias)

- Praça
- Rua Collón- Paso de los Libres
- Av. San Martino- Paso de los Libres
- General Madariaga - Paso de los Libres
- Coronel Lopez- Paso de los Libres
- Rua Flores da Cunha- Uruguiana
- Av. Presidente Vargas- Uruguiana
- Rua Santana- Uruguiana
- Rua General Flores da Cunha- Uruguiana
- Via perimetral de acessos- Uruguiana
- Av. XV. de Novembro- Uruguiana
- Av. Duque de Caxias (antiga Rua do Comércio)- Uruguiana



Mapa 02
 Mapa Base
 Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY)

- Legenda 01**
- Área central de passagem e interferência direta
 - Praças
 - Parque internacional
 - Praça João Pessoa- 'Praça dos Cachorros'
 - Intendência- Rivera
 - Cassino Rivera
 - Igreja Matriz- Rivera
 - Igreja Matriz- Santana
 - Clube Campestre
 - Lago Batuva
- Legenda 02 (vias)**
- Praça
 - Rua Agraciada- Rivera
 - Rua Sarandi- Rivera
 - Rua Ituzaiçó- Rivera
 - 'Linha divisória'
 - Rua dos Andradas- Santana do Livramento
 - Rua Rivadávia Corrês- Santana do Livramento
 - Rua João Goulart- Santana do Livramento

6.1-Os Usos, as Táticas e as Influências da vida cotidiana

6.1.1- Complementaridades, conflitos e vivências: Uruguaiana e Paso de los Libres

C.O, uruguaianense, 32 anos, usuária dos espaços públicos de lazer casou-se, a dois anos, com um librenho. O casal reside atualmente em Paso de los Libres. C.O. que nasceu em Uruguaiana, conta que vai a cidade diariamente, pois reside em Paso de los Libres e trabalha em Uruguaiana. Seus pais também moram em Uruguaiana, e a família de seu marido em Libres. Diz que cruzar a fronteira para ela é muito natural, não encontra problemas. Utiliza-se das duas cidades como se fosse apenas uma.

Sua relação com os amigos de seu marido é muito boa, e vice-versa. No início do namoro conta que sempre tinham brincadeiras, tanto dos seus amigos, sobre argentinos, quanto dos amigos dele, sobre os brasileiros. Atualmente diz que está mais acostumada, e mora tranquilamente em Paso de los Libres.

Acredita que mesmo as cidades tendo uma integração social menor, são complementares com relação a comércio e serviços e saúde. C.O. nos diz que os argentinos procuram muito os serviços de saúde em Uruguaiana. O hospital em Libres é somente público e está com suas instalações debilitadas. Segundo nossa informante as pessoas de classe média em Libres normalmente não ganham bebê no hospital de Libres. Quem ganha bebê no hospital é o mais pobre. Quem tem um pouco mais de reservas ganha nas clínicas particulares, em Corrientes (AR), Cordoba (AR) ou em Uruguaiana. Por isso desde o início da gravidez as argentinas já começam a consultar com médico brasileiro. C.O. sente-se em casa em Libres. Mas acha que o brasileiro é mais receptivo com o argentino, do que o argentino com o brasileiro. Acha que os argentinos deveriam ser mais gentis, pois acredita que o comércio de Paso de los Libres sobrevive em função do brasileiro. Nos feriados, as lojas em Paso de los Libres ficam abertas, e a Av. *Collón* fica lotada de brasileiros que aproveitam o feriado para comprar ou passear do outro lado.

Outra informante, M.G, uruguaianense, comerciante, 45 anos, percebe as cidades como complementares, mas ela não faz questão de ir ao outro lado. “Nasci em Uruguaiana e estou acostumada com o vai e vem da fronteira, por isso quem sabe não gosto muito de ir, ou por influência do meu marido que não gosta dos

argentinos. Costumo dizer que Libres é uma rua. Toda a vida social da cidade de Paso de los Libres acontece na Av. Collón ou muito próximo a ela. Apesar de não gostar de frequentar, acho que a Collón é uma rua com uma energia que em Uruguaiana não tem igual. Manhã, tarde e noite tem movimento. Tem vida”.

Apesar de na vida particular M.G. não frequentar muito a cidade vizinha, criou um convênio de sua empresa de Uruguaiana com médicos de Paso de los Libres. O convênio leva e traz cidadãos uruguaianenses para consultar em médicos oftalmologistas em Paso de los Libres por valores muito inferiores aos valores do Brasil. O carro da empresa ia e voltava de Paso de los Libres diariamente, levando e trazendo brasileiros para as consultas. “Foi uma estratégia de marketing, utilizando as possibilidades da fronteira, podendo vender ou não mais mercadorias na loja”. Os médicos uruguaianenses sentiram-se prejudicados e conseguiram que o convênio estabelecido fosse legalmente suspenso.

Temos ainda J.P., argentina, 36 anos, usuária dos espaços públicos de lazer. J.P nasceu em Paso de los Libres, mora em Paso de los Libres, é formada de Córdoba (AR), em design de interiores. Tem três filhos, sua mãe é brasileira e seu pai argentino. Desde pequena, sempre teve muito contato com a cidade vizinha. Tem uma família grande em Uruguaiana, e quando era menor, até a adolescência, ia para Uruguaiana diariamente.

J. P. conta que “a Argentina está vivendo uma crise e uma inflação muito grande. Alguns librenhos alugam casa em Uruguaiana e moram lá, pois o aluguel é mais barato”. Para ela, a cidade de Libres precisa mais de Uruguaiana, dos uruguaianenses. Neste momento de grande crise na Argentina, diz que o comércio em Libres funciona bem ainda em função dos brasileiros. Dá um exemplo contando que nos dias de feriado, mesmo sendo feriado no Brasil e na Argentina, em Libres o comércio abre para atender os brasileiros. Quando precisa de médico, consulta em Uruguaiana, pois possui plano de saúde brasileiro. Para ela os médicos em Uruguaiana, de maneira geral, são melhores, e em Uruguaiana também existem mais especialidades.

J.P. nos apresentou outra entrevistada: C. também com 36 anos, librenha, usuária dos espaços públicos de lazer. C. trabalha com transporte aduaneiro, e sua relação com a cidade vizinha de Uruguaiana é quase diária, em função do trabalho. Diz que desde pequena sempre gostou muito de ir a Uruguaiana, provavelmente

porque sua mãe também sempre foi comprar na cidade vizinha. Gosta das lojas, gosta das pessoas, gosta do idioma. Compara a maneira de falar do brasileiro e do argentino: "... o brasileiro tem a fala mais suave, e o argentino já tem uma maneira mais bruta de conversar". Conta que a melhor amiga de sua mãe é brasileira, casada com argentino. Sempre teve muito contato com os uruguaianenses, com famílias de Uruguaiana.

Dependendo de como está o câmbio, favorável a um país, ou favorável para o outro, C. acredita que uma cidade se torna mais importante para a outra. "Atualmente, com a crise argentina, a grande inflação, e o limite de compras imposto pelo governo argentino nos seus próprios supermercados, a cidade de Uruguaiana tem sido muito importante para os Librenhos. Assim, o que falta em uma cidade, podemos buscar na outra".

Outro entrevistado é J. G., 36 anos, comerciante, com comércio em Paso de los Libres, mas com documentação brasileira. Tem família em Uruguaiana e em Paso de los Libres. Morou sempre em Paso de los Libres estudou em escolas públicas, e nunca teve problemas com a nacionalidade brasileira. Sente-se mais argentino do que brasileiro. Para poder ter comércio em Paso de los Libres tem um sócio argentino. Este entrevistado casou-se com uma brasileira e atualmente mora em Uruguaiana. Informou que mesmo com a moeda argentina desvalorizada com relação ao real, o aluguel que paga para residir em Uruguaiana é muito mais barato do que pagaria para residir em Paso de los Libres.

J.G. vai e volta de Uruguaiana para Paso de los Libres diariamente. Seus filhos nasceram, moram e estudam em Uruguaiana. Acha que estar na fronteira é positivo, que as cidades se complementam, mas que deveriam ter mais projetos comuns, segundo ele as cidades deveriam trabalhar juntas. J.G. vive como se estivesse em uma só cidade, já que sempre viveu tranquilamente nas duas. Quando era pequeno e morava em Paso de los Libres, também ia à Uruguaiana todo o dia, na casa de sua avó. Quanto à fiscalização, nos diz que não tem como não acontecer. Segundo ele: "Assim como existe o cidadão que passa produtos para o consumo em sua residência, como o queijo, a carne, ou outros produtos que não oferecem perigo nem maiores prejuízos econômicos, tem também o contrabando de grande porte, considerado prejudicial à sociedade".

Ainda, temos como próximo entrevistado E.C., librenho, 42 anos comerciante, dono de um Supermercado na Av. Collón, cujo fundador foi seu pai. E.C. é casado com uma uruguaianense. Os dois moram com suas duas filhas em Paso de los Libres. Sua esposa costuma fazer quase todas as atividades diárias em Uruguaiana. Ele como trabalha no supermercado, costuma ir a Uruguaiana uma ou duas vezes na semana. Vai jantar nos restaurantes ou na casa de amigos. Desde pequeno, sempre frequentou a cidade vizinha. Tinha uma turma de amigos librenhos que ia todo o final de semana para Uruguaiana.

Uma de suas filhas é nascida no Brasil, e registrada como brasileira, e a mais nova nascida na argentina, e registrada como argentina. Ambas estudam em Paso de los Libres, e apesar de o colégio ser semiprivado, e parte do colégio ser pública, a menina brasileira nunca teve nenhum impedimento de estudar lá. Nunca teve nenhum problema em função de sua documentação brasileira. Inclusive, E.C. conta que suas duas filhas tem os sobrenomes na ordem diferente, pois uma é registrada no Brasil e a outra na Argentina. No Brasil temos primeiramente o sobrenome da mãe e depois o sobrenome do pai. Na Argentina, assim como na Espanha, acontece o contrário, primeiro tem-se o sobrenome do pai, e depois o sobrenome da mãe.

C. K., uruguaianense, 37 anos, comerciante, casada com E.C. librenho. Mora em Paso de los Libres. Ela inicia a conversa falando sobre outros casais brasileiros/argentinos. Conta que alguns amigos que moram em Libres têm seus filhos estudando no Brasil por acharem que o ensino é melhor. Ela não quis confundir a cabeça das filhas. Já que residem em Paso de los Libres, optou por fazer a vida de suas filhas lá, além de o ensino ser considerado melhor, e mais barato, comparando-se com as escolas particulares de Uruguaiana. Já ela, vai para Uruguaiana diariamente, porque costuma fazer tudo em Uruguaiana, inclusive atualmente, é sócia de um comércio em Uruguaiana. Na época em que casou com E.C, librenho, poderia ter feito seu documento argentino, mas teria que escolher entre ter a cidadania brasileira ou argentina. Então não quis trocar. Ela optou por apenas radicar-se em Paso de los Libres, mas não é cidadã argentina. Sua conta bancária fica no Brasil.

P.P.C. 67 anos³, comerciante, acredita que o morar na fronteira é uma grande vantagem. A única desvantagem para ele é a distância desta fronteira da cidade de Porto Alegre, capital do Estado. “Mas no restante, temos como vizinhos um povo amigo”. Acha que não existe rivalidade, e sim uma falta de integração social. Segundo ele não existe amigos que se frequentam, que participam de festas juntos, pelo menos que ele conheça. “Essas convivências sociais são menores”. Para ele as cidades não se complementam, são totalmente independentes, auto-suficientes. “Os produtos que compramos lá e eles aqui são supérfluos, nada de essencial”. Porém, cita os comércios de ambas as cidades como dependentes do outro como cliente.

M.F, 70 anos, usuária dos espaços de lazer, sempre conviveu com a fronteira e com o vai e vem fronteiriço. É nascida em Uruguaiana, seu pai era militar, morou no RJ. Casou-se em Uruguaiana e ficou. Acha uma cidade tranquila, onde se tem muitos amigos, boa para criar as filhas. Acredita que atualmente as cidades são complementares e uma maior integração seria benéfica. “Estar na fronteira traz benefícios”.

S.B. acredita que existe a complementaridade entre as duas cidades principalmente em relação ao comércio, até hoje. A diferença é que antigamente essa complementaridade era muito necessária para as duas cidades, e hoje existe em função do hábito. Não existe uma necessidade maior. “As cidades deveriam ser mais integradas, pensar em um crescimento conjunto, e não cada um por si. O comércio de Paso de los Libres é rentável em função da vizinhança com Uruguaiana”.

LB, 33 anos, Uruguaianense, usuária dos espaços públicos de lazer, é outra informante desta pesquisa. Sua relação com a cidade vizinha normalmente é a partir do comércio. Costuma ir a Libres toda a semana, ou no mínimo duas vezes ao mês. Para ela, passear no comércio da cidade vizinha é uma distração. Diz que não é um grande comércio, mas que lá encontramos coisas que não têm em Uruguaiana. Utiliza a cidade vizinha para abastecer o carro, para ir ao supermercado comprar coisas diferentes, mesmo que não sejam mais baratas. Utiliza os restaurantes e

³ Neste momento é importante fazermos uma observação sobre o método. Os informantes do grupo acima de 60 anos, participantes das histórias de vida, também nos forneceram informações do seu cotidiano atual, e estas informações aparecem aqui. Deste modo, os informantes de 30 a 50 anos, também aparecerão no capítulo 7, ao tratarmos da memória desta população.

sorveterias a noite. Às vezes vão a Libres somente para comer um sorvete. Diz que como Uruguaiana não é uma cidade que ofereça muitas opções de cultura e lazer, estar na fronteira torna-se interessante. “Buscar na cidade vizinha outras opções para o lazer é algo que se torna corriqueiro”. Quando chegam amigos de fora ela costuma oferecer o passeio à Paso de los Libres como um atrativo. Mesmo sabendo que a cidade de Paso de los Libres é uma cidade que se encontra em uma das regiões mais empobrecidas da Argentina, ela ainda acha que tem coisas interessantes e diferentes para oferecer.

Outra entrevistada, B.A., 35 anos, usuária dos espaços públicos de lazer, nos diz que costuma ir a cidade vizinha toda a semana, principalmente aos finais de semana, no sábado. Costuma utilizar o comércio, o supermercado, e visitar um casal de amigos. Tem uma amiga uruguaianense, C.O, casada com um librenho, que foi morar em Paso de los Libres depois que casou. Diz que se tivesse mais tempo livre, iria mais vezes a Libres. Para ela está dentro das práticas de lazer. No comércio não compra o essencial, e sim o que é diferente. Costuma comprar roupas para seus filhos em Libres. Podemos dizer que possui uma relação comercial e social, já que costuma ir visitar uma amiga que atualmente mora na cidade vizinha. Vai a Libres com naturalidade, sem maiores problemas.

P.C. e B.C., comerciantes, nos falam das tratativas para a legislação que estabelece a possibilidade de *free shops* na faixa de fronteira brasileira. Certamente mudanças ainda vão ocorrer em função desta nova possibilidade. Segundo as entrevistas, alguns comerciantes uruguaianenses não se mostraram satisfeitos com a possibilidade da instalação de *free shops* em todas as cidades de fronteira brasileira, inclusive em Uruguaiana. P.C e B.C acham que pode ser prejudicial para o restante do comércio da cidade, com uma concorrência desleal. Além disso, dizem que os *free shops* poderiam ficar muito pulverizados nas cidades, e assim perder a força.

B.M., uruguaianense, 64 anos, usuária dos espaços de lazer, costuma frequentar o comércio, o supermercado, o cassino, em média uma vez na semana. Não tem amigos em Paso de los Libres, mas conhecidos das lojas.

Em, Uruguaiana citou a praça como local atual de lazer, mas não sai muito. Costuma ainda, mesmo com o câmbio desfavorável, ver argentinos no supermercado, e nas lojas de sapato. Diz que encontrou uma senhora de Libres que

conhece do Cassino, e perguntou porque mesmo com o câmbio desfavorável eles compram muito sapato em Uruguaiana. A senhora disse que inclusive levam para vender nas outras cidades do interior. Que os argentinos gostam muito do sapato brasileiro. Colocar gasolina em uma cidade e na outra também é uma prática, dependendo do câmbio vigente. Os clubes como Lyons e Rotary são integrados. De tempo em tempo acontecem reuniões em Libres e em Uruguaiana.

J. P. argentina costuma ir a Uruguaiana toda a semana, já é um hábito adquirido de sua mãe. “Fico nervosa se não vou a Uruguaiana no mínimo uma vez por semana. Vou ao supermercado, visito os parentes, e até algum tempo atrás fazia academia em Uruguaiana, mudei há pouco tempo para outra em Paso de los Libres em função da proximidade e tempo”. Diz que mesmo com a moeda argentina estando três vezes mais desvalorizada que a moeda brasileira, ainda vale a pena comprar alguns produtos em Uruguaiana. Vezes pelo preço, ou pela qualidade.

Ao tratar do lazer, ela nos fala na rua Collón, principal rua comercial da sua cidade – Paso de los Libres- onde pode ficar nas mesas na calçada, sem o sentimento de insegurança. A via além de uma área comercial, é residencial, e de muitos bares que ficam abertos à noite. As lojas até às 21hs e os bares até mais tarde.

Dois dos entrevistados citaram diferenças entre o consumo do usuário do comércio brasileiro e argentino, sobre as compras em uma cidade e outra. Dizem que quando o câmbio está favorável para os argentinos em Uruguaiana, eles compram muito na cidade vizinha. Normalmente levam muitas unidades do mesmo produto, e compram uma variedade grande. Já o brasileiro, quando o câmbio está favorável para ele em Libres, compra *“el vino, dulce de leche, alguna vestimenta”*. A proprietária de uma loja de roupas infantis e acessórios, “El pinguito”, que fica na Av. Collón em Paso de los Libres foi interrogada sobre o que os brasileiros costumam comprar em sua loja, e ela diz: “Eles não compram! Compram apenas produtos específicos”.

N.M. tem vínculo forte com sua família em Uruguaiana. Vai todo o mês, não tem muito tempo livre por causa da sua loja que funciona a 20 anos na Av. Collón. Acha que deveria ser mais integrado para o cidadão Uruguaiense e librenho. Que não deveriam ter produtos proibidos, se para consumo próprio. “Ainda hoje existem

muitas coisas mais baratas lá do que aqui, e se eles pegam na ponte tiram... isso está errado”.

Quanto à fiscalização, L.B. uruguaianense, 34 anos, usuária dos espaços públicos de lazer, reclama sobre a abordagem na aduana argentina, principalmente no retorno para Uruguaiana. Segundo L. B. “A entrada já foi permitida, e a saída está sendo questionada. O problema é a relação com a aduana. Falamos tanto em Mercosul, mas as relações deveriam ser mais estreitas. E na verdade não são”.

C.O. reclama pois da fiscalização não ser frequente. Acontece vezes sim, vezes não, causando problemas com a programação de tempo para atravessar a ponte. Normalmente demora 10 min. indo de casa (Paso de los Libres) para o trabalho (Uruguaiana) ou do trabalho para casa, mas às vezes fazem alguma fiscalização mais demorada e pode acontecer dela se atrasar. Diz que isto atrapalha, acha que ou a fiscalização existe, e acontece com todos, ou não acontece, pois fica difícil para fazer programações de tempo para ir, ou voltar.

C.O. conta também que em um feriado, as lojas em Paso de los Libres estavam todas abertas, e a *Gendarmeria* (polícia) argentina resolveu fazer uma operação para pedir documentação na entrada da cidade, pois sabiam que seria um dia de grande movimento dos brasileiros. Isto além da fiscalização na aduana. Este tipo de situação nossa informante diz não entender. A atitude, segundo ela, resultou em um congestionamento enorme e em uma demonstração de falta de cordialidade dos argentinos para com os brasileiros. “Seria mais fácil colocar uma placa então: brasileiro não entra... se é isto que eles querem”. Conta também sobre os chamados “passadores”. São homens que pagam propina para o pessoal da aduana, para passar o que for necessário. “Se compramos um sofá em Uruguaiana e queremos levá-lo para Libres, tem que ser ilegalmente, para não pagar todos os impostos de exportação necessários, e legais. A prática é pagar 10% do valor ao passador, e ele passa a mercadoria”. Mesmo com o peso desvalorizado com relação ao real, C.O. ainda compra alguns mantimentos para sua casa no supermercado em Uruguaiana. “A inflação atual na Argentina é tanta que alguns produtos no Brasil ficam mais baratos. Até mesmo os produtos que são proibidos de passar, normalmente passam”.

P.P.C., comerciante, 68 anos, conta que até determinada época era um transtorno atravessar a ponte (pós início do grande movimento dos caminhões, nos

anos 80). Ficava- se esperando muito tempo junto aos caminhões. Este problema foi resolvido. Saímos de Uruguaiana e em 5min. estamos em Libres. Não vê nenhuma dificuldade de ir a Libres. O controle acha até bom que façam.

J.P., quanto ao passar pela aduana produtos proibidos, nos diz que como ela já é conhecida na aduana, os fiscais normalmente não revisam o carro, e se revisam, deixam passar. Conta inclusive que encontra no supermercado em Uruguaiana o próprio fiscal da aduana, comprando muitas vezes os mesmos produtos que não poderiam passar. “O que falta em uma cidade deveria poder comprar na outra sem problemas, sem precisar contrabandear produtos do dia a dia. Mas como aqui em Libres nos conhecem... deixam passar. O tratamento deveria ser igual para todos.”

S.F acha a fiscalização inútil. Que as pessoas trazem o que querem. Ela mesma faz isso, contando dos remédios que leva de Libres para Uruguaiana. São as táticas da fronteira. As práticas fronteiriças.

S.B, librenho, conta que nunca teve nenhum problema na ponte porque é conhecido na cidade, nunca fiscalizam seu carro. Vai sempre ao supermercado em Uruguaiana. Desde que é jovem, falam na integração, e que a fronteira deveria estar fora dos limites das cidades, tanto em Uruguaiana quanto em Libres, e conta que é partidário a esta ideia. Que deveria ser como em Livramento/ Rivera. Diz que na verdade não há integração porque sempre tem egoísmo, interesses maiores, a argentina trava as importações brasileiras e vice versa.

Considerando as vivências binaconais, B.A. conta que nas férias costuma ir a Punta del Este com sua família, e sua mãe trabalha com excursões bianuais para Buenos Aires. Costuma ir a Buenos Aires todo o ano, pois é fácil, e tem a mesma distância de Porto Alegre (RS). Porém, acha também que no momento, a fronteira está separada. "Como está, está separada. Tanto é que se vem um carro com placa de qualquer outra cidade, por exemplo, eles mandam voltar ou complicam bastante a entrada. As cidades deveriam ser mais unidas”.

C., librenha, 36 anos, conta que quase todos os anos, veraneia nas praias brasileiras junto com a família de uma amiga, de Uruguaiana. Capão da Canoa, ou Rio de Janeiro. Segundo C.: “Nós aqui de Libres nem pensamos em ir de férias para uma praia argentina... saem até de Córdoba (AR), passam cinco dias viajando, mas vão para o Brasil. O clima é diferente”.

Contudo, tratando também dos conflitos do cotidiano, a comerciante M.G., uruguaianaense, nos diz que dificilmente vai a Paso de los Libres. Gosta e tenta comprar tudo em Uruguaiana, sua cidade. Acha que os argentinos sempre querem dificultar para os brasileiros, que a fronteira deve sim ser fiscalizada, e reclama inclusive da falta de fiscalização. Contou que estava indo ao supermercado em Libres com sua filha, pois precisava comprar algumas coisas que não tem em Uruguaiana, e que não exigiram o documento de sua filha, menor de idade. Acha este tipo de situação perigosa, pois se passamos de um país para o outro, com diferentes legislações, o cuidado deveria ser maior.

M. A., outro comerciante uruguaianaense, 60 anos, também demonstra não gostar de cruzar a fronteira. M.A. disse que sempre se incomodou com a ideia de ser fiscalizado na ponte. Atualmente não vai a Paso de los Libres em função do incômodo na ponte, e segundo ele, da prepotência dos argentinos. Para ele é um incômodo ter que parar e dizer onde pretende ir, o que vai fazer. Acha que a travessia deveria ser facilitada para os cidadãos. Atualmente, costuma comprar carne e vinho da cidade vizinha, mas através da tele- entrega. Ele liga e entregam em Uruguaiana. Não se sente bem em Paso de los Libres. “Acho que faz uns dois ou três anos que não vou a Paso de los Libres. Como temos a possibilidade de fazer ligações locais entre Uruguaiana e Paso de los Libres, fazer o pedido via telefone se torna mais confortável para mim”.

C., a informante librenha de 36 anos, ainda nos diz que em alguns casos percebe rivalidade, entre as duas populações por estarem tão próximas. Acredita também que o brasileiro é mais receptivo com o argentino, do que vice versa.

Quanto à integração das duas cidades, E.C., o informante librenho, comerciante de 42 anos, nos diz que poderia ser maior. Que apesar de sempre ter frequentado a cidade vizinha quando mais jovem com sua turma de amigos argentinos, não tinha amigos brasileiros. Sentia certa rivalidade, e isto começou a mudar depois que namorou e casou com sua esposa brasileira. Diz que provavelmente 40% do consumidor do seu supermercado é cliente brasileiro, sendo assim este cliente muito importante para a estabilidade do comércio em Paso de los Libres. Mas a fiscalização da ponte dificulta as relações entre as duas cidades. “É como se estivéssemos entrando em uma área militar”.

C.K. Conta que sente mais discriminação e rivalidade do brasileiro com o argentino, do que o contrário. Piadas na turma de amigos sobre argentinos eram comuns até que causou desentendimento. Sua casa hoje é em Libres, mas preferiria morar em Uruguaiana se seu marido aceitasse.

Podemos tratar também, de algumas influências percebidas pelos cidadãos, em seus relatos. Uma delas é o idioma. No Brasil, percebemos muitos sotaques diferentes, nas diferentes regiões. Na região da fronteira Platina não poderia ser diferente. O gaúcho fronteiriço apresenta um sotaque “espanholado”, misturando por vezes algumas palavras com o espanhol.

C. librenha, conta algumas influências do português no espanhol. Diz que em Libres eles pedem carona, esta palavra “carona” não tem tradução exata para o idioma espanhol. Mas normalmente o librenho fala. Contou sobre uma rádio local em Paso de los Libres que troca muito o espanhol pelo português, inclusive muitas músicas são brasileiras. Conta que seu irmão mora em Buenos Aires a 17 anos e ainda fala estes termos “aportuguesados”.

S.F., uruguaiense, nos diz que em Uruguaiana, tomada (tomada de luz) é chamada de “*enxufe*”. Concha (um utensílio doméstico) pode ser chamada de “*cucharra*”. E muitas outras palavras faladas no espanhol no meio de uma frase em português. C.K diz que nota o sotaque uruguaiense um pouco espanholado. “A maneira que o uruguaiense fala, lembra muito o ritmo espanhol. Algumas palavras são trocadas sim, mas nota-se mais influência no sotaque”. O vocabulário e o sotaque já são fortes interferências culturais que reforçam a existência de manifestações das práticas cotidianas no espaço urbano local.

P.P.C. diz que: “somos influenciados pela cultura argentina assim como eles são influenciados por nós. Essas influências percebemos principalmente no vocabulário”. Diz ainda que Uruguaiana é uma cidade muito bem traçada. Ruas largas, calçadas largas, quando cita a Av. Presidente Vargas. Sobre Paso de los Libres, para o informante a diferença marcante é a pavimentação com concreto. “Eles (argentinos) não têm esgoto pluvial, a água corre toda por cima das ruas. As notícias de melhorias em uma cidade sempre chamaram a atenção na outra. Existe uma comparação que acredito já ter sido maior no passado”.

Quanto às influências nos hábitos locais, L.B, B.A e M.A, uruguaienses, e C, J.P. de Libres nos falam das diferenças e interferências nos hábitos

gastronômicos. A maneira de fazer churrasco no espeto é diferente da *parrija* argentina. C fala do hábito do librenho de usar a farinha junto com o churrasco, e tomar caipirinha, o que tradicionalmente é um hábito do brasileiro. Os horários de almoço e janta do librenho são mais tarde que do uruguaianense. Mas o uruguaianense é influenciado pelos horários argentinos principalmente à noite. Também o hábito de utilizar o espaço público à noite, é uma característica do argentino.

L.B nos diz também que percebe influências na vestimenta. Percebe que o homem brasileiro consome muito a vestimenta em Paso de los Libres, e a mulher argentina busca consumir a moda brasileira, e recursos estéticos. Segundo alguns uruguaianenses do grupo do comércio entrevistados, os argentinos compram muito sapato em Uruguaiana. Na entrevista com J.P, interrompemos por um momento para falar com sua filha V.P., que havia acabado de chegar de Uruguaiana com um novo sapato.

M.P., comerciante librenho, nos diz que aproveita a hora da sesta⁴ em Libres para ir a Uruguaiana comprar algo necessário, ir ao supermercado, etc. “A hora da sesta em Paso de los Libres acontece das 13hs quando fecha todo o comércio, até as 16hs ou 16:30hs, quando reabre o comércio. Neste tempo almoço com minha família, levo as filhas no colégio e quando preciso, vou a Uruguaiana. Não tenho outro horário para pegar o comércio aberto lá, pois pela manhã preciso ficar na minha loja”.

C.O., nos diz que as duas da tarde não tem nada em Libres, não tem ninguém na rua. Segundo ela a cultura deles é: “Na hora da sesta não, vamos depois”. Os homens normalmente tomam uma taça de vinho no almoço. “Sestear faz parte dos hábitos antigos, que se perpetuou. Faz com que o comércio em Paso de los Libres fique aberto até às 21hs. Consequentemente se chega muito mais tarde em casa, se janta muito mais tarde”. Outra influência dos horários de Libres em Uruguaiana são as horas da janta, de sair à noite. Em Uruguaiana se sai mais tarde para jantar, ou para alguma festa, e esta é uma influência clara do vizinho argentino. O hábito dos argentinos estarem com o comércio aberto até as 21hs, faz com que as ruas comerciais em Paso de los Libres estejam sempre movimentadas. Destaca-se a Avenida Collón, que é a principal via comercial da cidade.

⁴ A sesta é uma herança dos costumes espanhóis de dormir após o almoço. Em Paso de los Libres o comércio fecha as 12:30 e reabre apenas as 16hs em função da sesta.

B.M, 64 anos, uruguaianense, usuária dos espaços públicos de lazer, diz que os hábitos do uruguaianenses e librenhos acabam sendo parecidos. “Existe o hábito da sesta, quando o comércio fica fechado e só reabre às 16hs em Paso de los Libres. O uruguaianense também tem o hábito da sesta, mas não se prolonga tanto”. C.K, informante brasileira, casada com librenho, moradora de Paso de los Libres conta que não faz o horário da sesta. Normalmente esta hora ela já está em Uruguaiana. Confessa que acha ruim a diferença de rotinas e de horários de uma cidade e de outra, principalmente no verão, que em Uruguaiana se adianta uma hora. Diz que: “para quem utiliza as duas cidades diariamente, mora em uma e trabalha em outra as diferenças de horários dificultam”.

S.L, comerciante librenha, fala da insegurança que sente nas ruas de Uruguaiana quando o comércio está fechado, e compara com a tranquilidade que tem em andar a noite em Paso de los Libres, em função da hora de fechamento das lojas (21hs) e do costume dos argentinos de utilizarem o espaço público até mais tarde.

P.P.C, nos diz que a fronteira é simplesmente um acidente geográfico, para nós que nascemos aqui (trata então de uma união quase que natural entre esta população). “É o início ou o final do Brasil. A separação é inevitável, afinal de contas, são dois países que se encontram. Convivemos com as diferenças, o que também é inevitável. A convivência com o outro é um hábito do cidadão da fronteira”.

N.M, argentina, 72 anos, comerciante, percebe que no Brasil respeitam muito mais a cultura local. “...nós, aqui em Paso de los Libres, normalmente nos feriados e dias santos abrimos o comércio para favorecer os brasileiros. O Brasileiro respeita mais a sua cultura, sua história, o Argentino não respeita mais nada”.

Nos remetemos também as influências na musicalidade, e no carnaval, citadas pelos cidadãos. C.O nos diz que vê influências entre as duas culturas quando tratamos da musicalidade. Os librenhos ouvem muito a música brasileira: o samba, o pagode, o axé, o sertanejo, assim como o brasileiro ouve muito as músicas argentinas, ou latinas. Essa influência, podemos perceber nas rádios locais, as quais podem ser escutadas nas duas cidades. Existe inclusive uma rádio brasileira, em Paso de los Libres. E.C., comerciante, librenho, também nos diz que Uruguaiana tem toda a influência em Libres, e cita o exemplo do carnaval. “Em Libres temos carnaval a 55 anos. Tem gente que se dedica todo o ano ao carnaval. Em toda a

Corrientes, e em Libres que iniciou isso, em função do Brasil. E era para ser Cúmbia, mas não, é samba”.

6.1.2- As nacionalidades, complementaridades e pequenas rivalidades: Santana do Livramento e Rivera

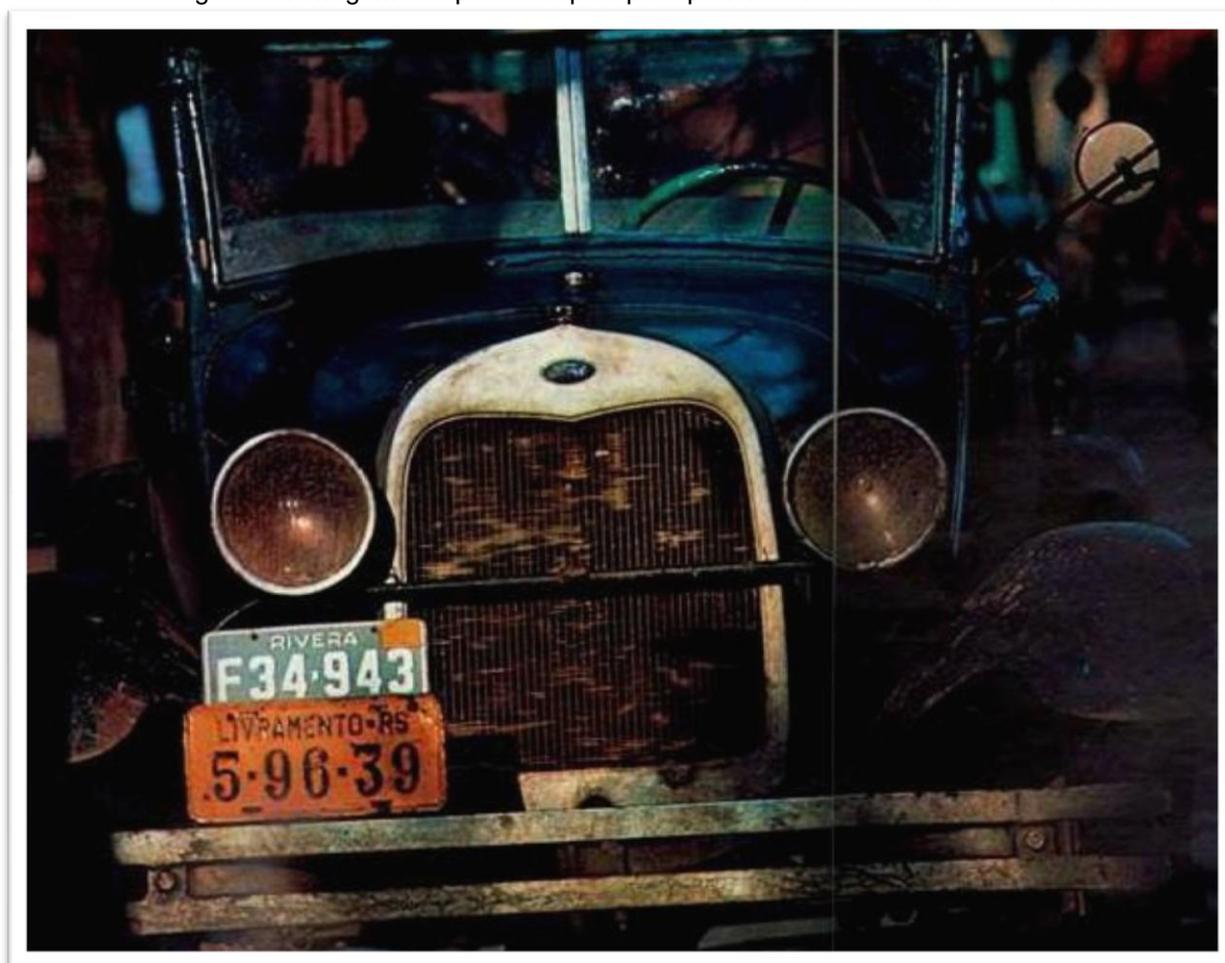
A.P.G., 37 anos, comerciante, brasileiro e uruguaio - *doble chapa*- como dizem. Seu pai era brasileiro e sua mãe uruguaia. Até os 35 anos morou em Rivera, mas estudou e trabalhou sempre em Livramento. Após casar-se (com uma riverense), foram morar em Santana do Livramento, pois foi mais fácil encontrar apartamento, e a empresa a qual é proprietário fica no Brasil. Ao ser interrogado sobre onde ele se sente em casa, o informante não conseguia responder, disse que nunca havia pensado nisso, pois utiliza as duas cidades como se fosse uma. Ele nos diz: “Vejo com naturalidade o cidadão da fronteira buscar as melhores oportunidades de um lado e de outro da linha. Se é melhor e mais conveniente morar em uma cidade e trabalhar na outra, podemos fazer com facilidade”. Vê as duas cidades muito integradas, mas não iguais.

Diz também que somente a pouco tempo sente-se santanense, pois está a dois anos morando e trabalhando do lado brasileiro. Mesmo assim a família mora toda do lado uruguaio. "Somos quatro irmãos, sendo que dois nasceram em Santana, e dois em Rivera. Ainda não havia pensado nesta questão da nacionalidade, sempre vivi como brasileiro e uruguaio. Antes mais uruguaio, hoje mais brasileiro, eu acho". Ele possui documento brasileiro e uruguaio, mas usa no dia a dia apenas o brasileiro. Neste dia, casualmente estava carregando o documento uruguaio, pois tinha chegado de Montevidéu no dia anterior. Diz que sempre teve carro brasileiro, pois como sempre trabalhou no Brasil, faz financiamento no Brasil, tem apartamento no Brasil, quer fazer tudo certo. Mas sabe de muita gente que compra carro no Uruguai em função do preço. "Os brasileiros conseguem facilmente comprar carro em Rivera, motos principalmente, e o brasileiro nem precisa identidade Uruguaia. Precisa apenas dar um comprovante de residência de Livramento, e isto é muito fácil de conseguir". Segundo ele os Juízes de um ano para cá estão tentando impedir esta prática.

A.P.G. ainda não tem filhos, mas acha quando tiver, vai colocar os filhos para estudar no Brasil, pois acredita que as oportunidades são melhores. Mas a esse

respeito ainda fica em dúvida, pois tem amigos que são brasileiros e os filhos estudam em Rivera, e dizem que o ensino é melhor. Diz que ele não entendia porque morava em Rivera e estudava em Livramento. Seus melhores amigos estavam em Rivera. Então quer que seus filhos, se ele ainda estiver morando no lado brasileiro, estudem no Brasil. Conta ainda sobre o que chamamos de *doble chapa*, expressão que utilizamos para chamar o fronteiro desta região, que normalmente possui dupla nacionalidade. Diz que a expressão parte da realidade, em função de uma legislação em que os veículos tinham que pagar para trafegar na outra cidade. Em função disto, emplacavam os veículos nas duas cidades, e assim surgiram os carros *doble chapa*. Abaixo a imagem (figura 30).

Figura 30. Imagem das placas duplas para poder transitar em ambas as cidades



Fonte: Memória da Fronteira

Outra entrevistada é S.G, 35 anos, usuária dos espaços de lazer, uruguaia, casada com brasileiro *doble chapa*. S.G morou e estudou sempre em Rivera, e tinha

poucos amigos brasileiros até namorar o seu marido, que morava em Rivera e trabalhava em Livramento. Atualmente os dois residem em Santana do Livramento.

Ela trabalha como cabeleireira em Livramento, e também na empresa brasileira de seu marido. Conta que a empresa que tem com o marido é de transporte escolar. Muitas vezes alguns clientes riverenses que estudam em Livramento querem utilizar o serviço de transporte, mas eles somente aceitam aqueles que moram próximo a Linha⁵, para evitar qualquer possível problema legal, pois carregam crianças. “Pode parecer muito simples atravessar a Linha, mas na realidade estamos passando para outro país, com outra legislação, e qualquer possível acidente ou outro problema pequeno pode se transformar em transtornos. Então procuramos evitar os clientes que residem em Rivera”.

V.U. é nossa próxima informante, como usuária dos espaços de lazer. Tem 45 anos, uruguaia, nascida em Rivera. Estudou em Rivera, mas sempre teve amigos nas duas cidades. “Sempre vivi muito a fronteira. Ia também muito a Uruguaiana, para comprar em Paso de los Libres quando pequena com meus pais”. Fez a faculdade de Arquitetura no Brasil, em Porto Alegre, e depois de formada voltou a morar e trabalhar na fronteira.

Atualmente conta que trabalha nas duas cidades normalmente. Para ela foi fácil validar o diploma de arquiteta para o Uruguai. Pode trabalhar lá e aqui. Vive muito integrada nas duas cidades. Tem nas famílias sempre a mistura do Brasil com o Uruguai. Mora com seu marido em Rivera, em um local mais afastado do centro da cidade, por isso também tem um apartamento em Santana do Livramento. “Esta é uma tática comum dos fronteiriços”, nos diz ela.

P.E., 30 anos, comerciante, nascido de Santana do Livramento, também possui dupla nacionalidade e, portanto, família lá e cá. Mora em Santana do Livramento em uma casa bem próxima a Linha, sendo que se andar 40m de sua residência estará em Rivera. Fala várias vezes que para ele é como se fosse apenas uma cidade. Diz que é brasileiro e uruguaio e gosta de manter as duas nacionalidades. Não costuma forçar o idioma porque se fala em português o uruguaio riverense entende tranquilamente. Quanto ao lazer, ele costuma frequentar os restaurantes e bares da Sarandi, as praças de Rivera, parques em Livramento. Acha que tem coisas muito positivas por estar na fronteira, as cidades se somam.

⁵ A Linha é reconhecida pelos santanenses e riverenses a área que delimita as duas cidade.

M.P.G., 70 anos, uruguaia, nascida em Rivera. Viúva de brasileiro. Possui comércio no Brasil a 25 anos. Reside em Rivera e trabalha em Livramento. Todos os dias atravessa as duas cidades da residência para o trabalho, e entende o espaço urbano como uma cidade só. Como casou com brasileiro, e trabalha no Brasil, tem amigos e família dos dois lados desta fronteira. Tem dois filhos morando na fronteira (um em Livramento e outro em Rivera), e dois filhos morando em Porto Alegre (RS).

Atualmente está procurando imóvel para se mudar. Como mora sozinha em uma casa em Rivera, a intenção é ir para um apartamento, onde a segurança é maior. A oferta de imóveis é muito menor em Rivera e muito maior em Livramento. Acredita que vai comprar um apartamento em Livramento em função de existirem ofertas melhores. “Será uma nova adaptação”, nos diz ela.

Outra informante é V. Tem 30 anos, riverense, usuária dos espaços públicos de lazer. Tem amigos em Rivera e Livramento, pois como a fronteira é livre, não vê problemas em ir e vir. Estudou sempre em Rivera, mas tem amigos que estudaram em Livramento porque é mais rápido. “No Uruguai temos o ensino escolar em doze anos. Seis anos o primeiro grau, e seis anos o segundo grau”. Para ela as cidades são muito unidas. “Não existe ponte e sim apenas uma rua sem nenhum tipo de empecilho para passar de um lado para o outro, e isto facilita o contato”. Nas férias normalmente viaja para o Uruguai. Porque para o Brasil é mais caro, mais difícil. No Uruguai ela tem mais facilidades, tem parentes em Punta del Este, em Montevideo, sai mais barato. Em viagens tem muito mais contato com o Uruguai do que com o Brasil. “As coisas positivas de morar nesta fronteira é justamente este livre acesso. O cidadão pode ter mais oportunidades de lazer, de trabalho em uma cidade ou outra. Para trabalhar tem que ter a cédula de identidade fronteiriça. Todo o cidadão desta fronteira pode ter. A nova cédula fronteiriça. Tenho família em Livramento e trata como se fosse uma só cidade. O que pode mudar é a cultura, o idioma”. Acredita que se não tivesse Livramento Rivera seria muito diferente.

T.B. fala sobre a integração das cidades de Rivera/ Santana. Cita o exemplo dos bombeiros, que segundo ele, dizem que agora estão integrados legalmente, mas lembra que sempre que precisaram de ajuda na cidade vizinha, os bombeiros atendiam, mesmo ainda não sendo legal. “As leis habilitam comportamentos e questões do dia a dia que às vezes, de fato, já existem”. Outro exemplo que o informante citou foi na saúde. “Às vezes tem greve, ou não tem vaga na Santa casa

lá (em Livramento), e a população vem ser atendida aqui, pelo órgão público. E assim como quem nasce no hospital de Rivera pode ser registrado como Brasileiro, quem nasce no hospital brasileiro pode ser registrado como Uruguaio basta escolher o cartório. E isso acontece muito”.

Tratando do comércio e do lazer, A.P.G. fala das facilidades que algumas lojas de Livramento oferecem aos riverenses, como o crediário de balcão (é um tipo de exportação e evita que a mercadoria passe ilegalmente). A mercadoria é entregue na casa do cidadão, do outro lado da fronteira, isenta o imposto, mas fiscalizada e declarada. Este é uma maneira legal de passar a mercadoria, mas não a mais usual. Diz que não se vê fiscalização nesta fronteira, e é normal comprar móveis e eletrodomésticos do lado brasileiro e atravessar para o lado uruguaio e vice versa. Esta é uma prática corriqueira. Com relação ao lazer, A.P.G. diz que mesmo morando em Livramento, o lazer da população é em Rivera. "Para ir a algum restaurante, ou até para passear, opto sempre por Rivera. Acho que é pela estrutura da cidade de Rivera ser mais organizada. A Rua Sarandi (Rivera) é mais larga do que a Andradas (Livramento). O fluxo de carros na Andradas é um só e na Sarandi são dois. As calçadas na Sarandi são mais largas, com um calçamento mais uniforme. As praças de Rivera hoje em dia estão muito mais conservadas do que as de Livramento. Acho que são estas as questões que fazem o Santanense ir tanto a Sarandi, além da tradição de anos”.

S.G., 35 anos, riverense, se utiliza das duas cidades, mas tem sua nacionalidade muito bem definida. Sempre gostou de fazer compras em Livramento, mesmo quando morava em Rivera. Nas lojas do *free shop* de Rivera não podia comprar, só se pedisse para algum brasileiro comprar para ela, então quando queria comprar algo diferente preferia o lado brasileiro. Sempre se utilizou das possibilidades de comprar no lado mais barato, assim como sua família. Quando saem para passear, ela S.G. e o marido vão sempre a Rivera. Vão visitar a família, vão jantar na Sarandi, caminham para fazer exercício pelas ruas das duas cidades.

Também V.U, com relação ao lazer, utiliza-se das praças em Rivera e dos restaurantes da rua Sarandi. Segundo ela, os espaços públicos de Rivera são mais interessantes que os espaços de Livramento. Mais limpos, mais iluminados, mais bem cuidados, é onde as pessoas se encontram. "Já é uma tradição. Na Sarandi as lojas e *free shops* ficam abertas até as 20hs, mas tem ainda as *parijadas*, as

pizzarias, os barzinhos que ficam abertos e lotados e com mesas na calçada”. Conta que a rua Andradas do lado brasileiro (continuação da rua Sarandi), ao fechar o comércio se torna perigosa. “No Brasil os comércios fecham as 18hs ou 19hs e as vias ficam vazias, não existe vida. Por isso os brasileiros buscam a cidade vizinha. Os passeios públicos são mais estreitos, a manutenção está atualmente muito precária”.

P.E. faz parte do grupo dos comerciantes. Tem 30 anos e trabalha na loja de sua família que existe em Livramento há 43 anos. Seu avô é Uruguaio, e pai brasileiro. Mãe Uruguaia. Ele é brasileiro e Uruguaio. Sempre estudou em Livramento, mas tem amigos e contatos tanto em Livramento como em Rivera, ainda tem família no lado uruguaio e já teve namorada na outra cidade.

P.E. conta que quem iniciou a loja da família foi seu avô. Ele era uruguaio, mas naquela época o comércio estava muito bom no lado brasileiro, então a loja foi aberta em Livramento. “No comércio de fronteira temos esta característica, uma hora está bom para um lado, outra hora está bom para o outro”. Para o lazer costuma utilizar os bares da Sarandi. Sua avó mora em Rivera e vai ver ela mais ou menos de três em três dias. Costuma ir a Rivera, além de ver a sua avó, para passear, comprar um vinho ou carne. Fala das peculiaridades destes lugares de fronteira e das coisas boas de estar na fronteira. Dá o exemplo do câmbio. “Em nenhuma outra cidade do Brasil pode aceitar outra moeda, é contra lei. Mas na fronteira é normal, se aceita naturalmente”.

Outro informante, C.A.F., no final da tarde, depois do trabalho, gosta de sentar nos bares e restaurantes da Sarandi e ver o movimento. Este já é um hábito. Tem amigos brasileiros e uruguaio que moram do lado de lá ou de cá, e isto para ele não faz muita diferença. Segundo nosso informante o que mais constrói a integração entre as cidades atualmente é o comércio, as necessidades e hábito dos cidadãos de buscarem mercadorias dos dois lados, em função dos valores, qualidade e costume.

M.P.G, 70 anos, comerciante, nos diz que não tem preferência de cidade para fazer compras. Ela compra onde convém, mas normalmente é em Rivera. Lembra também que o desenvolvimento do Uruguai nunca veio pelo dinheiro, diz ela, e sim pela cultura. Segundo ela os brasileiros sempre tiveram mais dinheiro.

V, 30 anos, riverense, usuária dos espaços públicos de lazer, diz que para o lazer com seus amigos frequenta a Sarandi e as praças de Rivera. É o costume dos habitantes das duas cidades. "A Sarandi à noite fica cheia de pessoas caminhando nos bares. As praças também são muito utilizadas pela população. Em Livramento não vemos isso. Lá vamos para o parque, para o Lago Batuva. Este é bastante frequentado para o lazer tanto de santenenses quanto riverenses". V. conta também que prefere comprar no comércio em Livramento, pois o atendimento é melhor. Diz que quando os vendedores de Rivera não dão atenção para o cliente riverense, o atendimento é muito diferente. "O interesse deles é o cliente brasileiro".

Outro informante riverense foi F., 35 anos usuário dos espaços públicos de lazer. Ele diz que não tem família nem amigos brasileiros. Tem contato frequente, pois vai sempre à cidade vizinha fazer compras, mas o tipo de vínculo é este- para comprar. Se o câmbio está desfavorável, é difícil ir a cidade vizinha. Nos dias que tem para o lazer, fica em Rivera, utiliza as praças para encontrar os amigos. Porém, diz estar acostumado com o contato e vê com naturalidade a troca entre os riverenses e brasileiros. Não vê problemas.

Tratando das rivalidades nesta fronteira, A.P.G fala de algumas "rixas" que percebe entre os cidadãos brasileiros e uruguaios, referente ao uso espaço do outro. Segundo ele são poucas, mas ele percebe. Conta que as vezes conversa com uma senhora que vai na confeitaria de sua mãe, que fica em Livramento, e ela diz quase não conhecer Rivera. Diz que vai ali nas ruas dos queijos (Agraciada) e depois se perde. Assim como tem riverenses que também quase não vão a Livramento, somente quando precisam. Acha que o Santanense tem um pouco de Rixa com o riverense. Conhece alguns que não compram em Rivera. Conta que sua esposa, como uruguaia, pais uruguaios, sempre teve todas as relações em Rivera, atualmente sim que ela mora e trabalha em Livramento. Acha que ele não é assim porque o pai é brasileiro. Ela não tinha tanto contato com os brasileiros, somente agora depois de casada que está morando no Brasil.

C.A.F, comerciante, 62 anos, Santanense, diz que antigamente existia uma rivalidade maior, ou um sentimento de superioridade do brasileiro para com o uruguaio. Normalmente, estavam em Santana do Livramento as famílias mais tradicionais, mais abastadas, e em Rivera, as famílias dos imigrantes italianos, e a vida em Rivera era mais barata.

Já outro informante, comerciante S. de 60 anos, uruguaio, nascido em Montevideo, morador de Rivera, proprietário de comércio, nos diz se incomodar com algumas práticas do brasileiro, uma delas é falar em português com o riverense. Diz que não gosta porque chegam no seu comércio falando em português, e acredita que deveriam se esforçar para falar o espanhol. Acha que isto é muito pouco difundido entre as populações, e que na verdade, o português é um problema para as línguas oficiais. Segundo ele, “o brasileiro não respeita o idioma uruguaio, o brasileiro sente-se superior, a cultura uruguaia está em perigo”. Conta que como comerciante de produtos alimentícios, utiliza muito a cidade vizinha para abastecer o seu comércio, compra onde convém. Não tem família no Brasil e nem amigos, acha o santanense muito fechado, com preconceitos em relação ao riverense.

T.B., riverense, 45 anos, conta que em Livramento e Rivera, existe a intenção de executar uma reforma no parque internacional entre as duas cidades, e existem alguns conflitos que impedem. Segundo o informante uma das prefeituras é mais lenta que a outra, uma tem dinheiro e a outra não tem, então fica complicado fazer as coisas em conjunto. “A reforma do parque já poderia estar pronta. Assim como está, fica deserto, inseguro, e quanto mais inseguro, menos as pessoas frequentam. Temos que trazer novamente a vontade da população frequentar o parque”. Relata ainda que fez toda a sua faculdade em Porto Alegre, depois retornou para trabalhar em Rivera. Conta alguns problemas da fronteira. Cita um: “por exemplo, o Ministério do Turismo do Uruguai reverte dinheiro para as cidades de acordo com o número de turistas que entram. E aqui, como saber o número? Em Colônia de Sacramento, os turistas fazem a migração, chegando de barco ou de carro. Aqui o turista brasileiro ou outro chega de carro, as vezes demora um pouco para ver que já entrou no Uruguai, desce do carro, compra, e retorna para o Brasil sem maiores problemas. Não tem nada que diga que entrou uma família brasileira inteira aqui”.

Fala sobre as políticas de grande escala da fronteira, que se olharmos bem estão começando a funcionar. “Tem muitos uruguaios tirando a carteira de fronteira”. Cita outro exemplo das universidades que existem na cidade. “Muitos professores vem morar aqui na região com salários bons, e isto incide no mercado fronteiriço. Em alguns bares de Rivera 80% da clientela é brasileira.

T.B. trabalha na intendência de Rivera e conta que existem problemas de comunicação entre as prefeituras das duas cidades. Que a prefeitura de Livramento

não tem mais o telefone fronteiro, para o qual as ligações poderiam ser locais, sendo que atualmente não se pode mais fazer uma ligação para a prefeitura de Livramento sem ser uma chamada internacional. Além disso, somente alguns telefones da Intendência de Rivera podem fazer este tipo de chamada. “Este tipo de situação parece simples, mas dificulta muito as ações conjuntas entre as cidades”.

M.P.G. riverense, mas dona de comércio de serviço no Brasil, nunca soube de algum produto proibido que não pode passar cruzar a fronteira, na verdade não dá atenção para isso. Nunca teve problemas ao cruzar a fronteira. Repetiu então que é uma só cidade. Comparou com a fronteira Uruguaiana- Libres onde existe uma ponte no meio, o que Livramento/ Rivera não acontece. Havia e ainda existe às vezes fiscalização na saída das cidades, para os outros municípios, mas para o cidadão nunca teve problema.

Tratando agora das influências que apareceram nos relatos dos cidadãos deste par de cidades gêmeas, A.P.G. traz como uma influência fronteira o idioma, no caso, o portunhol que acaba sendo comum entre os cidadãos. Ele é brasileiro, com mãe uruguaia, sempre morou em Rivera e estudou e trabalhou em Livramento. Conta que como sua esposa é uruguaia, falam em espanhol, mas com sua mãe sempre falou português, mesmo ela sempre falando em espanhol com ele. “É uma confusão de idiomas, ainda bem que são bastante parecidos”.

V.U. acha que o uruguaio se apega mais na cultura do brasileiro do que o contrário. Deu o exemplo do portunhol mais usado em Rivera do que em Livramento. A televisão brasileira também influencia muito os uruguaios, principalmente no idioma.

P.E. fala sobre o gaúcho que vive na fronteira. Segundo ele: “O gaúcho da campanha, da fronteira, é muito mais tradicionalista”. Diz que os fronteiros são muito parecidos com os Uruguaios no que diz respeito ao campo. Que o gaúcho fronteiro é muito mais parecido com o gaúcho uruguaio, argentino, e diferente do gaúcho de Porto Alegre ou da Serra. “ O nosso mate, o nosso churrasco, a *parrija* que gostamos, são influências uruguaio/argentina”. Ainda segundo P.E. o morador de Livramento/ Rivera é um povo típico da fronteira, muito tradicional, enraizado nas tradições. Cita os muitos CTGs, comemorações da semana Farroupilha. Diz que assim como o gaúcho de Porto Alegre é diferente do Gaúcho da fronteira, o *Gaúcho*

de Montevideo é diferente do *Gaúcho* da fronteira. Nota a diferença no sotaque em palavras que não entendem em outros lugares.

Além das semelhanças P.E. vê diferenças nos hábitos dos cidadãos fronteiriços, mas as diferenças são respeitadas vistas com naturalidade. Percebe diferenças na vestimenta, na maneira de tomar o mate, etc. Não vê dificuldades por estar na fronteira, acha que só existem facilidades.

C.A.F diz que o gaúcho de verdade é o gaúcho da fronteira, que vive no campo. “Da fronteira porque tem essa contaminação do gaúcho argentino e uruguaio. É como uma enchente: quando inicia é muito forte, quanto mais longe vai ficando mais amena e descaracterizada. Assim é o gaúcho que fica mais afastado do pampa, da fronteira”. Pensa que devemos manter as tradições, e que elas são muito importantes para o desenvolvimento do produto do campo, do gaúcho.

P.E conta sobre o comércio que sua família é proprietária e as influências da fronteira. Diz que seu avô que era uruguaio e abriu a loja no Brasil justamente em função do câmbio que na época estava favorável. Diz que hoje em dia, mesmo com o câmbio desfavorável, o uruguaio ainda compra muito na loja brasileira (é uma loja de móveis), pois no Uruguai não existe indústria moveleira que existe no Brasil, e acaba se tornando mais caro. “A loja conta ainda oferece muitas facilidades ao cidadão da cidade vizinha, pois faz questão de contemplar este cliente”.

C.A.F, entende que a fronteira deveria ser mais equilibrada, pois a mudança de valores cambiais de época em época é uma coisa prejudicial, segundo o informante. “Ou libera tudo ou restringe tudo. Como dono de comércio em Livramento tenho sérios problemas pela concorrência dos *free shops*. Um televisor que o *free shop* vende por 500 dólares e este é o preço de custo no Brasil. Esta concorrência torna-se desleal”. Conta ainda que o comércio em Livramento está desorganizado: “cada um pensando em si, em vez de pensar no todo”. Sobre Rivera, a cidade vizinha, diz que: “atualmente, no comércio de Rivera, existe muita oferta e pouca procura. O movimento diminuiu muito”.

T.B. lembra que em Rivera ou em Santana, se o câmbio muda bruscamente, pessoas e empresas que eram ricas, podem empobrecer de uma hora para a outra. Os empregos acabam de uma hora para outra. Coisas que em outras cidades não é tão forte, na fronteira pode ser desastroso, como a simples mudança cambial, desvalorizando um ou outro lado.

Ainda, das semelhanças com o povo vizinho, C.A.F, comerciante, diz que já tentou mudar o horário de sua loja, abrindo ao meio dia. Mas não adianta pois pegamos o horário da sesta do Espanhol. Diz que até as 12:30hs. ainda entra gente na loja, mas das 12:30hs. até as 14:00hs. o comércio fica todo vazio. “É assim e isto já é cultural”. Outro hábito é buscar produtos do outro lado. Produtos que não têm, que são mais baratos, ou que são melhores. Comparando as cidades, Rivera sempre pareceu uma cidade mais bonita que Livramento. As praças são cuidadas, o passeio é largo.

C.A.F. faz uma relação entre os hábitos da fronteira, e a legislação, dizendo que: “O problema da fronteira é o lado cultural. Logisticamente está fora de uma estrutura nacional. A cultura é uma coisa tão forte, os hábitos são tão fortes, que eles inclusive mudam a lei. Para as leis acontecerem, é importante que sejam apropriadas pelo local, pelo cidadão. Principalmente na fronteira, a lei deve se apropriar aos hábitos”.

6.1.3- Considerações conjuntas e observações de campo

O fato de demonstrarmos aqui as histórias da vida cotidiana torna este um discurso simples. Mas são estas histórias e fatos que nos levarão para uma análise do cotidiano fronteiriço e seu espaço urbano. Conforme nos diz Certeau, sobre a análise da vida cotidiana: “Desta atividade e de formigas é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades” (CERTEAU, 1994, p. 40). Com esta observação, iniciamos as considerações sobre os usos, as táticas e influências da vida cotidiana nas cidades gêmeas representantes da fronteira Platina.

Nas práticas cotidianas estabelecidas nas cidades gêmeas percebemos o uso da outra cidade para os mais variados fins. Os usos, as táticas do cidadão fronteiriço para o uso de uma e outra cidade e as influências de uma população na outra, de um espaço no outro, acabam se consolidando no urbano. As táticas fronteiriças estão imbricadas no dia a dia da população, em ambos os pares de cidades analisados.

Ao apresentarmos a pesquisa de campo Uruguaiana- Paso de los Libres percebemos claramente as nacionalidades marcadas, definidas entre brasileiros e argentinos. Apareceram cidadãos que moram lá, trabalham aqui, mas com

nacionalidades claras, evidenciando a alteridade. Os informantes uruguaianenses nos falaram ainda sobre os diferentes tipos de relações que estabelecem com a cidade vizinha. Relataram as relações comerciais, utilizando-se do comércio da outra cidade no dia a dia, as relações de rivalidade (aqueles que não usam a cidade vizinha), e as relações familiares. Também, a relação de complementaridade em função dos serviços em geral, principalmente na área da saúde.

Já ao tratarmos dos relatos dos cidadãos santanenses e riverenses se torna mais difícil a separação entre uruguaio e brasileiros, pois muitos moram em uma cidade, trabalham na outra, e tem dupla nacionalidade. Existe uma mistura intensa, que faz com que muitos cidadãos não saibam definir a sua nacionalidade, ou criem uma nova nacionalidade, neste caso, o brasiguaiio, o *doble chapa*.

Esta afirmação já nos dá indícios dos tipos diferentes de integração entre os pares de cidades gêmeas estudadas, facilmente percebidos em função da tipologia destas fronteiras. Uma fronteira separada pelo rio e unida pela ponte, e outra fronteira seca. A situação conurbada (de fato), apresentada nas cidades de Santana do Livramento e Rivera faz com que o convívio entre as populações das duas nacionalidades seja constante e fluido. Segundo os autores abaixo:

Esses fronteirizos revelam sua nacionalidade- brasileira ou uruguaia-, naturalmente, sem arroubos ufanistas, enquanto também vão mostrando como os entrecruzamentos familiares com os *hermanos* acrescentam-lhes nuances. De modo especial isso ocorre com os brasileiros, talvez porque o estado do Rio Grande do Sul tenha optado por permanecer ligado ao Brasil, enquanto os uruguaio ter-se-iam sentido usurpados de suas terras originárias, ao findarem tantos conflitos. Fato é que são muitos os *doble chapa*, agora oficializados pelos respectivos governo. Esses cidadãos possuem dupla nacionalidade: brasileira e uruguaia. E envaidecem-se ao se reconhecerem como “culturalmente e linguisticamente híbridos (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2004, p. 247)

Em Uruguaiana e Paso de los Libres, percebemos que a relação comercial é forte, que os cidadãos buscam produtos dos dois lados, mas a passagem pela ponte é algo que marca o percurso de uma cidade para a outra, de acordo com as afirmações coletadas.

Nos dias de pesquisa de campo em Uruguaiana e Paso de los Libres, percebemos um movimento constante na ponte, e a forte presença de fiscais, tanto brasileiros quanto argentinos. O fluxo de caminhões e veículos leves é intenso. Para cruzar a fronteira de carro, com placa local, primeiramente passamos por um fiscal da Receita Federal, onde algumas vezes temos que abrir o porta malas do veículo, e depois por um representante militar, para quem temos que mostrar a carteira de identidade. Pessoas com a intenção de cruzar a fronteira que não são moradores locais, precisam fazer a migração, o que é um procedimento um pouco mais demorado. Esta é a fiscalização que os cidadãos por vezes reclamam, outras vezes acham necessária.

Ainda em Uruguaiana/ Paso de los Libres, percebemos com os relatos que um dos principais espaços públicos de lazer em Paso de los Libres é a própria rua Collón, com bares, lojas e mesas na calçada, além das praças e clubes campestres. O mesmo acontece em Uruguaiana, com a praça central muito citada pelos informantes. A diferença é o comércio em Paso de los Libres que fica aberto até às 21hs ou mais, trazendo um movimento na rua Collón, o que a fez ser citada por brasileiros como uma rua com “vida”.

Nota-se entre brasileiros e argentinos certa rivalidade, mais citada na hora de atravessar a ponte. Mesmo que muitas vezes a fiscalização não aconteça, já está marcada como algo que incomoda. Um dos informantes, dono de supermercado em Libres, com 40% de seu movimento de brasileiros, diz que quando cruzamos a ponte, parece que estamos entrando em uma área militar (e estamos mesmo). Na verdade, toda esta reclamação dos cidadãos com a fiscalização na ponte, demonstra um desejo e necessidade de maior integração destas cidades. O que não pode passar licitamente, o cidadão passa ilicitamente de maneira quase que natural (claro que estamos tratando aqui de bens e alimentos para consumo próprio). Aparece a rivalidade quando- principalmente brasileiros- dizem não gostar de ir a Paso de los Libres. Mesmo assim, depois de dizerem que não gostam, contam muitas histórias desta troca, e de produtos que compram lá e cá. Assim, muitos moradores podem não gostar de frequentar o outro lado, mas tiram partido desta possibilidade.

Nos dias da pesquisa de campo em Livramento/ Rivera, presenciamos grande movimento nas praças de Rivera e na Sarandi à noite. As pessoas sentam nas

praças e nos bares e restaurantes da Sarandi. Neste espaço vemos brasileiros e Uruguaios. Já os espaços públicos em Livramento ficam vazios quando o comércio fecha. Causa estranhamento quando os fronteiriços dizem que vivem como em uma só cidade. Pelo que percebemos na pesquisa, ao dizer isso, está dizendo que para ele é normal passar de um lado para o outro, mas sabem exatamente quando se está em um país quando se está em outro. A peculiaridade é que este fato não é para ele inédito, e sim cotidiano. Faz parte do seu dia a dia, e por isso, não causa estranhamento. Acontece o mesmo com a prática de comprar mercadoria do outro lado, mesmo aquelas ilícitas.

Percebemos também uma família típica, nesta fronteira Brasil/ Uruguai. A família binacional. As vivências binacionais são tão intensas que acabam formando-se as famílias, e assim, o cruzar a fronteira para o cidadão torna-se ainda mais naturalizado.

A partir das informações relatadas podemos notar relações características das áreas de fronteira, de maneira geral. Quanto às individualidades, nesta fronteira, o limite entre as duas cidades está sempre presente na prática cotidiana de atravessar de uma cidade para a outra. Se em algumas cidades este limite muitas vezes não é percebido, entre Uruguaiana e Paso de los Libres a ponte que une as duas cidades é referência, é marcante, e a aduana, e a fiscalização ali existente, faz com que a população dê maior atenção a esta prática. O ilegal fica claro, mesmo assim faz parte do cotidiano.

O fato do *doble chapa* ser muito comum entre Santana do Livramento/ Rivera, faz com que exista o brasiguai, aquele que não consegue definir uma nacionalidade, e sente-se pertencente dos dois países. O morador da fronteira se intitula como: da fronteira. Percebemos o emaranhado de situações e de moradores que se utilizam da situação de fronteira porque têm esta real oportunidade, tornado os espaços urbanos das cidades gêmeas complementares.

Ao avaliarmos a pesquisa das influências nas cidades de Uruguaiana e Paso de los Libres, é interessante salientar que todos os librenhos participantes das entrevistas, alguns interrogados sobre esta questão, e outros não, todos falaram de um sentimento nacional do brasileiro como sendo mais forte do que o do argentino. Segundo C. o brasileiro defende mais as suas coisas, respeitam seus feriados, dão

valor as suas mercadorias. Segundo muitos librenhos os brasileiros são menos influenciados pelos argentinos.

A hora da sesta que, em Paso de los Libres, acontece das 12:30hs até às 16:30hs é a grande diferença de funcionamento dos dois pares de cidades, e um dos hábitos citados que mais influência na relação das cidades. Enquanto Uruguaiana está em pleno funcionamento, entre 14hs e 16:30hs a cidade vizinha de Paso de los Libres está completamente parada. Muitos librenhos que não tem mais o hábito da sesta aproveitam para ir a Uruguaiana. Assim como quando fecha o comércio em Uruguaiana, entre as 18hs e 19hs, muitos uruguaianenses aproveitam para utilizar o comércio da cidade vizinha. Como nos disse uma informante uruguaianense “Libres é o nosso *shopping*, pois fica aberto até mais tarde”. O horário oficial de funcionamento do comércio de Paso de los Libres, na parte da tarde, é das 16hs até às 21hs. A diferença nos costumes influencia ainda mais, quando existem diferenças de horários, pois se em Uruguaiana tem horário de verão e em Libres não, o comércio em Libres abre somente as 17:30 se considerarmos o horário de verão dos brasileiros. Para quem vive em uma cidade e trabalha na outra, a diferença de horários se torna complicada. Segundo nossos informantes, o horário de funcionamento do comércio em Paso de los Libres influencia também no sentimento de segurança nas ruas da cidade à noite.

As músicas e o carnaval foram outras influências citadas, que fazem com que as cidades tornem-se ao mesmo tempo que muito diferentes, muito parecidas. As ambiguidades da fronteira.

Quanto às influências em Santana do Livramento e Rivera, verificamos a partir dos relatos que os cidadãos se utilizam do comércio das duas cidades. Mobiliário, eletrodomésticos, alimentos, até veículos são comprados em uma e outra cidade, sem maiores problemas fiscais. Alguns comerciantes de Santana do Livramento reclamam da concorrência desleal em função dos *free shops* que funcionam do lado uruguaio. Outros dizem que falta parcerias entre os comerciantes das duas cidades. Mais trabalho em conjunto.

O câmbio, o gaúcho, e o idioma, foram outras questões citadas como influências pelos cidadãos santanenses e riverenses. Existe entre estes cidadãos quase que um terceiro idioma, o portunhol. Falam um pouco em português, outro pouco em espanhol, com sotaques misturados. Faz lembrar a região da Galícia, na

Espanha, fronteira com Portugal, com a diferença de que lá existe oficialmente o idioma galego.

Com isso, constatamos que os hábitos locais influenciam em cada uma das cidades, de maneiras diferenciadas, em horários diferenciados. O cidadão pode escolher em utilizar uma ou outra cidade nos diferentes horários do dia. Tem a possibilidade de utilizar o comércio da cidade vizinha enquanto o comércio da sua cidade encontra-se fechado. O *portuñol* é falado naturalmente. Nos feriados em um país, o comércio da cidade vizinha fica aberto para receber os clientes. Os espaços públicos são pensados para os moradores de ambas as cidades. A complementaridade fica evidente.

6.2- Os percursos estabelecidos

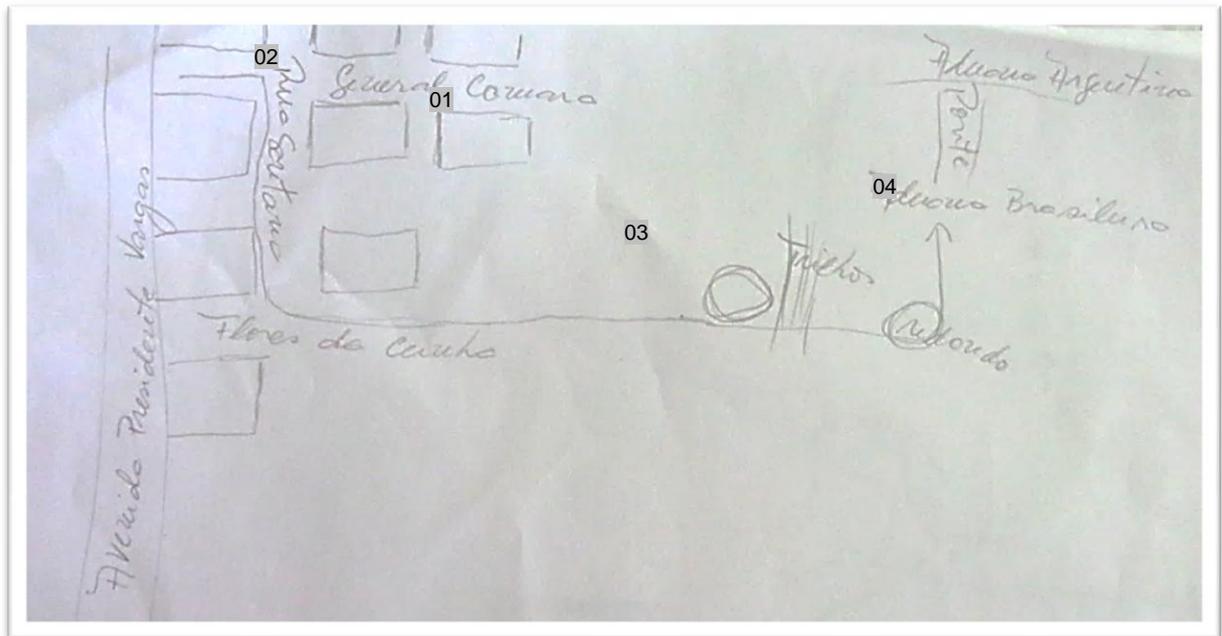
6.2.1- A partir dos mapas mentais

Com os dados dos relatos e dos mapas mentais, trazemos os percursos estabelecidos pelo cidadão, na cidade do outro⁶.

S.F. mostra como é o seu trajeto até Paso de los Libres (figura 31). Podemos identificar o percurso utilizado por ela para ir a cidade vizinha, além de referências que considera importantes. No desenho, a entrevistada indica a Rua General Câmara (01) e o quarteirão onde mora. Aparece também a Avenida Presidente Vargas que é a principal Avenida da cidade. Além de ser o principal acesso, tem o maior perfil viário, e estabelece a principal ligação Leste/ Oeste da cidade de Uruguiana. Indica também as ruas Santana e Flores da Cunha (03). A Rua Santana é uma rua residencial e comercial. Com comércio no térreo dos prédios o caminho para a cidade vizinha é explorado. Esta rua já tem um comércio bastante consolidado, forte até a Rua Flores da Cunha, a qual nos leva até a aduana.

⁶ É importante observar que os mapas mentais foram feitos pelos mesmos informantes que colaboraram para as entrevistas não diretas.

Figura 31: Mapa da informante S.F.



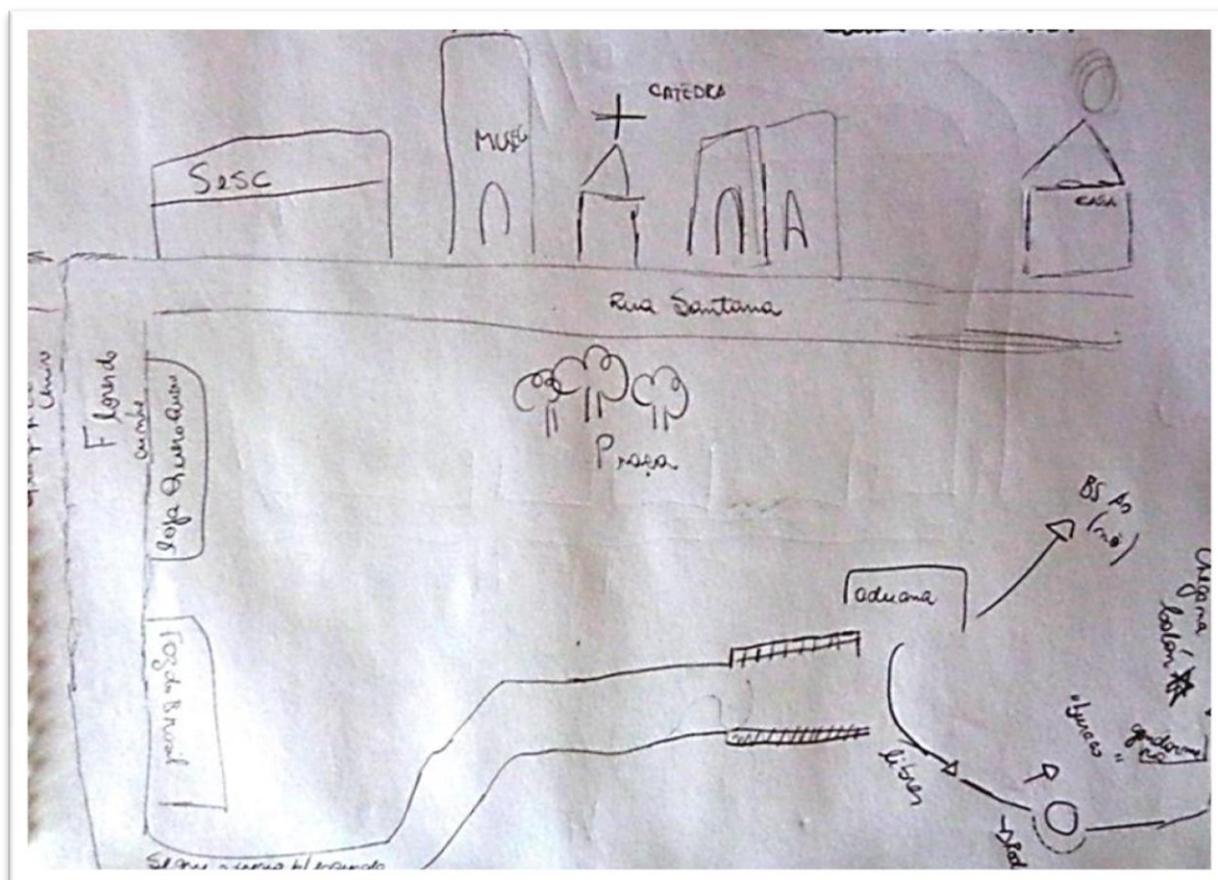
Fonte: Desenho de informantes

Este trajeto para Paso de los Libres se consolidou a partir dos anos de 1970, com a construção da segunda aduana brasileira. Antes da construção desta segunda aduana o fluxo de veículos e caminhões de dava pelas vias mais centrais da cidade, e com o grande aumento de fluxo, principalmente de caminhões, houve a necessidade da construção de uma segunda aduana de acesso à Argentina, permitindo acesso periférico dos caminhões. A entrevistada marca os trilhos, como uma referência, a rotatória que antecede a aduana, e as duas aduanas, brasileira e argentina (04).

L.D. também mostra seu trajeto até Paso de los Libres (figura 32). A entrevistada nos mostra o percurso da residência da sua mãe, que fica na rua Santana, até Paso de los Libres. No caminho simboliza a praça central, a Catedral e o Centro Cultural. O SESC, também desenhado no mapa, fica três quadras abaixo da praça, ainda na rua Santana, esquina com a Flores da Cunha, onde podemos dobrar para ir à Libres. Na Rua Flores da Cunha indica a Gráfica Universitária (equipamento que utiliza bastante, por ser publicitária), a loja de equipamentos para o lar que também fica na esquina da Rua Santana com a Flores da Cunha, e a empresa Foz do Brasil, antiga Corsan. Escreve “segue o trevo para a esquerda” e desenha a ponte e a aduana argentina (onde hoje também funciona a brasileira). Indica a rota que vai para Buenos Aires, onde encontramos alguns restaurantes que são frequentados pelos brasileiros (as *Parrijas*), e a via que leva ao centro de Paso

de los Libres. Indica o Buraco, que fica na passagem, a Rodoviária de Paso de los Libres, e a *Gendarmeria*, que é onde dobramos para a “*Calle Collón*”, principal via do comércio da cidade.

Figura 32. Mapa da informante L.D.

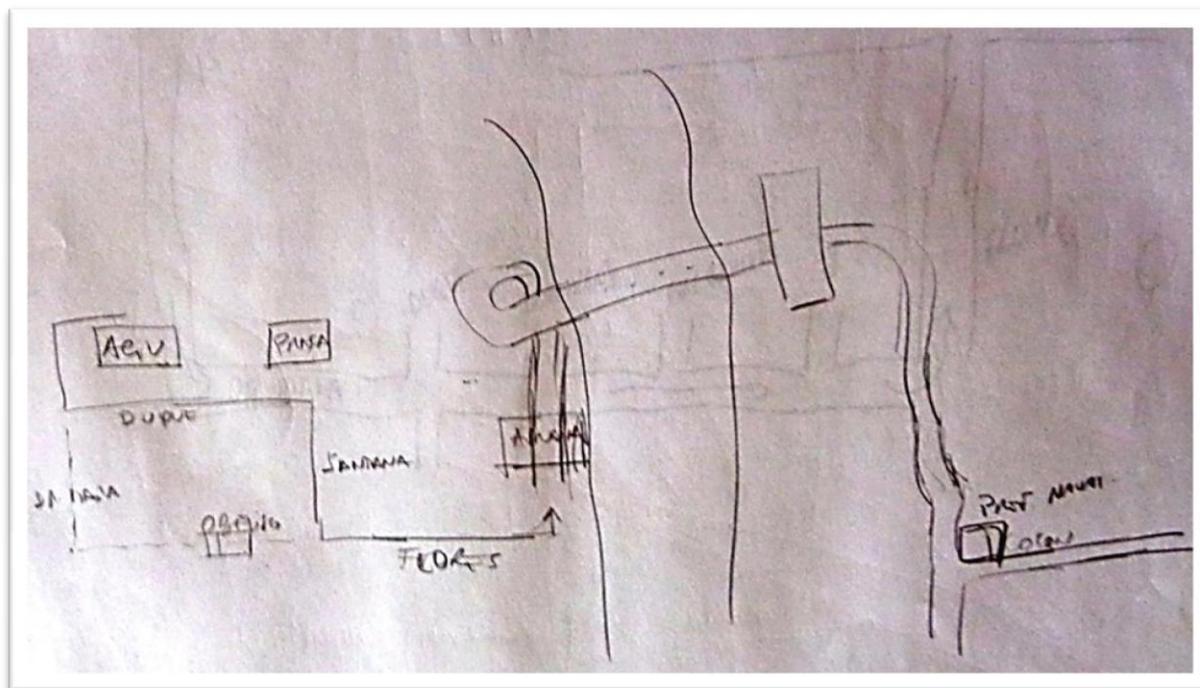


Fonte: Desenho de informantes

C.O., outra informante, é brasileira mas casada com argentino, e moradora de Paso de los Libres. O desenho do mapa abaixo (figura 33) mostra como C.O. vai da sua casa em Libres para o seu consultório em Uruguiana. Interessante que o que mais aparece é a cidade de Libres. Em Libres aparecem as principais vias a partir da sua casa, e mostra também alguns equipamentos de localização como os dois postos de gasolina mais próximos do centro, a Escola São José e o Hotel Alejandro, que é hoje o prédio mais alto de Paso de los Libres. Indica a rua San Martin, a que leva a Ponte Internacional, a Via Férrea e o outro posto de Gasolina (ACA), que fica rente à cabeceira da ponte. Para chegar da entrada da ponte, em Uruguiana, até o consultório da entrevistada não é muito longe, talvez por isso apareça tão pouco a cidade de Uruguiana no mapa. Por residir em Paso de los Libres, está tentando

ver a via que passa pelo Buraco e nos leva até a Collón, que é marcada pela Prefeitura Naval de Paso de los Libres.

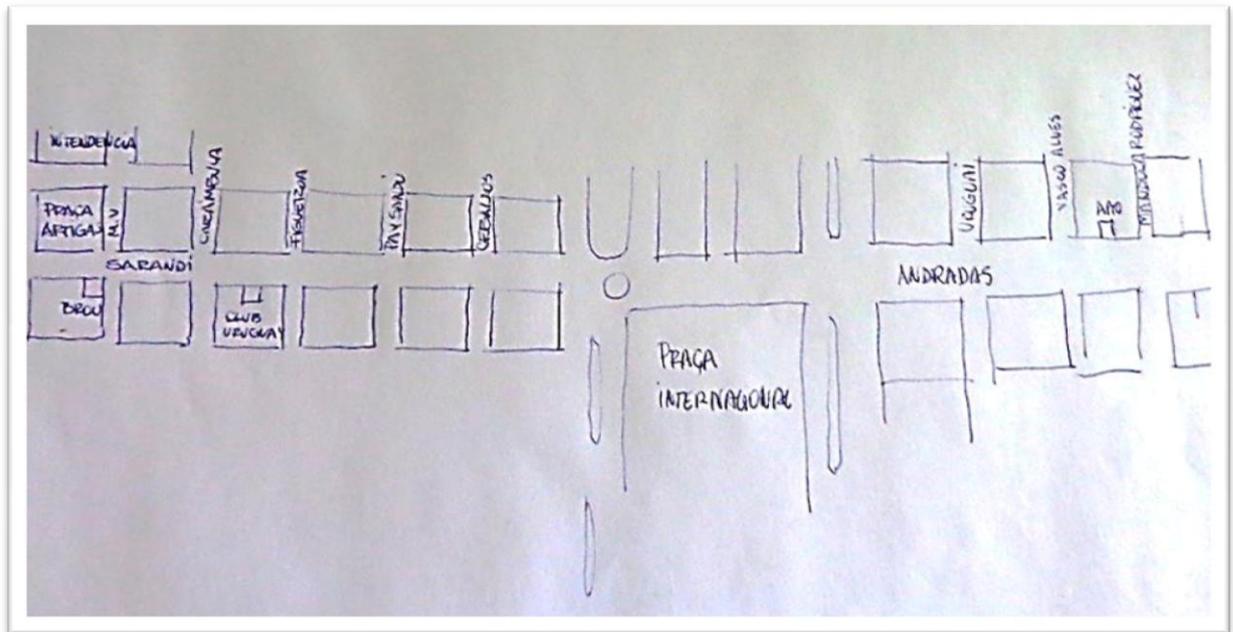
Figura 34: Mapa mental trabalho/ casa de L.O.K



Fonte: Desenho de informantes

A riverense V.E., (figura 35) desenhou o mapa de como chegar da praça da Intendência de Rivera até o seu apartamento em Livramento. Ela mora na região rural de Rivera, em um sítio, mas tem este apartamento para quando precisa ficar na cidade. Em Rivera desenha como referência a Intendência, a Praça Artigas, o Banco que fica na esquina da Praça. Marca a rua Sarandi e nela o Clube Uruguai. Desenhou o canteiro central que marca a divisão entre as duas cidades e o Parque Internacional. Quatro quarteirões depois marca o prédio onde reside, na Rua Andradas, bem central. O nó urbano que se forma neste espaço da linha divisória é algo que deve ser alvo de atenção. Esta área está urbanisticamente desorganizada e com manutenção precária.

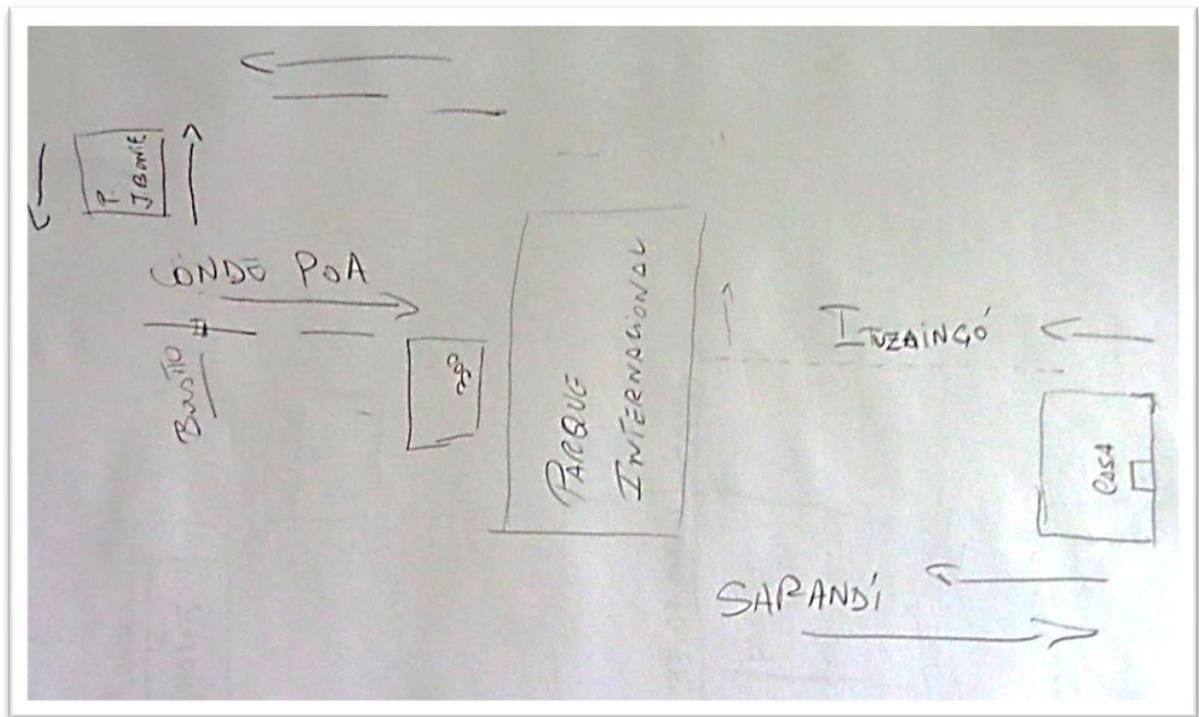
Figura 35: Mapa da informante V.E



Fonte: Desenho de informantes

Outro riverense é A.P.G.(figura 36), família de mãe uruguaia e pai brasileiro. Possui identidade uruguaia e brasileira. Sempre morou em Rivera e estudou em Livramento. Hoje mora em Livramento e é casado com uma riverense que também trabalha em Livramento. Eles juntos tem uma empresa de transporte escolar no Brasil.No desenho do mapa, A.P.G nos descreve o percurso da casa da sua mãe, até o Bocatto (confeitaria de sua mãe em Livramento). Aparece a rua Sarandí, como um dos caminhos a fazer, mas muitas vezes para não pegar muito movimento, vai pela via abaixo- Ituzaingó. Esta rua tem apenas uma direção, somente vai na direção Rivera- Livramento.Cita como primeira referência o Parque Internacional. Segundo o informante, na verdade é uma praça, mas o nome mais popularizado é parque. Explicaram para ele que é assim porque é uma palavra que não muda, entre o português e o espanhol. Se fosse praça, seria Praça e *Plaza*. Então parque unifica mais até os idiomas, a maneira de se referir ao espaço.Iria então pela Ituzaingó até o parque, e pegaria a Rua Conde de Porto Alegre, em Livramento, para ir reto até a Bocatto. Desenha até a outra Pracinha que tem próxima a Bocatto, que é a Praça José Bonifácio. A Bocatto fica a duas quadras e meia desta praça, em Livramento.

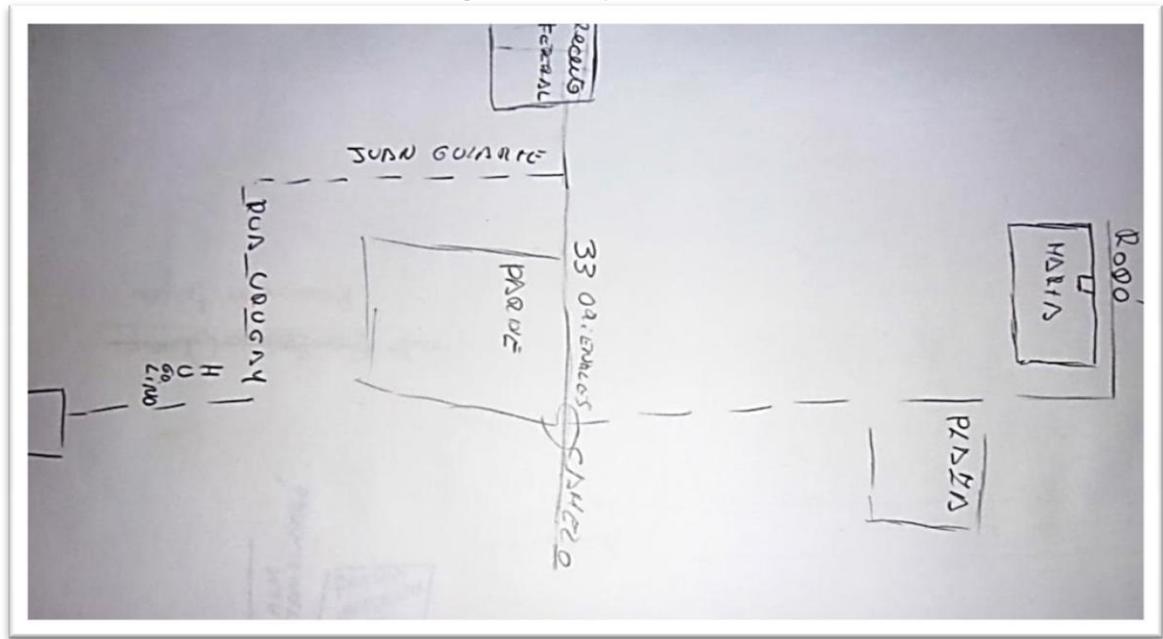
Figura 36: Mapa mental casa/ trabalho A.P.G



Fonte: Desenho de informantes

S.G, uruguaia, nascida em Rivera. No mapa (figura 37), ela explica como chegar da casa de sua sogra, em Rivera, até sua atual residência em Livramento. Em Rivera marca a casa da sua sogra na Rua Rodó, a rua Sarandi e a praça. Marca a linha que divide as cidades e rua 33 Orientales que fica na divisa, ainda do lado de Rivera e o Parque Internacional. Marca os camelos também na linha divisória, e em Livramento já não marca a Andradas, que é a continuação da Sarandi. Chama atenção também para a Receita Federal. Descreve seu trajeto em Livramento nas Ruas João Goularte, rua Uruguai, e Hugo Lino, onde reside.

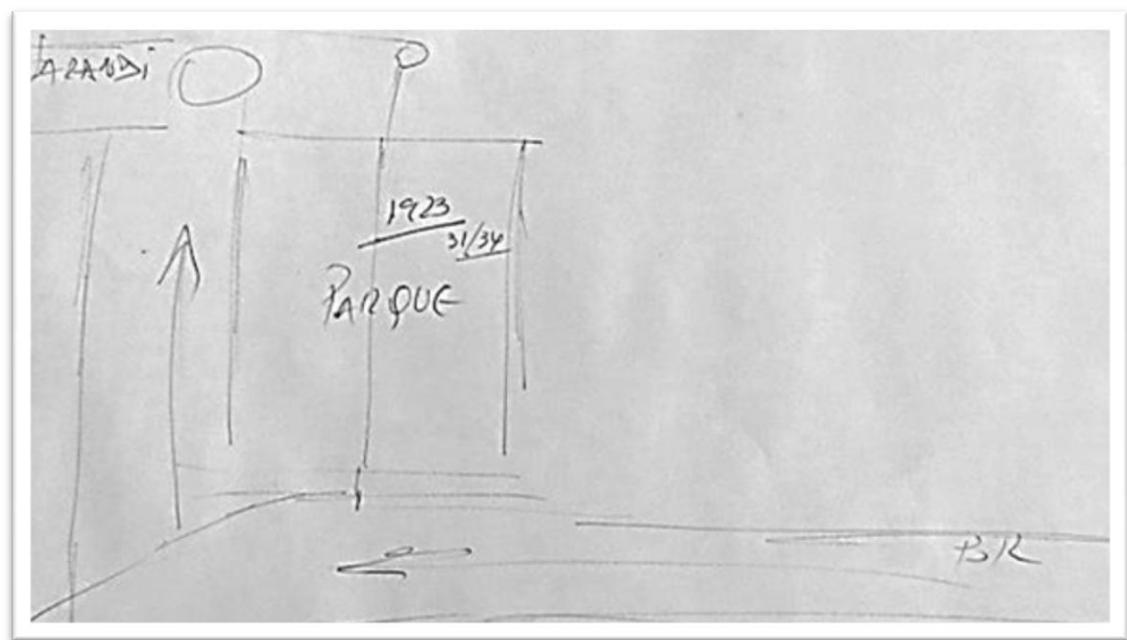
Figura 37: Mapa mental de S.G.



Fonte: Desenho de informantes

C.A.F (figura 38) mostra como chega na cidade de Livramento pela BR. Como referência utiliza a Av. Pres. João Goulart para chegar até a área central da cidade. Desenha também a Av. Tamandaré que é a via do Parque Internacional. Passa pelo parque e chega no final da Andradas, início da Sarandí. Marca a sua loja na Rua Andradas, que é tradicional na cidade. Em Rivera marca a Rua Sarandi.

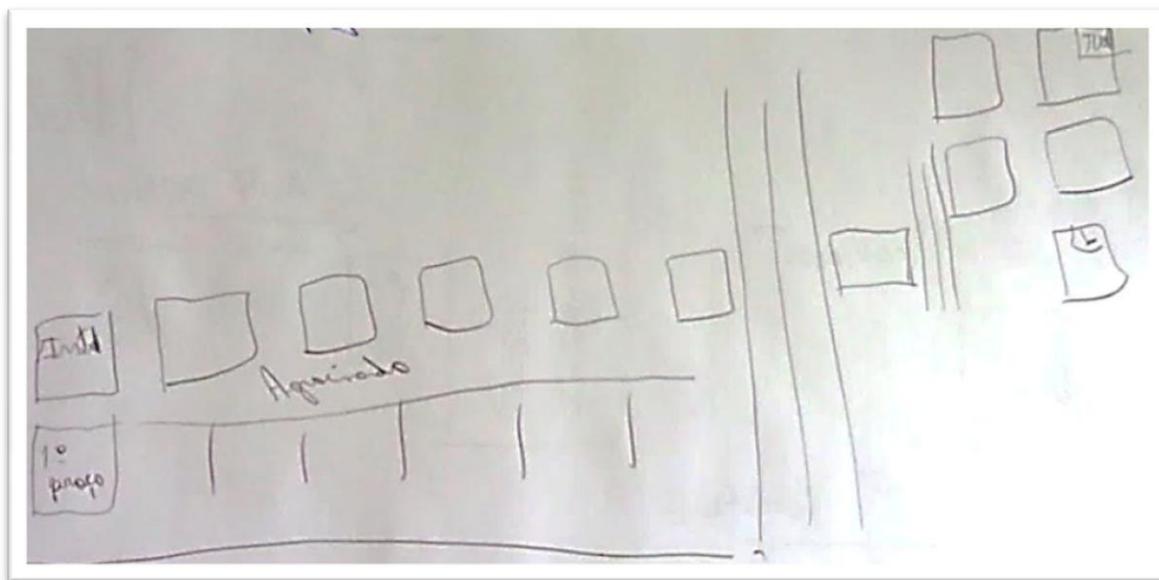
Figura 38: Mapa mental de C.A.F



Fonte: Desenho de informantes

No mapa abaixo (figura 39), P.E, que nasceu em Livramento mas possui duas nacionalidades, marca a Rua Sarandi, mas salienta a Rua Agraciada, que é paralela a Sarandi, em Rivera. Conta os quarteirões, marca a praça de Rivera e a Intendência. Marca a linha divisória entre as duas cidades, a sua loja (ele é dono de comércio), e a Estação Rodoviária.

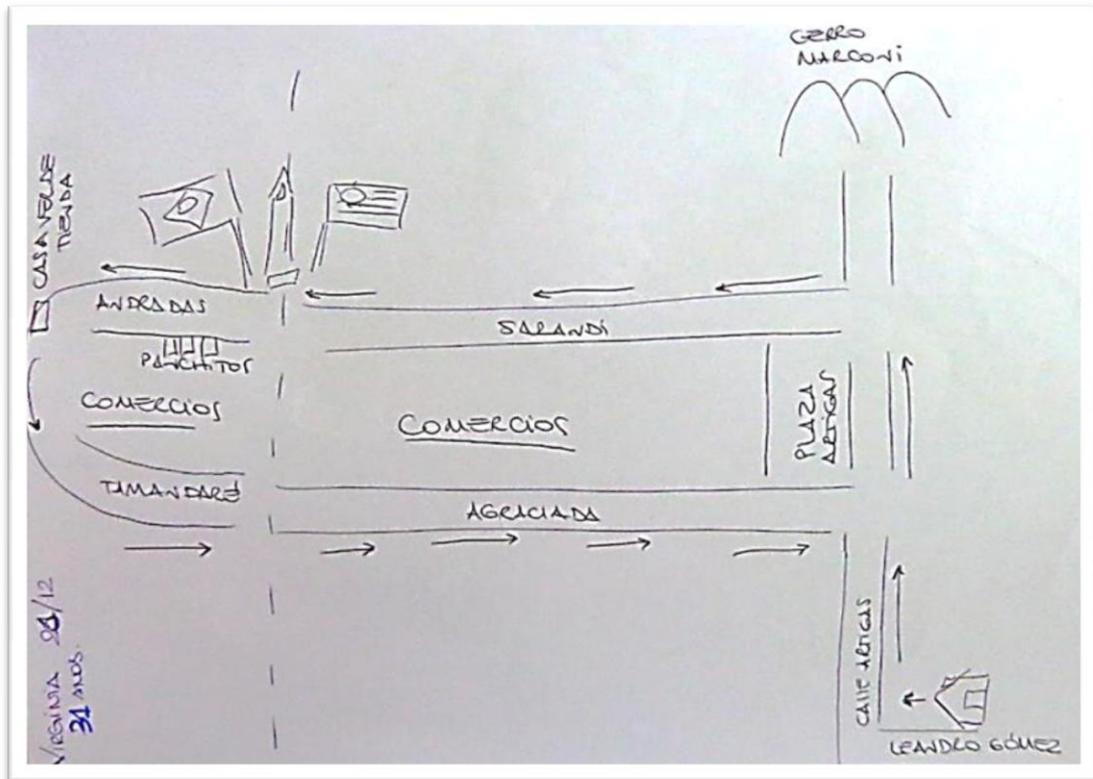
Figura39: Mapa Mental de P.E. Trajeto da Estação Rodoviária de Santana de Livramento até a praça de Rivera.



Fonte: Desenho de informantes

V, riverense, no mapa abaixo (figura 40) desenha o percurso de sua casa, em Rivera, até a saída de Santana do Livramento. Ela faz o percurso de ida e de volta indicando vias e pontos para ela marcantes. Em Rivera fica evidente a importância dos elementos da paisagem natural, os Cerros. Como sempre a Rua Sarandi está em destaque, identificando o comércio ao longo da via e da Praça Artigas, que é a da Intendência. Destaca ainda o parque internacional, a bandeira dos dois países e os carrinhos ambulantes de Panchos que ficam na divisa. Marcou o comércio nas duas cidades. E como em Livramento a Andradas é somente de um sentido para veículos, ela retorna pela rua paralela, Rua Tamandaré, que em Rivera continua na Rua Agraciada.

Figura 40: Desenho da informante riverense V.



Fonte: Desenho de informantes

A partir dos mapas mentais acima mencionados, temos a possibilidade de interpretá-los e unir os pontos citados- os marcos- e os percursos- as vias- em um só mapa, de cada par, formando limites. Os mapas a seguir são, portanto, as interpretações dos mapas mentais, nos mostrando e ao mesmo tempo relatando percursos para chegar à cidade vizinha. Foram demarcados em cima dos mapas base, anteriormente tratados (mapas 01 e 02, páginas 114 e 115), porém com um zoom mais aproximado, modificando assim a escala gráfica e permitindo melhor visualização das áreas demarcadas (mapas 03 e 04 à seguir, páginas 155 e 156). Os códigos utilizados estão especificados nas legendas.

No mapa 03, chamamos atenção para os percursos demarcados pelos cidadãos na cidade do outro. A Rua Collón em Paso de los Libres e a área da Praça central em Uruguaiana é sempre muito citada. Os percursos correspondem a estas áreas. Nos mapas mentais desenhados pelo cidadão, o pedido para o execução do desenho foi: explique para alguém como chegar a cidade vizinha, ou quais os percursos que fazes para ir a cidade vizinha. Com isso foram identificados alguns fluxos de uma cidade para a outra. Percebemos em Paso de los Libres uma

quantidade de equipamentos demarcados no percurso que se dá entre a ponte e a área central da cidade.

No mapa 04, chamamos atenção para o núcleo comercial que se forma entre as duas praças das duas cidades. O comércio e lazer aparem mais na Rua Sarandi (Uruguai) do que na Andradas (Brasil).



Mapa 03
Interpretação dos Mapas Mentais
Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR)

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praça
- Área de aduana
- Estação Rodoviária
- Aduana argentina
- Primeira aduana brasileira(desativada)
- Segunda aduana brasileira (desativada)
- Costanera- Paso de los Libres

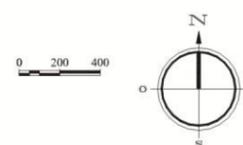
Legenda 02 (vias)

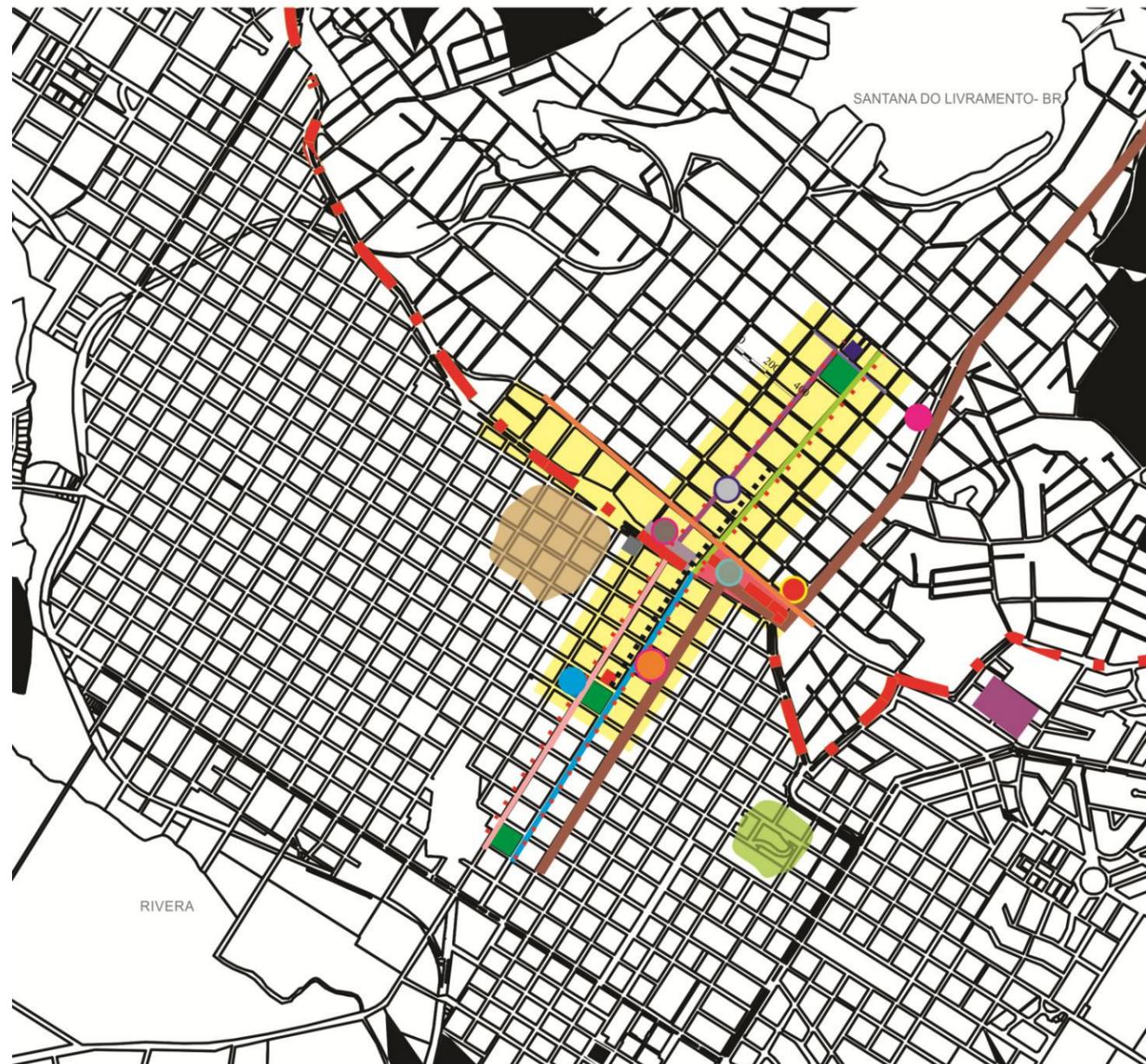
- Praça
- Rua Collón- Paso de los Libres
- Av. San Martino- Paso de los Libres
- General Madariaga - Paso de los Libres
- Coronel Lopez- Paso de los Libres
- Rua Flores da Cunha- Uruguiana
- Av. Presidente Vargas- Uruguiana
- Rua Santana- Uruguiana
- Rua General Flores da Cunha- Uruguiana
- Via perimetral de acessos- Uruguiana
- Av. XV. de Novembro- Uruguiana
- Av. Duque de Caxias (antiga Rua do Comércio)- Uruguiana

Pontos citados pelos cidadãos
nos mapas mentais

Legenda 03

- Estação Rodoviária- Paso de los Libres
 - Buraco- Paso de los Libres
 - Aduana- Paso de los libres
 - Gendarmeria- Paso de los Libres
 - Chegada Collón- Paso de los Libres
 - Praça central- Uruguiana/ Paso de los Libres
 - Igreja Matriz- Uruguiana
 - Comercio- Uruguiana
 - Cia. distribuição de água- Uruguiana
 - Escola São José-Paso de los Libres
 - Posto de Gasolina
 - Hotel
- Percursos indicados mapas mentais





Mapa 04
Interpretação dos Mapas Mentais
Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY)

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praças
- Parque internacional
- Praça João Pessoa-‘Praça dos Cachorros’
- Intendência- Rivera
- Cassino Rivera
- Igreja Matriz- Rivera
- Igreja Matriz- Santana
- Clube Campestre
- Lago Batuva

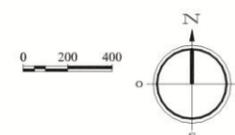
Legenda 02 (vias)

- Praça
- Rua Agraciada- Rivera
- Rua Sarandi- Rivera
- Rua Ituzaiçó- Rivera
- ‘Linha divisória’
- Rua dos Andradas- Santana do Livramento
- Rua Rivadávia Corrês- Santana do Livramento
- Rua João Goulart- Santana do Livramento

Pontos citados pelos cidadãos
nos mapas mentais

Legenda 04

- Comércio específico citado- Livramento
- clube Uruguay - Rivera
- Intendência- Rivera
- Comércio citado
- Obelisco do Parque Internacional
- Receita Federal
- Camelôs
- Cerro Marconi
- Cerro del Marco
- Área comercial muito citada
- Limite Brasil-Uruguaí
- Percursos indicados mapas mentais



6.2.2- A partir dos relatos

Sobre Uruguaiana e Paso de los Libres, o cidadão uruguaiense P.P.C. cita como pontos de referência em Uruguaiana a praça Barão do Rio Branco, e em Paso de los Libres a Praça San Martín e a Av. Collón, onde normalmente vai até o Supermercado La Frontera. Como sua loja em Uruguaiana está localizada a meia quadra da praça central, passar pela praça é um percurso constante. Um cartão postal de Uruguaiana é o monumento frente a Ponte Internacional- as duas torres- com detalhes arquitetônicos muito bem concebidos. Este marco também faz parte do percurso de todos os cidadãos ao irem ou voltarem de Paso de los Libres. “Na época em que foi construído, era um elemento de muito destaque na cidade, e até hoje é um cartão postal. Se sobressai na paisagem, sempre se sobressaiu”.

M.F, também Uruguaiense, gosta de andar pela Collón em Libres, olhar as lojas e comprar. Em Uruguaiana um dos percursos para o lazer é da sua residência até a praça central da cidade. Frequenta muito o café da praça. Citou um lugar como exemplo de relação social atual: o Clube de Golfe em Paso de los Libres que é muito frequentado por brasileiros, inclusive tendo um brasileiro como atual presidente do clube. Tem a Ponte Internacional como cartão postal das duas cidades. Em Libres, lembrou que a Costaneira é um lugar muito frequentado por argentinos e brasileiro, já que em Uruguaiana não se tem este espaço de lazer próximo ao Rio Uruguai.

B.M também cita a Ponte Internacional e os monolitos do lado brasileiro como pontos marcantes na cidade, que marcam e identificam o percurso entre Uruguaiana e Paso de los Libres. A Igreja matriz, frente a Praça em Uruguaiana, também é citada pela informante, como referências na cidade, além dos Clubes (Comercial e Caixeiral) e das Escolas. Como equipamentos que marcam seus percursos e servem como referência, B.M. cita ainda em Paso de los Libres, a Loja El Pingo, Seu Barrias, A Riograndense, a praça central, a confeitaria (que existia até os anos 1970) La Giralda. “Hoje ainda existe as lojas do Barrias e a Riograndense, mas ainda podemos falar da quadra da La Giralda, pois é muito lembrada e foi muito frequentada pelos Uruguaienses”.

L.D., uruguaiense, fala do passeio pela Collón em Paso de los Libres, para ver lojas, ir ao supermercado e restaurantes ou sorveterias, e de outros restaurantes que ficam na estrada que vai a Buenos Aires. Quando vale a pena, abastece o carro em Paso de los Libres entende como cartão postal da cidade e Passo de los Libres

a Costanera. “Conhecer a costaneira é algo que surpreende. É muito bonito ver o *skiline* de Uruguaiana desde libres”. Em Uruguaiana cita como pontos de referência, ou lugares que chamem atenção, a praça central. Entende a praça como local apropriado para o lazer, e bastante agradável, principalmente nos últimos anos.

C.O., uruguaianense, atual moradora de Paso de los Libres tem a sua casa como um local de lazer, mas ela elege a praça que no final da tarde as crianças ficam com as babás, pois os pais ainda estão trabalhando neste horário. Nos finais de semana diz que os argentinos e brasileiros usam muito a Costanera. Cita também o clube de golfe 5ª Madariaga e conta que tem uma turma de Uruguaiana que frequenta sempre o clube. Um cartão postal de Libres seria a Costaneira, a ponte com o Rio. Em Uruguaiana a ponte também.

Outra informante uruguaianense, B.A também cita a ponte Internacional como referência das duas cidades, o Clube Tamandaré e a Praça central para o lazer em Uruguaiana.

J.P, librenha, faz supermercado e academia em Uruguaiana. Visita parentes normalmente na antiga casa de sua avó, na área central de Uruguaiana, onde a família uruguaianense se reúne. Em Libres vai á Costanera, “em vez da praça, atualmente usamos a Costanera para o lazer nos finais de semana”, além das calçadas da Collón, os restaurantes. Nos diz também que “A parte de saúde em Libres é muito decadente. Não tem muitos especialistas. Então temos que ir para Uruguaiana”.

E., librenho, vai a Uruguaiana para ver amigos, frequenta muito o Café da Praça, tem família lá pois é casado com uma uruguaianense. Lembra da Costaneira em Libres como um espaço de lazer importante na cidade, o clube Quinta Madariaga, frequenta a Collón, onde está localizado seu comercio, e os restaurantes. Diz-se impressionado por Uruguaiana viver de costas para o Rio Uruguai.

C.C., librenha, conta que gosta de ir com os amigos nos espaços verdes de Paso de los Libres como o Parque de Turismo, o Monumento da Paz. Em Uruguaiana fala do forte comércio, e que gosta muito de comprar “do lado de lá”. Em Uruguaiana ela frequenta a academia, as lojas, bancos, restaurantes e a casa de amigos.

A senhora N.M., librenha, frequenta muito o supermercado em Uruguaiana mesmo com o câmbio desfavorecido para os argentinos. Alguns produtos são mais baratos, e outros já fazem parte dos costumes da família. Citou uma área comercial importante em Paso de los Libres, tratando do Supermercado La Frontera, pois é muito antigo, com 65 anos no mercado, um exemplo de bom empreendimento de família, e frequentado a anos pelos moradores das duas cidades. Também cita a Costanera em Paso de los Libres como um local de lazer importante para a população, e fala da vista muito bonita em direção a Uruguaiana.

Tratando agora de Santana do Livramento e Rivera, e os percursos relatados pelos cidadãos, temos em Santana do Livramento, um primeiro informante, M.P.G. Riverense, conta que passa de uma cidade para outra diariamente. “As ruas comerciais importantes são a Sarandi, depois a Agraciada, paralela à Sarandi. A rua da Intendência. Na Agraciada, na altura da linha, existem muitos comércios de comestíveis, e este local já está consolidado com este fim”.

A.P.G. diz que às vezes conversa com uma senhora que vai à confeitaria de sua mãe, que fica em Livramento. E ela diz que quase não conhece Rivera. Diz que vai na “rua dos queijos” (Agraciada) e depois se perde. Assim como tem Riverenses que também quase não vão a Livramento, somente quando precisam. Acha que o Santanense tem um pouco de rixa com o Riverense. Conhece alguns que não compram em Rivera.

Já S.G., fala de lugares da cidade a partir das suas atividades de lazer. Como é riverense, diz que gosta de sair em Santana do Livramento para fazer compras. Tem este costume pois não pode comprar nos *free shop* em Rivera, somente quando está com seu marido que é brasileiro. Então usa muito o comércio em Livramento, já que tem mais opções. Utilizam também para descansar e encontrar amigos as praças em Rivera. “Tanto os brasileiros, quanto uruguaios, utilizam as praças do lado de Rivera, já é um costume, e atualmente elas se encontram em um estado de manutenção muito melhor se compararmos com as praças de Santana do Livramento”. Também tem o costume de fazer a caminhada no final da tarde, como exercício. Vão de uma cidade para a outra, normalmente nas ruas paralelas a Andradas e Sarandi, evitando encontrar muitos conhecidos.

V.U., riverense, conta sobre a época em que morava em Porto Alegre, fazendo faculdade. Diz que em Porto Alegre, quando falava na Sarandi, todos

sabiam que era a rua principal de Rivera. Ficava espantada, com o quanto as pessoas conheciam a Sarandi. V.U. também fala das praças de Rivera, e diz que são tanto dos uruguaios quando dos brasileiros. Conta que: “A Andradas se tornou uma rua perigosa à noite, porque não tem movimento, somente lojas, comércio fechado. Na Sarandi as lojas e *free shops* ficam abertas até as 20hs, mas tem ainda as *Parijadas*, as Pizzarias, os barzinhos que ficam abertos e lotados, com mesas na calçada”. Como cartão postal das cidades ela citou o Parque Internacional e o *Cerro del Marco*. “No Parque Internacional todos os turistas vão, e tiram a foto típica: um pé no Brasil e outro no Uruguai”. Tem também em Livramento o Lago Batuva, que é um lago artificial que foi construído em um parque, e as pessoas utilizam bastante, bem como o parque Grã Bretanha em Rivera.

P.E., santanense, oficialmente com as duas nacionalidades, cita os mesmos pontos de V.U, riverense: para o lazer os bares da Sarandi, o Parque Internacional e o Obelisco como referência, as praças de Rivera para o lazer. Além destes, P.E. cita o lago Batuva e o Clube Campestre em Livramento como espaços de lazer utilizados pela população das duas cidades.

T.B., riverense, arquiteto, conta que o Planejamento Urbano da cidade de Rivera, inclusive, está começando a entender que os espaços verdes (praças e parques) da cidade devem ser pensado para a população das duas cidades, já que os Santanenses utilizam, em sua maioria, os espaços de Rivera.

C.A.F., Santanense, também cita o Parque Internacional como referência, e salienta que antes havia ali o Areial, já sempre muito citado e referenciado pelas populações locais. Itá também a Sarandi e seus bares, onde vai quase que diariamente após o trabalho, desde jovem. É um local de encontro dos habitantes das duas cidades.

M.P.G., riverense, nos fala na Rua Sarandi e nas praças de Rivera como locais de lazer da população, na sua confeitaria em Livramento como sendo um local que frequenta diariamente e da sua casa em Rivera. “As praças de Rivera também são utilizadas para o lazer atualmente. Mas as pessoas sempre utilizaram muito a rua Sarandi. Em Rivera, a rua Sarandi é onde tudo acontece”. Atualmente, para o lazer, frequenta o Cassino da Rua Sarandi com amigas. Sobre o costume dos brasileiros também frequentarem a Sarandi, diz que pode ser porque é mais larga, mais bonita para passear, se compararmos com a Andradas em Livramento. “As

ruas comerciais importantes são a Sarandi e a Agraciada, paralela à Sarandi. Na Agraciada, na altura da Linha existem muitos comércios de comestíveis já consolidados. Foi sempre assim, os lugares de lazer e diversão estão na Sarandi”.

Os relatos apresentados acima, dos cidadãos das cidades gêmeas de Uruguiana e Paso de los Libres, e Santana do Livramento e Rivera permitiram que demarcássemos o espaço urbano a partir das histórias do cidadão, os marcos, as vias citadas por ele na sua cidade e na cidade do outro, como fazendo parte do seu cotidiano. Estes mapas foram executados pela autora, com o intuito de obter um mapeamento de espaços mais citados, e o entendimento de alguns limites fronteiriços que se dão nestas áreas de grande uso dos habitantes, tanto de um lado, como do outro. Demarcamos assim as vias citadas, os marcos, que acabam sendo pontos de referência dos espaços, as áreas de comércio, as praças, parques, clubes. Seguem os mapas de Uruguiana e Paso de los Libres (vide mapa 05, página 162), e Santana do Livramento e Rivera (vide mapa 06, página 163). A partir destes mapas de relatos, temos as vias mais citadas, bem como os espaços de estar e referência.



Mapa 06
Interpretação dos Percursos Relatados
Santana do Livramento (BR) e Rivera (AR)

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praças
- Parque internacional
- Praça João Pessoa-‘Praça dos Cachorros’
- Intendência- Rivera
- Cassino Rivera
- Igreja Matriz- Rivera
- Igreja Matriz- Santana
- Clube Campestre
- Lago Batuva

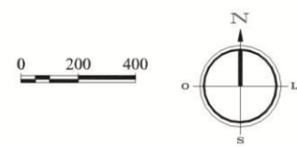
Legenda 02 (vias)

- Praça
- Rua Agraciada- Rivera
- Rua Sarandi- Rivera
- Rua Ituzaiçó- Rivera
- ‘Linha divisória’
- Rua dos Andradas- Santana do Livramento
- Rua Rivadávia Corrês- Santana do Livramento
- Rua João Goulart- Santana do Livramento

Pontos citados pelos cidadãos nos mapas mentais

Legenda 06

- Comércio citado- Livramento
- Praça citada- Livramento
- Intendência- Rivera
- Shopping Siñeriz- Rivera
- Obelisco do Parque Internacional
- Comércio citado- Rivera
- Praças citadas-lazer
- Movimento diurno e noturno
- Cerro del Marco
- Área comercial muito citada
- Limite Brasil-Uruguai
- Percursos indicados nos relatos



6.2.3- Considerações sobre os percursos

A partir da apresentação dos relatos dos cidadãos sobre marcos e áreas importantes das cidades gêmeas, e da verificação dos mapas mentais desenhados por estes cidadãos, verificamos que existem algumas áreas onde a presença do binacional é mais marcante que em outras. Os percursos estabelecidos entre uma cidade e outra fazem com que se estabeleçam as áreas comerciais mais consolidadas, e alguns pontos deste percurso, tornem-se referências nas cidades.

Ao tratarmos de Uruguaiana e Paso de los Libres, percebemos a Ponte Internacional como principal marco de referência, nas duas cidades. A ponte foi citada por muitos informantes pelo seu significado, possibilitando maior união entre as duas cidades, entre os dois países, e pela monumentalidade do conjunto da sua obra.

O cotidiano de vai e vem, de travessias, fez com que, ao longo do percurso de Uruguaiana até Paso de los Libres fossem se desenvolvendo áreas comerciais importantes nas duas cidades. A Avenida Collón, em Paso de los Libres, é a principal via comercial, assim como o seu entorno imediato. Diferente de Uruguaiana, onde o comércio no entorno da praça central é muito forte, a praça central em Paso de los Libres é menos visada em relação ao comércio. Nela vemos quase que um centro cívico. Tanto os brasileiros quanto argentinos citaram a Av. Collón como local de lazer, de encontros.

No mapa das duas cidades (mapa 07, pág 170), percebemos a Av. Collón marcada desde o início (próxima ao Rio Uruguai) até a altura do Supermercado La Frontera, ponto comercial muito citado entre brasileiros e argentinos. Podemos considerar este um limite dos percursos intensos dos brasileiros na cidade vizinha. Andar na *Calle Collón* para um uruguaianense é tão natural como estar no comércio central em Uruguaiana, e vice versa. Temos estas evidências em função de ser a Collón, rua mais citada pelos brasileiros e ao verificarmos que esta é a principal via da cidade, desde os primórdios de sua existência. O comércio vivo, a rua viva (JACOBS, 2000) na Collón não é atual. Esta era a via que levava desde o antigo caminho das tropas até o Rio Uruguai, e este fluxo foi marcando o trânsito comercial entre brasileiros e argentinos (vide mapa 07, página. 170 e mapa 09, página 218). Verificamos uma forte carga de memória coletiva misturada nas rivalidades que aparecem na fala daqueles que não gostam de ir a Libres por implicar com os

argentinos, e nas reclamações sobre a fiscalização na ponte. Na realidade as rixas e rivalidade se dissipam, e também transformam-se em cotidiano

Em Uruguaiiana, verificamos na área de entorno à praça central, e nas vias que fazem parte dos percursos para Paso de los Libres, as áreas comerciais mais fortes, mais citadas pelo cidadão. Já em Paso de los Libres temos uma centralidade que parece ser linear. Os comércios populares em ambas as cidades, a Baixada em Uruguaiiana e o Buraco, e Paso de los Libres também são citados como pontos de referência. Os espaços comerciais estão relacionados, também, com os percursos para o outro lado (vide mapas 07, página 170 e 08, página 171).

As duas aduanas, hoje desativadas em Uruguaiiana, também são citadas como referências, principalmente nos mapas mentais. Verificamos que estas marcaram diferentes etapas de trajetos para a cidade vizinha, e diferentes épocas das relações fronteiriças. A primeira aduana foi construída juntamente com a construção da ponte, na década de 1940. Os prédios aduaneiros faziam parte do conjunto de edificações que marcavam a cabeceira da ponte, e o percurso de uma cidade para a outra se dava sobre a área central de Uruguaiiana. A outra foi construída na periferia da cidade, próxima a ponte, na década de 1970, fazendo com que o grande fluxo de caminhões se deslocasse da área central. Estes percursos são ainda hoje feitos, e o comercio aí localizado se consolida (vide mapa 07, página. 170 e mapa 09, página 218).

O ir e vir, portanto, é marcado por barreiras nacionais, fiscalizações e sinais que delimitam, materializados na ponte, nas aduanas, nos marcos fronteiriços. Estes acabam tornando-se, em qualquer um dos casos, referências espaciais nestas cidades. Especificamente no caso de Uruguaiiana e Paso de los Libres, os territórios nacionais são muito claros em ambas as cidades. O aparato de equipamentos e situações faz com que o cidadão sinta a presença dos Estados Nacionais com frequência, ao mesmo tempo em que vive estes fatos em seu cotidiano fronteiriço. Mesmo com a passagem marcada entre um e outro, e tendo apenas um ponto de contato, a ponte, percebemos uma territorialidade que atravessa os limites nacionais claramente colocados.

A Costanera, em Paso de los Libres, também é bastante citada como área de lazer, tanto para argentinos, quanto por brasileiros. Como marco de referência.

Tanto argentinos quanto brasileiros falam sobre a falta de um investimento parecido na cidade vizinha de Uruguiana.

Ao tratarmos de Livramento e Rivera, os percursos relatados ou desenhados nos mapas mentais, bem como nos pontos de referência do cidadão, percebemos que existe uma centralidade que se localiza entre as duas praças principais das duas cidades. Que esta área central identificada poderia ser considerada binacional devido ao uso e circulação constante dos habitantes de ambas as cidades.

A Rua Sarandi, em Rivera, é uma rua onde o comércio de bens e serviços é a atividade principal. Os *fee shops* encontram-se em sua maioria nela, ou no seu entorno imediato. O comércio local é forte, principalmente até a primeira praça, como chamam os cidadãos, a praça da Intendência e da Igreja Matriz. A continuidade no traçado das vias faz com que a passagem seja tranqüila. Não existe uma fiscalização ao passar de uma cidade para a outra até porque isto seria uma tarefa muito difícil (vide mapa 08, página 171).

A Sarandi é sempre mais evidenciada do que a via que dá continuidade a ela, em Santana do Livramento, tanto pelos uruguaios, quanto pelos brasileiros. É o ponto de encontro dos habitantes das duas cidades. Interessante é destacar a fala do morador de Rivera, arquiteto, T. B., dizendo que para fazer o planejamento das áreas verdes de lazer, da cidade de Rivera, estão considerando também a população de Livramento, pois os brasileiros utilizam muito as praças riverenses.

Apesar da forte integração entre os dois espaços urbanos, salientando a facilidade da passagem, a Linha, principalmente na área central, é sempre evidenciada nas falas do cidadão, bem como nos desenhos. É um limite claro existente na área central, uma referência para o cidadão, assim como o Parque Internacional. Podemos discutir aqui que fora da área central, este limite fica menos evidenciado, indicado por marcos fronteirços que delimitam um lado e outro, e ai sim o cidadão pode não saber se está no lado urguaiou ou brasileiro.

Sobre os dois pares de cidades, se tratarmos da Sarandi, em Rivera, e a Collón, em Paso de los Libres, ambas mantêm-se como principais vias comerciais que permitem um percurso linear ao longo do comércio de bens e serviços, sendo também, local de lazer da população. Rivera tem um atrativo comercial que Paso de los Libres, na argentina, não possui: os *free shops*. Em Rivera, os *fee shops* já consolidados desde a década de 1980, dão maior movimento à via diariamente.

Entre Livramento/ Rivera e Uruguaiiana/ Paso de los Libres existem diferenças no ir e vir cotidiano. Apesar de a Ponte e a Linha serem marcantes nas falas dos cidadãos, a passagem na dupla de cidade Livramento/ Rivera é muito menos evidenciada, e ocorre sem barreiras. Em Uruguaiiana e Paso de los Libres a ponte é um elemento marcante. Na travessia existe um ponto de parada e fiscalização, e somente este ponto de comunicação entre os espaços urbanos.

Ambos os pares de cidades são cidades do interior que configuram-se como tal, pois as principais atividades urbanas ainda acontecem no centro das cidades. A particularidade de Santana do Livramento e Rivera terem espaços urbanos contínuos faz com que se tenha uma área central entre elas.

As muitas diferenças entre os dois pares de cidade nos fornecem estas possibilidades de entender a fronteira em duas posições, mesmo assim percebemos a convivência e a importância da cidade vizinha, consideradas pelo morador, tanto nos mapas mentais quanto nos relatos obtidos, os quais nos possibilitaram o entendimento dos percursos.

A seguir mostramos a nossa interpretação nos mapas sobre os percursos. É a espacialização desta conclusão parcial, unindo as colaborações dos relatos, e dos mapas mentais.

No mapa de Uruguaiiana/ Paso de Libres (mapa 07, 170), chamamos atenção para as áreas comerciais consolidadas que fundam-se a partir dos fluxos fronteiriços. Nestas áreas a presença do binacional é marcante. A ponte, as aduanas dos dois lados, os monolitos, e a praça central de Uruguaiiana também se consolidam como referências mais importantes nestas cidades. A Praça mais central de Paso de los Libres é um centro considerado mais cívico, sendo que o comércio instala-se na rua paralela, na *Collón*.

Na análise, vemos também alguns limites urbanos, que representam áreas mais utilizadas pela população, de um lado e do outro da fronteira. Este limite percebido a partir dos relatos e mapas mentais, corresponde a faixa cor amarela que aparece como área de interferência e percursos. É nesta área que o trânsito fronteiriço é mais intenso e facilmente percebido (vide mapa a seguir, mapa 07).

A costaneira, também muito citada pelos cidadãos brasileiros e argentinos, torna-se um equipamento único para as duas cidades. Uma área para o lazer onde o cidadão pode *mirar o rio, mirar* Uruguaiiana (vide mapa a seguir, mapa 07).

No mapa de Livramento/ Rivera (mapa 08, página 171), percebemos espaços urbanos contínuos, e limites de intensidade de fluxo fronteiro, coincidente com um comércio mais consolidado. Do lado de Rivera esse fluxo intenso se dá na Sarandi, da Linha, até a Praça da Intendência Municipal. Em Santana do Livramento percebemos o movimento mais intenso nos horários comerciais, ao longo da rua Andradas, até as proximidades da Praça central da cidade. Porém, percebemos que entre estas cidades forma-se um outro centro (de fluxos e comércio), na linha entre as cidades. É neste espaço que se dá o limite marcado entre as duas cidades, mas também é este espaço que apresenta uma característica binacional forte. Este é o espaço de intersecção entre as duas cidades. Vemos também a Rua Sarandi sempre mais evidenciada, tanto por brasileiros quanto por uruguaios.

Os pontos de contato entre as duas cidades são muitos, impossível de haver uma fiscalização do que passa de uma cidade para a outra, de um país para o outro. O território nacional, fora das áreas centrais, próximo à linha, é demarcado espaçadamente por marcos. Temos espaços urbanos contínuos, mas a Linha com forte significado (vide mapa 08, página 171). Para os fronteiros de Livramento e Rivera temos uma só cidade: Livramento- Rivera.

As praças da cidade e Rivera são também muito utilizadas pelas populações das duas cidades para o lazer, o que não acontece, atualmente, na cidade de Santana do Livramento. Rivera se consolida como a cidade onde acontece o lazer da maioria dos Santanenses (vide mapa 08, página 171).

Tratando da organização do espaço urbano, em Livramento e Rivera teríamos duas áreas centrais constituídas pelas duas praças, afastadas quatro ou cinco quarteirões da linha, onde está o centro do poder público e religioso, representado pelas respectivas igrejas matriz. O que ocorre é que se constituiu, ao longo do tempo, uma terceira centralidade comum entre as cidades, entre os países: a área da Linha, e os respectivos percursos para se chegar aí. Já entre Uruguiana e Paso de los Libres, como temos o rio, a ponte, enfim um único local onde os espaços urbanos realmente se tocam, formou-se um percurso com uma sequência de comércio, até as respectivas áreas centrais. Temos casos com suas diferenças tipológicas de cidade gêmea (fronteira seca e fronteira separada pelo rio), mas os dois com graus de dinamicidade muito próxima, transformando o espaço a partir do

seu uso, da interação e dinamicidade existentes (vide mapa 07, página 170 e mapa 08, página 171).

Os percursos estabelecidos entre uma cidade e outra nos revelam que a relação fronteiriça cria vias de acesso com características comerciais, fazendo com que estes eixos sejam considerados nas estratégias urbanas, os corredores centrais nestas cidades. O território das cidades gêmeas de fronteira se une, na medida em que estes eixos também têm continuidade, de uma cidade para a outra.

Em Uruguaiana e Paso de los Libres, podemos identificar estes eixos ao longo da Rua Duque de Caxias, Rua Santana e Tiradentes em Uruguaiana, e do comércio informal que se forma no percurso para Paso de los Libres, o Buraco, e a Av. Collón, em Paso de los Libres (vide mapa 07, página 170). Em Livramento e Rivera o eixo central é claramente marcado pela Rua Andradas e Rua Sarandi, nas respectivas cidades (vide mapa 08, página 171).



Mapa 07
Interpretação conjunta dos percursos relatados e mapeados. Uruguiana e Paso de los Libres

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praça
- Área de aduana
- Estação Rodoviária
- Aduana argentina
- Primeira aduana brasileira(desativada)
- Segunda aduana brasileira (desativada)
- Costanera- Paso de los Libres

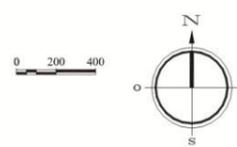
Legenda 02 (vias)

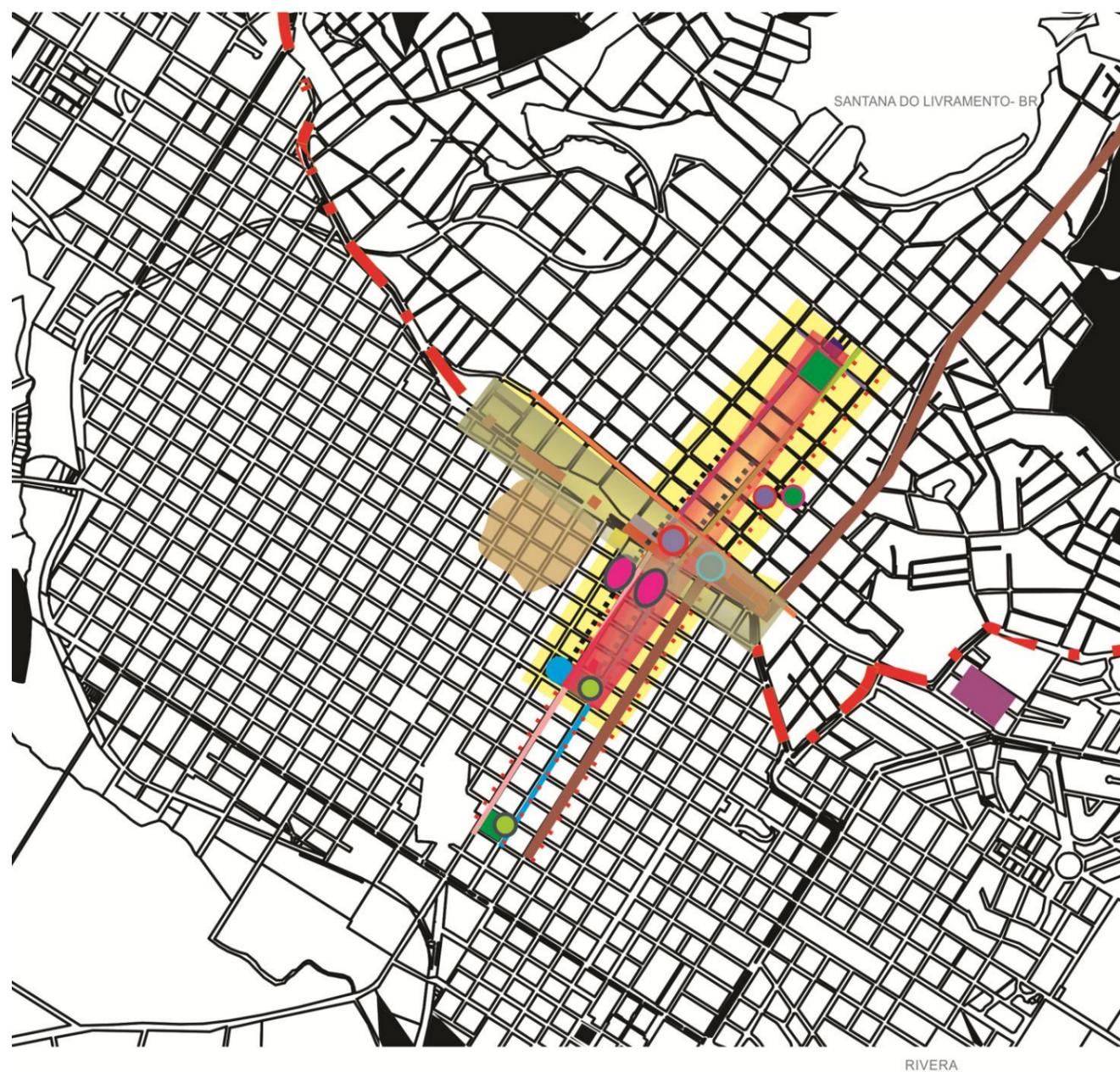
- Praça
- Rua Collón- Paso de los Libres
- Av. San Martino- Paso de los Libres
- General Madariaga - Paso de los Libres
- Coronel Lopez- Paso de los Libres
- Rua Flores da Cunha- Uruguiana
- Av. Presidente Vargas- Uruguiana
- Rua Santana- Uruguiana
- Rua General Flores da Cunha- Uruguiana
- Via perimetral de acessos- Uruguiana
- Av. XV. de Novembro- Uruguiana
- Av. Duque de Caxias (antiga Rua do Comércio)- Uruguiana

Mapa 07
Interpretação conjunta dos percursos relatados e mapeados. Uruguiana e Paso de los Libres

Legenda 07

- Monolitos da Ponte Internacional- referência
- Praça Central Uruguiana
- Área comercial consolidada
- Collón desde a Av. San Martin até a esquina do Supermecado La Frontera em Paso de los Libres
- Praça San Martin Paso de los Libres
- Buraco- Paso de los Libres
- Costanera- Paso de los Libres
- Yate Clube Tamandaré- Uruguiana
- Clubes Comercial e Caixeiral- Uruguiana
- Primeira Aduana brasileira- Uruguiana
- Segunda Aduana brasileira- Uruguiana
- Comércio citado- Uruguiana
- Comércio citado- Uruguiana
- Supermercado- Uruguiana
- Comércio- Baixada- Uruguiana
- Comércio- calçada- Uruguiana
- Percursos indicados pelos relatos



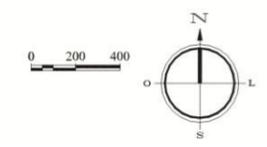


Mapa 08
Interpretação conjunta dos percursos relatados e mapeados. Santana do Livramento e Rivera

- Legenda 01**
- Área central de passagem e interferência direta
 - Praças
 - Parque internacional
 - Praça João Pessoa-‘Praça dos Cachorros’
 - Intendência- Rivera
 - Cassino Rivera
 - Igreja Matriz- Rivera
 - Igreja Matriz- Santana
 - Clube Campestre
 - Lago Batuva
- Legenda 02 (vias)**
- Praça
 - Rua Agraciada- Rivera
 - Rua Sarandi- Rivera
 - Rua Ituzaiçó- Rivera
 - ‘Linha divisória’
 - Rua dos Andradas- Santana do Livramento
 - Rua Rivadávia Corrês- Santana do Livramento
 - Rua João Goulart- Santana do Livramento

Mapa 08
Interpretação conjunta dos percursos relatados e mapeados. Santana do Livramento e Rivera

- Legenda 08**
- Comércio citado- Livramento
 - Praça citada- Livramento
 - Intendência- Rivera
 - Shopping Siñeriz- Rivera
 - Obelisco do Parque Internacional
 - Comércio citado- Rivera
 - Praças citadas-lazer
 - Movimento diurno e noturno
 - Cerro del Marco
 - Área comercial muito citada
 - Limite Brasil-Uruguai
 - Percursos indicados nos relatos
 - Área comercial consolidada
 - Principal área de intersecção- Linha



7- A temporalidade: os tempos vivos na memória

Neste capítulo 7, trataremos as práticas que remetem a memória coletiva desta população, ou memórias que remetem a práticas. A memória opera com liberdade, escolhendo elementos e acontecimentos no espaço e no tempo, que possuem um significado coletivo (BOSI, 2003). Esta memória coletiva também pode ser apreendida a partir dos relatos do cotidiano dos cidadãos.

Apresentaremos também aqueles relatos referentes ao cotidiano presente na memória, nas lembranças, nas histórias de família contadas pelos pais e avós que apareceram nos relatos dos cidadãos incluídos na pesquisa como informantes. Para Bosi, quando se está trabalhando com a memória coletiva, combinam-se bem os procedimentos de histórias de vida e perguntas exploratórias. Segundo a autora devemos deixar para o informante, recordador, a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado (BOSI, 2004). Por isso, os relatos foram coletados a partir das entrevistas não diretivas, com os informantes, comerciantes ou usuários dos espaços de lazer, entre 30 e 50 anos, e histórias de vida com os informantes acima de 60 anos, comerciantes ou usuários dos espaços de lazer. Daremos atenção àqueles que tratam das suas memórias, tanto os participantes na faixa etária entre 30 e 60 anos, quanto os com mais de 60. Com as histórias de vida podemos perceber as memórias nestas fronteiras, lugares utilizados em outros tempos, a casa da infância, trajetos do bairro, recantos na cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram, marcos onde a significação da vida se concentra (BOSI, 2003). A partir daí teremos elementos e fatos que proporcionarão o entendimento da cidade gêmea.

Estes relatos, portanto, preenchem a pesquisa do cotidiano fronteiro, mas para isto, é preciso confiança social. Conforme trata Bosi:

Conhecemos algumas pessoas, algumas coisas, alguns pedaços de paisagens, de ruas, alguns livros. Presenciamos alguns fatos, mas não presenciamos a maior parte dos fatos sobre os quais conversamos. Confiamos, porém, nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e os discursos quotidianos se alimentam dessa confiança social (BOSI, 2003, p. 115).

Da memória surgem hábitos e folclores, rivalidades e amizades. A memória é vista como parte do cotidiano. Apresentaremos a seguir, informações obtidas referentes à memória do cidadão da fronteira. Para isso, dividimos este capítulo em três subcapítulos, sendo eles: Tempos marcantes, onde os cidadãos contam aspectos marcantes das histórias da família, a chegada na fronteira, as relações dos seus antepassados e tempos marcantes da relação entre as cidades. As práticas em outros tempos, onde os cidadãos contam as lembranças de vivências ou histórias das cidades gêmeas. Os marcos da memória, onde aparecem espaços citados nos relatos (nas histórias de vida ou entrevistas), marcantes para o cidadão. Assim como no capítulo anterior, separaremos os pares de cidade: Uruguaiana (BR)/ Paso de los Libres (AR) e Santana do Livramento (BR)/ Rivera (UY).

Concluindo estes itens que fazem parte deste capítulo 7 (Tempos marcantes, Práticas em outros tempos, e Marcos da memória), o capítulo que foca na memória coletiva e na temporalidade, salientamos os mapas elaborados pela autora, assim como no capítulo anterior, demarcando e pontuando os espaços da memória bem como os percursos citados nos relatos das histórias de vida, relacionados a memória. Estes mapas (mapa 09, na página 215 e mapa 10, na página 216) buscam espacializar a interpretação da autora sobre as relações fronteiriças em outros tempos.

7.1- Tempos marcantes

7.1.1- Chegada à fronteira e relações entre as cidades: Uruguaiana e Paso de los Libres

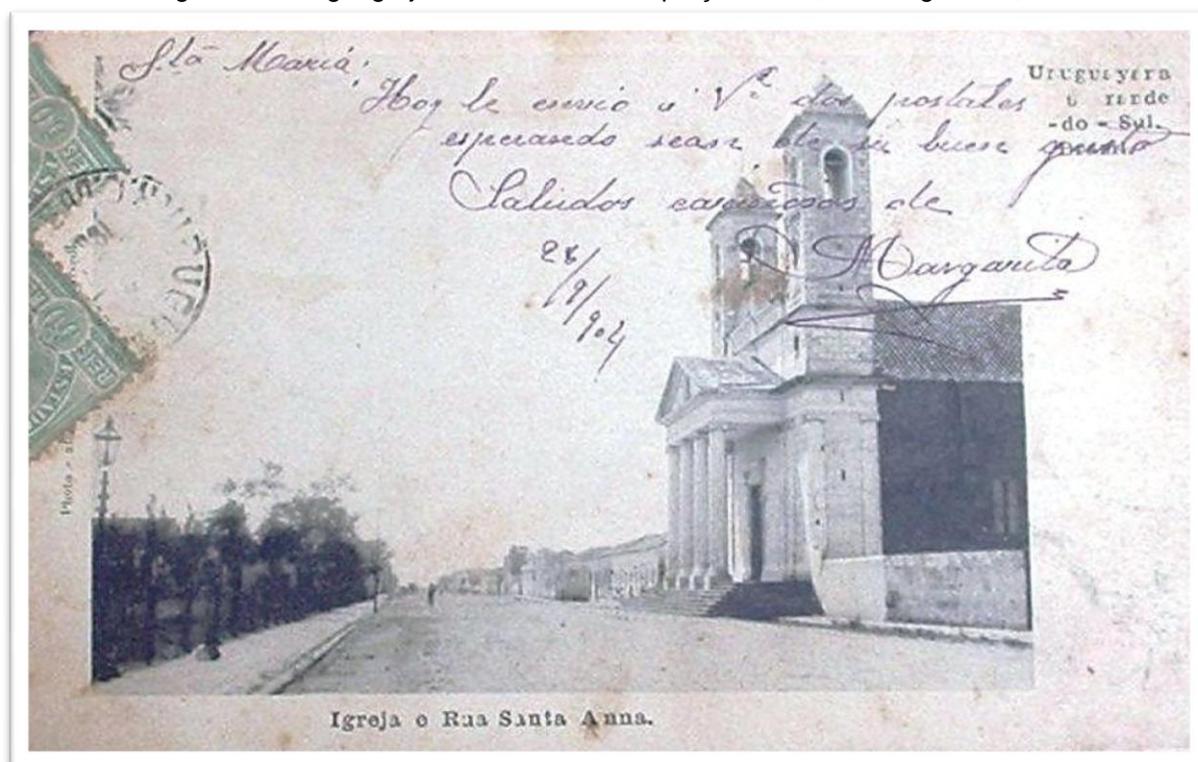
P.P.C, 67 anos, comerciante, uruguaianense, conta que seu pai, Italiano, veio para Uruguaiana em 1923, onde conheceu sua esposa. Era da cidade de Lauría na Itália. Venho porque seu primo que havia vindo da Itália alguns anos antes para abrir comércio na fronteira Brasil-Argentina mandou chamá-lo. O pai do Paulo fez na Itália o curso de orives, e venho para ajudar o primo e o tio. Buscaram Uruguaiana pela proximidade de Buenos Aires e Montevideo, e já havia aqui outros parentes. O pai, na época, chegou na América do Sul pelo porto de Montevideo. Depois venho de trem de Montevideo a Bella Unión, e se estabeleceu em Uruguaiana, juntamente com parte de sua família que já estava na cidade. Uruguaiana na época era uma cidade relativamente desenvolvida. O prédio da Joalheria Mandarin, o mesmo

existente até os dias atuais, foi construído em 1935. Uma loja grande para a época. Todo o projeto, materiais exteriores e interiores, mobiliários, vieram de Buenos Aires. A empresa em si é de 1929, e em 1935 foi inaugurada a loja.

B.M., 64 anos, uruguaianense, aposentada, usuária dos espaços de lazer, lembra que ouvia a avó contar sobre a vinda da cidade de Ijuí para Uruguaiana. A família tinha um comércio em Ijuí e o avô vinha a Uruguaiana vender bebida. Passava de barco para Libres (a ponte ainda não existia, pois isto provavelmente aconteceu no final do século XIX, ou início do século XX), comprava tecidos, e vendia tecido em Ijuí. Nestas idas e vindas ofereceram sociedade para plantar cana de açúcar em Uruguaiana. O comércio estava ruim em Ijuí e eles foram então morar na fronteira.

Abaixo, mostramos imagens das cidades de Uruguaiana e Paso de los Libres, no início do século XX. Na imagem a seguir, vemos a Igreja Matriz, a Catedral, frente à praça, na área central de Uruguaiana, em uma imagem de 1904 (Figura 41). Esta Catedral incendiou, e deu lugar a atual.

Figura 41: Antiga Igreja Matriz em frente a praça central, em Uruguaiana, em 1904.



Fonte: Museu Maximiliano Benitez

S.B. 74 anos, librenho, comerciante, nos diz que historicamente, o corredor Buenos Aires/ Paso de los Libres, Uruguaiana/ Porto Alegre sempre foi muito

importante. Um corredor político muito ativo sempre. Segundo o informante: “Aqui houveram diversas revoluções, na época do Peronismo, e até antes em 1930. Nos movimentos revolucionários argentinos se protegiam no Brasil, e vice versa”.

S. B. conta também que, assim como nos dias atuais, o comércio em Paso de los Libres localizava-se na *Calle Collón*. Na imagem que segue (figura 42), vemos a *Calle Collón* em Paso de los Libres, no início do século XX. O movimento no comércio era grande, e boa parte eram de carroças que faziam o transporte de mercadorias para brasileiros, até o porto.

Figura 42: Comércio da rua Collón movimentado, no início do séc. XX. Paso de los Libres.



Fonte: Museu Maximiliano Benitez

Outra informante, B.M., citou o carnaval e a construção da ponte como momentos que marcaram a relação entre as duas cidades. "O carnaval na cidade vizinha era uma grande festa para toda a família. Íamos para Paso de los Libres com nossos pais, tios, primos, amigos. Era uma festa muito boa, inspirada no nosso carnaval, no carnaval brasileiro".

Sobre o carnaval, S.B. nos diz que em outros tempos, o carnaval em Libres era a formação de blocos de alguns desempregados que saíam as ruas com estandartes. Alguns tocavam tambores e outros instrumentos, não era samba. As

famílias iam sentar na calçada no verão depois do trabalho, pois neste tempo ainda não havia televisão nem ar condicionado. Os blocos saiam pelas ruas e passavam nas casas de família para pedir dinheiro. Este era o carnaval em Paso de los Libres. Depois, no final dos anos de 1950, iniciou um movimento para mudar este tipo de carnaval. Em Libres, a aproximadamente 55 anos nasceu o carnaval parecido com o brasileiro, com escola de samba, fantasias, carros decorados. Segundo S.B., em Libres nasceu o carnaval que existe hoje em Corrientes, em Santa Fé, e outras cidades argentinas. Esta é uma influência brasileira. O ritmo, o formato de escola de samba e a composição dos blocos. C. também nos fala sobre o carnaval e diz que o de Paso de los Libres é semelhante ao de Uruguaiiana, ao carnaval brasileiro. No restante da Argentina são bandas tocando outros tipos de música, como a *Murga*.

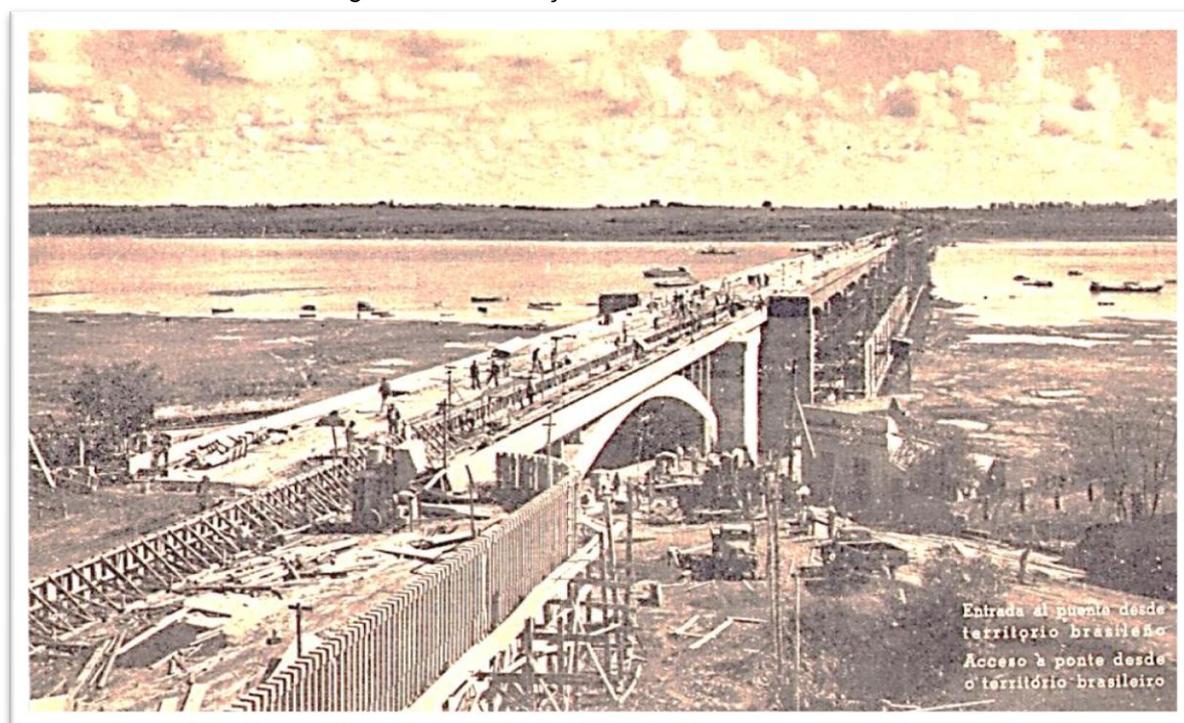
Quanto a construção e inauguração da ponte, B.M. diz: “acredito que a construção da ponte tenha sido um dos momentos mais marcantes da relação entre as duas cidades, e da história das mesmas”. A baixo trazemos imagem dos selos dos correios brasileiro e argentino confeccionados na época da inauguração da Ponte Internacional, demonstrando a importância não somente para as cidades, mas para as relações entre os respectivos países (figuras 43 e 44). Também, a seguir, a imagem da Ponte Internacional sendo construída, dos dois lados (figura 45). Iniciaram a construção de Paso de los Libres para Uruguaiiana, e de Uruguaiiana para Paso de los Libres, para que as duas partes se encontrassem no centro. Nesta época, a mobilização nas cidades em função da monumentalidade da obra era grande.

Figura 43 e 44. Selos comemorativos a inauguração da Ponte Internacional.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.

Figura 45. Construção da Ponte Internacional.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.

P.P.C. também cita como uma época marcante da relação entre as duas cidades a inauguração da Ponte Internacional, com a presença dos presidentes do Brasil e da Argentina nas cidades. Para ele o acontecimento mais importante desta fronteira. A primeira ponte entre Brasil e Argentina. Em plena segunda Guerra Mundial a ponte foi construída, a Argentina estava em posição de neutralidade. Nestas cidades chegavam imigrantes vindos da Europa, pelos portos de Montevideo e Buenos Aires. Os interesses comerciais e de novas oportunidades na fronteira eram marcantes. Abaixo trazemos imagens das solenidades da inauguração da Ponte internacional, com a presença dos Presidentes dos respectivos países, demonstrando a importância não somente local, mas nacional, e a vontade de maior integração entre Brasil e Argentina. Apesar da construção da Ponte Internacional ter sido finalizada em 1945, a inauguração e abertura ao tráfego aconteceu somente em 1947 em função das conturbadas situações políticas vividas no Brasil, na passagem do período ditatorial de Vargas para o período democrático de do Pres. Eurico Gaspar Dutra (BARROS COELHO, 2008). A figura abaixo mostra a solenidade de inauguração da ponte, na cabeceira, no lado argentino.

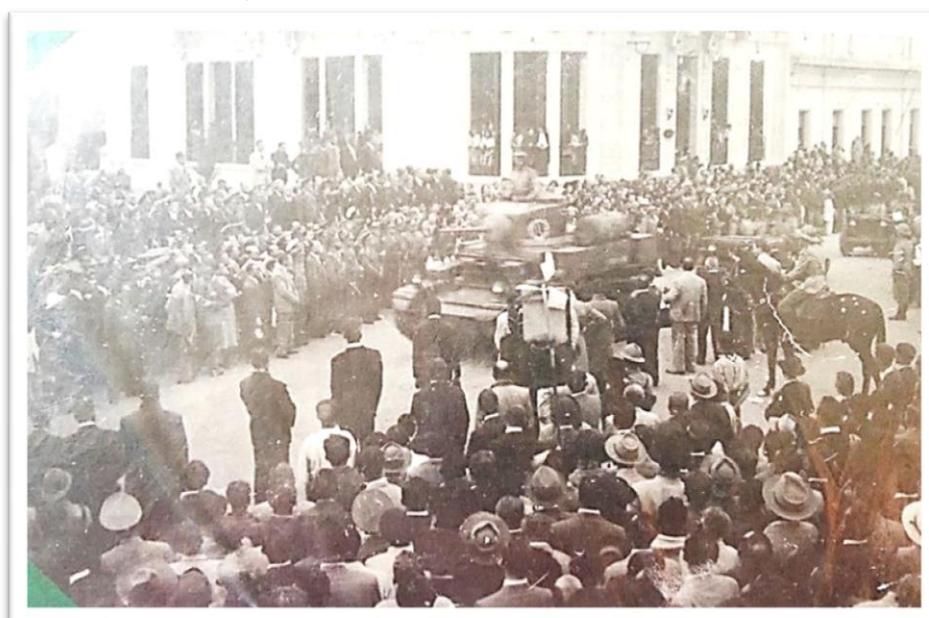
Figura 46. Solenidade de inauguração da Ponte Internacional.



Fonte: Arquivo Municipal.

As solenidades marcaram o cotidiano das duas cidades na época, como podemos ver nas imagens. A presença dos Presidentes do Brasil e da Argentina fizeram com que as cidades girassem em torno deste assunto por algum tempo. Abaixo trazemos imagem do Desfile Militar realizado na data da inauguração, no centro da cidade de Uruguaiana. Segundo S.B, a população sentia-se orgulhosa de receber o investimento, e a condição de fronteira ficou claramente em evidência.

Figura 47: Solenidade da inauguração da ponte, desfile militar frente ao antigo Quartel em General, 1947. Rua Santana. Dia 21 de Maio de 1947.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.

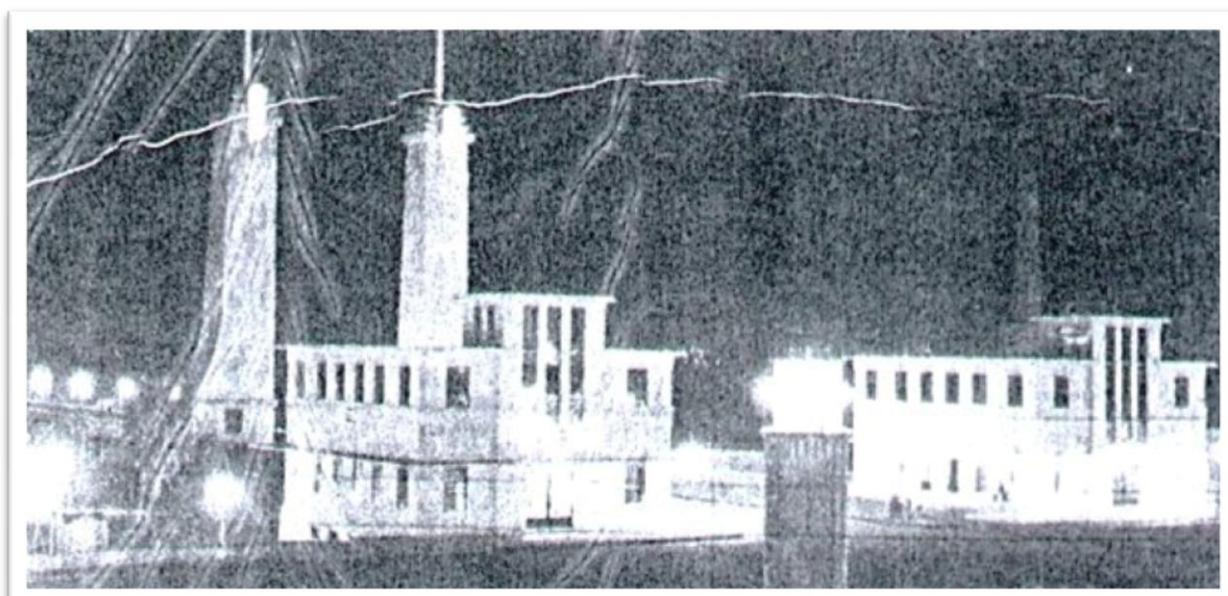
Nas imagens que se seguem aparecem os Presidentes dos respectivos países e suas esposas no momento em que cortavam a faixa de inauguração da Ponte Internacional (figura 48), e uma imagem da Ponte, a noite, recém inaugurada (figura 49), demonstrando o caráter monumental da obra que tornou-se tão importante no cotidiano das cidades e seus habitantes.

Figura 48. Solenidade da inauguração da ponte. 1947. Pres. Eurico Gaspar Dutra, Pres. Perón e esposa Evita.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.

Figura 49. Imagem da cabeceira da Ponte Internacional do lado brasileiro. Os prédios de aduana e os monolitos.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.

7.1.2- Início da fronteira seca e do lazer na Sarandi: Santana do Livramento e Rivera

M.U., 75 anos, usuária dos espaços de lazer, riverense, lembra que sempre contaram para ela o porquê das cidades de Santa do Livramento e Rivera serem desta maneira, contínuas. Conta que quando o Uruguai criou a cidade com o intuito de fortalecer suas frágeis margens, a intenção era a de deixá-las mais separadas, mas a população, principalmente os comerciantes fizeram pedidos para que fossem mais próximas. “Foi um pedido da população. O comércio todo já se localizava próximo à linha que separava os países. Nesta época, esta linha não era clara, e havia brasileiros e uruguaios dos dois lados, em toda esta área. Era assim que meu pai contava”.

C.A.F., 60 anos, também destaca a proximidade. Diz que: “A população fez um manifesto para que a cidade de Rivera fosse formada em continuidade a Santana do Livramento. Não era o costume dos governos centrais, mas os comércios nas duas cidades se instalavam próximos à linha”. Abaixo trazemos imagem de Santana do Livramento e Rivera no ano de 1890.

Figura 50: Vista de Santa para Rivera (para a Sarandi) em 1900.



Fonte: Museo sin fronteras.

M.P.G., riverense casada com brasileiro, 73 anos, conta da chegada de sua família a fronteira. Seus avós vieram da Itália para o Brasil. Seu avô venho chamado

por um primo que já estava em Rivera construindo linhas de trem. Contratados por uma empresa inglesa ganharam muita *plata*. A esposa de seu tio chamou a irmã da Itália para casar com um primo, também italiano, que veio trabalhar em Rivera, e assim, formaram família em Rivera.

C.A.F. conta sobre o costume de frequentar a Rua Sarandi. Diz que os Santanenses utilizavam as praças de Livramento. Na época de seus avós o “*corso*” (passeio pelas vias centrais da cidade a pé ou de carro) era na Praça General Osório, de em Santana do Livramento, a praça da igreja Matriz. Segundo ele: “O Santanense não soube valorizar sua história. Na época na 2ª Guerra Mundial, o brasileiro tinha hora para apagar as luzes. A cidade devia estar escura em uma mesma hora. Então, nesta fronteira, as pessoas iam para a Sarandi.” Percebemos que um momento de Guerra fez com que houvesse maior união entre os habitantes das cidades e marcou um costume que perdura até hoje: Passear na Sarandi.

Abaixo trazemos imagem da Av. Sarandi na década de 1950.

Figura 51. Avenida Sarandi na década de 1950. O “*corso*”.



Fonte: Arquivo Municipal

C.A.F. cita como algo que marca a passagem entre as duas cidades o Parque Internacional. Antes do Parque a área era chamada de Areial e ali os cidadãos

normalmente praticavam esportes. “O parque foi inaugurado em 1943, como sendo um espaço comum entre brasileiros e uruguaios. Os outros marcos colocados em toda a extensão da linha não chamam atenção e podem passar despercebidos”. O informante citou o parque, e o obelisco como os principais pontos de referência das cidades, e algo interessante de destacar é a observação de que depois de ser transformado em Parque, foi menos frequentado pela população local do que antes o Aerial.

Figura 52. Parque Internacional em 1950.



Fonte: Museo sin fronteras

M.P.G. também fala do local onde hoje é o Parque Internacional, como um lugar onde os meninos jogavam futebol e praticavam outros esportes. Lembra que uma vez tiveram que fechar a fronteira, colocar policiais em toda a extensão do parque Internacional e da linha, em função de um jogo de futebol entre Brasil e Uruguai. “O parque, na verdade, é o maior símbolo da nossa integração. Não é de um, nem de outro país. A época da sua inauguração foi muito marcante para as duas cidades”. Abaixo, inserimos a imagem de um cartão da cidade de Rivera, utilizado como lembrança desta data (Figura 53), e uma nota do jornal de Santana do Livramento de 1943 (Figura 54).

Figura 53. Cartão de inauguração do Parque Internacional.



Fonte: Museo sin fronteras

Figura 54. Nota de jornal brasileiro de 1943, enfatizando a amizade entre os dois países: Brasil e Uruguai



Fonte: Memórias da Fronteira

7.1.3- Considerações da pesquisa de campo, e da memória de tempos marcantes

Consideramos os tempos marcantes, os tempos eleitos pelos nossos informantes, cidadãos. Alguns falaram sobre a vinda de suas famílias da Europa para o Brasil, para a fronteira, outros sobre a construção da Ponte Internacional, e as mudanças na maneira de ir e vir para a outra cidade. Outros lembram das

histórias sobre o Areial existente entre Santana do Livramento e Rivera, e as histórias dos contatos, do outro lado.

Salientamos, primeiramente o depoimento de um dos informantes santanenses contando que a cidade de Rivera situa-se em continuidade ao espaço urbano de Livramento a pedido da população local. Como Santana do Livramento já se constituía um povoado, quando formou-se a cidade de Rivera, o normal seria o centro ficar mais afastado do outro país. Mas devido ao abaixo assinado da população, foram se constituindo comércios próximo a linha dos dois lados, e Rivera partiu desta linha (BETANCOUR, 2009). Acreditamos ser importante o fato da própria população ter se manifestado para pedir a união das duas cidades. É uma confirmação da importante relação que estas populações estabelecem entre si, principalmente antigamente, com as comunicações e estradas de mais difícil acesso. Este manifesto da população tem como consequência a contiguidade dos espaços urbanos atuais.

Além disso, antes da fundação de Rivera, no lado uruguaio, existia uma terra de ninguém, pouco habitada, nos fazendo pensar que os brasileiros vizinhos tinham livre acesso e trânsito, influenciando nas relações das populações, e no vai e vem, até a atualidade.

Alguns informantes, ao iniciarem sua história de vida, falam da chegada da sua família, seus antepassados, na fronteira. Percebemos em comum nestas histórias, a busca por boas oportunidades comerciais, interesses comerciais, em ambos os pares de cidades. Estar na fronteira oferecia boas oportunidades de comércio com os vizinhos. Também, vieram muitos imigrantes ingleses, italianos, trabalhar na empresa responsável pela construção da ferroviária. As famílias iam se estabelecendo e chamavam o restante dos parentes da Europa.

A proximidade fez com que a complementaridade entre as duas cidades fosse grande. Como exemplo podemos citar a Rua Sarandi, em Rivera, utilizada tanto por riverenses quanto por santanenses nas horas de folga, de lazer, para tomar mate na calçada, o sentar nos barzinhos, jantar nos restaurantes. Ao descobrirmos o início desta prática vemos a importância da memória coletiva e sua repercussão nos hábitos do cidadão. Na 2^o guerra, com o toque de recolher e de apagar as luzes, a população fronteiriça se utilizava do outro lado. “Se não pode aqui, vamos para lá”. E esta é uma maneira de viver do cidadão da fronteira.

A construção da Ponte internacional incluída nestes tempos marcantes nos faz entender o significado deste equipamento para a população local, onde em um período de Guerra Mundial, a construção foi um símbolo de união entre os países, representando já uma visão estratégica sobre as fronteiras (BARROS COELHO, 2008), e para a população local maior facilidade no ir e vir para as compras, lazer e convívio cotidiano. O uso da praça central de Uruguaiana também está presente na memória desta população, tanto para os brasileiros, quanto para os argentinos. A chegada e instalação das famílias na fronteira em busca de maiores oportunidades comerciais também foram salientadas nas histórias de vida, em ambos os pares de cidades, enfatizando uma importância regional, por ser fronteira, também nos tempos passados.

Nos dois pares de cidades gêmeas observamos o fato de que a fronteira, a fronteira tida agora como condição, é presente, e importante, se tratarmos das histórias de vida, nestes espaços.

7.2- As práticas noutros tempos

7.2.1- As travessias em Uruguaiana e Paso de los Libres

Chamamos o vai e vem de uma cidade para outra, no caso deste par de cidades, de travessias, em função da presença do rio como elemento natural que separa, e pela presença da ponte, construída com a intenção de unir. Uma travessia é a ação ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar, etc, pode ser também um caminho longo e ermo (HOUAISS, 2002). Mesmo que neste caso não tenhamos um caminho longo, nem ermo para a travessia de um lado para o outro, temos algumas barreiras como a aduana e a fiscalização que acontece na maioria das vezes. Esta é uma das características específicas desta fronteira, e faz com que se estabeleçam diferentes tipos de relações com o outro lado.

Trataremos destas travessias de uma cidade para a outra demonstrando fatos presentes na memória do cidadão, demonstrando complementaridades e encontros com o outro, lazer no outro lado, o comércio cotidiano, a fiscalização, o carnaval, o crescimento das cidades e a percepção dos cidadãos, as travessias de barca na época em que a ponte ainda não existia.

Tratemos primeiramente das complementaridades, dos encontros. S.B, librenho, 73 anos, comerciante, diz que conhece muitos casos de brasileiros que

casavam com argentinas e vice versa. Nos jornais de Libres haviam notícias de Uruguiana, e nos jornais de Uruguiana havia uma coluna de Libres. “Lembro que contavam que no início, o jornal era impresso em Uruguiana e trazido para Libres de balsa diariamente”. Abaixo trazemos imagem de um jornal local de Paso de los Libres, do ano de 1928, onde havia uma página com notícias sobre a vizinha Uruguiana. Nas páginas demonstradas vemos um título ‘De Uruguiana’. Aí discutiam e noticiavam fatos sobre a cidade vizinha. Na figura 55, mostramos uma página do jornal ‘La Provincia’ notícias da sociedade uruguianaense. Algumas vezes os jornais também comparavam o estado de manutenção das praças das duas cidades, as reformas em uma e a falta de manutenção em outra. Aparecem também, nesta página do jornal librenho, um espaço publicitário onde fala sobre um médico de Montevideo que fazia consultas em um hotel em Uruguiana, representando a ligação das cidades com relação aos serviços, no ano de 1928.

Figura 55. Jornal La Provincia de 1928, com uma coluna sobre Uruguiana em “de Uruguayana”.



Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.

Na figura 56, vemos o mesmo jornal local de Paso de los Libres, com a notícia sobre a posse do novo Prefeito de Uruguiana, também no ano de 1928.

Figura 56. Jornal La Provincia de 1928, com uma coluna sobre Uruguiana.



Fonte: Arquivo Municipal de Paso de los Libres.

Outra informante, S.C.P, 65 anos, brasileira casada com argentino e moradora de Paso de los Libres, conta que conheceu seu marido em Uruguiana. Diz ainda que: “Naquela época era feio moças solteiras irem a festas em Libres, normalmente os pais não deixavam. Mas era normal os homens argentinos virem a Uruguiana, e foi assim que conheci meu marido”.

Também, S.N.B. 63 anos, conta que seu pai ia muito a Libres comprar, mas que ela nunca gostou dos argentinos. “Eram todos cabeludos e grosseiros. Meu pai não deixava a gente ir a Libres para passear com as amigas. Fui uma ou duas vezes em barzinhos lá quando já era noiva. Eram os argentinos homens que vinham nas festas em Uruguiana”. Seu pai fazia as compras do mês em Libres sempre, trazia os mantimentos em sacos grandes, porque eram muitos filhos. Trazia farinha, feijão, arroz, açúcar. Lembra que quando pequena foi a Libres com seus pais comprar sapatos, e voltaram a pé na ponte.

Quanto ao lazer, B.M, uruguaianense, aposentada, 64 anos, usuária dos espaços públicos de lazer, começa a contar os fatos vividos da fronteira lembrando que na adolescência, ela e as amigas iam a Paso de los Libres de bicicleta escondidas dos pais. Tinham uma turma de amigos em Paso de los Libres e iam praticamente todo o final de semana no início da tarde, e voltavam antes de anoitecer. “De dia os *gendarmes* não incomodavam quando cruzávamos a ponte, viam que estávamos a passeio, pois estávamos de bicicleta”. Em Libres o ponto de encontro era a Confeitaria La Giralda, próxima a praça central da cidade. Ali já combinavam os encontros ou reuniões dançantes da próxima semana, pois na época não tinha a facilidade do telefone. As reuniões dançantes eram sempre nas casas das famílias, em Uruguaiana ou em Libres. “A fronteira faz parte das histórias, sempre tinha uma amiga que namorava alguém de Libres, sempre havia algum intercambio amoroso”. Atualmente conta que não tem muitos amigos em Paso de los Libres, diz: “As pessoas da “nossa época”, foram embora. Foram estudar em BAs, Corrientes, e não voltaram. Casávamos cedo e aí as coisas mudavam”.

P.P.C. conta que quando era jovem aproveitou muito Paso de los Libres. Ia a um balneário que tem na entrada da cidade, e tinha um bar- restaurante ali. “Outra coisa que não tem mais em libres, e o pessoal de Uruguaiana frequentava muito era o Hotel de Turismo, com cassino e bom restaurante, este terminou. Em Libres frequentávamos também o cinema, frente a praça, que reabriu recentemente”.

Sobre o comércio cotidiano, H.B.C. Nascida em Alegrete, mora em Uruguaiana desde os dois anos de idade. Lembra que seus pais iam sempre para Paso de los Libres, passear, fazer lanche na confeitaria La Giralda e comprar. “Íamos toda a semana. Quando vinham os parentes de Alegrete para Uruguaiana sempre tínhamos que ir a Libres comprar”.

B.M. lembra que a farinha era um dos principais produtos que o brasileiro buscava em Paso de los Libres. “Entre Alegrete e Uruguaiana sempre houve uma disputa, e os uruguaianenses eram chamados pelos alegretenses de farinheiros. A farinha era um dos principais produtos trazidos (ou contrabandeados) da Argentina. Antes da ponte nas barcas que atravessavam o rio clandestinamente de madrugada, e pós- ponte (1947), as pessoas passavam a pé carregando farinha para vender do outro lado (em Uruguaiana).” B.M conta ainda: “Eu também ia sempre a Libres com meus pais para comprar produtos mais baratos, ou que não tinha em Uruguaiana.

Frequentávamos a cidade vizinha semanalmente, e comprávamos tecidos na loja Barrias (inclusive o tecido do meu vestido de noiva). Íamos ao supermercado, e outros comércios normalmente localizados na Collón”. Nesta época, conta que achava mais difícil cruzar a fronteira (ou ficava mais assustada) e diz que os *gendarmes* (fiscais) que ficavam na aduana já eram conhecidos. Os cidadãos já sabiam quem revisava os carros que passavam, quem não revisava, quem deixava passar mesmo revisando e percebendo compras ilícitas (apesar de nesta época não haverem muitas proibições).“Na época da guerra das Malvinas, 81/ 82 era tudo quase dado em Libres. Podia trazer tudo de lá. Cristais, casacos de pele, móveis. A fronteira sempre vai ter isso. Tem épocas que é bom comprar lá, tem épocas que é bom comprar cá”.

P.P.C., 67 anos, comerciante, lembra que sua mãe contava das barcas que faziam a travessia de Uruguiana a Libres, antes de existir a ponte. Quando ele nasceu a ponte internacional já existia. “As pessoas iam, compravam, faziam o mesmo tipo de compras, naquela época principalmente farinha de trigo, pois a Argentina sempre foi um grande produtor de trigo e o Brasil um grande consumidor”.

S.F., uruguianaense, 65 anos, usuária dos espaços de lazer, diz que da mesma maneira que ela vai hoje a Libres, seus pais também sempre iam, de barca ou através da ponte. Segundo a informante: “Muitas vezes não é só o preço, e sim produtos que já fazem parte dos costumes, do hábito da fronteira. O Buraco é o comércio mais próximo de Uruguiana e se formou justamente em função deste fluxo fronteiriço”.

S. F. lembra ainda que quando era solteira e morava na casa de seus pais, tinham uma cozinheira que também era farinheira. Ia todas as tardes para Libres comprar farinha para vender no Brasil. Muitas vezes ia a pé, pois na época era permitida a travessia de carro, de bicicleta e a pé.

Temos ainda a informação do S.B., comerciante, 73, librenho, dono de uma das mais tradicionais lojas em Paso de los Libres, com 83 anos no mercado, na Av. Collón, onde os Uruguianaenses costumavam comprar tecidos em grande quantidade. Conta que o primeiro dono da loja de tecidos foi seu tio, e que em função do comércio com a cidade vizinha, tinha muitos amigos uruguianaenses. Era convidado para muitos eventos, aniversários e casamentos. Os Uruguianaenses costumavam ter conta na loja em Paso de los Libres. “Não havia festa em

Uruguaiana que meu tio não fosse convidado. Sua relação com os uruguaianenses era muito estreita”.

S.B. fala ainda sobre o comércio, e a relação comercial entre as duas cidades: “Antigamente a variação cambial era cíclica, mas em curtos e definidos períodos de tempo”. Segundo ele, ainda antes da construção da ponte em 1945, quando cruzavam a fronteira com as lanchas e balsas, as compras eram feitas em uma cidade ou outra em função das estações do ano. No verão era mais conveniente comprar em Uruguaiana e no inverno, em Libres. Na Argentina a lã era muito barata. “A estratégia fronteiriça de comprar em uma cidade e outra acontecia, mas os períodos de compras em uma ou outra cidade eram menores, e os dois comércios eram favorecidos em um ano”. Em função disso, S.B. conta muitos comerciantes vinham de outras cidades da Argentina e se estabeleciam em Paso de los Libres, para explorar o comércio com os brasileiros, e no verão iam embora, fechavam o comércio. Estes comerciantes que tinham dinheiro não se fixavam na cidade, não deixavam investimentos. Este era o costume da maioria dos comerciantes. Faz uma comparação com Uruguaiana onde o comércio, e os comerciantes, eram mais estáveis.

S.B. lembra das idas com seu pai a Uruguaiana de balsa quando criança, na década de 1940, e das compras dos alimentos. Conta que o intercâmbio era permanente. “Os lanchões levavam e traziam gente”.

N.M., librenha, comerciante, 70 anos, conta que desde pequena ia a Uruguaiana com a sua família. Já havia a ponte. Tem fotos de família de quando estavam fazendo a ponte, e seus pais contavam sobre o tempo que atravessavam de barco para Uruguaiana. Diz que antes, quando ela era mais jovem, existia mais união. Ela tem amigos e familiares em Uruguaiana. N.M. cita como comércio mais antigo, e símbolo comercial entre as duas cidades o supermercado La Fronteira, pois é muito antigo, e começou com uma casinha pequena. Cresceu também em função do comércio com os uruguaianenses.

As práticas comerciais, e a mudança do câmbio, hora favorável para uma cidade, e hora favorável para a outra, fez com comesçassem a surgir comércios informais em ambas as cidades, em diferentes períodos. Exemplos destes comércios são a “Baixada”, em Uruguaiana, e o “Buraco” em Paso de los Libres. O comerciante uruguaianense C.S. conta sobre a Baixada. Um comércio informal que

se formou em Uruguaiana no final dos anos de 1970, que tomou conta de uma via importante da cidade de Uruguaiana, a Rua Duque de Caxias. C.S. nos lembra também que, antes disso, nos anos 1960, se desenvolveu em Paso de los Libres um comércio deslocado do centro, no caminho entre o centro e a Ponte Internacional chamado até os dias atuais de Buraco, muito frequentado pelos brasileiros, nas épocas de câmbio favorável.

Também, as lembranças da fiscalização são muitas. H.B.C, Uruguaiense, participante do grupo dos usuários dos espaços públicos de lazer, 64 anos, lembra que quando era pequena estava com seu pai e seus irmãos cruzando a ponte de carro, e os fiscais resolveram ver o que estavam levando. Levavam de Libres para Uruguaiana compotas de doce para casa, o que é proibido. Os fiscais queriam reter a mercadoria. Então o pai perguntou aos fiscais se poderiam ficar com as compotas se continuassem em território argentino, e os fiscais disseram que sim. O pai então estacionou o carro na aduana, ainda no lado argentino, abriram as compotas ele e seus filhos e comeram. Depois retornaram a Uruguaiana. Este tipo de situação é um exemplo da normalidade que se tem em levar e trazer itens proibidos por lei, em função de embargos econômicos, ou de normas da vigilância sanitária.

B.M. também nos fala sobre a fiscalização da aduana. Diz que antes achava a fiscalização mais rígida, e acredita que é em função dos períodos militares. Mas já conheciam os guardas da aduana até pelo nome, e dependendo de quem estava a fiscalização era mais dura ou não. Segundo B.M, nesta época como eram duas aduanas, uma no lado argentino e outra no lado brasileiro, (década de 70), tinham que ter mais cuidado pois eram fiscalizados nas duas. “E eram as duas aduanas, então às vezes lá (em Libres) não tinha problema até chegar aqui (em Uruguaiana) e ter problema, ou vice versa. Problemas com a documentação, com algum produto proibido, ou com algum outro problema que os policiais aduaneiros poderiam criar na hora. A aduana brasileira ainda era na frente da ponte, ainda não tinha a segunda aduana brasileira”.

A figura que segue mostra a aduana, e os veículos sendo fiscalizados, na cabeceira da Ponte Internacional, no lado brasileiro.

Figura 57. Aduana de Uruguaiiana por volta de 1960.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.

Já na imagem abaixo mostramos a inauguração da linha férrea entre as duas cidades, no lado argentino. A aduana argentina aparece ao fundo.

Figura 58. Aduana de Paso de los Libres em 1947.



. Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.

P.P.C. cita ainda como uma época marcante da relação entre as duas cidades a construção da nova aduana, na década de 1970, em Uruguaiana, 25 anos após a construção da Ponte. “O movimento dos caminhões começou a ficar muito grande, e o fluxo se dava pelo centro da cidade, indo até a Ponte Internacional. Então construíram uma nova aduana (figura 59), na periferia da cidade, dando acesso direto a ponte sem passar pelo centro de Uruguaiana”. Hoje está desativada como aduana, pois funciona somente a do lado argentino, mas ainda nos de ponto de referência, lugar marcante no trajeto para Paso de los Libres.

Figura 59. Aduana construída em Uruguaiana em 1973, tirando o fluxo de caminhões do centro da cidade.



Fonte: Uruguaiana/Museu Estaleiro Martimiano Benites.

Outra memória importante citada foi dos carnavais, em uma cidade e na outra. B.M. lembra que Libres tem um carnaval importante, influenciado pela vizinhança com o Brasil. Na época de carnaval de rua, os uruguaienses iam sempre para Libres. “Antes a farra era ir para o carnaval em Libres. Iam famílias inteiras para o carnaval de rua, e em Uruguaiana o bom era o carnaval nos Clubes. Havia esta troca na época de carnaval e isto é muito marcante para mim”.

S.F também cita o carnaval como influência de Uruguaiana em Paso de los Libres. “Era inclusive melhor que o carnaval de Uruguaiana, por volta dos anos de 1950/1960. Vinham os carros alegóricos de Libres para Uruguaiana, iam os carros

de Uruguiana para Libres. A época do carnaval era aproveitada por toda esta fronteira”.

S.B, 74 anos, comerciante de Paso de los Libres fala de suas lembranças do carnaval. Ele nos conta que: “O carnaval é uma característica do folclore brasileiro. Aqui em Libres havia um carnaval, de marginais, desempregados, de blocos”. Diz que este homens tinham um estandarte com uns quantos tambores tocando um ritmo estranho. "Neste tempo, terminava a jornada de trabalho e não tinha televisão ar condicionado, etc, então sentávamos na calçada com a família e vizinhos. Então passavam os homens com o estandarte, com os tambores, e passavam o estandarte para as pessoas das calçadas darem dinheiro". Este era o carnaval em Paso de los Libres. Depois, começou um movimento para mudar este tipo de carnaval. "Em Libres nasceu o carnaval parecido com o do brasileiro, com escola de samba, tocando samba... o carnaval que existe hoje em Corrientes, Guaiguachú, Santa Fé... esta é uma influência brasileira. O ritmo e o formato de escola de samba, a composição dos blocos”.

A imagem abaixo mostra o desfile do carnaval de Uruguiana sendo preparado na Rua Duque de Caxias, em 1920.

Figura 60. Preparação do desfile de Carnaval em Uruguiana, em 1920.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguiana.

Ainda, S.B. inicia seu relato comparando as duas cidades, falando que o crescimento demográfico de Uruguaiana foi muito maior. Diz que o movimento de uma cidade para a outra sempre foi cíclico. Que antes tinham brasileiros que casavam com argentinas, e vice versa, sempre teve este intercâmbio cultural. Porém, diz que em Libres o povo sempre foi de “Fenícios”, não se fixavam no lugar. Fala sobre o “*criterio de pertenencia en la frontera*”. Iam de Buenos Aires ou Corrientes, para Libres, exploravam o comércio e iam embora sem deixar nada, nenhum investimento. Diz que em Uruguaiana o povo é mais estável.

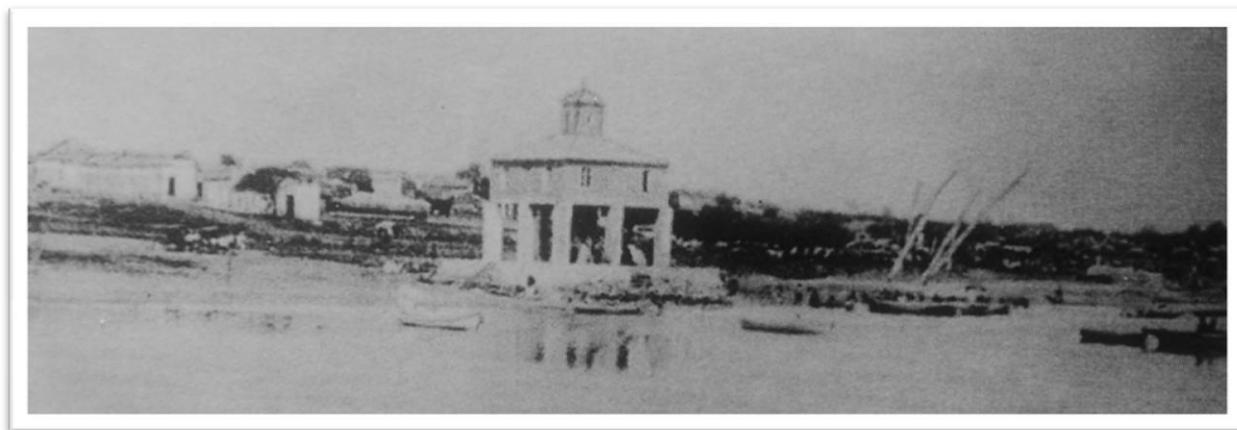
Também, “a aristocracia do pecuarista na argentina foi a chamada oligarquia ganadeira. Têmiam seus bens e foram para a Europa ou Buenos Aires. Tinham seus bens em Libres, mas residiam em B.As. ou Paris. Os grandes não se instalavam em Libres. Em Uruguaiana foi diferente”. Além disso, diz que o Estado do Rio Grande do Sul é um estado mais rico que a província de Corrientes, no que diz respeito à qualidade do gado, da agricultura.

S.B. lembra ainda do tempo em que não havia a ponte, mas era muito pequeno. Havia um porto onde hoje é a Costanera. Em Uruguaiana conta que também havia um porto. No rio muitas vezes tinha bancos de areia e os passageiros tinham que descer da lancha e empurrar o barco no meio da viagem. Levavam e traziam gente e mercadorias. Perto do porto de Paso de los Libres, como o centro comercial ficava um pouco mais distante, havia armazéns onde os brasileiros que não queriam se deslocar ao centro da cidade compravam. Isto não acontecia em Uruguaiana onde o comércio era mais perto da área central.

B.M. conta que seus pais contavam das idas de barca para Paso de los Libres comprar tecidos e mantimentos, bem como seus avós, quando foram residir em Uruguaiana, no início do século XX. “Tinham as barcas cobertas que transportavam os cidadãos, e era feito também o transporte de madeira pelo Rio Uruguai”.

Abaixo trazemos imagens da década de 1920, onde o porto de Uruguaiana aparece movimentado, com os barqueiros que transportavam os passageiros até a cidade vizinha (imagem 61). A casinha que construída elevada dentro do rio (imagem 62) era o local de vigia, a aduana, a fiscalização. Pelo Rio era transportada madeira, comercializada do outro lado em grande escala (imagem 63).

Figura 61. Porto de Uruguaiiana 1920.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.

Figura 62. Porto de Uruguaiiana 1930.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.

Figura 63: Porto de Uruguaiiana 1920- balsas de madeira.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiiana.

A seguir, trazemos mais imagens do porto, agora do lado argentino. A primeira (imagem 64) mostra uma barca fazendo a travessia para Uruguaiana, no ano de 1908. O comércio entre as duas cidades já era forte, e as barcas transportavam mercadorias e passageiros. A segunda (imagem 65) mostra o porto com movimento de carroças que levavam os passageiros e as mercadorias do porto até o centro de passo de os Libres.

Figura 64: Porto de Uruguaiana 1908.



Fonte: Arquivo Municipal Paso de los Libres.

Figura 65: Porto de Paso de los Libres. Transporte pelo Rio. Década de 1900.



Fonte: Uruguaiana/Museu Estaleiro Martimiano Benites

7.2.2- As passagens em Santana do Livramento e Rivera

Chamamos de passagem, o vai e vem fronteiriço, que se dá em Santana do Livramento e Rivera. A união dos espaços urbanos é forte, a malha urbana tem continuidade em diversos pontos, fazendo com que a passagem de uma cidade para a outra, de um país para o outro, seja quase irrelevante. Segundo HOUAISS (2002) a passagem é o ato, efeito ou direito de passar, ponto de ligação, comunicação, passo, passadouro. Trataremos das passagens entre Livramento e Rivera a partir dos relatos presentes na memória do cidadão, nas histórias de vida, ao falarem nas amizades e rivalidades, na rua Sarandi sempre tão lembrada, em função do comércio e oportunidades trazidos nos relatos, nas lembranças.

Quanto as amizades e rivalidades, C.A.F, diz que acha que antes, na chegada dos Italianos no Uruguai, os Santanenses tinham mais preconceito com os Riverenses. "Em Santana havia os grandes proprietários rurais, homens da guerra, e de posições políticas fortes. Então, antes da chegada dos imigrantes, as populações viviam um lá outro cá, sem problemas, comprando e contrabandeando de um lado para o outro". Existiam famílias com terras e comércio de um lado e de outro. Conta que com a chegada dos Italianos em Rivera, começa a existir um preconceito dos Santanenses. "Eles vieram para aproveitar as oportunidades comerciais na fronteira, trabalhar nas empresas da construção de ferrovias e trilhos, pessoas mais humildes, diferentes, com outra cultura, que ficavam do lado de Rivera porque era mais barato". Neste tempo, existia um preconceito por razões econômicas/ culturais, entre os moradores de uma cidade e outra.

C.A.F. conta da Copa do mundo de 1950 que ficou para a história na região. Ouvia seu pai contar sobre o jogo final entre Brasil e Uruguai. A fronteira teve que ser fechada para não haver tragédias. "Antigamente nesta fronteira não existia uma linha divisória. Quando era jovem também tinha amigos uruguaios, mas sempre menos. Em épocas de copa do mundo, já fecharam a passagem para a Sarandi para não acontecerem brigas. Mas a rivalidade maior que existe é esta".

M.P.G. Riverense, nascida em 1940, 73 anos, comerciante em Santana do Livramento e moradora de Rivera, conta que sempre teve amigas nas duas cidades, desde solteira. Sua mãe era brasileira e seu pai uruguaio, filho de italiano imigrantes. Sua mãe era muito amiga da mãe de seu marido, brasileira, e foi assim que eles se conheceram. Namorou e casou-se com uma festa em Rivera. Morou sempre com

seu marido em Rivera, na mesma residência em que nasceu, mas sempre trabalhou em Santana do Livramento com comércio. Seus quatro filhos mesmo morando em Rivera sempre estudaram em Livramento. Toda a família sempre teve este fluxo entre as duas cidades como se fosse uma, e amigos e parentes lá e cá. Em Livramento, segundo ela, estavam as famílias mais abastadas. Perguntamos por que ela acha que havia esta rivalidade. Livramento sempre teve vantagens sobre Rivera. Rivera era mais pobre e *muy chiquitita*.

M.P.G. conta que nunca teve problemas ao cruzar a fronteira, que não lembra ter sido fiscalizada, mas que antes havia uma rivalidade maior entre os povos vizinhos. Conta que alguma vez o Brasil queria invadir Rivera e as tropas riverenses foram acionadas, provavelmente quando ainda havia discussões entre Brasil/Uruguai e Argentina. No começo havia mais Rivalidade, seu pai contava. Disse que “os começos são sempre mais complicados”. Antes havia Também uma diferença de classes entre os moradores das cidades. “Na época de meus avós se viveu isso, as lutas, guerras na fronteira. Hoje a fronteira já está delimitada, muito bem definida. Para mim a fronteira sempre foi união. Desde pequena, vivi tranqüila aqui”.

Tratando agora da Sarandi, a via comercial mais importante da cidade de Rivera, C.A.F. conta que vai diariamente a Rivera. Gosta muito da Sarandi, de sentar nos barzinhos, desde jovem. Hoje em dia está um pouco suja, mas conta que antes era muito bonita. As pessoas faziam o “corso”, passeavam de carro. Lembra que 1960/70 foram épocas maravilhosas de passeios na Sarandi. Para o informante, a abertura dos *free shops* fez com que a via ficasse mais estragada, mais suja. “Antes era algo local, dos moradores, hoje tem muitos turistas”.

Figura 66. Avenida Sarandi na década de 1940. Rivera.



Fonte: Memória da Fronteira.

M.P.G, 73 anos diz que sempre foi assim. A maioria do comércio da cidade de Rivera localizados na Sarandi e Agraciada. A Sarandi com mais restaurantes, bares e mesas na rua. Sempre foi uma via agradável, onde as pessoas se encontram. “Costumava andar com minha mãe no comércio da Sarandi quando criança, e mais tarde quando moça com as amigas. Sempre encontrei brasileiros passeando também. A noite costumávamos sentar na frente de casa ou nas praças”.

Sobre o comércio e oportunidades da fronteira, M.P.G., conta ainda que quando era jovem havia coisas e produtos que só se encontrava em Livramento. Havia maior oferta e variedades de produtos no Brasil. Ambas as cidades tinham sua economia voltadas principalmente para a pecuária. A cidade de Livramento era maior, com comercio mais desenvolvido. Antes os Uruguaios iam comprar em Livramento, pois o comércio era mais forte. Vinham pessoas de todo o Uruguai. Quando os filhos eram pequenos, diz que muitos amigos de Montevideo vinham a Rivera para comprar em Livramento. O largo Internacional e seus bares e restaurantes ficavam lotados (figura 67).

Figura 67. Café no Largo Internacional em 1931. Santana do Livramento.



Fonte: Memória da Fronteira.

M.P.G. relata ainda que quando era solteira, também costumava viajar a Uruguaiana com seus pais para comprar em Libres, pois era mais barato. Os pais

gostavam muito de viajar e era também um atrativo comprar produtos argentinos. Foi muitas vezes a Uruguaiana.

T.B., 60 anos, usuários dos espaços públicos de lazer, conta que chegou para residir em Rivera com seus pais aos 9 anos. Seu pai veio de Montevideu a procura de melhores oportunidades e mercado para abrir uma farmácia. “Meu pai era muito preocupado com a educação e cultura, e mesmo assim veio para cá em busca de novas oportunidades. Mesmo na época esta região sendo quase um deserto cultural comparado com Montevideo”.

Segundo C.A.F., nos anos entre os anos 60 e 70 começaram a chegar os imigrantes árabes, em busca das oportunidades comerciais que a fronteira oferecia. Para ele, isto baixou a qualidade do comércio, e as pessoas que não faziam parte desta cultura, não cuidavam dos lugares em que se fixavam. O comércio foi invadido pelos árabes, e as ruas foram se tornando parte do comércio, por falta de fiscalização e manutenção do poder público.

Depois vieram os *free shop*. T.B. lembra que já existem em Rivera a 15 ou 20 anos, e os trâmites para poder ter *free shop* na fronteira começaram juntos, no Brasil e Argentina. “Era uma forma de fazer crescer a região que estava abandonada e empobrecida. O que acontece é que no Brasil todos os trâmites são muito mais demorados. Rivera conseguiu e Santana não”. T.B. conta ainda que muitas lojas foram abertas lá e cá. Havia muitas lojas duplas, nos dois lados da fronteira. Atualmente vemos menos, mas ainda tem.

7.2.3- Considerações de campo: as travessias e as passagens

Algo que aparece forte, com relação às diferenças nos dois pares de cidades gêmeas, quando tratamos de tempos anteriores, são as passagens, utilizadas para tratar dos deslocamentos entre Livramento e Rivera, e as travessias, utilizadas para tratar dos deslocamentos entre Uruguaiana e Paso de los Libres. Foram assim denominadas na pesquisa, sendo estes títulos quase conclusivos, ao tratarmos a memória coletiva.

Ir ao outro lado era mais fácil em Livramento/ Rivera, e por isso chamamos de passagens. Quando menos se espera se está do outro lado e os moradores raramente respondem que algum dia foram fiscalizados ao passar para o outro lado. As memórias das vivências conjuntas, famílias lá e cá, complementaridades fortes,

que marcam e diferenciam esta fronteira. Entre Uruguiana e Paso de los Libres existia e ainda existe uma barreira já consolidada. Os Uruguaienses e Librenhos tinham que atravessar o Rio Uruguai nas balsas e barcas, para frequentar a cidade vizinha. Mesmo assim percebemos nas imagens (vide figuras 62, página 196 e figura 65, página 197) demonstradas na pesquisa que a área portuária era muito frequentada, e haviam vários barqueiros fazendo o trabalho de leva e traz. Também no outro par de cidades gêmeas, Livramento e Rivera, onde tratamos das passagens, o Areial, que era para ser a distância de 200 metros mínima proposta pelos governos nacionais entre uma cidade e outra, um vazio urbano, acabava unindo. Como Areial, tornou-se um espaço utilizado pela população para práticas esportivas e lazer, e foi citado na maioria das histórias de vida como local para prática de esportes. Atualmente é a localização do Parque Internacional, espaço considerado dos dois países, simbolizando a união, e ao mesmo tempo demarcando a Linha (vide mapas 08, página 171 e 10, página 219).

Além disso, nas passagens de uma cidade para a outra, era na Sarandi, em Rivera, o local de encontro dos cidadãos das duas cidades, que segundo relatos, ficou mais acentuado a partir da primeira Guerra Mundial, quando em Santana do Livramento, depois de certa hora, os moradores tinham que apagar as luzes e as pessoas não tinham como ficar nas ruas. Iam então para Rivera, e assim o costume acontece até os dias atuais. A Rua Sarandi e as Praças de Rivera se revelam como locais de lazer do fronteiro, da população de Rivera e também de Livramento (vide mapas 08, página 171 e 10, página 219).

Contudo, sendo passagem ou travessia, em Uruguiana e Paso de los Libres, ou Santana do Livramento e Rivera, verificamos que os diferentes tipos de relação, as diferentes maneiras de viver a fronteira também se consolidaram ao longo do tempo, juntamente com as táticas do cidadão para viver e conviver nestes espaços. Também, tanto a ponte Internacional, quanto o Parque Internacional, são símbolos de união dos dois pares de cidades gêmeas, construídos e inaugurados em plena 2ª Guerra Mundial, época de relações políticas difíceis.

Em Uruguiana e Paso de los Libres os relatos das histórias de vida eram das travessias do rio Uruguai nas barcas antes da construção da ponte (antes de 1947). Histórias de fiscalização, pós construção da ponte, de brigas e amizades do outro lado. As travessias a pé, as travessias de bicicleta, as festas proibidas na outra

cidade, fazem parte da memória das duas populações. No final do século XIX, o contato com Buenos Aires era mais facilitado, e a população uruguaiana também usufruía desta facilidade. Percebemos sociabilidade maior do que nos dias atuais entre as populações, no que se trata de relações de amizade, de frequentar o outro lado para festas, mesmo com a presença da Ponte Internacional, muito provavelmente em função da grande necessidade de complementaridade que havia nestes pequenos povoados, e posteriormente, pequenas cidades. O Rio Uruguai era uma barreira, mas ultrapassada diariamente pelas barcas que carregavam passageiros e mercadorias para uma e outra cidade. A relação comercial era uma necessidade, já que o acesso a outros centros urbanos era mais difícil. Existia também uma comparação maior do que atualmente entre as duas cidades, já que eram compatíveis com relação ao tamanho. As notícias de uma cidade estavam nos jornais da outra (vide mapa 09, página 218).

Em comum, nas histórias de vida dos comerciantes locais, verificamos que seus antepassados também eram comerciantes. Que a vinda das famílias destes comerciantes para a fronteira também foi em função do comércio e das possibilidades que a fronteira oferecia, no final do século XIX, ou início do século XX. Os comércios mais tradicionais em ambos os pares de cidades passaram de pais para filhos. Muitos destes comércios sobrevivem até os dias atuais, mesmo com as dificuldades cambiais ao longo do tempo, e foram estes comerciantes que nos deram informações valiosas sobre histórias de vida e de seus antepassados na fronteira.

Os lugares da memória se destacam como pontos de referência, ou locais ainda hoje frequentados e apropriados pelo fronteiriço, percebidos nos relatos dos cidadãos. O câmbio também marca o tipo de relação entre as cidades. Nas histórias de vida dos habitantes da população, esteve presente a relação cambial e a compra de produtos de um lado ou de outro em função do câmbio vigente. O câmbio está presente no cotidiano destas populações desde os primórdios das relações entre as cidades. As oportunidades vezes são melhores de um lado, as vezes do outro, e o cidadão tira partido destas.

Verificamos que a questão fronteiriça é lembrada até mesmo ao atribuir os culpados pela falta de maiores investimentos na cidade Argentina de Paso de los Libres. Um dos informantes librenhos que lembrou do câmbio cíclico que acontecia

antes da construção da ponte, no início do século XX, nos disse que dependendo das estações do ano, existia esta mudança periódica e menos espaçada no comércio de um lado e do outro, e em função disso, Paso de los Libres também tinha um comércio que não durava muito tempo. No inverno, quando os brasileiros compravam mais na Argentina, comerciantes forasteiros iam abrir suas lojas em Paso de los Libres. No verão, quando o comércio ficava mais forte em Uruguaiana, os comerciantes argentinos iam embora de Paso de los Libres, voltavam para as capitais. As lojas (aquelas consideradas maiores, de propriedade dos forasteiros) abriam no inverno e fechavam no verão, quando o comércio ficava mais forte em Uruguaiana e muito fraco em Paso de los Libres. O informante conta que em Uruguaiana o comércio e a população era mais arraigada, mais constante. O resultado deste costume, segundo o cidadão librenho, foi o pouco investimento destes comerciantes mais fortes na cidade de Paso de los Libres. O retorno não era para a cidade, estes comerciantes lucravam e iam embora, investiam fora.

Nas cidades de Santana do Livramento e Rivera, as histórias também são de relação intensa. Com o surgimento da cidade de Rivera (em meados do século XIX), na função de delimitação do território uruguaio, já que a vizinha Santana do Livramento já existia, vieram outros povos, outras possibilidades. Nas memórias dos santanenses e riverenses, as histórias são dos imigrantes italianos que se instalaram nesta fronteira para trabalhar na empresa inglesa que construiu a ferrovia. As memórias são de que em Livramento estavam as famílias mais abastadas e tradicionais, e em Rivera, na sua maioria, os imigrantes. Afirmamos a partir dos relatos, que inicialmente havia uma rivalidade maior da população, de um lado e outro da Linha. Os riverenses eram recém chegados. Havia certo preconceito com os novos habitantes vizinhos. Porém, o fato de as duas cidades serem contínuas existe em função de um pedido da população local, dos comerciantes que foram se localizando na Linha, em função das maiores possibilidades de comércio com a outra cidade.

Portanto, foi a força do comércio que desde o início impulsionou a união na criação do povoado de Rivera (que na época chamava-se Pueblo Ceballos em memória ao vice rei Espanhol Pedro Ceballos), fazendo com que Rivera fosse instalada muito próxima ao povoado vizinho, em função de um abaixo assinado da população, indo contra o que os governantes desejavam, que era deixar os

povoados um pouco separados, para que os povos não se misturassem. O espaço urbano organizou-se a partir deste comércio entre as duas cidades. A partir daí, verificamos que a proximidade fez com que os povos se unissem, e até mesmo a nacionalidade, atualmente, se tornasse confusa.

Percebemos também o comércio cíclico também em Santana do Livramento e Rivera, quando os cidadãos contam que na primeira metade do século XX, vinham pessoas de todo o Uruguai comprar em Santana do Livramento pois o comércio era muito forte. Posteriormente percebemos que acontece o contrário, na Sarandi. A relação cambial é constantemente vivenciada pelo cidadão destes espaços.

Quanto às manifestações da fronteira no espaço urbano local, enfatizamos as ruas comerciais já estabelecidas, nas duas cidades estudadas do lado Espanhol. A Av. Sarandi, em Rivera, e a Av. Collón, em Paso de los Libres. Ruas que se estabelecem em ambas as cidades como principais, comerciais, como espaços de lazer. Ambas também marcam um comércio forte e linear, ao longo das vias.

A grande proximidade entre Livramento e Rivera fez com que as cidades se desenvolvessem com cidadãos vivendo lá, trabalhando aqui, falando espanhol ou português, sendo que isto já é uma característica típica desta fronteira. A passagem sempre foi fácil e a fiscalização dos cidadãos sempre foi difícil, quase impraticável, sendo que não faz parte do que entendemos ser a memória coletiva desta fronteira.

Em ambos os pares de cidades percebemos a forte relação de complementaridade e vivências do cidadão no outro lado, principalmente se considerarmos as histórias de vida, as histórias passadas, quando as cidades tinham maior dificuldade de contato com outros centros urbanos.

Sobre esta complementaridade intensa, lembramos nestas considerações de dois fatos citados pelos cidadãos que colaboraram com lembranças passadas: os primeiros jornais de Paso de los Libres eram todos impressos em uma gráfica de Uruguiana, e eram carregados todos os dias, de barca para Paso de los Libres, pois a cidade não contava com equipamentos para a impressão. Em Santana do Livramento, as correspondências para Porto Alegre ou outros Estados brasileiros era entregue através de Montevideu. O percurso era mais fácil. Citamos novamente estes fatos, para demonstrar a necessidade de uma cidade tinha da outra, sendo que estas relações marcam, permanecem na memória coletiva, até a atualidade.

7.3- Os marcos da memória

7.3.1- Das festas, ao comércio e passeios na praça central: Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR)

S.B, 73 anos, dono de uma das lojas mais antigas de Paso de los Libres, lembra que quando jovem, frequentava em Uruguaiana a praça, como espaço de lazer. “O *footing* era no entorno da praça central de Uruguaiana ou de Libres. As meninas ficavam passeando e os meninos sempre fazendo algumas *galanterías*. Os brasileiros iam para Libres em menor quantidade nesta época. Mais os argentinos iam para Uruguaiana. Porque a tradição era mais ir para lá (para Uruguaiana) do que para cá (para Libres) ”.

M.F., 70 anos, também citou a praça central (atual Praça Barão do Rio Branco, antiga Praça da Rendição) como um espaço de memória, já que é um dos espaços públicos de lazer mais antigos da cidade. “Um lugar marcante na cidade atualmente e anteriormente. O restaurante da praça sempre existiu e sempre foi frequentado pelos Uruguaianenses. Antigamente chamava-se o Quiosque da Praça”.

Nas imagens abaixo (figuras 68 e 69), mostramos a praça central de Uruguaiana na década de 1930, e na década de 1950. Muito citada como local de lazer entre brasileiros e argentinos, nas décadas passadas.

Figura 68. Praça central de Uruguaiiana- atual Praça Barão do Rio Branco, antiga Praça da Rendição- na década de 1930. Ponte ao fundo.



Fonte: Arquivo Municipal.

Figura 69. Praça central na década de 1950.



Fonte: Arquivo Municipal.

Em Libres, M.F considera como lugares da memória o cinema, localizado frente à praça da Intendência e que hoje está sendo reformado para sediar o teatro municipal. Também a confeitaria La Giralda, que hoje não existe mais, mas sempre foi muito frequentada pelos brasileiros. Citou também loja do senhor Barrias, ainda existente hoje. “Foi uma loja muito importante, a mais antiga ainda existente em Libres, que marcou as relações entre brasileiros e argentinos”. Citou também a loja El Pingo, todas na Av. Collón ou proximidades. Abaixo incluímos uma imagem da Av. Collón em Paso de los Libres na década de 1940, no quarteirão na antiga loja El Pingo.

Figura 70: Avenida Collón em Paso de los Libres, na década de 1949.



Fonte: Arquivo Municipal

B.M, 63 anos, brasileira, usuária dos espaços de lazer, quando mais jovens iam para Paso de los Libres, na Confeitaria La Giralda com as amigas, que ficava meia quadra da praça. Ia com seus pais ao supermercado uma vez por semana, pois em Paso de los Libres era mais barato. Cita também a Loja de tecidos Barrias, lá comprou o tecido para o seu vestido de noiva. “Toda a rua Collón é o eixo do movimento da cidade de Paso de los Libres. Quando vou dar alguma referência em Paso de los Libres para pessoas da minha idade, cito a Casa Riograndense (Collón), Barrias (Collón), El Pingo (Collón) ou a praça. Em Uruguaiana cito como referência os clubes, as escolas, o hotel glória”. Cita também o antigo Hotel de Turismo, muito frequentado pelos brasileiros em Libres.

S. F, uruguaianense, 73 anos, cita como espaços da memória em Paso de los Libres a Rua Collón, e nela o Supermercado La Frontera, a loja Barrias e a Mesón Helena. Conta ainda que quando jovem também frequentava muito o clube Progreso e o Hotel de Turismo que tinha um bar/restaurante muito bom, muito acima dos padrões de Libres (locais em Libres). P.P.C também cita o antigo Hotel de Turismo como um local muito frequentado pelos uruguaianenses. “O hotel de turismo era um belo lugar onde tinha um restaurante, cassino e um local para festas. Muitas personalidades ficavam hospedadas lá”. O Hotel de Turismo é citado ainda por B.M. como um lugar em Libres muito marcante na memória dos cidadãos brasileiros, inclusive, conta que sua festa de casamento foi neste local. Em Uruguaiana, B.M. cita a Praça central e o Clube Comercial como espaço da memória (Figuras 71 e 72).

Figuras 71 e 72. Clube Comercial e Clube Caixeiral na década de 1910, em Uruguaiana.



Fonte: Arquivo Municipal de Uruguaiana.

P.P.C. citou como referência, e espaços de memórias o Buraco, um mercado que se formou em Paso de los Libres, antes de chegar ao centro, com o fluxo entre as duas cidades. O conjunto arquitetônico da aduana de Paso de los Libres também é muito significativo. “Algo que resistiu ao tempo, uma arquitetura atemporal”. Abaixo, segue a imagem do prédio da Aduana Argentina com as obras finalizadas no ano de 1945, juntamente com a ponte (figura 73).

Figura 73. Aduana de Paso de los Libres com obras finalizadas em 1945.



Fonte: Uruguaiana/Museu Estaleiro Martimiano Benites

7.3.2- Do Areial ao Parque Internacional, e os passeios na Sarandi: Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY)

C.A.F. nos relata os espaços da memória. Fala do Parque Internacional como um espaço que marca a passagem entre as duas cidades. “Um parque que é dos dois países, inaugurado em plena segunda Guerra Mundial, simbolizando o desejo de integração. Antes da inauguração do parque, tínhamos ali um Areial onde jogavam futebol, faziam apresentações esportivas. Mas eu não peguei esta época, meus pais que contavam”.

M.P.G também conta que ouvia de seu pai histórias no Areial onde é o Parque Internacional. “Meu pai contava que lá encontravam conhecidos, jogavam bola, e a noite era um local considerado perigoso, pois era muito escuro”. No parque existe um monumento que trata do centenário da integração entre as duas cidades 1857 até 1957.

Figura 74. Areial entre Livramento e Rivera, onde em 1943 foi inaugurado o Parque Internacional.



Fonte: Arquivo Municipal de Santana do Livramento.

M.P.G. lembra também da beleza da Praça dos Cachorros (oficialmente Praça João Pessoa), assim chamada pela população pois tem estátuas de cachorros, guardiões. “A praça (figura 75) era frequentada pela população pois ficava bem na linha divisória, do lado de Livramento. Era um local de convivência. A frente ficava o largo internacional, onde tinham cafés, bares (figura 76), e depois o Cassino. Todo este era o largo internacional”. M.P.G. lembra que a praça representava bem a entrada na cidade brasileira, o que atualmente não acontece.

Figura75. Praça João Pessoa em 1940. Santana do Livramento.



Fonte: Arq. Simone Damboriarena.

Figura76.Largo Internacional em 1940. Santana do Livramento.



Fonte: Arq. Simone Damboriarena.

M.P.G. lembra de lugares que frequentava muito antes e agora não existem mais, como os cinemas: *El cine Astral*, *el cine Avenida*, *el cine América*, todos na Sarandi em Rivera. “Sempre foi assim... os lugares de lazer e diversão estão na Sarandi. Os brasileiros vêm a muito tempo para a Sarandi. Pode ser porque é uma rua larga, bonita para passear...” Trata da diferença da rua Sarandi em Rivera, e a rua que continua em Livramento. A mudança na Caixa (dimensão da rua) fica evidente e muda muito a morfologia da via. O footing sempre foi na Sarandi. Abaixo mostramos a Sarandi em diferentes épocas, 1920 (Figura 77) e 1950 (Figura 78).

Outro lugar citado, mas como muito visitado pelos turistas foi o Hotel Cassino localizado no Largo Internacional (Figura 79). “A proibição do jogo no Brasil faz com que os Cassinos da cidade sejam muito procurados pelos brasileiros, principalmente pelos turistas que chegam na fronteira. É algo diferente. Como o Hotel Cassino fica no largo Internacional e é uma edificação marcante, sempre foi muito frequentado pelos turistas da nossa região”.

Abaixo trazemos imagens da Sarandi, na década de 1920, e 1950. Nestas datas já era consolidada como área comercial, principalmente nas proximidades da linha.

Figura77: Av. Sarandi na década de 1920. Rivera



Fonte: Arquivo Municipal de Santana do Livramento.

Figura 78. Av. Sarandi na década de 1950. Rivera.



Fonte: Arquivo Municipal de Santana do Livramento.

Abaixo a imagem do Hotel Cassino, que fica também na linha, no Largo Internacional, citado nos relatos de histórias de vida como marco, como ponto de referência nas cidades.

Figura 79. Hotel Cassino no Largo Internacional, atual Largo Hugolino Andrade.



Fonte: Museo sin fronteras

7.3.3- Considerações de campo: Espaços da memória

Chamamos de espaços da memória aqueles citados pelos cidadãos como marcos, ou áreas importantes em outros tempos, e que são lembrados até a atualidade. Espaços (CERTEAU, 1994) que marcaram uma época e são ainda lembrados como tal, onde o cidadão interage e modifica em função das suas necessidades.

Nas cidades gêmeas, percebemos que o cidadão cita nos relatos de histórias de vida, espaços que não existem mais, ou que existem a muito tempo como referência, ou como áreas de convívio. Estes são os que tratamos aqui como espaços da memória. É importante destacar que na mesma época da inauguração do Parque Internacional entre Livramento (BR) Rivera (UY), Brasil e Argentina estavam construindo a Ponte Internacional entre Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR). Os dois equipamentos foram citados como espaços marcantes nas cidades, na memória dos cidadãos. Além disso, nesta época o mundo estava em

plena 2^o Guerra Mundial. Enquanto isso, Brasil/Uruguai e Brasil/Argentina, trabalhavam para estreitar laços, simbolizados por duas obras marcantes nas cidades gêmeas aqui tratadas. Estas lembranças estão muito presentes na memória da população de ambos os pares, e marcam nos espaços urbanos atuais como referências sempre citadas. São vivências de fronteira que marcam. São situações de fronteira que interferem nestes espaços urbanos e tornam-se marcos nestas cidades. Dois símbolos de união, o Parque Internacional e a Ponte Internacional marcantes no espaço cidades, e na memória da população.

A Linha, espaço entre Livramento e Rivera, está sempre na descrição dos espaços destes cidadãos, tanto nos relatos passados quanto nos presentes: “Aquela loja localizava-se próxima a linha”. A Linha, apesar de só ser forte e marcada na região central, está presente no cotidiano, e na memória dos cidadãos deste espaço. O antigo Areial, espaço vazio que respeitava a distância de 200m entre as cidades onde hoje está construído o Parque Internacional, também é muito lembrado nas histórias de vida dos informantes. Falam sempre no antigo Areial, onde se disputavam cavalhadas, e praticavam esportes, mas considerado inseguro a noite por falta de iluminação. O que era para ser um espaço vazio entre as cidades, era e é até hoje, um espaço útil, marcante, lembrado nas histórias de vida, nas histórias sobre a família, presente portanto, na memória coletiva desta população. Ao que verificamos, a vida cotidiana de uso do comércio e serviços acontecia na linha, na divisa (divisa?), entre uma cidade e outra. O Largo Internacional é outro espaço bastante lembrado, onde se localizava a Praça dos Cachorros (assim chamadas pelos moradores locais) hoje descaracterizada, e os cinemas, cafés e confeitarias frequentados pelos cidadãos da fronteira, brasileiros e uruguaios.

Percebemos que em Livramento e Rivera, os lugares da memória citados encontram-se em sua maioria na Rua Sarandi no lado riverense, e no Largo Internacional no lado santanense, confirmando a importância e grau de proximidade de ambas as populações. A rua Sarandi é lembrada por todos, pelo comércio, pelas vivências diárias.

Em Uruguiana, a praça central e os equipamentos próximos são os mais citados como locais de memória. Esta área central sempre foi utilizada para o lazer dos uruguaienses e librenhos como local de lazer e ponto de encontro. É muito comum os cidadãos desta fronteira citarem a praça central e os equipamentos nela

existentes como lembranças de vivências. Em Paso de los Libres, o comércio da *Calle Collón*, sendo alguns mais antigos em especial, como a loja e tecidos Barrias, o Supermercado La Frontera, a *Mesón Helena*, que atendem os clientes brasileiros a muito tempo, tendo sua localização utilizada como referência pelos mesmos. A *Calle Collón* é sempre citada como referência nas histórias passadas. É a via mais antiga de Paso de los Libres, corta a cidade com o acesso do interior do país até o Rio Uruguai, era o antigo caminho das tropas, a chamada *Calle Real*, mesmo antes do povoado de Paso de los Libres existir, e é a via marcada pelo comércio, pela relação binacional.

As aduanas construídas em Uruguaiana também lembram diferentes tempos, e estão presentes na memória do cidadão, ao tratar das idas a Paso de los Libres ou Uruguaiana. Marcaram diferentes percursos, diferentes épocas.

Percebemos também, como espaço de memória, que nas duas cidades de colonização espanhola, as vias Collón (em Paso de los Libres) e Sarandi (em Rivera) também são consideradas espaços de lazer pelos cidadãos. Lembram que desde a infância, utilizavam estas as vias para passear com a família, para comprar mantimentos, para sentar na sorveteria e ver o movimento. Os comércios, bares, restaurantes, antigas confeitarias, sempre estiveram localizados nelas, ou nas proximidades. O horário de fechamento do comércio também sempre foi diferente do Brasil. Fecha mais tarde, e isso traz um movimento constante para estas vias. Os hábitos de frequentar a rua, os espaços públicos à noite, nas cidades de origem espanhola também já faz parte da memória do cidadão brasileiro, e é um dos contrastes percebidos no uso do espaço público.

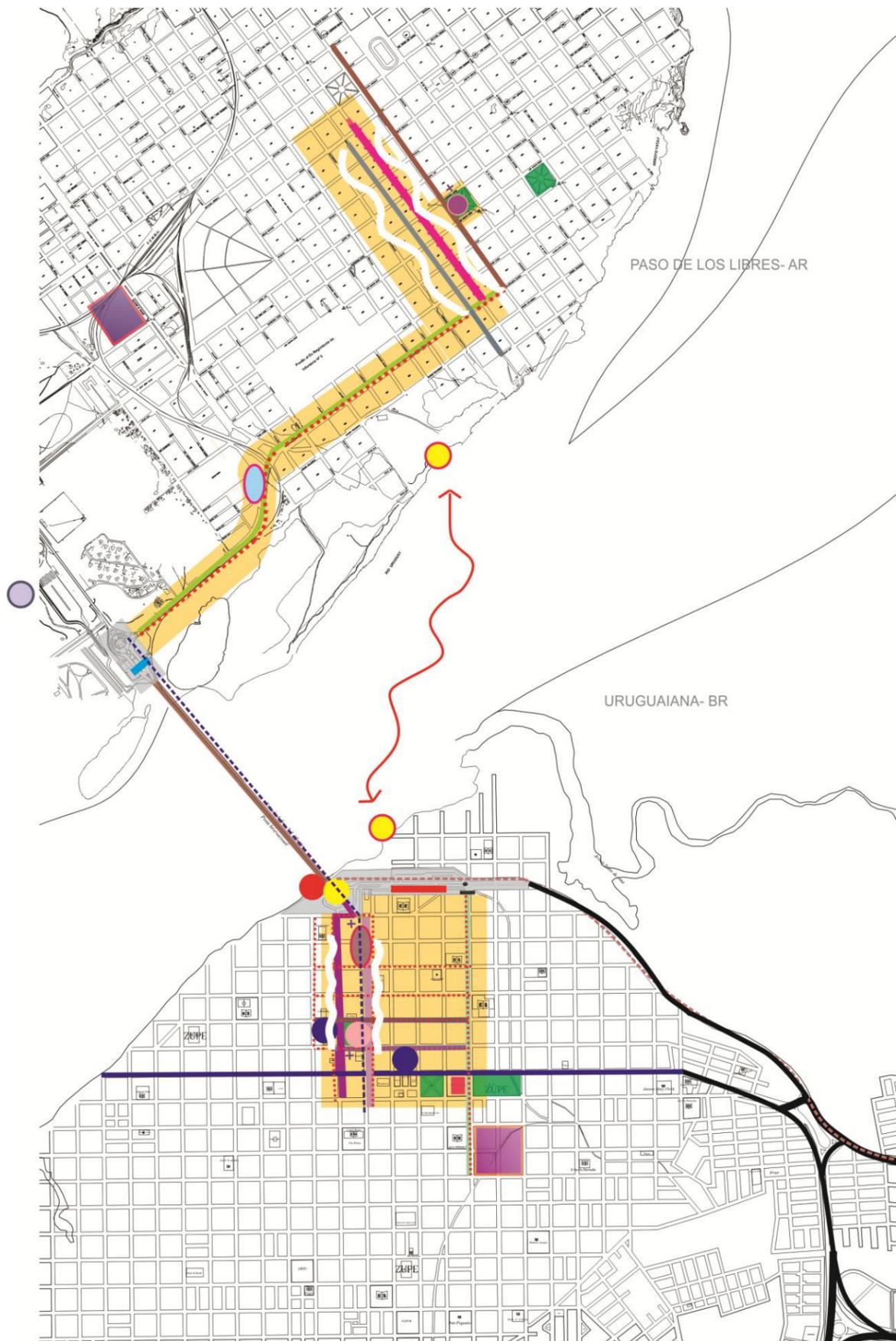
Devemos considerar também que as cidades aqui tratadas, em outros tempos, eram menos expandidas, o espaço urbano era mais concentrado. Em Uruguaiana e Paso de los Libres as cidades se desenvolviam mais próximas as praças centrais e ao porto. Em Santana no Livramento e Rivera as cidades aconteciam próximas à Linha.

A seguir temos os mapas que ilustram as interpretações sobre estes espaços da memória. Nos mapas, demarcamos espaços mais citados, vias, marcos de referência, relacionados a memória, aqueles relatados nas histórias de vida.

Temos demarcadas (vide mapas 09 e 10, páginas 218 e 219) muitas áreas que coincidem com as demarcações dos mapas atuais. Os espaços mais citados são

praticamente os mesmos em ambos os pares de cidades, tanto nas histórias de vida, sendo os relatos passados, quanto nos relatos atuais. Percebemos que apesar de diferentes tempos que estão sendo narrados, as vivências lá e cá se repetem em função do comércio, família e serviços, de um lado e de outro, utilizando-se das táticas da fronteira.

As travessias pela ponte e antes da ponte, nas barcas, aparecem muito nas histórias de vida. Por isso os portos em Uruguaiana e Libres também são demarcados nos mapas da memória (mapa 09, página 218). Os percursos das diferentes propostas de aduana nas diferentes épocas também marcam o espaço urbano de Uruguaiana. Marcam vias, estruturam outras partes da cidade. As áreas de intersecção ficam claras ao observarmos as demarcações dos mapas (mapa 09 e 10, páginas 218 e 219).



Mapa 09
Interpretação dos Espaços da Memória.
Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR)

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praça
- Área de aduana
- Estação Rodoviária
- Aduana argentina
- Primeira aduana brasileira(desativada)
- Segunda aduana brasileira (desativada)
- Costanera- Paso de los Libres

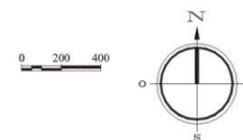
Legenda 02 (vias)

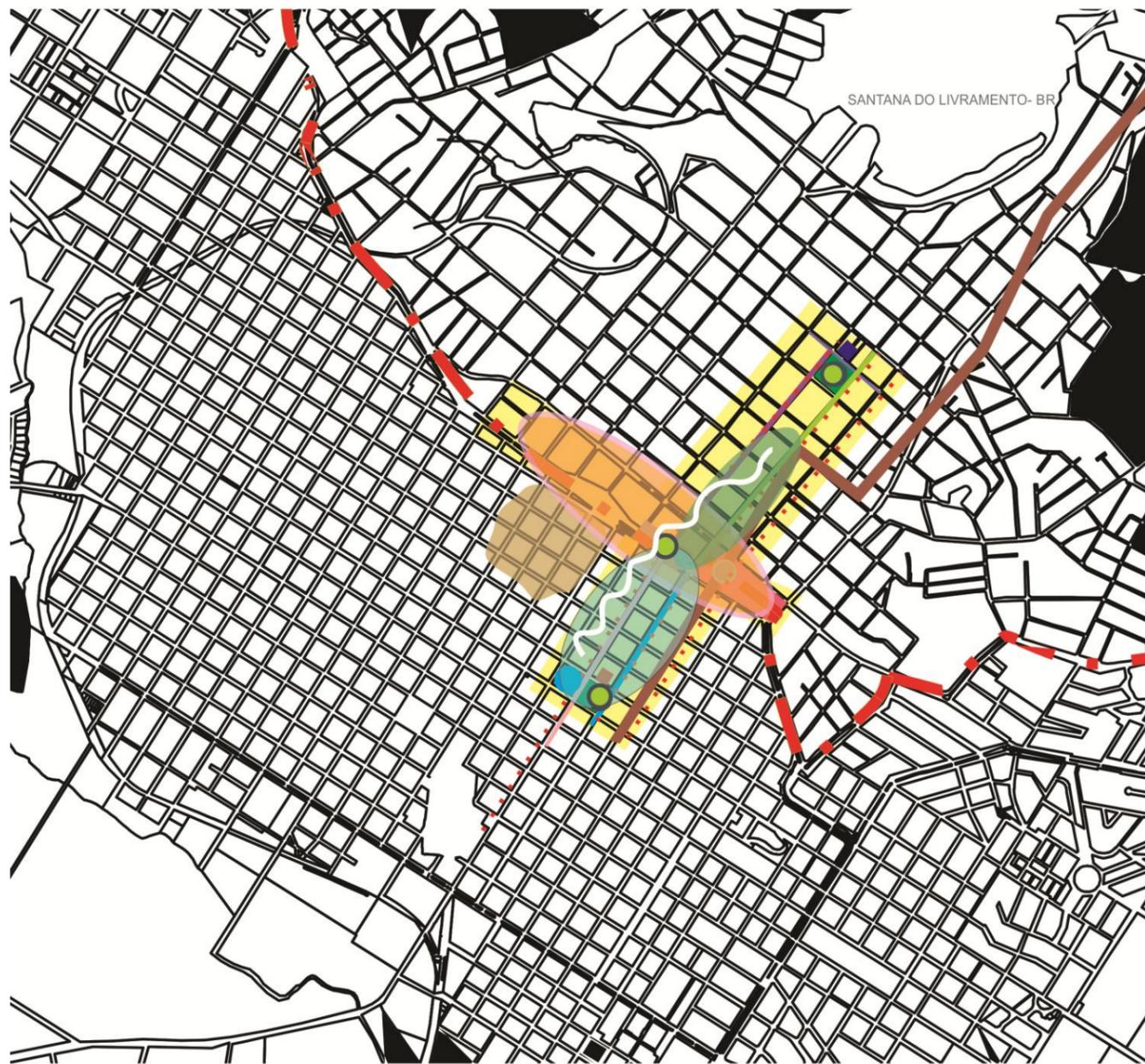
- Praça
- Rua Collón- Paso de los Libres
- Av. San Martino- Paso de los Libres
- General Madariaga - Paso de los Libres
- Coronel Lopez- Paso de los Libres
- Rua Flores da Cunha- Uruguiana
- Av. Presidente Vargas- Uruguiana
- Rua Santana- Uruguiana
- Rua General Flores da Cunha- Uruguiana
- Via perimetral de acessos- Uruguiana
- Av. XV. de Novembro- Uruguiana
- Av. Duque de Caxias (antiga Rua do Comércio)- Uruguiana

Mapa 09
Interpretação dos Espaços da Memória.
Uruguiana (BR) e Paso de los Libres (AR)

Legenda 09

- Monolitos da Ponte Internacional- referência
- Praça Central Uruguiana
- Praça San Martin Paso de los Libres
- Buraco- Paso de los Libres
- Clubes Comercial e Caixeiral- Uruguiana
- Primeira Aduana brasileira- Uruguiana
- Segunda Aduana brasileira- Uruguiana
- Comércio da memória- Uruguiana e Libres
- Antigos portos em Libres e Uruguiana
- Comércio- Baixada- Uruguiana
- Percurso indicado pelos relatos
- Estação Ferroviária de Uruguiana
- Estação Ferroviária de Paso de los Libres
- Rua Collón da memória e o comércio
- Único percurso Urug/ Libres até década 70
- Percurso periférico pela 2ª aduana pós 70
- Antigo Hotel de Turismo em Paso de los Libres



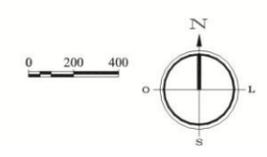


Mapa 10
Interpretação dos Espaços da Memória
Santana do Livramento e Rivera

- Legenda 01**
- Área central de passagem e interferência direta
 - Praças
 - Parque internacional
 - Praça João Pessoa-‘Praça dos Cachorros’
 - Intendência- Rivera
 - Cassino Rivera
 - Igreja Matriz- Rivera
 - Igreja Matriz- Santana
- Legenda 02 (vias)**
- Praça
 - Rua Agraciada- Rivera
 - Rua Sarandi- Rivera
 - Rua Ituzaiçó- Rivera
 - Linha
 - Rua dos Andradas- Santana do Livramento
 - Rua Rivadávia Corrês- Santana do Livramento
 - Rua João Goulart- Santana do Livramento

Mapa 10
Interpretação dos Espaços da Memória
Santana do Livramento e Rivera

- Legenda 10**
- Intendência- Rivera
 - Hotel/ Cassino- Linha
 - Largo Internacional- área de intersecção
 - Cerro del Marco
 - Praças citadas-lazer
 - Comércio citado nas duas cidades
 - Lazer e comércio citados nas duas cidades
 - Cerro del Marco
 - O comércio da memória
 - Limite Brasil-Uruguai
 - Percursos indicados nos relatos



PARTE III: O percurso inverso: do espaço urbano local às fronteiras

8- Considerações Finais: os Espaços de Integração Binacional

Partimos das questões teóricas do território, do cotidiano e da memória como problemáticas na abordagem da fronteira, desta fronteira Platina. Para avaliarmos as questões dos espaços urbanos da fronteira, a partir das práticas cotidianas (CERTEAU, 1994) e da memória coletiva (HALBWACHS, 2006; POLLAK, 1992; BOSI, 2004), nos utilizamos dos relatos e percursos dos cidadãos fronteiriços, baseados na teoria de CERTEAU (1994), bem como nos mapas mentais (LYNCH, 1997) utilizados de base para entendermos os percursos, os marcos e vias de referência. Além disso, analisamos os discursos das estratégias urbanas aplicadas nestes espaços, a história, imagens, períodos marcantes das duplas de cidades analisadas. Estas questões possibilitaram uma visão mais ampla do espaço urbano da fronteira. Um olhar voltado ao Urbanismo, ao Planejamento Urbano que permitiram a compreensão dos vínculos urbanos que estas cidades estabelecem e suas funções. O entendimento de algumas áreas destas cidades como sendo os pontos específicos que integram, onde o binacional acontece. Os espaços de integração, acionados a partir dos relatos do cotidiano e da memória.

Neste capítulo 8 pretende-se primeiramente colocar a pesquisa do *locus* em discussão com a teoria utilizada no bloco teórico. Chegamos nos espaços utilizados, nos marcos e referências, no entendimento do cotidiano destas cidades gêmeas. No entendimento de como acontece a territorialidade tão tratada nestes espaços, em função da memória, e das práticas atuais, e de como esse espaço das cidades gêmeas se organiza em função da fronteira.

Afirmamos que a fronteira, ou mais precisamente as fronteiras onde se localizam as cidades gêmeas, comportam-se como um espaço de característica transitória, de passagem ou travessia de um para o outro. Passagens e travessias estas que se traduzem no espaço urbano e nas vivências cotidianas. Cidades onde habita uma população com o cotidiano de encontros com o outro. Identificamos ainda áreas específicas nas cidades, onde encontramos as características binacionais, as quais chamamos de espaços de integração binacional.

No segundo momento vamos ultrapassar o local, e trabalhar com o Estado da Arte do tema, discutindo os resultados pesquisados com questões da atualidade.

8.1- Sobre um território Platino: as territorialidades

Nesta pesquisa, tratamos das cidades gêmeas como áreas onde as características fronteiriças aparecem com maior intensidade em função de ser um aglomerado urbano onde as vivências da fronteira são cotidianas. São as áreas de fronteira onde "duas cidades cujas zonas urbanizadas formam um *continuum*, um único aglomerado urbano, constituindo o caso mais simples de conurbação" (FERRARI, 2004, p. 75).

Salientamos as cidades gêmeas da fronteira Platina como verdadeiras áreas de transição, territórios transnacionais, espaços em que o binacional é corriqueiro seja no idioma, nas famílias, no comércio ou nos encontros do dia a dia. Principalmente nos espaços centrais onde encontramos grande parte do comércio local, e nos espaços públicos de lazer, onde acontece o convívio cotidiano com o outro, identificamos o que chamamos de espaços de integração binacional.

Verificamos desde nacionalidades comuns, espaços comuns, famílias, serviços utilizados em comum e práticas estabelecidas ao longo dos tempos de vizinhança. Esta é a área de transição. É o transfronteiriço. A fronteira que ultrapassa, que apresenta uma plasticidade que se modifica de acordo com as normas e vivências locais, considerando a territorialidade, onde, ao tratarmos de territorialidade falamos de um apropriar-se simbolicamente do território político do outro através do uso cotidiano do território (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007).

Mas onde e como a territorialidade se afirma? Onde encontramos os espaços de integração binacional, a partir das apropriações e vivências que aí acontecem. Afirmamos que existem espaços nestas cidades que são integradores, onde as manifestações da fronteira ficam claras e o binacional acontece. Sobre estas áreas devemos ter atenção especial.

Em Santana do Livramento e Rivera identificamos os espaço de integração binacional na Linha, exatamente na região de contiguidade urbana. Identificamos que esta área se estende na Rua Sarandi, em Rivera, até a praça central da Intendência, e nos primeiros quarteirões da Rua Andradas em Santana do Livramento (vide mapa 12, página 235). São estas as áreas mais indicadas pelos cidadãos como referência, onde se localizam equipamentos utilizados pelas duas populações, o comércio principal, e as áreas de lazer mais citadas (neste caso a Sarandi e a Praça da Intendência de Rivera localizada mais distante da linha).

Em Uruguaiana e Paso de los Libres, esta área identificada como espaço de integração binacional não está localizada na contiguidade das duas cidades, que seria nas cabeceiras da Ponte Internacional. Estes espaços são espaços de passagem onde existe a interação, faz parte da travessia, mas não colaboram para um convívio que integra. O espaço de integração binacional nestas cidades fica nas proximidades da Praça Central, em Uruguaiana, e na Avenida Collón, e adjacências, em Paso de los Libres. Esta pulverização dá-se ao fato de que os espaços urbanos não são contínuos, e a área central de Paso de los Libres fica um pouco mais distante da cabeceira da ponte. As áreas centrais de ambas as cidades se destacam como os locais de lazer e de comércio mais citados (vide mapa 11, página 234).

Verificamos que os espaços de integração binacional estão identificadas a partir das vivências diárias com o outro, a partir da memória destes espaços coletivos de lazer lembrados pelos cidadãos, dos serviços utilizados pelas duas cidades, a partir do comércio, que na realidade é um dos elementos que colaboram para uma troca constante. Portanto, os espaços integradores não necessariamente encontram-se na intersecção territorial destas cidades. Podem estar aí, ou pulverizadas nas áreas centrais, como praças envoltas do comércio principal, nas áreas comerciais, de lazer, onde realmente as relações de troca acontecem com mais frequência. Nas cidades gêmeas as próprias vias viram espaços de lazer, um espaço integrador binacional, com um comércio abastecido por cidadãos de ambas as cidades. Assim, afirmamos que o espaço das cidades gêmeas organizam-se também, a partir da relação com o vizinho. A partir da função de fronteira.

Portanto, a investigação possibilitou verificar ainda que as cidades gêmeas de fronteira tratadas na hipótese inicial como as áreas de transição seria uma abordagem ainda muito geral. Que existem espaços urbanos específicos que integram, e que não necessariamente encontram-se nas áreas de contiguidade urbana, entre uma cidade e outra. Estes espaços integradores são resultado das táticas, estratégias, influências, passagens e travessias que se produzem e se consolidam no espaço urbano das cidades gêmeas. Consideramos que são aqueles mais vivenciados pela população das duas cidades, que possibilitam o encontro, a vivência do binacional. Desta forma verificamos como acontecem as manifestações da fronteira no espaço urbano local.

Ao identificarmos quais são os verdadeiros espaços de integração, tratamos a fronteira Platina como um espaço transnacional. Acreditamos que o trans, significa este vai e vem, a porosidade, a transição. As muitas possibilidades que a fronteira proporciona, como “membranas assimétricas” (FOUCHER, 2009, p.19). Trazemos estes conceitos para o capítulo conclusivo, para discutir e evidenciar a posição transnacional em que se encontram as cidades-gêmeas.

O uso de uma cidade e de outra pelos seus habitantes, quando uso são as "ações (no sentido militar da palavra) que são a sua formalidade e sua inventividade próprias e que organizam em surdina o trabalho de formigas do consumo" (CERTEAU, 1994, p. 88), configuram os espaços de integração binacional e fazem com que aconteça a transfronteirização, baseada também na forte territorialidade existente. Quando Rückert fala no território transfronteiriço, diz que: “Regiões transfronteiriças e o processo de transfronteirização são conceitos em construção o que reflete a tentativa teórico-metodológica de explicitar os atuais processos em curso em diferentes realidades macro e microrregionais” (FILHO; RUCKERT, 2013. P. 06). O autor refere-se ainda a transfronteirização como um conjunto de processos de aproveitamento e de valorização de uma fronteira, limite territorial que separa dois sistemas políticos, econômicos e/ou sócio- culturais. Esse conceito se caracteriza quando os habitantes de ambos os lados transcendem a fronteira e a incorporam em suas estratégias de vida através de múltiplas modalidades (FILHO; RUCKERT, 2013).

A partir do que vimos na pesquisa de campo nas cidades gêmeas da Fronteira Platina, os habitantes transcendem a fronteira. Incorporam o vai e vem como natural, com ou sem fiscalização. Os espaços urbanos são transformados em função deste cotidiano, a partir das áreas comerciais de maior fluxo, da construção de equipamentos fronteiriços como aduanas, a partir das vivências do outro lado.

Destacamos a memória da população fronteiriça, e a memória das práticas no espaço como um dos itens centrais para o entendimento do funcionamento da fronteira, das cidades gêmeas. Conforme nos disse Halbwachs: "Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos" (HALBWACHS, 2006, p. 30). Concluindo o que investigou-se sobre a memória coletiva desta população de fronteira, é indispensável que tratemos da

memória, e da palavra composta: espaço-tempo. Muratori (2007) nos fala no espaço-tempo como um elemento conjunto. Segundo a autora o espaço e o tempo se entrelaçam para formar este novo elemento, o espaço-tempo. Ao tratar do espaço-tempo, a autora traz as diferentes maneiras de entender as fronteiras, desde quando o território passa a ter valor, e passa a representar poder até os dias atuais, onde o capitalismo e a globalização dominam a contemporaneidade e interferem nas maneiras de perceber os espaços e relações entre países. Nesta pesquisa, tratou-se de toda esta transição na maneira de entender as fronteiras ao longo do tempo, no capítulo 2- Abordagens da fronteira. Neste momento, trazemos o espaço-tempo, para concluir a memória como parte da construção das fronteiras atuais. O sentido da fronteira como barreira ainda presente, quando a ênfase é de integração. O espaço-tempo da fronteira é marcado por esta ambiguidade, principalmente em função da memória dos conflitos e cooperações que já aconteceram entre estes espaços. A fronteira, portanto, também é construída deste espaço-tempo, das marcas do tempo nas relações pessoais, e das marcas de como se dão as relações pessoais neste espaço.

Existem marcas do tempo específicas de fronteira no espaço urbano das cidades gêmeas, verificadas principalmente nos espaços de integração binacional, que surgem da relação que agora chamaremos de transfronteiriça. Primeiramente tratando de Uruguaiana e Paso de los Libres, as marcas estão na própria formação das cidades. A cidade de Paso de los Libres é desenhada a partir da *Calle Real*, que era o antigo caminho de tropas e de comércio com o país vizinho, já existente antes de 1840 (BARROS COELHO, 2008). A cidade de Uruguaiana tem um desenvolvimento inicial- maior densidade-, nas áreas próximas ao Rio Uruguai, confirmando a relação com a cidade vizinha (vide mapa de 1859, figura 02, pág. 70), a cidade de Paso de los Libres passa a se desenvolver em direção a cidade de Uruguaiana (vide figura 30, p. 130). A localização dos antigos portos é marcada atualmente pelo acesso a ponte, em Uruguaiana, e pela Costanera, em Paso de los Libres. A construção de três aduanas na cidade de Uruguaiana, a primeira junto da construção da ponte, uma segunda muito próxima a esta primeira, e a terceira na década de 1970, hoje desativada, marca na memória desta população a forte necessidade de fiscalização, marca o Estado Nacional, e marca como referência no espaço urbano até os dias atuais (vide mapa 07, página 170). A construção da ponte

é outra marca espacial, e é também, uma referência para os cidadãos. É considerada um marco na relação entre as duas cidades, entre os dois países, como símbolo de cooperação. Os comércios criados nos percursos para a outra cidade marcam a memória desta relação.

Em Livramento e Rivera também percebemos as marcas da fronteira no espaço urbano relacionadas na memória do cidadão, que coincidem com o que identificamos como espaços de integração binacional. O povoado de Rivera traçado em continuidade a Livramento é uma marca que está na memória das relações entre as cidades. A linha aparece em todas as histórias de vida, o Largo Internacional é visto como espaço de encontros. O Areial -atual Parque Internacional-, e a Rua Sarandi, presente na memória dos cidadãos das duas cidades, são vistos como símbolo de união espacial e de complementaridade. Os comércios tradicionais, que hora estavam de um lado, e hora do outro, dependendo do câmbio corrente, marcam a união. A fronteira portanto, conforma realidades espaço- temporais que são processuais e relacionais, definidas a partir de uma trama formada pelas territorialidades aí existentes (BENEDETTI; SALIZZI, 2014).

Desta maneira o espaço-tempo está presente na memória desta população, e está presente nos espaços de integração binacional (vide mapa 11, página 234 e 12, página 235). Estas marcas espaciais simbolizam o passado, e também por isso, tornam-se fortes no presente. A memória coletiva desta fronteira opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas por que se relacionam através de índices comuns. Os espaços, ou marcos, ou vias, ou acontecimentos lembrados, normalmente, têm significado coletivo nas cidades (BOSI, 2003). Estes também são considerados aqui, espaços binacionais de integração. Também é em função da memória coletiva aí presente que a fronteira é ambígua, contendo espaços que por vezes se unem e vezes se separam. Um espaço de rivalidades, trocas e cooperações mútuas que constroem o território dos dias atuais.

O espaço- tempo, surge aí como algo que se modifica, em função de legislações, questões políticas de diferentes escalas, do câmbio, e de questões sociais. Tratamos assim, do cotidiano presente, mas também de um cotidiano passado, baseado nos relatos de histórias de vida, definindo práticas que fazem parte desta memória coletiva de conflitos e união desta população fronteiriça.

Então, até onde vai a fronteira, ao tratarmos mais especificamente da fronteira Platina? A fronteira vai além dos territórios nacionais. Na fronteira temos uma área de transição, e nas cidades gêmeas, entendemos que existem espaços integradores, espaços de integração binacional, que não estão necessariamente localizados na linha limite, ou nos pontos de conexão. Os espaços de integração binacional estão presentes também nas áreas centrais. A memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva (BOSI, 2003, p. 71), e estes lugares da memória, indicados pelos cidadãos, estão nas áreas centrais. Além disso, os espaços indicados atualmente como mais utilizados pelos fronteiriços, também estão nas áreas centrais. Estas áreas, carregam, certamente, a característica da binacionalidade. Seja nas presenças, nos encontros, nos comércios que aí funcionam. Nestas áreas temos claramente a co-presença. Espaços comuns, integradores, binacionais. Conforme nos diz Betancour especificamente sobre Livramento e Rivera, mas que consideramos que pode ser aplicado também a Uruguiana e Paso de los Libres:

Este espaço está carregado de sentido, ao mesmo tempo em que serve de contexto e dá significado a vida dos indivíduos que aí habitam. Está marcado pelos itinerários de vai e vem, pelos discursos de rivalidade e cooperação e pela linguagem que os caracteriza (BETANCOUR, 2010).

Ainda, o homem gaúcho é uma marca desta população, que aparece nos dias atuais, também em função da memória. Que é uma das características importantes de união desta fronteira. Traz um sentido de comunidade para a fronteira Platina, que ultrapassa os territórios nacionais.

O significado da memória coletiva para este espaço, portanto, é intenso. O ontem e o hoje se somam, e concluímos que as cidades gêmeas ainda se complementam, ainda necessitam uma da outra, e o contato social, com a globalização, tende a aumentar. Que a memória influencia inclusive no uso do território, na organização do espaço, sendo que o crescimento das áreas comerciais das cidades gêmeas se dão exatamente no percurso estabelecido para o outro lado. Que a memória é importante tanto para a alteridade nacional, quanto para maior união, pois encontramos na memória desta população tanto a memória das rivalidades, que servem para enaltecer a nacionalidade, quanto a memória da

cooperação, e do costume de ir e vir. Que a fronteira vai ser sempre ambígua, vai ser sempre um espaço de dois, dependendo do foco que prevalecer, e do agente que considerarmos.

Conforme nos disse Bosi (2003), a cidade possui espaços, e como chama a autora, alguns focos sugestivos, que amparam nossa identidade, percepção e memória. Em função do observado nas cidades foco do estudo, os espaços da memória ainda hoje são vivenciados, e quando não o são, porque não existem mais, são lembrados como referências urbanas. São eles parques, as praças, espaços de lazer e convívio. Os Clubes, o comércio, serviços e as próprias vias. Confirmamos, portanto, que acontecimentos importantes, marcados na história e na memória coletiva da sociedade influenciam a maneira dessa sociedade de se relacionar com seu espaço, e certamente está ligada aos valores, conhecimentos e opiniões sobre o mesmo. Ainda, sabemos que as imagens espaciais desempenham papéis na memória coletiva, o local recebeu a marca do grupo e vice versa (HALBWACHS, 2006), e isto fica claro, ao tratarmos das cidades gêmeas estudadas. Por isso, trazemos a fronteira vista como um espaço transformado, moldado, feito, em função das práticas cotidianas, e é assim que este funciona. Foucher afirma que:

"A fronteira é uma linha; ela limita o espaço sobre o qual se estende uma soberania nacional", ensinava o geógrafo Jean Gottman, em 1950 e 1951, a seus alunos do Instituto de estudos Políticos. Definição simples e atual na maior parte do mundo, mas contestada por teóricos contemporâneos que insistem nas interações de escala local entre sociedades vizinhas (FOUCHER, 2009, p. 21).

Insistimos aqui em falar das interações locais, defendendo a importância de serem levadas em consideração, como algo que transforma os espaços, e transcende o território nacional. Não estamos afirmando que as barreiras não existem ou que as fronteiras não são importantes, mas sim, que apesar de existirem limites nacionais fortes, sempre lembrados pela população fronteiriça, a convivência é constante e natural. São nestas relações locais que podemos perceber o trans. O transitório. A mescla. "Defendo que o mundo, para ser habitável, precisa de fronteiras, esse terceiro elemento entre as culturas e a humanidade, que nós gostaríamos que fosse invisível e que permanece, no entanto, necessário" (FOUCHER, 2009, p. 27). Assim, ao tratarmos a fronteira como um espaço de transição, e na formação de espaços binacionais de integração, não estamos com

isso, anulando o limite do território nacional. Ele é claro, evidente e sempre lembrado nestes espaços urbanos. Porém, as passagens e travessias são possíveis e em muitos casos, cotidianas. A ambiguidade está, como já tratamos no embasamento teórico, como algo inserido na fronteira, inerente à fronteira (DORFMAN, 2009; PESAVENTO, 2002; MACHADO, 2007). Não se nega a importância da existência da fronteira para a organização espacial do poder, para a organização social dos territórios nacionais, e de que estas áreas, em alguns casos, ainda conotam a militarização. Porém, a outra face da fronteira, que passou a ser evidenciada com o surgimento dos processos de integração, também faz, e sempre fez, parte do seu contexto espacial, e nos dias atuais, torna-se evidente e importante. A interação local, a transformação do espaço urbano das cidades gêmeas como locus da formação de espaços de integração binacional, de constante interação. Temos portanto, a fronteira como um espaço mediador. O cotidiano fronteiriço da fronteira Platina transforma esta, em um espaço único.

Esta constatação das áreas de fronteira como espaços mediadores, transformando os espaços urbanos locais em espaços de integração binacional, refletem em novos desafios para o Urbanismo, para o Planejamento Urbano. Ou melhor, desafios que já deveriam ter sido tratados, nas suas especificidades.

Da memória e do cotidiano relatados, verificamos quais os espaços que integram. Identificamos os espaços binacionais de integração, onde a territorialidade acontece e fica materializada, derivada de uma continuidade, ou não. Verificamos que as áreas podem estar em outros pontos das cidades gêmeas, normalmente onde temos um forte comércio ou áreas públicas de lazer, e não somente nos pontos contíguos. Portanto, nas cidades gêmeas não encontramos apenas a complementaridade, mas quais os espaços são complementares, espaços urbanos que se interseccionam em função dos usos das populações das duas cidades. Este lugar manipulado torna-se o espaço. Portanto, acreditamos que: “Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1994, p.184).

Se o espaço é um lugar praticado, as cidades gêmeas são exemplos deste espaço quando temos as transformações deste lugar conforme as necessidades dos cidadãos, suas táticas, e as estratégias do poder, para o aproveitamento e controle

da fronteira. O espaço urbano de fronteira é transformado em função dos seus usos, tendo assim dinamicidade nas funções, e no entendimento sobre a mesma.

Chamamos espaço, porque o uso da ponte e da aduana em Paso de los Libres e Uruguiana é utilizado juntamente com táticas fronteiriças: conhecer o fiscal para passar as compras do supermercado, ou a máquina comprada na outra cidade. Passar para o outro lado nos horários mais calmos para não ter congestionamento, ou nos horários de maior movimento, para tentar burlar a fiscalização. Modificar os horários dos afazeres para poder utilizar o comércio da cidade do outro. Manipular e entender o espaço do outro, também como seu, como próprio, em função desta proximidade. Utilizar o vizinho como um atrativo para os visitantes. O lugar projetado para fiscalizar, para proteger, que seria a aduana, e as cidades pensadas em separado, na verdade são utilizadas pelo brasileiro e pelo argentino aproveitando-se dos benefícios de se estar na fronteira.

Em Santana do Livramento e Rivera acontece o mesmo. A transformação deste lugar em espaço. Acontece quando o planejamento das áreas verdes da cidade de Rivera é construído pensando nos habitantes de uma cidade, e percebe-se a necessidade de ser repensado, pois na realidade é utilizado frequentemente, também pelos habitantes da outra cidade (também pelos turistas). Este lugar se transforma em espaço quando os dois traçados se unem, tornam-se contínuos, e os cidadãos passam de um lado para o outro, sem necessariamente fazer relação com os diferentes países aí inseridos. Porque até mesmo a nacionalidade nestes espaços é confusa. Transforma-se em espaço quando vai se moldando e modificando em função das práticas diárias, que fazem as duas cidades, nos dois diferentes países, parecer uma só. Quando a rua principal de uma, torna-se a rua principal das duas (vide mapa 08, página 171), quando abriga as mesmas famílias, um idioma próprio, e funciona a partir destas transformações.

Nestes pares de cidades gêmeas os equipamentos locais, as áreas comerciais e os serviços têm nas suas localizações a relação com o outro. Os percursos tornam-se áreas mais dinâmicas (vide mapas 07 e 08, páginas 170 e 171) Os cidadãos vivenciam as características de binacionalidade nas vias, nos veículos com placas do outro país, nos idiomas -espanhol e português- misturados, nas áreas transformadas em função da fronteira que tornam-se referências nestas cidades. A frase "somos fronteiriços" é afirmação verificada nos dois pares de cidades, o que

nos faz entender que existe uma maneira própria de viver e conviver nestes espaços.

Existe a necessidade de transformação do que chamamos de espaços binacionais de integração. Estes já são transformados pelas vivências mas devem ser tratados como tal. As legislações são diferentes nos respectivos países, mas deveriam ter legislações locais comuns, específicas. Novas maneiras de pensar sobre estes espaços, enfatizando uma maior integração legal, não diminuiriam o sentido da fronteira, pois este fato não é somente material. É imaterial, é simbólico, associado a territorialidade.

Quanto aos controles fronteiriços, entendemos que estes também fazem parte do estar na fronteira. Atualmente, em algumas fronteiras, estes controles têm aumentado. Em outras, como na União Europeia, os controles afrouxam. Dorfman (2009) fala na patrimonialização das áreas aduaneiras europeias, as quais estão virando museus. Com isso, verificando que mesmo não existindo mais, ou não sendo mais tão importante neste cruze, os controles ainda são lembrados. A cultura do contrabando é, nesta área, parte da memória pois o Mercado Comum Europeu funciona implantando a real passagem sem controles de mercadorias. Esta liberdade de fluxos ainda não vemos no caso do MERCOSUL, pelo menos no que investigamos, no espaço local. Neste sentido, tratando das fronteiras Sul do Brasil, de modo geral:

Com o intuito de controlar os limites territoriais e implementar as barreiras comerciais, o estado fortalece seus aparelhos de fiscalização e repressão (Receita e Polícia Federal), cria políticas públicas para fornecer uma rede de proteção e auxiliar na inserção dos fronteiriços à sociedade nacional e ao seu mercado de trabalho legal, alimenta campanhas midiáticas de criminalização das práticas populares na fronteira etc. Em casos particulares, pequenas mudanças como a chegada de novos funcionários, questões conjunturais que implicam em mudanças em regimentos tarifários ou sanitários são sentidas como restrições que podem levar ao acirramento do controle e do conflito (CARDIN, DORFMAN, 2013, p. 34).

Este aumento no controle fronteiriço está acontecendo atualmente, percebido na pesquisa em Uruguiana e Paso de los Libres. O Estado Nacional quer se fazer presente. Vivemos portanto em outro momento. Momento em que enquanto algumas fronteiras se tornam mais permissíveis, outras têm uma fiscalização mais rígida, e outras ainda constroem mais barreiras. Para os habitantes, já faz parte de um cotidiano. Porém, o que nos interessa, é que no local, as barreiras são

ultrapassadas pelos cidadãos, pois já estão habituados com elas. Utilizam-se das táticas cotidianas da fronteira.

Mesmo que as fronteiras se tornem menos rígidas, considerando as questões integracionistas atuais, a identidade, a memória, as práticas fronteiriças e a cultura estarão enraizadas nesses espaços. Assim como existe a mescla, existe a alteridade. O espaço urbano se estrutura a partir do vai e vem. Equipamentos e serviços são utilizados dos dois lados da fronteira. Tanto a fronteira barreira, como a fronteira integração, interferem no cotidiano fronteiriço, e nos espaços urbanos, formando, portanto, áreas de transição, e espaços de integração binacional. Os países, enfatizando uma visão local, se interceptam, mesmo aqueles com barreiras mais rígidas.

A fronteira Platina, é um espaço que funciona unido, com um cotidiano que pode ser compatível na faixa transitória entre os países. As cidades gêmeas estudadas confirmam os fortes laços cotidianos aí existentes, em função de fatores passados, presentes e das novas possibilidades que vão se apresentando. As cidades gêmeas são a transição, e possuem espaços de integração binacional calcados na territorialidade, na co-presença, no espaço-tempo. Os fronteiriços sabem vivenciar o contraditório, cotidianamente. A linha do limite pode até ser rígida, mas as vivências, o cotidiano, a memória coletiva, as territorialidades, fazem com que tenhamos um outro limite. Este é simbólico e maleável, dependendo das vantagens ou desvantagens do momento. Importante destacar que não estamos utilizando limites e fronteiras como sinônimos. Quando tratamos do limite, estamos falando especificamente da linha imaginária que se constrói nestas cidades. "As diferenças são essenciais. A fronteira está orientada "para fora" (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados "para dentro" (forças centrípetas)" (MACHADO, 1998, p. 42).

Em Santana do Livramento e Rivera, verificamos ainda que o vocabulário é próprio, e os espaços urbanos se unem, sem barreiras, mas com alguns marcos de demarcação (vide mapa 08, página 171). A fronteira barreira, em Livramento e Rivera é difícil de se traduzir. A fronteira integração fica clara. Entre Uruguiana e Paso de los Libres as travessias para o outro lado têm sido fiscalizadas. Alguns cidadãos falaram da *Tarjeta Fronteiriça*, um tipo de Carteira de Identidade do cidadão da fronteira para uma passagem sem maiores empecilhos. Em função deste

fato, como muitos cidadãos ainda estão se adaptando com a nova regra, muitos tem que fazer a migração para passar para o outro lado. Depois da aduana argentina e brasileira, o cidadão ainda têm passado por uma revista, por Policiais Federais e do Exército Brasileiro, no lado do Brasil. Esta é mais uma estratégia do poder para controlar a fronteira, mas que o cidadão já tem condicionado como normal e corriqueiro.

Esta tese contribui na medida em que ressalta a memória e o cotidiano como importantes para o entendimento deste território e sua espacialidade. Na medida em que trata as cidades gêmeas como espaços de transição, e principalmente quando define quais são os espaços de integração, os quais chamamos espaços de integração binacional, presentes nas cidades gêmeas. A tese afirma que os espaços de integração binacional são os espaços integradores, onde as vivências com o outro acontecem com mais frequência, transformando os espaços urbanos. Que o espaço de integração binacional nem sempre localiza-se na contiguidade espacial entre as cidades. Está no comércio, nas vias comerciais, nas praças e parques, nos serviços, e que por fim, que o espaço urbano das cidades gêmeas é claramente influenciado, constantemente transformado e moldado pelas manifestações da fronteira.

A seguir, trazemos os mapas conclusivos. Neles, demonstramos os espaços de integração binacional que emergiram da pesquisa, em ambos os pares de cidades gêmeas. A presença e identificação destas áreas que chamamos de espaços de integração binacional nas cidades gêmeas pode ser um caminho para um novo olhar sobre estes espaços. Um novo olhar que tire partido da complexidade das cidades gêmeas, e das trocas que aí acontecem. A pesquisa sobre as cidades gêmeas da Fronteira Platina, salientando o espaço urbano das mesmas não se esgota. A partir da consideração dos espaços integradores, podemos vir a ter outras questões e novos olhares sobre estes espaços urbanos complexos (vide mapas 11, página 233, e 12 página 234).



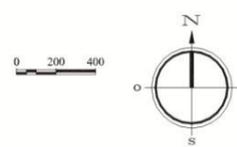
Mapa 11
Identificação dos Espaços de Integração Binacional - Uruguiana e Paso de los Libres

Legenda 01

- Área central de passagem e interferência direta
- Praça
- Área de aduana
- Estação Rodoviária
- Aduana argentina
- Primeira aduana brasileira (desativada)
- Segunda aduana brasileira (desativada)
- Costanera- Paso de los Libres

Legenda 02 (vias)

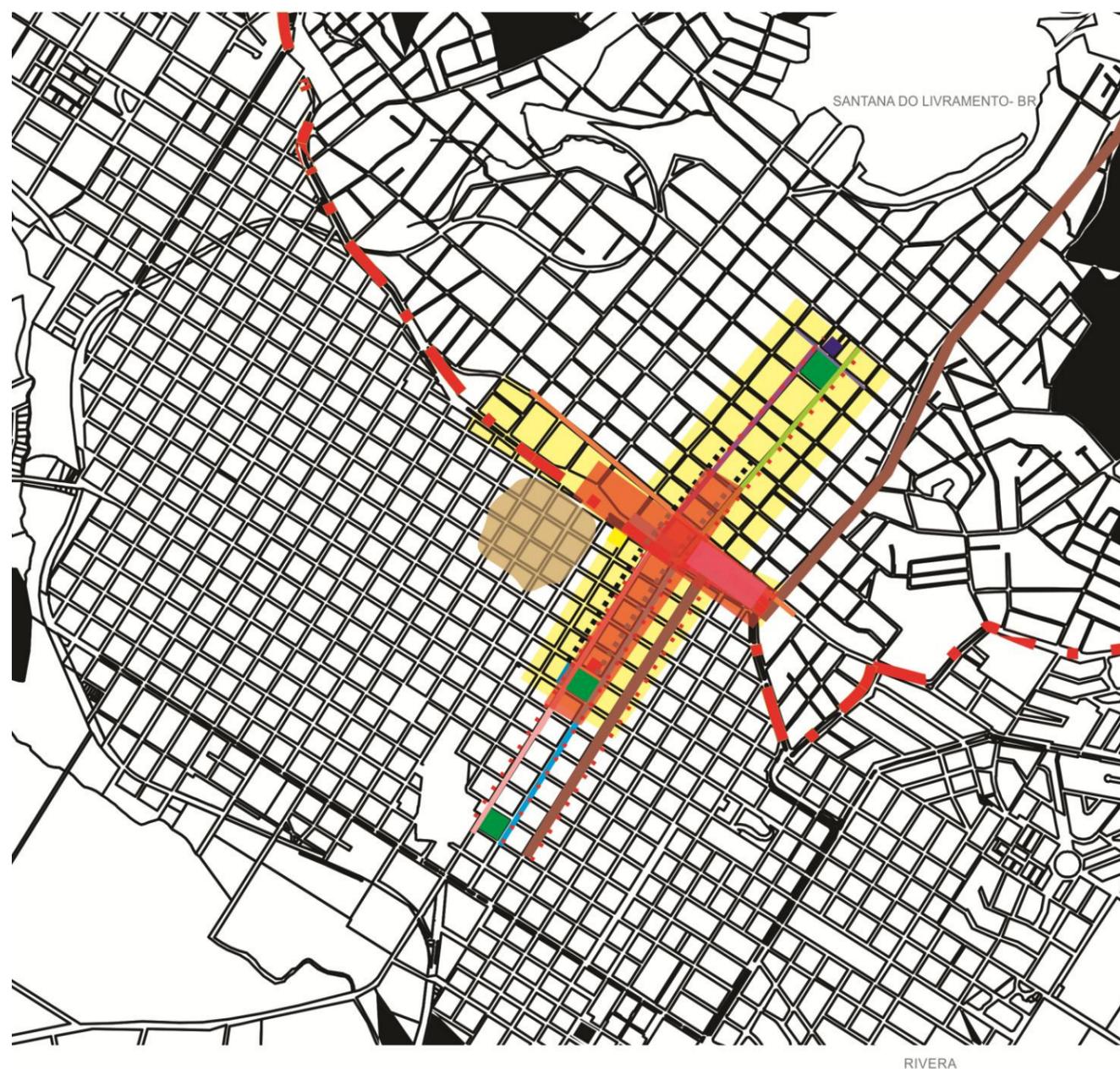
- Praça
- Rua Collón- Paso de los Libres
- Av. San Martino- Paso de los Libres
- General Madariaga - Paso de los Libres
- Coronel Lopez- Paso de los Libres
- Rua Flores da Cunha- Uruguiana
- Av. Presidente Vargas- Uruguiana
- Rua Santana- Uruguiana
- Rua General Flores da Cunha- Uruguiana
- Via perimetral de acessos- Uruguiana
- Av. XV. de Novembro- Uruguiana
- Av. Duque de Caxias (antiga Rua do Comércio)- Uruguiana



Mapa 11
Identificação dos Espaços de Integração Binacional - Uruguiana e Paso de los Libres

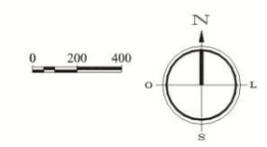
Legenda 11

- Espaço de integração binacional
- Percursos indicados pelos relatos



Mapa 12
Identificação dos Espaços de Integração Binacional - Santana do Livramento e Rivera

- Legenda 01**
- Área central de passagem e interferência direta
 - Praças
 - Parque internacional
 - Praça João Pessoa-‘Praça dos Cachorros’
 - Intendência- Rivera
 - Cassino Rivera
 - Igreja Matriz- Rivera
 - Igreja Matriz- Santana
 - Clube Campestre
 - Lago Batuva
- Legenda 02 (vias)**
- Praça
 - Rua Agraciada- Rivera
 - Rua Sarandi- Rivera
 - Rua Ituzaiçó- Rivera
 - ‘Linha divisória’
 - Rua dos Andradas- Santana do Livramento
 - Rua Rivadávia Corrês- Santana do Livramento
 - Rua João Goulart- Santana do Livramento



Mapa 12
Identificação dos Espaços de Integração Binacional - Santana do Livramento e Rivera

- Legenda 12**
- Espaço de Integração Binacional
 - Cerro del Marco
 - Área comercial muito citada
 - Limite Brasil-Uruguaí
 - Percursos indicados nos relatos

8.2- Uma visão geral a partir da tese

Entendemos as fronteiras como espaços relativizados: para uns se tornam invisíveis, para outros, se mantêm, mudam de lugar, ou se reforçam. A maior mudança conceitual das últimas décadas nos estudos sobre as fronteiras pode ter sido o reconhecimento destas como instituições políticas complexas, que (des)conectam não somente em termos administrativos, mas também culturais, econômicos, funcionais, simbólicos e emocionais. A fronteira internacional não é mais entendida como uma mera linha fixa sobre o mapa, mas passou a ser entendida como um processo, como uma realidade construída socialmente, em permanente movimento (TAPIA, 2014).

Com a tese, entendemos ainda que o território da fronteira é maleável, de acordo com as necessidades do cidadão. Que a partir das práticas cotidianas, o cidadão fronteiriço utiliza-se deste espaço conforme lhe convém. Que as cidades gêmeas são espaços de transição, devendo ser considerados especiais com relação as suas normas, leis, pois as vivências, o cotidiano, a memória, a territorialidade presentes assim justificam este tratamento. A tese afirma ainda que a transição gera espaços de integração binacional, e que estes não necessariamente estão nas áreas de continuidade das duas cidades. Estes espaços são cotidianamente transformados de acordo com o câmbio, com os encontros, com os equipamentos que funcionam em função do outro, e muitos, são planejados a partir desta relação (como as praças e áreas de lazer de Rivera). Temos aí, o local onde a integração acontece em se tratando de cidades gêmeas.

A fronteira segue fazendo parte da pretensão moderna de uma contraditória homogeneidade cultural, de memórias e amnésias coletivas, de voluntarismos e obsessões de um dentro protegido que reforça um sentimento de pertencimento, contra o fora. Essas fronteiras têm se mostrado porosas por novos desafios de circulação e interação das pessoas e suas culturas (BRENNAN, 2011).

Portanto, consideramos que as vivências na fronteira podem nos dar respostas mais universais. Podemos tratar das nações, da nacionalidade. Dos limites entre os territórios nacionais. De como viver e conviver em áreas onde a ambiguidade prevalece com um cotidiano de barreiras e integração, e de como

alguns espaços urbanos nas cidades gêmeas podem ser conjuntos, binacionais, integradores, como o são.

Tratando da nacionalidade, Marzulo e Marx (2013) propõem a discussão de diferentes perspectivas de diversos autores sobre o tema. Alguns concebem que a nacionalidade é constitutiva do Estado Moderno, e não o contrário. Com isso, o Estado moderno não seria uma organização política fundada territorial e demograficamente, cujos membros assumiriam sua identidade social a partir destes, mas sim fruto de nacionalidades anteriores, onde questões identitárias e culturais, como a língua, poderiam fazer parte da consolidação dos Estados Nacionais. Essa visão identifica a nacionalidade como resultado do pertencimento ao próprio Estado Nação. Nesta perspectiva, o desenvolvimento do sentimento de pertencimento é resultado da necessidade do Estado Moderno legitimar-se nas populações e construir assim um sentimento que una as mesmas (MARZULO; MARX, 2013). Nas fronteiras, em função do contato, percebemos a alteridade forte da população. Porém esta alteridade na cidade gêmea fica multiplicada. Vemos o "sou brasileiro", o "sou argentino", mas também o "sou fronteiriço", e ainda aquele que não definiu, não decidiu se é brasileiro ou uruguaio, é simplesmente brasiguai. Percebemos com isso, a transição. O que faz com que se tenha os espaços de integração binacional.

Ainda, existem novos atores na globalização que diminuem a importância dos Estados Nacionais, surgindo daí as cidades globais. As fronteiras são tidas como um obstáculo para um mundo veloz e cada vez mais conectado (MARZULO; MARX, 2013). Acreditamos que as cidades globais existem, são importantes no mundo globalizado atual, mas não necessariamente diminuem a importância do Estado Nacional, assim como isto não acontece nas fronteiras. Neste sentido, assim como algumas ficam mais frágeis, outras tornam-se mais rígidas. Na fronteira, não existe a diminuição da importância do estado nação em função da interação, existe um saber viver nesta complexidade, na ambiguidade fronteiriça.

As fronteiras representam e são de fato as margens do território de controle "inquestionável" do estado, são ao mesmo tempo lugares onde a natureza pode ser imaginada como selvagem e incontrolada, e onde o estado é constantemente refundado em suas formas de ordenar e fazer leis (DORFMAN; CARDIN, 2013).

Na fronteira, mesmo com o território nacional sendo cotidianamente enaltecido, e lembrado, os espaços urbanos permitem o contato. O fronteiriço encontra seus meios de ultrapassar, se legalmente não for permitido. Acreditamos

portanto, que o território nacional não fica enfraquecido na fronteira, e é inclusive, constantemente lembrado. Se estabelece aí um *módus vivendi* (LEENHARDT, 2002) que se consolida no espaço fronteiriço, em função do uso das duas cidades para diferentes funções.

A ambiguidade entre a barreira e integração se estabelece ao vivenciar a fronteira. Até mesmo aquele que não gosta do povo vizinho, usufrui das vantagens da fronteira, e vai ao outro lado quando necessário. Os comerciantes se utilizam da fronteira, ganham quando o cambio está melhor no seu país, mas reclamam da concorrência desleal quando o câmbio está contrário. Na estrutura do espaço urbano, verificamos que o cidadão sempre cita o limite, mas ultrapassa com naturalidade, e que pode até ultrapassar mesmo com dificuldade. As cidades se dizem autossuficientes, mas a análise do espaço urbano demonstra que os percursos para o outro lado são as áreas muito vivas das cidades, onde acontece o encontro, a troca. O fronteiriço sabe viver cotidianamente nesta ambiguidade entre as rixas, e a cooperação mútua: "*los correntinos*", no sentido pejorativo, ou "*los hermanos*", enfatizando a amizade.

Os próprios espaços de integração binacional, que emergem nas cidades gêmeas e foram definidos a partir das observações da tese, são o símbolo de que os espaços urbanos e as atividades nele desenvolvidas são de suma importância para as cidades na condição fronteiriça. O global e o local misturam-se, assim como as diferentes escalas de legislações, normas, memória, o cotidiano a partir da memória, e o cotidiano de práticas atuais, a partir dos novos olhares sobre a fronteira. "Não é correto pensar a fronteira como barreiras que provocam um contraste total entre o que temos de um lado e do outro; da mesma forma que o outro extremo também está equivocado" (BENEDETTI; SALIZZI, 2014, p. 132, tradução nossa). Nas fronteiras temos a mescla. A constante ambiguidade.

A pesquisa, com suas conclusões reforça a fronteira platina como região dinâmica, com uma cultura rica em mesclas. Identifica na dinâmica da fronteira a constituição de um espaço. Conclui que as fronteiras são verdadeiras áreas de transição, e nos espaços urbanos, nas cidades gêmeas, formam-se áreas as quais chamamos espaços de integração binacional, onde a integração torna-se visível, materializada nos usos, na localização de equipamentos, nos corredores de centralidade dados pelos Planos Diretores (estratégias urbanas), na territorialidade,

e nem sempre estão em áreas contíguas entre os dois países. Gera novos debates, novas visões sobre a importância de uma maior atenção a estes espaços urbanos, tirando daí, ensinamentos para vivências no mundo globalizado.

Acreditamos que a pesquisa nos permite sugerir que estes espaços de integração binacional que vezes estão postos na contiguidade entre as duas cidades, e vezes encontram-se mais pulverizados no espaço urbano, mas sempre evidenciados, acontecem mesmo naquelas fronteiras de barreiras mais rígidas, em função da instabilidade destas barreiras, do que chamamos de espaço-tempo (MURATORI, 2007), e da memória que permanece nestes espaços. "Por sua vez, a fronteira de cada território se reproduz, em grande medida, como ação de um, ou reação frente ao outro, como espelho ou reflexo da fronteira vizinha" (BENEDETTI; SALIZZI, 2014, p. 133, tradução nossa). As relações entre os vizinhos moldam os espaços urbanos das cidades gêmeas.

Permite sugerir ainda que a ideia de fazer as fiscalizações necessárias fora dos espaços urbanos (uma ideia que surge nas comissões de fronteira em Uruguaiana, e que foram a nós relatadas), deixando as passagens entre as cidades gêmeas sem nenhum controle, criaremos aí enclaves, sendo que as barreiras passariam para as periferias das cidades que dão acesso as vias para outras cidades do país. Assim, acreditamos que as práticas cotidianas que se dão nestes espaços são exemplos a serem observados, as adaptações do fronteiriço no espaço.

Por isso, o desenvolvimento contínuo do debate da fronteira e seu espaço urbano é fundamental para um maior entendimento das dinâmicas modernas. Consideramos esta pesquisa encerrada para este momento, mas a mesma não se esgota. Os espaços urbanos locais, as cidades gêmeas, ainda devem ser incansavelmente estudados, fazendo com que encontremos mais respostas do local, e destas, mais respostas sobre a fronteira de maneira geral, sobre a contradição, sobre a ambiguidade, sobre a integração, sobre as vivências nestes espaços urbanos complexos, sobre os espaços integradores identificados nas cidades-gêmeas estudadas e muito certamente presentes nas tantas cidades gêmeas de fronteira: os espaços de integração binacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Rosane Azevedo de. **A cidade sou eu**. Rio de Janeiro: Novamente, 2011.
- ARAÚJO, Frederico G. Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul: 1858**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- BARROS COELHO, Karla Nunes de. **Influências Urbanas nas Cidades de Fronteira: o caso de Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR)**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)- PROPUR/ UFRGS, 2008.
- BECKER, B; COSTA, Rogério; SILVEIRA, Carmem (orgs.). **Abordagens políticas a espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.
- BECKER, Howard S.. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- BENTANCOR, Gladys Teresa. AS FRONTEIRAS NUM CONTEXTO DE MUDANÇAS: A VIDA COTIDIANA DAS CIDADES-GÊMEAS RIVERA (URUGUAI) E SANTANA DO LIVRAMENTO (BRASIL). **Ateliê Geográfico**, Goiania- Go, v. 2, n. 3, p.18-42, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- BENTANCOR, Gladys Teresa. Una frontera singular. La vida cotidiana en ciudades gemelas: Rivera (Uruguay) y Sant'Ana do Livramento (Brasil)/n: NUÑES, A.; PADOIN. M.M; OLIVEIRA, T.C. (orgs.). **Dilemas e Diálogos da Fronteira**. Dourados, MS : Ed.UFGD, 2010.
- BENEDETTI, A.; SALIZZI, E.. Fronteras en la construcción del territorio argentino. *In.*: **Cuadernos de Geografía | Revista Colombiana de Geografía** | Vol. 23, n.º 2, jul.-dic. de 2014 | ISSN 0121-215X (impreso) · 2256-5442 (en línea) | BOGOTÁ, COLOMBIA | PP. 121-138.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOISIER, Sergio. **Post-scriptum sobre desarrollo regional: Modelos reales y modelos mentales**. EURE (Santiago), Santiago, v. 24, n. 72, sept. 1998 . Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S025071611998007200003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 12 jul. 2011. doi: 10.4067/S0250-71611998007200003.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

BRASIL; URUGUAI. **Plan de desarrollo urbano conjunto Rivera/ Santana do Livramento. Plano de desenvolvimento urbano conjunto Rivera/ Santana do Livramento.** Porto Alegre: Metroplan, 1998.

BRAGA, Andrea Costa. **A Espacialização de Trocas Multiculturais em Conurbações Internacionais da Fronteira Brasil- Uruguai.** 2013. 567 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional- Propur, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propur/index.php?pagina=teses_interna&ano=2013>. Acesso em: 04 abr. 2014.

BRENNAN, B., Jorge E.. La mitología fronteriza: Turner y la modernidad. **Estud. front**, Mexicali , v. 12, n. 24, dic. 2011 . Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-69612011000200001&lng=es&nrm=iso>. accedido en 17 jul. 2014. CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2006.

CATAIA, M. A. **A relevância das fronteiras no período atual: unificação técnica e compartimentação política dos territórios.** Scripta Nova (Barcelona), v. XI, p. 21, 2007.

CARDIN, E.G.; DORFMAN, A. **Estratégias espaciais do ativismo em condição fronteiriça no Cone Sul.** In.: CUADERNOS DE GEOGRAFÍA | REVISTA COLOMBIANA DE GEOGRAFÍA | Vol. 23, n.º 2, jul.-dic. de 2014 | ISSN 0121-215X (impreso) - 2256-5442 (en línea) | BOGOTÁ, COLOMBIA | **PP. 31-44**

CASTELLO, Iara Regina. Áreas de fronteira: Território de integração, espaços culturalmente identificados? In: CASTELLO, Iara Regina (org.) et al. **Práticas de Integração nas fronteiras. Temas para o Mercosul.** Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995. Pág.:15.

CASTRO, Luis Domínguez et al (Org.). **Chaves-Verín: A Eurocidade da Auga.** Vigo: Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, 2008. 142 p.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e fronteira.** Campo Grande: UCDB, 1999.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. **El estado y sus márgenes: Etnografías comparadas.** Traduzido por Maria Daels, Julia Piñero. Cuad. antropol. soc. [online]. 2008, n.27, pp.19-52. INSS 1850-275x.

DORFMAN, A. 2008. **A condição fronteiriça: a experiência local de um objeto geográfico nacional.** In: *XV Encontro Nacional de Geógrafos, São Paulo. Anais do XV ENG.* SP: AGB. Fonte: Grupo Retis/UFRJ.

DORFMAN, Adriana. **Contrabandistas na Fronteira gaúcha: Escalas Geográficas e Representações Textuais.** 2009. 375 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa

de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ufsc, Florianópolis, 2009.

DORFMAN, A e ROSÉS, G. T. B. (2005): Regionalismo fronteiriço e o “acordo para os nacionais fronteiriços brasileiros uruguaios”. In: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: UFMS. 195-228.

DORFMAN, Adriana. A Cultura do Contrabando e as Fronteiras como Lugar de Memória. **Estudios Historicos – CDHRP**, Montevideo- Uy, n. 01, mar. 2009. Disponível em: <http://www.estudioshistoricos.org/edicion_1/adriana-dorfman.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2012.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça: a experiência local de um objeto geográfico nacional. XV ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA – SÃO PAULO, 2008.

FARRET, Ricardo. Especificidades das áreas urbanas de fronteiras. In.: CASTELLO, Lara Regina (org.). In. **Fronteiras na América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/ Fundação de Economia e Estatística, 1997.

FERRARI, Celson. Dicionário de Urbanismo. São Paulo: Disal, 2004.

FILHO, C. P. C; RÜCKERT, A. A. **Transfronteirização e gestão do território no arco sul da fronteira do Brasil**. In.: REVISTA GEONORTE, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1298-1314, 2013. (ISSN – 2237-1419)

FOUCHER , Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo : Radical Livros, 2009.

GOLIN, Tau. **A Fronteira. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: Ed. L&PM , 2002. P 52.

GRIMSON, Alejandro. **La nación en sus límites. Contrabandistas y exilados en la frontera Argentina- Brasil**. Barcelona: Ed. Gedisa, 2003.

GUAZZELLI, César A. Barcellos. **O Horizonte da província: A República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835- 1845)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em História Social. Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ, 1997.

HAESBAERTH, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWHACS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2002.

INTENDÊNCIA DE RIVERA. **Plan Director de Desarrollo y Ordenamiento Territorial de la Microrregión de Rivera**. Rivera, Uruguay, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

JORGE E; BRENNAN B. **La mitología fronteriza: Turner y la modernidade**. Estudios Fronterizos, nueva época, vol. 12, núm. 24, julio-diciembre de 2011.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. *In.*: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Brasil- Uruguai- Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEFEBVRE, Henri. [1970] **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

LIMA, Jandir Ferrera de; EBERHARDT, Paulo Henrique de Cezaro. **Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul: perfil locacional do desenvolvimento regional**. Redes, Santa Cruz, v. 15, n. 2, p.134-151, maio/ ago, 2010. Trimestral.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MACHADO, Lia Osório; HAESBAERT, Rogério. O Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: uma proposta conceitual metodológica. *In.*: OLIVEIRA, Tito Carlos machado de. **Território sem limites. Estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora UFMS, 2005. P. 95

MACHADO, Lia Osorio. **Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia**. *In.*: II Conferência Internacional de Desenvolvimento Urbano em Cidades de Fronteira. Foz do Iguaçu: UFRJ, 2007. Disponível em: <<http://igeo-server.igeo.ufrj.br/retis/index.php/pesquisa/limites-e-fronteiras-internacionais-na-america-do-sul/cidades-na-fronteira-internacional-2/>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras, Redes. *In.*: STROHAECKER; DAMIANI; SCHAFFER; BAUTH; DUTRA (orgs.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB, 1998, p. 41-49.

MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Brasil- Uruguai- Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MARTINS, Roberto Duarte. A construção no espaço sul do Brasil de fronteira ao Mercosul: O caso de Jaguarão. *In.*: **Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociais**. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 69 (54), 2000.

MARZULO, Eber Pires. **Cotidiano & espaço**. Porto Alegre : UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1997. 15p

MARZULO, Eber Pires; MARX, Vanessa. Poder local y crisis global. *In.*: **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**. Barcelona [ISSN: 1133- 6595] Nº 104, 2013.

MAZZEI, Enrique. Rivera (Uruguai)- Sant'Ana (Brasil): Identidad, território e integración fronteriza. *In.*: **Revista de Ciências Sociais, Montevideo**, (19) 16-49, abr. 2001.

MÜLLER, Karla Maria. Práticas comunicacionais em espaços de fronteira: os casos do Brasil- Argentina e Brasil- Uruguai. *In.* MARTINS, Martis Helena (org.). **Fronteiras Culturais. Brasil- Uruguai- Argentina**: Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. P. 229.

MÜLLER, Karla Maria. **Espaços Conurbados de Fronteiras Nacionais**. Intexto, Porto Alegre, v. 2, n. 13, p.01-16, dez. 2005. Semestral. Disponível em: <seer.ufrgs.br/intexto/article/download/4209/4467>. Acesso em: 02 abr. 2012.

MÜLLER, Karla Maria. **Cenários para pensar a comunicação fronteiriça: Uruguiana- Libres e Livramento- Rivera**. Artigo apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande/ MS, setembro, 2001.

MURATORI, Ana Maria. Fronteras: Conceptos y Caracterización Espacio Temporal. *In.* LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo (org.). **Fronteras Europeasy Latino Americanas: De la geohistória y lós conflictos a lós procesos de cooperación e integración**. León: Universidad de León, 2007.

MURATORI, Ana Maria. Fronteras y naturaleza en America Latina. *In.* LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo (org.). **Fronteras Europeasy Latino Americanas: De la geohistória y lós conflictos a lós procesos de cooperación e integración**. León: Universidad de León, 2007.

NAVARRETE, Margarita. **Región Fronteriza Uruguayo-Brasilera. .:** Laborator Social para la Integración Regional: Cooperación e Integración Transfronteriza. 2006. 72 f. Monografia (Especialização) - Curso de Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de La República, Montevideo, 2006. Disponível em: <www10.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2007/00095.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2014.

OLIVEIRA, Naia *et al.* **Aglomerados urbanos da fronteira oeste do RS na perspectiva da integração latino- americana. Impactos sociais e territoriais da reestruturação econômica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria da Coordenação e Planejamento e FEE, 2000, fev., p. 13.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos**. *In.* OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). Território sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005. 113-130.

OTAZÚ, Maria Inês, FERNANDEZ, Cristian. **Propuesta de Reordenamiento Urbano de Paso de los Libres**. Acuerdo UNNE - Municipalidad de Paso de los Libres. Corrientes. 2003

PADRÓS, Enrique Serra. **Fronteiras e integração Fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual**. Humanas, Porto Alegre, 17 (1/2)63-85, jan./ dez., 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. *In.*: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais. Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Uruguaiana**. Porto Alegre: Ed. Livraria Continente, 1942.

PREFEITURA MUNICIPAL DE URUGUAIANA. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Rural e Ambiental de Uruguaiana**. Uruguaiana: Câmara de Vereadores, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO LIVRAMENTO. **Plano Diretor Participativo de Santana do Livramento**. Santana do Livramento: Câmara de Vereadores, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. *In.*: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: UFMS, 2005. 113-130.

RATZEL. Geografia do Homem (Antropogeografia). *In.*: MORAES, Antonio Carlos Robert (org.). **Ratzel. Geografia**. São Paulo: Ática, 1990.

RÜCKERT, Aldomar. Usos do Território e Políticas Territoriais Contemporâneas: alguns cenários no Brasil, União Européia e Mercosul. *In.*: FIRFOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas (org.) et al.: **Transformações Territoriais: Experiências e Desafios**. Curitiba: Ed. Letra capital, 2010.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge : Cambridge University, 1986.

SANTOS, Milton. O Território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos Do IPPUR**. Rio De Janeiro, v. , n. 2, p.15-26, 1999. Semestral.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da USP, 2002.

SANTOS, M. **O lugar e o cotidiano**. *In.*:_____. A natureza do espaço, São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adelia A.; SILVEIRA, Maria Laura (orgs). **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

SCHÄFER, Neiva Otero. **Urbanização na Fronteira. Expansão de Santana do Livramento, RS**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1993. P.:11

SOUZA, Suzana Bleiel de. Os caminhos e os homens do contrabando. *In.*: **Práticas de Integração nas Fronteiras: Temas para o Mercosul**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1995.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In.*CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa;

CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasli, 1995.

STEIMAN, R.; MACHADO, L.O. 2002. **Limites e Fronteiras Internacionais: uma discussão histórico-geográfica. Terra Limitanea: Atlas da Fronteira Continental do Brasil**. Rio de Janeiro: Grupo RETIS / CNPq / UFRJ. [ISBN: 85-903727-1-5]
Fonte: Grupo Retis/UFRJ. Disponível em <http://www.retis.igeo.ufrj.br/index.php/producao/artigos/limites-e-fronteiras-internacionais-uma-discussao-historico-geografica/#ixzz2gzqez9lj>

SOARES, Teixeira. **História da formação das fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. Pág.19

SCHEIDT, Eduardo. A construção de fronteiras na Região Platina pela historiografia do século XIX e princípios do século XX. In: **XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1 - 11. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307016353_ARQUIVO_Scheid.textoRevistoANPUH11.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2012.

SILVA, Ricardo Maques; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. O MÉRITO DAS CIDADES-GÊMEAS NOS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS. **Revista Oidles: Observatorio Iberoamericano del Desarrollo Local y la Economía Social, Málaga-ES**, v. 2, n. 5, 01 dez. 2008. Trimestral. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/oidles/05/msmo.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

TAPIA LADINO, Marcela. Fronteras, regiones fronterizas y migración. Entre apertura, integración y cierre. In: TAPIA LADINO, Marcela; GONZÁLEZ GIL, Adriana (orgs.). **Regiones fronterizas, migración y los desafíos para los Estados Nacionales Latinoamericanos. Santiago de Chile**: RIL editores, 2014.

ZIENTARA, Benedikt. In: **Enciclopédia Einaudi**. V19. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

Referências em sites

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPORTADORES INTERNACIONAIS:
<http://www.abti.org.br>. Acessado em 10/2013

ARGENTINA. INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA Y CENSOS:
<http://www.indec.mecon.ar>. Acesso em dez/ 2011.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA:
<http://www.cidades.ibge.gov.br>

BRASIL. MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL:
http://www.mi.gov.br/programas/programasregionais/faixa/cidades_gemeas.asp

CENTRO DE ESTUDOS DE LITERATURA E PSICANÁLISE CYRO MARTINS:
http://www.celpcyro.org.br/v4/html/RS_estadoFronteira.htm

GRUPO RETTIS/ UFRJ: http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/programafronteira/tiki-index.php?page_id=136

RHODEN, Luis Fernando. A Fronteira Sulina do Brasil na Primeira Metade do século XIX e seus Traçados Urbanos. *In.*: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1440/938>. Visto em 25/02/ 2014

MACHADO, L. O.; RIBEIRO, L. P.; MONTEIRO, L. C. do R. Acre: Interações Transfronteiriças no Limite Internacional. Artigo produzido para o ZEE Fase II, 2005. Trabalho não publicado. Site: Grupo Rettis

URUGUAI. INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA: <http://www.ine.gub.uy/>

MUSEO SIN FRONTERAS: <http://www.museosinfronteras.com>

MUSEU MARTIMIANO BENITES:
<https://www.facebook.com/MuseuMartimianoBenites>

MUSEU MARTIMIANO BENITES: [https://www.facebook.com/pages/Memoria da fronteira](https://www.facebook.com/pages/Memoria-da-fronteira)